

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**PAOLA LUCIANA RODRIGUEZ PECIAR**

**A RUA E A JUSTAPOSIÇÃO DE *ESPAÇOS DE PERMANÊNCIAS*  
E *ESPAÇOS DE MUDANÇAS*: REFLEXÕES ACERCA DE UMA  
EXPERIÊNCIA URBANA E ETNOGRÁFICA**

Florianópolis  
2018



Paola Luciana Rodriguez Peciar

**A RUA E A JUSTAPOSIÇÃO DE *ESPAÇOS DE PERMANÊNCIAS*  
E *ESPAÇOS DE MUDANÇAS*: REFLEXÕES ACERCA DE UMA  
EXPERIÊNCIA URBANA E ETNOGRÁFICA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do Grau de Doutor em Antropologia.  
Orientador: Profa. Dra. Alicia Norma González de Castells

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Peciar, Paola Luciana Rodriguez

A rua e a justaposição de espaços de permanências  
e espaços de mudanças: : reflexões acerca de uma  
experiência urbana e etnográfica / Paola Luciana  
Rodriguez Peciar ; orientadora, Profa. Dra. Alicia  
Norma González de Castells, 2018.

245 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Rua. Espaço. 3.  
Contexto urbano. 4. Rua Leganitos. 5. Cidade de  
Madrid. I. Castells, Profa. Dra. Alicia Norma  
González de . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social. III. Título.

Paola Luciana Rodriguez Peciar

**A RUA E A JUSTAPOSIÇÃO DE *ESPAÇOS DE PERMANÊNCIAS*  
E *ESPAÇOS DE MUDANÇAS*: REFLEXÕES ACERCA DE UMA  
EXPERIÊNCIA URBANA E ETNOGRÁFICA**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “doutor” e  
aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em  
Antropologia Social

Florianópolis, 1º de março de 2018.

---

Prof.<sup>a</sup> Vânia Zikan Cardoso, Dra.  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Alicia Norma González de Castells, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Rafael de Oliveira Rodrigues, Dr.  
Universidade Federal de Alagoas

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria





Ao meu pai, Silvestre Peciar Basiaco (1935-2017), *in memoriam*.



## AGRADECIMENTOS

A meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid, junto dos quais pude elaborar uma interpretação sobre meu campo de estudo, a rua Leganitos, localizada no bairro Palacio, no Distrito Centro da cidade de Madrid, na Espanha.

À professora Dra. Adela Franzé Mudanó, do Departamento de Antropología Social, da Universidad Complutense de Madrid (UCM), pelo acolhimento institucional e humano, e pelas diversas formas com que colaborou com esta pesquisa de tese.

À colega Marisol Cosimano Roberto, da Universidad Complutense de Madrid (UCM), que colaborou de diversas formas com minha tese e que, sobretudo, me brindou com sua companhia afetuosa e com sua amizade durante praticamente toda minha estadia em Madrid.

Às estimadas antropólogas Dra. Maria Catarina C. Zanini, Dra. Zulmira Newsland Borges, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Dra. Maria Eunice Maciel da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS), que foram minhas professoras e que colaboraram desde o início de minha trajetória dentro das Ciências Sociais, para que eu chegasse até ao PPGAS/UFSC.

Aos estimados antropólogos que aceitaram fazer parte de minha banca final de tese, em tempos que o quê ninguém tem é tempo: Dra. Maria Catarina C. Zanini, Dra. Miriam Pillar Grossi, Dr. Gabriel Coutinho Barbosa, Dra. Simone Lira da Silva e, especialmente, ao Dr. Rafael de Oliveira Rodrigues, que não mediu esforços para poder participar de forma presencial de minha defesa de tese mesmo frente a uma série de adversidades.

À minha querida professora orientadora Dra. Alicia Norma González de Castells. Pessoa generosa, sincera e alegre. Por toda a ajuda. Por me acolher no PPGAS/UFSC e por me inserir ao Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI). Pela leitura crítica e sempre cuidadosa de meu trabalho, e pelas inúmeras vezes que nos reunimos para discutirmos esta tese. Pela amizade e por tudo o que compartilhamos juntas nos últimos seis anos em que nos relacionamos através da universidade. Momentos divertidos e também muito duros, já que nossa vida acadêmica acaba se entrelaçando à nossa vida social, familiar e afetiva.

Aos integrantes do NAUI, pessoas queridas, prestativas, excelentes colegas de trabalho, também interlocutores desta pesquisa.

Ao PPGAS/UFSC e a todos aqueles que foram meus professores. Em especial, à Dra. Antonella Tassinari, ao Dr. Rafael José de Menezes Bastos e ao Dr. Oscar Calavia Sáez.

À Capes, pela concessão de bolsa de pesquisa durante parte do meu doutorado.

À Isabel Cristina Pereira dos Santos, pela revisão de português e formatação desta tese.

Aos amores profundos que dão sentido a nossa vida: família e amigos, pessoas que me deram forças para eu pudesse projetar, desenvolver e finalizar esta tese.

Aos meus pais, meus maiores exemplos de amor e de luta pela vida. À minha mãe, Selva, mulher inteligente, sábia, dinâmica, criativa, crítica, curiosa, amante da natureza e receptiva com relação ao novo. E que preserva todas essas características, mesmo no auge de seus 80 anos. Sua forma de ser certamente influenciou a minha preferência pelo estudo das Ciências Sociais como um todo, e da Antropologia em particular. Ao meu pai, Silvestre, homem generoso, amigo, amoroso e justo que dedicou sua vida ao ensino, ao fazer das artes plásticas enquanto expressão social e política e às universidades onde lecionou. A quem devo e sou grata por absolutamente tudo. Pela minha educação informal e formal e pelos valores humanos que regem minha forma de ser. Pela minha infância feliz. Meu pai, o maior incentivador de minha vida acadêmica, que tanto se orgulhou com meu ingresso no doutorado do PPGAS/UFSC e tão feliz ficou com meu estágio na Universidad Complutense de Madrid e meu trabalho de campo realizado na Europa. Teve em vida, como uma de suas maiores satisfações, o fato de que eu pudesse me dedicar aos meus estudos. Para isso, apoiou-me sempre com seus conselhos paternos, acadêmicos e com ajuda financeira. Eu te carrego e sempre te terei dentro de mim, pai.

Ao meu querido marido, Marcelo Arend, dedico sempre a música “*Velha infância*”: “eu gosto de você e gosto de ficar você, meu riso é tão feliz contigo, o meu melhor amigo é o meu amor”. Minha companhia preferida para momentos felizes e indispensável para os momentos difíceis, meu parceiro de vida. Pela compreensão, pela paciência, pelo bom humor, e pelo apoio dedicado a todos os projetos que empreendo. Sem sua ajuda, a efetivação deste trabalho de campo na rua Leganitos, em Madrid, não teria sido possível.

Aos meus amigos. Em especial aos irmãos Tatiana e Edson Branco Pepe, ao Jeferson Prado Ilha e à Berenice Gorini. Pelo afeto, pelo zelo, pela preocupação, pelo apoio e pela presença permanente no momento

mais difícil de minha vida. São amigos como esses que me ajudaram a perseverar e a não desistir de concluir esta tese.

Às crianças Louiza Dal Lago Arend, Helena Cesca Freitas, Gabriel Bellinaso Zimmer e Raul Cauduro Pepe. Filhos de pessoas queridas, que vieram ao mundo após o ano de 2013, durante meu processo de doutoramento. Pessoinhas lindas, educadas, inteligentes, sensíveis e carinhosas, que me fazem ter esperanças que sempre haverá seres humanos interessados por um mundo melhor, mais justo, mais tolerante, mais coerente, mais afetuoso e menos desumano. As fotos e as anedotas sobre elas recebidas durante a redação desta tese me fortaleceram para prosseguir a escrita.

Ao Eurico, meu queridinho, que traz alegria, paixão e leveza para meu cotidiano. Criaturinha espontânea e inocente. Uma belezura, de comportamento hiperativo e engraçado. E que por essas características, com certeza, contribuiu para que eu pudesse concluir esta tese.



## RESUMO

Esta tese situa-se no âmbito dos estudos da Antropologia Urbana e baseia-se em uma etnografia realizada sobre a rua Leganitos, situada no Distrito Centro da cidade de Madrid, Espanha. A rua Leganitos e seu contexto urbano de inserção são caracterizados por reverências à biografia da Espanha: ao Sistema Monárquico, a Igreja Católica e a diversos costumes, historicamente sedimentados, que animam seu estilo de vida. No final da década de 2000 começaram a se instalar nessa mesma rua um significativo número de comércios chineses. Por isso, apesar de a rua Leganitos representar um protótipo desse contexto de reverências históricas espanholas, atualmente, ela também passa a ser referida como “*la calle de los chinos*” (a rua dos chineses), uma narrativa veiculada, principalmente, pelos meios de comunicação locais de Madrid. Frente a esse aparente paradoxo, o objetivo geral desta tese foi o de oferecer uma interpretação da rua Leganitos enquanto *espaço urbano*. Uma interpretação elaborada junto a outros usuários desse espaço, que não os comerciantes chineses, de modo a dar visibilidade a outras significações que poderiam estar obscurecidas pela narrativa da mídia: “*la calle de los chinos*”. Os pressupostos teóricos que embasam a tese são: o *espaço* é um *lugar* praticado (CERTEAU, 2008); o *urbano* é conformado por práticas que extrapolam os limites territoriais e de uma unidade espacial da cidade (DELGADO, 2008); uma rua é passível de ser interpretada como um *espaço* de relações interpessoais e, de inter-relações entre pessoas e um meio físico (CERTEAU, GIARD, MAYOL 2011; LEFEBVRE, 1978); pressupostos todos exacerbados no contexto das *sociedades complexas*, Velho (2003, 1997). A etnografia foi feita com base em técnicas de pesquisa diversificadas. Entre elas, a experiência da própria pesquisadora como moradora temporária da rua Leganitos, a *etnografia de rua* (ECKERT; ROCHA, 2008, 2003), e o *caminhar junto* (JOLÉ, 2005). Além das características da rua Leganitos e de suas imediações, foram analisados dois conjuntos narrativos. Um deles, conformado pelos interlocutores da pesquisa, moradores da cidade de Madrid, usuários que se apropriam dessa rua de diferentes formas. O outro, conformado por uma seleção de reportagens da mídia local, que veicula notícias sobre a rua em questão. Por meio da análise conjunta dessas informações, entre outras inferências, esta tese chega a dois grandes resultados. O primeiro, é o de que a rua Leganitos possui uma tipologia plural de usuários, que, de modo geral, podem ser classificados como *vizinhança*, *outsiders* e *transeuntes*. O segundo, é o de que a Rua Leganitos constitui-se de uma justaposição entre *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*.

Entre outras conclusões derivadas dos resultados desta tese, tem-se que: o *espaço urbano* elastiza as delimitações físicas e oficiais de um *lugar*, em função de práticas sociais nele engendradas, que o extrapolam, e de processos e simbologias da cidade que o penetram; e o pesquisador, ao fazer antropologia *na* cidade, estará inevitavelmente, fazendo, também, antropologia *da* cidade, quando o *espaço urbano* é tomado como objeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** Rua. Espaço. Contexto urbano. Rua Leganitos. Cidade de Madrid.

## RESUMEN

Esta tesis se sitúa en el ámbito de los estudios de la Antropología Urbana y se basa en una etnografía realizada sobre la calle Leganitos, situada en el Distrito Centro de la ciudad de Madrid, España. La calle Leganitos y su contexto urbano de inserción se caracterizan por reverencias a la biografía de España: al Sistema Monárquico, a la Iglesia Católica y a diversas costumbres, históricamente sedimentadas, que animan su estilo de vida. A finales de la década del 2000 comenzaron a instalarse en esa misma calle un significativo número de comercios chinos. Por eso, a pesar de que la calle Leganitos representa un prototipo de ese contexto de reverencias históricas españolas, actualmente, también se conoce como "*la calle de los chinos*", una narrativa vehiculada, principalmente, por los medios de comunicación local de Madrid. Frente a esa aparente paradoja, el objetivo general de esta tesis fue el de ofrecer una interpretación de la calle Leganitos como *espacio urbano*. Una interpretación elaborada junto a otros usuarios de ese espacio, que no los comerciantes chinos, para dar visibilidad a otras significaciones que podrían estar oscurecidas por la narrativa de los medios: "*la calle de los chinos*". Los presupuestos teóricos que fundamentan la tesis son: el *espacio* es un *lugar* practicado (CERTEAU, 2008); el *urbano* es conformado por prácticas que extrapolan los límites territoriales y de una unidad espacial de la ciudad (DELGADO, 2008); una calle es pasible de ser interpretada como un *espacio* de relaciones interpersonales y de interrelaciones entre personas y un medio físico (CERTEAU, GIARD, MAYOL 2011, LEFEBVRE, 1978); los supuestos todos exacerbados en el contexto de las *sociedades complejas*, Velho (2003, 1997). La etnografía se hizo sobre la base de técnicas de investigación diversificadas. Entre ellas, la experiencia de la propia investigadora como residente temporal de la calle Leganitos, la *etnografía de calle* (ECKERT, ROCHA, 2008, 2003), y el *caminar junto* (JOLÉ, 2005). Además de las características de la calle Leganitos y de sus inmediaciones, se analizaron dos conjuntos narrativos. Uno de ellos, conformado por los interlocutores de la investigación, habitantes de la ciudad de Madrid, usuarios que se apropian de esa calle de diferentes formas. El otro, conformado por una selección de reportajes de los medios locales, que transmite noticias sobre la calle en cuestión. Por medio del análisis conjunto de esas informaciones, entre otras inferencias, esta tesis llega a dos grandes resultados. El primero, es que la calle Leganitos posee una tipología plural de usuarios, que, en general, pueden ser clasificados como *vecindad*, *outsiders* y *transeúntes*. El segundo, es el de que la calle Leganitos se constituye de una juxtaposición entre *espacios de*

*permanencias y espacios de cambios*. Entre otras conclusiones derivadas de los resultados de esta tesis, se tiene que: el *espacio urbano* elastiza las delimitaciones físicas y oficiales de un *lugar*, en función de prácticas sociales en él engendradas, que lo extrapolan, y de procesos y simbologías de la ciudad que lo penetran; y el investigador, al hacer antropología *en* la ciudad, estará inevitablemente, haciendo, también, antropología *de* la ciudad, cuando el *espacio urbano* es tomado como objeto de investigación.

**Palabras clave:** Calle. Espacio. Contexto urbano. Calle Leganitos. Ciudad de Madrid.

## ABSTRACT

This thesis is part of the Urban Anthropology studies and is based on an ethnography carried out on Leganitos Street, located in the Center District of the city of Madrid, Spain. Leganitos street and its urban context of insertion are characterized by obeisances to the biography of Spain: the Monarchical System, the Catholic Church and various historically sedimented customs that animate their way of life. At the end of the decade 2000 a significant number of Chinese trades began to settle in the same street. Therefore, although Leganitos street represents a prototype of this context of Spanish historical reverences, nowadays it is also referred to as "*la calle de los chinos*" (the street of the Chinese), a narrative conveyed mainly by the media communication sites in Madrid. Faced with this apparent paradox, the general objective of this thesis was to offer an interpretation of Leganitos street as an *urban space*. An interpretation elaborated with other users of this space, other than the Chinese merchants, to give visibility to other meanings that could be obscured by the media narrative: "street of the Chinese." The theoretical assumptions underlying the thesis are: *space* is a practiced *place* (CERTEAU, 2008); the *urban* is conformed by practices that extrapolate the territorial limits and a spatial unit of the city (DELGADO, 2008); a street is capable of being interpreted as a *space* of interpersonal relations and of interrelations between people and a physical environment (CERTEAU; GIARD; MAYOL 2011; LEFEBVRE, 1978); assumptions all exacerbated in the context of *complex societies*, Velho (2003, 1997). Ethnography was based on diversified research techniques. Among them, the experience of the researcher herself as a temporary resident of Leganitos street, the *street ethnography* (ECKERT; ROCHA, 2008, 2003), and the *walking together* (JOLÉ, 2005). In addition to the characteristics of Leganitos street and its surroundings, two narrative sets were analyzed. One of them, conformed by the research interlocutors, residents of the city of Madrid, users who appropriate this street in different ways. The other, conformed by a selection of reports of the local media, that publishes news on the street in question. Through the joint analysis of this information, among other inferences, this thesis reaches two great results. The first one is that Leganitos street has a plural typology of users, who, in general, can be classified as *neighborhood*, *outsiders* and *passers-by*. The second is that Leganitos street is a juxtaposition between *spaces of permanence* and *spaces of change*. Among other conclusions derived from the results of this thesis, we can see that: the *urban space* elastizes the physical and official delimitations of a *place*, due to the social practices generated in it,

that extrapolate it, and of processes and symbologies of the city that penetrate it; and the researcher, when doing anthropology *in* the city, will inevitably be making anthropology *of* the city when the *urban space* is taken as an object of research.

**Keywords:** Street. Space. Urban context. Leganitos Street. City of Madrid.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Puerta del Sol em 2013, Distrito Centro de Madrid .....	43
Figura 2 - Puerta del Sol no início do século XX, Distrito Centro de Madrid.....	43
Figura 3 - Monumento El Oso y el Madroño, Puerta del Sol, Distrito Centro de Madrid .....	44
Figura 4 - Plaza Mayor: vista aérea do Distrito Centro de Madrid .....	45
Figura 5 - O <i>jamón ibérico</i> , uma tradição gastronômica do Distrito Centro de Madrid (A).....	49
Figura 6 - O <i>jamón ibérico</i> , uma tradição gastronômica do Distrito Centro de Madrid (B).....	49
Figura 7 - Vista aérea do Palácio Real da Espanha, bairro Palacio.....	53
Figura 8 - Fachada principal do Palácio Real da Espanha, bairro Palacio .....	53
Figura 9 - Marco Zero presente na Puerta del Sol no Distrito Centro de Madrid.....	54
Figura 10 – Mapa do bairro Palacio .....	55
Figura 11 - Avenida Gran Vía nas imediações da rua Leganitos .....	57
Figura 12 – Plaza de España: uma amostra de mudanças temporais em um bairro secular .....	58
Figura 13 – Plaza de España e seus principais elementos representativos .....	59
Figura 14 - Gran Vía, Edificio Vitalicio e rua Leganitos, quando observados da Plaza de España .....	60
Figura 15 – Gran Vía e rua Leganitos .....	61
Figura 16 - Sentido dos dois trajetos que compõem a <i>caminhada narrativa</i> pela rua Leganitos .....	70
Figura 17 - Edifícios Vitalicio e Compostela: início do trajeto 1.....	71
Figura 18 – Minimercado de chineses, na rua Leganitos, n°45.....	72
Figura 19 – Restaurante e bar de comidas típicas espanholas, na rua Leganitos, n°43 .....	74
Figura 20 – Hotel Señorial, na rua Leganitos, n° 41.....	76
Figura 21 - Restaurante Orient Asiático, na rua Leganitos, n° 37.....	77
Figura 22 – Folder do restaurante Orient Asiático, na rua Leganitos, n° 37 .....	78
Figura 23 - Ferretería Venecia, na rua Leganitos, n° 35 .....	80

Figura 24 - <i>Peluquería</i> Tay Yang Feng, na rua Leganitos, nº 35 .....	81
Figura 25 - Homenagem de reconhecimento público à personalidade local, na rua Leganitos, nº 35 .....	82
Figura 26 – Produtos importados da China no supermercado da rua Leganitos, nº 33 .....	84
Figura 27 – Fachada da Autoescuela Venecia Classic, na rua Leganitos, nº 31 .....	85
Figura 28 – Detalhe da fachada da autoescola para chineses, na rua Leganitos, nº 31 .....	85
Figura 29 – Comércio e edifícios da rua Leganitos, nº 33, 31 e 29 .....	86
Figura 30 – Rua Leganitos, nº 27, a experiência de habitar em campo .....	87
Figura 31 - <i>Portal</i> do edifício onde vivi e o restaurante árabe Al Amán, na rua Leganitos, nº 27 .....	88
Figura 32 – Detalhe da propaganda do restaurante árabe, na rua Leganitos, nº 27 .....	88
Figura 33 – Interior do restaurante árabe Al Amán, na rua Leganitos, nº 27 .....	89
Figura 34 – Casas noturnas da rua Leganitos, nº 25, 23 e 21 .....	90
Figura 35 – Delegacia de polícia e casas noturnas da rua Leganitos .....	91
Figura 36 – Delegacia de Polícia da rua Leganitos, nº 19 .....	92
Figura 37 - Edifício Leganitos, na rua Leganitos, nº 15 .....	93
Figura 38 – O Hotel El Coloso, lugar sempre presente na memória de Seu Antônio .....	94
Figura 39 – Faixada do Hotel El Coloso com homenagem de reconhecimento público à personalidade local, na rua Leganitos, nº 1395 .....	98
Figura 40 – Edifícios de “bonecas”, na rua Leganitos, nº 5 e 3 .....	98
Figura 41 – <i>Portal</i> de moradores (à esquerda) e Loja Yoye (à direita), na rua Leganitos nº 1 .....	99
Figuras 42 – Detalhes do <i>portal</i> de moradores da rua Leganitos, nº 1 .....	100
Figura 43 – Edifício nº 1, com uma parte localizada na rua Leganitos, e, outra, na Plaza Santo Domingo .....	101
Figura 44 - Primeiro edifício do trajeto 2 .....	102
Figura 45 – Calle de Alganet, Calle de Huertas, Calle de Leganitos .....	103
Figura 46 – Parafarmacia Sheng Tang, na rua Leganitos, nº 6 .....	104
Figura 47 - Cafetería Priper, rua Leganitos, nº 8 .....	105
Figura 48 – Rua Leganitos no ano de 1960 .....	106

Figura 49 – Rua Leganitos no início do século XX .....	107
Figura 50 – Comércio espanhóis e chineses compartilhando o espaço, mas marcando distintas territorialidades na paisagem urbana da rua Leganitos, nº 10 .....	109
Figura 51 – El Ingenio, restaurante de comida tradicional espanhola, na rua Leganitos, nº 10 .....	110
Figura 52 – Decoração do restaurante El Ingenio, com livros e objetos que homenageiam o autor espanhol Miguel de Cervantes .....	111
Figura 53 - I Sweet Tea Cakes, lancheria de tipo <i>fastfood</i> , na rua Leganitos, nº10 .....	112
Figura 54 – <i>Portal</i> de moradores, na rua Leganitos, nº10.....	113
Figura 55 – Porta interior no hall de entrada do Edifício da rua Leganitos, nº10, e escadaria de acesso aos andares e residências posicionadas de frente para a rua Leganitos .....	115
Figura 56 – <i>Restaurante Chino</i> , na rua Leganitos, nº 10 .....	117
Figura 57 - Rua Leganitos, nº10, um de seus edifícios mais extensos	118
Figura 58 – Pizzaria El Horno Azul, rua Leganitos, nº 14.....	120
Figura 59 – Livraria Liang You, na rua Leganitos, nº 22 .....	123
Figura 60 - Cardápio exposto na calçada do restaurante PHO 26 .....	124
Figura 61 – Das bifurcações que se originam na rua Leganitos próximo a Plaza de España.....	125
Figura 62 - La Pasión Cervecería y Restaurante, na rua Leganitos, nº28 .....	126
Figura 63 - Peluquería Wanli, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado .....	127
Figura 64 - Nueva Asia, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado..	128
Figura 65 - Gómez Sal, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado...	129
Figura 66 – Sequência de comércio abandonados na rua Leganitos, nº 30 .....	130
Figura 67 - Rua Leganitos anos 1960.....	150
Figura 68 - Rua Leganitos anos 2000.....	151
Figura 69 - Mapa das Comunidades Autônomas da Espanha .....	233



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Interlocuções-guia da pesquisa.....	135
Quadro 2 – Classificação dos usuários da rua Leganitos .....	162
Quadro 3 – Narrativas Midiáticas .....	182
Quadro 4 - Classificação preliminar das narrativas midiáticas .....	189
Quadro 5 - Narrativas que associam a RL ao coletivo imigrante chinês de forma direta e semidireta.....	190
Quadro 6 - Narrativas que não associam a RL ao coletivo imigrante chinês .....	192



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>2 MARCO SÓCIO-ESPACIAL DA PESQUISA</b> .....	<b>41</b>
2.1 O DISTRITO CENTRO DE MADRID .....	42
2.2 O BAIRRO PALACIO.....	52
<b>3 A RUA PARTIR DE UMA CAMINHADA NARRATIVA</b> .....	<b>61</b>
3.1 DOS APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS QUE INSPIRARAM UMA <i>CAMINHADA NARRATIVA</i> .....	64
3.2 TRAJETO 1: ORIGEM PLAZA DE ESPAÑA, DESTINO PLAZA SANTO DOMINGO .....	70
3.3 TRAJETO 2: ORIGEM PLAZA SANTO DOMINGO, DESTINO PLAZA DE ESPAÑA .....	101
<b>4 A RUA NAS NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES DA PESQUISA</b> .....	<b>133</b>
4.1 APRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO DAS INTERLOCUÇÕES ...	135
4.1.1 Rio, ex-moradora das imediações da rua Leganitos (interlocutora-guia 1) .....	136
4.1.2 Latina, ex-comerciante da rua Leganitos e atual comerciante das imediações (interlocutora-guia 2).....	142
4.1.3 Gladys, pesquisadora acadêmica da UAM sobre a imigração chinesa na Espanha (interlocutora-guia 3).....	145
4.1.4 Dona Fa, comerciante da rua Leganitos (interlocutora-guia 4) .....	149
4.1.5 Perez, morador das imediações da rua Leganitos (interlocutor- guia 5) .....	155
4.1.6 Seu Antônio, frequentador da rua Leganitos (interlocutor-guia 6) .....	158
4.2 A RUA, OS USUÁRIOS E OS <i>ESPAÇOS</i> .....	161
4.2.1 <i>Vizinhança: Espaço de Permanências</i> .....	165
4.2.2 <i>Outsiders: Espaço de Mudanças</i> .....	168
4.2.3 <i>Transeuntes: Espaço de Permanências e/ou Espaço de Mudanças</i> .....	176
<b>5 A RUA NAS NARRATIVAS DA MÍDIA</b> .....	<b>181</b>
5.1 APRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO DE REPORTAGENS .....	181

5.2 CLASSIFICAÇÃO DAS NARRATIVAS MUDIÁTICAS .....	188
<b>5.2.1 Narrativas midiáticas que <u>associam</u> a rua Leganitos ao coletivo imigrante chinês (Conjunto 1) .....</b>	<b>189</b>
5.2.1.1 Associação Direta .....	190
5.2.1.2 Associação Semidireta .....	191
<b>5.2.2 Narrativas midiáticas que <u>não</u> associam a rua Leganitos ao coletivo imigrante chinês (Conjunto 2) .....</b>	<b>192</b>
<b>6 QUANDO O CAMPO É A CIDADE, O ESPAÇO EXTRAPOLA O LUGAR.....</b>	<b>195</b>
6.1 RUA, SOCIEDADES COMPLEXAS E O ESPAÇO URBANO ..	197
6.2 RUA, ANTROPOLOGIA NA E DA CIDADE E O ESPAÇO URBANO.....	204
6.3 ADENDO: SOBRE A ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA QUE INSPIROU ESTA TESE.....	210
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>215</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>221</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>231</b>
APÊNDICE A - PANORAMA GERAL DA ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL ONDE A RUA LEGANITOS ESTÁ INSERIDA ....	232
APÊNDICE B – AS COMUNIDADES AUTÔNOMAS DA ESPANHA .....	233
APÊNDICE C – ESTAÇÃO DE METRÔ PLAZA DE ESPAÑA .....	234
APÊNDICE D - SOBRE OS PARTIDOS POLÍTICOS DA ESPANHA .....	235
APÊNDICE E - GUIAS DAS ENTREVISTAS .....	236
APÊNDICE F – FOTOS REALIZADAS NO BAIRRO DE USERA, MADRID .....	239
<b>ANEXO .....</b>	<b>241</b>
ANEXO A - MAPA DOS DISTRITOS DA CIDADE DE MADRID	242
ANEXO B - MAPA DOS BAIRROS DO DISTRITO CENTRO DE MADRID .....	243
ANEXO C – DESENHO DA GRAN VÍA .....	244
ANEXO D - POPULAÇÃO DE ORIGEM CHINESA RESIDENTE NA EUROPA E NA ESPANHA .....	245

## 1 INTRODUÇÃO

*“Era una calle muy de barrio, con personas mayores, con tiendas muy de barrio, tiendas clásicas de barrio antiguo de Madrid, pero que en muy poco tiempo ha cambiado mucho”.* (Rio)

*“Ha ido de más a menos. Ventajas? Que está en el centro de Madrid, cerca de la Gran Vía. Pero, en cuanto comercios principales... estos se van moviendo hacia otras zonas”.* (Perez)

*“Yo conocí una calle más tranquila y más típicamente madrileña. Una calle que respiraba a Madrid, Madrid. Ya, ahora, ya no respira así.”* (Seu Antônio)

*“En pleno centro de Madrid, en la calle Leganitos — junto a la Gran Vía —, se encuentra uno de los puntos en la que los emprendedores chinos han decidido implantarse”.* (MOLPECERES, 2015, on-line).

*“Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos”.* (ÁLVAREZ; HIDALGO, 2014, on-line).

As narrativas acima descritas aludem a meu campo de pesquisa. Trata-se da rua Leganitos, localizada no bairro Palacio, do Distrito Centro da cidade de Madrid,<sup>1</sup> capital da Espanha. Uma rua situada em um contexto urbano de forte apelo histórico e turístico, uma vez que o Distrito Centro é o berço das origens da cidade de Madrid.

Nesta tese, parte-se do pressuposto de que uma rua, enquanto unidade analítica de reflexão na cidade é passível de interpretação quando refletida de forma análoga a outra unidade da cidade, o bairro. O bairro como pensado nos termos de Lefebvre e Certeau, Giard e Mayol.

Para Lefebvre (1978), o bairro é uma forma de organização concreta do espaço e do tempo na cidade, relacionado a uma sociabilidade espontânea, por meio de relações imediatas diretas, interpessoais, que se

---

<sup>1</sup> Em termos administrativos, a cidade de Madrid é duplamente capital, pois Madrid é a capital da Espanha e, também, a capital da Comunidade Autónoma de Madrid. “Madrid” é um termo polissêmico que pode conotar cinco significações distintas. Por ordem de importância administrativa, “Madrid” é ao mesmo tempo: 1) a Capital da Espanha, 2) uma Comunidade Autónoma, 3) uma Província, 4) a Capital de sua Comunidade Autónoma e 5) um Município/Cidade.

desenvolvem mediante modelos não institucionais. Na mesma esteira de pensamento, para Certeau, Giard e Mayol (2011), o bairro é o espaço de uma relação com outro ser social, e, enquanto unidade de análise, permite realizar a apreensão de uma porção do espaço público em geral.

Desse modo, a rua Leganitos é pensada nesta tese em termos de espaço de relações, significada por seus usuários (moradores, trabalhadores, frequentadores e passantes) e pelas características do contexto urbano da cidade de Madrid. Em outras palavras, a rua Leganitos é pensada enquanto *espaço urbano*.

Nesse sentido, em termos teóricos, a noção de *espaço urbano* é tomada neste trabalho como principal categoria analítica, embasando-me na ideia de *espaço* cunhada por Certeau (2008) e de *urbano* no sentido de Delgado (2008).

De acordo com Certeau (2008, p. 202), “o espaço é um lugar praticado”. O autor se baseia na diferenciação entre *espaço* e *lugar*, o que significa que o *espaço* se define por meio de práticas cotidianas realizadas pelas pessoas (usuários) que habitam, trabalham, frequentam ou transitam em um determinado *lugar*. Por seu turno, o *lugar* condiz a um limite territorial da cidade, uma unidade física, uma materialidade onde ocorrem as práticas sociais, podendo ser uma praça, um parque, um bairro, uma rua, entre outras possibilidades. E, à medida que essas práticas que conformam um *espaço*, como apontadas por Certeau, extrapolam os limites de um *lugar* ou, à medida que um estilo de vida se define pela proliferação de práticas que extrapolam os limites territoriais da cidade, é que se define o *urbano* no sentido de Delgado (2008).

Enquanto *lugar*, a rua Leganitos é uma rua pequenina e íngreme, de aproximadamente trezentos metros, que inicia na Plaza Santo Domingo e termina na Plaza de España, uma das principais praças de Madrid. Uma rua que se originou junto do primeiro assentamento humano estável nos entornos do Palácio Real nos idos de 1500, e que, a partir do século XX, passa a ter como vizinha a principal artéria da cidade, a avenida Gran Vía, construída em 1910.

Enquanto contexto *urbano* de inserção (o bairro Palacio, no Distrito Centro de Madrid), a rua Leganitos é significada pela conotação simbólica dos elementos que compõem sua materialidade, nas inúmeras referências a personalidades consideradas localmente como ilustres, pelas contribuições que promoveram o desenvolvimento da Espanha enquanto país. Essas conotações simbólicas estão relacionadas ao sistema monárquico, à Igreja Católica, à política, à economia, à arquitetura, à literatura e às artes de modo geral.

Enquanto *espaço* de relações sociais, a rua Leganitos é significada e apropriada por seus moradores, trabalhadores, frequentadores e passantes, um conjunto diversificado de usuários que identifico como protótipo daquilo que Velho (2003, 1997) denomina de *sociedades complexas*: heterogeneidades socioculturais e diferenciações sociais marcantes, mas que em constante interação coexistem mediante a combinação de diferentes estilos de vida.

Contudo, apesar das características elencadas anteriormente, a rua Leganitos possui uma particularidade sócio-espacial que a distingue das demais ruas das imediações de seu entorno, tanto no bairro Palacio, como na amplitude maior do Distrito Centro. Essa particularidade está no fato de que nessa rua trabalha um substantivo número de imigrantes chineses, que nela se instalou acerca mais ou menos de dez anos, por meio de um diversificado conjunto de comércios. Esses comércios variam entre supermercados, restaurantes, lojas de informática e salões de beleza. E, até mesmo, uma livraria que oferece jornais e revistas em chinês e uma autoescola que ministra aulas em chinês, ambas voltadas especificamente para essa comunidade estrangeira. Nos comércios de propriedade de chineses, não se observa pessoas de outros *grupos étnicos*<sup>2</sup> trabalhando. Além de promoverem o fluxo de pessoas da mesma comunidade, usuários imigrantes que se apropriam da rua Leganitos enquanto consumidores, esses comércios também ganham visibilidade de outro modo: por meio de suas fachadas escritas em caracteres (ou logogramas) chineses.

Esse conjunto de elementos particulares que compõe a paisagem dessa rua, em termos de mobilidade humana, e de referências na materialidade de seu cenário, faz com que a mídia local de Madrid se refira à rua Leganitos como “*la calle de los chinos*”.<sup>3</sup>

Tomei conhecimento dessa narrativa quando vivi como inquilina na rua Leganitos durante o mês de agosto de 2015. E foi a experiência desse habitar que me instigou a reanimar velhas questões de interesse

---

<sup>2</sup> A referência a *grupos étnicos* é empregada conforme Barth (1998), que os define a partir de processos interativos entre grupos distintos que se constituem por auto-referência e por reconhecimento de outros grupos. Grupos articulados por uma linguagem e um sistema educacional comum, e por um compartilhamento de sentidos e sinais diacríticos que podem ser acionados em situações de contato. E, com respeito aos processos de relações entre coletivos distintos, para complementar a clássica definição de Barth (1998), embaso-me na definição de Cohen (1974) sobre *eticidade*: uma forma de interação entre grupos culturais operando em contextos sociais comuns.

<sup>3</sup> Quer dizer, “a rua dos chineses”.

teórico (trabalhadas durante minha trajetória acadêmica em anos anteriores)<sup>4</sup> a partir de um novo campo de pesquisa: a rua Leganitos. Questões relacionadas às sociedades complexas, ao espaço urbano, ao turismo, à imigração e às narrativas midiáticas que foram aprofundadas, especialmente durante o doutorado, por meio de uma pesquisa exploratória no bairro de Canasvieiras, em Florianópolis, SC, Brasil, também conhecido como “a praia dos argentinos”.<sup>5</sup> Antes de adotar a rua enquanto unidade analítica e de investigação da cidade e, especificamente a rua Leganitos como campo de pesquisa, vinha trabalhando com pesquisas exploratórias voltadas para outra unidade analítica, o bairro. O

---

<sup>4</sup> Minha trajetória de formação acadêmica é de certo modo diversificada, porém guiada por meio de dois grandes temas de investigação trabalhados por separado, mas de modo concomitante: o encontro entre o nativo e o outro, e a educação formal (o ensino superior universitário). O encontro entre o nativo e o outro foi tema de meus trabalhos finais de graduação e artigos derivados dos mesmos. Minha primeira graduação ocorreu no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) onde cursei o Bacharelado em Turismo. Meu trabalho de conclusão de curso, Peciar (2006), se deu através de um estudo comparativo entre as relações entre feirantes e turistas em dois espaços públicos distintos: a feira da Plaza Matriz, em Montevideo, no Uruguai e o Brique da Redenção, em Porto Alegre, RS, Brasil. Posteriormente realizei mais duas graduações. Minha segunda graduação ocorreu na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) onde cursei o Bacharelado em Ciências Sociais. Meu trabalho de conclusão de curso, Peciar (2010), se deu através de uma pesquisa junto de imigrantes indianos na cidade de Santa Maria, RS, com relação à recepção da narrativa midiática veiculada pela telenovela da rede Globo de televisão, *Caminho das Índias*. A outra graduação cursada foi a Licenciatura em Sociologia (UFSM), cujo trabalho de conclusão correspondeu a um relatório sobre os estágios docentes realizados no ensino médio dos Colégios Catarinense e Aplicação/UFSC, ambos situados na cidade de Florianópolis. Junto desses temas de pesquisa, a reflexão sobre o ensino superior universitário também faz parte de minha trajetória acadêmica, e esteve presente nos trabalhos finais de conclusão dos cursos: Especialização em Educação Ambiental (UFSM), Peciar (2006) e Mestrado em Educação (UFSM), Peciar (2009), como também em artigos derivados destes trabalhos.

<sup>5</sup> Obtive o aprofundamento dessas questões especialmente como pesquisadora do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI/PPGAS/UFSC), coordenado pela professora Dra. Alicia N. G. de Castells, a exemplo de Peciar (2014). Colaboram também para esse processo o curso das disciplinas “Antropologia Urbana” e “Sociedades Complexas: uma homenagem a Gilberto Velho”, ministradas respectivamente pelas professoras Dra. Alicia N. G. de Castells e Dra. Miriam Pillar Grossi. Tais questões de interesse podem ser vistas em Ferraro e Peciar (2014).

bairro de Canasvieiras, assim como a rua Leganitos, também é propagado pela mídia local da cidade de Florianópolis como um espaço apropriado por um coletivo estrangeiro, nesse caso, os argentinos. Este campo de pesquisa fez parte de meu projeto de tese defendido no PPGAS/UFSC no primeiro semestre do ano de 2014, e foi animado pelas questões supracitadas, que foram transpostas a rua Leganitos, quando na decisão tomada em conjunto com minha orientadora de adotá-la como campo de pesquisa desta tese.

Entre os meses de agosto de 2015 e janeiro de 2016 estive ligada a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde fui acolhida institucionalmente pela professora do Departamento de Antropología Social, Dra. Adela Franzé Mudanó, que se dedica ao tema da imigração enquanto processo que possui a cidade como contexto.<sup>6</sup> Durante o segundo semestre de 2015, cursei a disciplina “Construcción discursiva de la homogeneidad y diversidad cultural”, ministrada por ela na pós-graduação em “Estudios Avanzados en Antropología Social e Cultural”. Além de cursar a referida disciplina, frequentei a UCM para fazer

---

<sup>6</sup> A oportunidade de realizar um estágio acadêmico no Departamento de Antropología Social da Universidad Complutense de Madrid (UCM) originou-se a partir do planejamento e envio de todos os critérios exigidos no processo de preparação de Pesquisa para Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE/CAPES) à professora Dra. Adela France Mudanó. Com bastante antecedência, havia me planejado para realizar meu Doutorado Sanduiche no segundo semestre de 2015. Os preparativos tiveram início no final do segundo semestre de 2014. Durante o primeiro semestre de 2015, organizei a documentação necessária e me comunicava com a professora Adela, que seria minha coorientadora no exterior. Para esse processo, tive de elaborar um Plano de Pesquisa no Exterior e providenciar a apresentação de uma Carta de Aceite do Orientador Estrangeiro, uma Carta do Orientador Brasileiro, um Teste de Proficiência em Língua Estrangeira (espanhol), bem como o meu currículo e o da orientadora estrangeira. Junto a isso, renovei meu passaporte, consegui um apartamento para morar em Madrid, pesquisei por passagens, por visto etc. Após alguns meses reunindo toda a documentação e me preparando para viajar, entre outros motivos e, em função do difícil cenário político do Brasil, que ocasionou cortes orçamentários na área da Educação, em meados junho de 2015 recebi a notícia de que não seria contemplada com uma Bolsa de Estudos PDSE/CAPES. Contudo, apesar desse infortúnio, as portas da UCM não se fecharam para mim. Mesmo por um período de tempo menor ao que eu havia planejado, que era de um ano, pude igualmente realizar meu estágio acadêmico e minha pesquisa de campo durante pouco mais de cinco meses, com o apoio financeiro de minha família, sem o qual não teria sido possível dar viabilidade a esse processo.

consultas na Biblioteca, na condição de “investigadora externa”, como também, para me reunir com a professora Adela, a fim de discutirmos o andamento de minha pesquisa de campo em Madrid.<sup>7</sup>

Viver na rua Leganitos como inquilina, durante os trinta primeiros dias em que havia me estabelecido na cidade de Madrid, me viabilizou uma oportunidade única de realizar observação participante e estabelecer alguns contatos com pessoas da rua, enquanto usufruía da condição de moradora temporária. Após esse período, tive de me mudar para outro bairro, mais afastado da rua Leganitos e localizado também em outro distrito, que não o Distrito Centro. Nos meses subsequentes, até janeiro de 2016, deslocava-me até a rua Leganitos para fazer trabalho de campo, observações, entrevistas, registros de imagens etc.

Por meio da experiência inicial desse habitar na rua Leganitos, um dado empírico do campo orientou minhas primeiras questões de pesquisa que posteriormente vieram a se configurar como meu problema de tese. Refiro-me a narrativa que citei anteriormente sob a referência de “*la calle de los chinos*”, veiculada pela mídia local acerca da rua Leganitos.<sup>8</sup>

Ao morar naquela rua, a narrativa citada não condizia exatamente com o cotidiano das práticas e com a pluralidade de usuários que eu observava no dia a dia. Ainda que a presença dos chineses e seus comércios fosse um marco bastante importante da rua Leganitos, pelas características já descritas, outros significados e outras formas de

---

<sup>7</sup> Para a realização desta tese, a experiência acadêmica na UCM foi tão rica quanto à experiência de viver na cidade de Madrid. Na verdade, ambas foram fundamentais e decisórias. Por meio da professora Adela, na UCM tive todo o apoio necessário, não só acadêmico, como humano, o que foi fundamental para minha adaptação como pesquisadora e estrangeira em um lugar, uma cidade, um país e um continente onde tudo era novo para mim.

<sup>8</sup> Tomei conhecimento dessa forma de referir a rua Leganitos como “a rua dos chineses”, assistindo aos telejornais e outros programas de canais locais de televisão de Madrid. Isso era algo que eu fazia com frequência, com o objetivo de obter o maior número de informações possíveis sobre a cidade e suas características sócio-espaciais. Logo, passei a realizar pesquisas na Internet sobre notícias que associavam a rua Leganitos ao coletivo de imigrantes chineses. Utilizei-me primeiramente dos sites dos mesmos veículos de comunicação que eu assistia na televisão, como, por exemplo, a “TeleMadrid”. Posteriormente, expandi minha pesquisa para outras fontes midiáticas, e me deparei com outras narrativas que não associavam a rua Leganitos ao referido coletivo. Dessa pesquisa, selecionei um conjunto de reportagens que configura um dos conjuntos narrativos que analiso nesta tese, junto do conjunto das narrativas de meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid.

apropriação da cidade ali presentes ficavam obscurecidos ao referir à rua enquanto “*la calle de los chinos*”. Essas constatações de cunho empírico eram reforçadas pelos pressupostos teóricos com os quais eu vinha trabalhando, anunciados anteriormente.

Em outras palavras, por meio de evidências empíricas e teóricas, eu podia intuir que a rua Leganitos não era dos chineses somente, mas, também, dos chineses e, sobretudo, de um conjunto de usuários, de todo o modo plural: porque, uma rua, assim como um bairro, é passível de ser interpretada como um *espacio* de relações interpessoais e de inter-relações entre pessoas e meio físico (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011; LEFEBVRE, 1978); porque o *espacio* é significado pelas práticas engendradas em um *lugar* (CERTEAU, 2008); porque o urbano é justamente conformado por práticas que extrapolam os limites territoriais de uma unidade espacial da cidade (DELGADO, 2008), e porque todas essas características ocorrem e são exacerbadas em função da configuração das *sociedades complexas* (VELHO, 2003, 1997).

Assim, em função desse aparente paradoxo criado entre pressupostos empíricos, teóricos e midiáticos locais, como definir a rua Leganitos, uma das ruas mais emblemáticas da cidade de Madrid em termos históricos e berço de permanência de costumes nacionais da Espanha, ao mesmo tempo que, devido a processos contemporâneos, ela também é conhecida como “*la calle de los chinos*”?

Frente a essas contradições, o objetivo geral de minha pesquisa foi direcionado a oferecer uma interpretação da rua Leganitos enquanto *espacio urbano*. Uma interpretação que me permitisse articular uma compreensão sobre essa rua a partir de uma perspectiva “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), não com o intuito de negar ou desconstruir a narrativa “*la calle de los chinos*”, mas de trazer à luz outras narrativas condizentes com outros usuários e outras significações que poderiam estar obscurecidas por essa narrativa.

Em síntese, desse conjunto de pressupostos, orientado por implicações empíricas e teóricas, o problema de pesquisa desta tese se configurou sob a seguinte questão norteadora: Qual a configuração do *espacio urbano* da rua Leganitos se analisada mediante a inclusão de outros usuários que não os chineses?

Esclareço que não trabalhei exatamente com a formulação de uma única hipótese sintética, mas me ancorei nos pressupostos teóricos supracitados, Lefebvre (1978), Certeau, Giard e Mayol (2011), Certeau

(2008), Delgado (2008), Velho (2003, 1997) e Magnani (2002).<sup>9</sup> E, justifico essa opção metodológica, embasando-me nas colocações de Sáez (2013) com respeito à elaboração de hipóteses em pesquisas baseadas em trabalho de campo. Uma hipótese, de acordo com esse autor:

[...] não se apresenta sozinha, mas como um termo dependente de um problema teórico formulado previamente. É uma aposta – todo o fundamentada que for possível, porém aposta – sobre a solução ao problema proposto. Formular hipóteses é imprescindível para uma pesquisa de laboratório: não podemos ficar brincando com as cobaias só para ver o que acontece, as experimentações devem estar dirigidas a comprovar ou descartar hipóteses. Mas formular hipóteses numa pesquisa baseada em trabalho de campo não sempre será útil, e às vezes pode resultar excessivo (SÁEZ, 2013, p. 121).

Feitas essas considerações, aponto que é no bojo de meu problema de investigação<sup>10</sup> que se situa meu objeto de pesquisa, o *espaço urbano*.

Metodologicamente, para dar conta desse objeto de pesquisa, e lidar com as complexidades das características de meu campo de investigação, uma rua, tive de me valer de técnicas de estudo diversificadas, que foram empregadas de modo que se implementassem entre si.

O estudo da rua Leganitos foi viabilizado pelo método etnográfico, com base na técnica da *observação participante* (BECKER, 1994; CICOUREL, 1980; WHYTE, 1980),<sup>11</sup> do *diário de campo* (OLIVEIRA, 2002; MALINOWSKI, 1997),<sup>12</sup> da *etnografia de rua* (ECKERT;

---

<sup>9</sup> Mas que de algum modo, a título de ensaio, poderia ser assim formulada: quando analisada “de perto e de dentro”, levando-se em conta que as cidades são animadas pelas *sociedades complexas* (vide usuários heterogêneos), a análise de uma rua, em termos de *espaço urbano*, pode revelar modos de viver e significar a cidade, que ficam obscurecidos por narrativas restritas a elementos específicos (como a um único coletivo) que podem simplificar a perspectiva sobre um dado *lugar*.

<sup>10</sup> Qual a configuração do *espaço urbano* da rua Leganitos se analisada através da inclusão de outros usuários que não os chineses?

<sup>11</sup> Técnica canônica do método etnográfico, processo pelo qual o pesquisador mantém uma relação face a face com os observados e “é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto” (CICOUREL, 1980, p. 89).

<sup>12</sup> Técnica de pesquisa que permite ao antropólogo rememorar as situações vividas e observadas em campo. Ferramenta indispensável quando na elaboração da

ROCHA, 2008, 2003), do *caminhar junto* (JOLÉ, 2005),<sup>13</sup> e do recurso da fotografia (ATTANÉ; LANGEWIESCHE, 2005; BITTENCOURT, 1998).<sup>14</sup> E, junto do emprego dessa diversidade de técnicas de pesquisa, trabalhei com narrativas oriundas de duas fontes de informações distintas.

A primeira fonte de informação é composta por meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid. Usuários que se apropriam da rua Leganitos de diferentes formas. Um conjunto de pessoas que se divide entre espanhóis e imigrantes latino-americanos.<sup>15</sup> Aproximei-me

---

escrita etnográfica. A elaboração do diário ajuda o pesquisador a refletir sobre seu aprendizado e sobre sua formação como antropólogo (OLIVEIRA, 2002).

<sup>13</sup> Utilizo-me destas duas técnicas de pesquisa, a *etnografia de rua* (ECKERT; ROCHA, 2008, 2003) e o *caminhar junto* (JOLÉ, 2005) de forma articulada, e por meio delas é que produzo aquilo que denominarei de uma *caminhada narrativa*. As especificidades sobre as técnicas citadas e a elaboração de uma *caminhada narrativa* são descritas detalhadamente no capítulo 3.

<sup>14</sup> De modo similar ao apontado na nota de rodapé anterior, o recurso da fotografia enquanto técnica de pesquisa, utilizada de acordo as colocações de Attané e Langewiesche (2005) e Bittencourt (1998) também contribui para compor minha *caminhada narrativa*, que será descrita no capítulo 3.

<sup>15</sup> Gostaria de esclarecer que não foi possível estabelecer nenhuma interlocução de pesquisa junto dos comerciantes chineses da rua Leganitos, e que, de nenhuma forma, foi meu objetivo invisibilizar essas pessoas em minha tese. A dificuldade de realizar interlocuções de pesquisa junto a essa comunidade estrangeira se deu por uma série de motivos, mas vou citar somente três. O primeiro motivo se relaciona ao próprio objetivo da tese: o de oferecer uma interpretação da rua Leganitos enquanto *espaço urbano* priorizando outros usuários e outras narrativas que tendem a ficar obscurecidas pela narrativa “*la calle de los chinos*”, veiculada pela mídia. Talvez esse motivo não pareça suficiente, já que o coletivo chinês faz, também, parte importante desse *espaço urbano*. Porém, tendo pouco mais de cinco meses para realizar meu trabalho de campo, aderir a interlocução com os chineses nesta pesquisa seria de todo inviável, pelo que explico a seguir. O segundo motivo diz respeito à dificuldade de comunicação desse coletivo estrangeiro, tanto no idioma espanhol, como no inglês, questão que será retomada na tese, e que me demandaria estudar chinês para poder realizar pesquisa junto deles. O terceiro motivo é dado pelas características dessa comunidade no que tange à questão do trabalho, e que foi testado por mim quando nas duas tentativas frustradas de interlocução de pesquisa com dois comerciantes chineses da rua. O trabalho para esse coletivo estrangeiro é de fundamental importância. Como se verá no decorrer da tese, muitas vezes eles são definidos como pessoas que “vivem para trabalhar”. A única oportunidade de interlocução possível nesse campo teria que ocorrer no momento em que essas pessoas estivessem trabalhando. E isso realmente seria muito inoportuno e, até mesmo, desrespeitoso.

desses interlocutores via abordagem pessoal e por mediação de terceiros, estabelecendo conversas informais e entrevistas formais, semiestruturadas, por vezes gravadas.

A segunda fonte de informação é composta por um conjunto de reportagens difundidas pela mídia local da cidade de Madrid, que veicula notícias sobre a rua Leganitos. Aproximei-me desse conjunto de reportagens assistindo à programação televisiva local e, posteriormente, por meio de uma triagem na internet de reportagens, realizando uma análise documental relacionada às mesmas.

Das ponderações levantadas a partir desses dois conjuntos narrativos, junto de outras ancoradas no contexto das imediações da rua Leganitos, recupero alguns elementos para reanimar o debate acerca de duas questões permanentes e relevantes na linha temática da Antropologia Urbana: a configuração das *sociedades complexas* e a antropologia *na e da cidade*.<sup>16</sup> O que, por sua vez, se articulam ao mote analítico desta tese, *o espaço urbano*.

Quanto aos procedimentos éticos adotados nesta tese, mantive o anonimato de meus interlocutores, quando necessário e em consonância à preferência dos mesmos. A participação dos interlocutores se deu por espontânea vontade. Essas participações se deram por vínculos de confiança, constantemente negociados e renegociados, e não foram oficializadas por meio de um termo escrito. Essa forma de proceder foi ancorada no aprofundamento de leituras que realizei de trabalhos de antropólogos que discutem em profundidade o tema da ética nas pesquisas antropológicas.<sup>17</sup> Entre elas, aprecio bastante as colocações de Oliveira (2004) acerca dessa temática. Para Oliveira (2004), no caso da pesquisa *em seres humanos*, a relação com os sujeitos da pesquisa assenta-se numa situação de intervenção, na qual os pesquisados são colocados na condição de cobaias. E, como tal, o consentimento informado se constitui numa exigência legítima e, sobretudo, da maior importância. Já no caso da pesquisa *com seres humanos*, como no caso de minha tese, o autor esclarece que o sujeito deixa a condição de cobaia ou, de objeto de

---

Porém, outros interlocutores, trabalhadores da rua Leganitos (não chineses) colaboraram com minha pesquisa, por meio de conversas informais ou entrevistas, nos pequenos intervalos em que não tinham clientes para atender.

<sup>16</sup> Para a reflexão sobre o tema da antropologia *da e na cidade* e suas articulações acerca do *espaço urbano* enquanto objeto de pesquisa, parto das colocações de Oliven (2002, 1980), Durham (1986), Goldman (1999) e Sáez (2013).

<sup>17</sup> Refiro-me as leituras dos trabalhos de Debret (2008), Langdon (2008), Leite (2008), Maluf (2008), Oliveira (2004) e Ramos (2004).

intervenção, para assumir o papel de ator na pesquisa. O que afere que o uso do consentimento informado nas pesquisas antropológicas diferentemente, por exemplo, das pesquisas da área médica, possa ser utilizado de modo opcional, e não obrigatório.

Assim como julgo importante esclarecer sob quais procedimentos éticos esta tese foi elaborada, do mesmo modo, julgo de fundamental importância sublinhar que na construção deste trabalho tive constantemente o cuidado de refletir sobre duas das especificidades da abordagem antropológica. Trata-se da consideração necessária ao fator da *subjetividade* e da *objetividade relativa*, e não *absoluta*, como elementos constituintes das análises de cunho antropológico.<sup>18</sup> Nesse sentido, mesmo que nesta pesquisa o emprego de pressupostos teóricos e metodológicos tenha sido utilizado dentro dos critérios que constituem a Antropologia enquanto ciência, as inferências oferecidas nesta tese não se pretendem verdades absolutas, mas uma aproximação sobre uma realidade, traduzida por meio de uma interpretação sobre as experiências de vivenciar a cidade. Uma interpretação construída por mim enquanto pesquisadora e usuária da cidade a partir e, conjuntamente, dos conteúdos de informações obtidos das narrativas que analisei e do modo como vivenciei essa experiência urbana e etnográfica, também chamada de pesquisa científica.

Dito isso, a redação da tese foi pensada de modo a ir introduzindo o leitor, passo a passo, no universo do meu campo de estudos, por meio da apresentação de um conjunto de evidências sob as quais construí uma de minhas argumentações centrais: a de que na interpretação de uma rua enquanto *espaço urbano* o contexto de inserção do recorte analítico em estudo é de fundamental importância no entendimento de suas particularidades. O que, por sua vez, incide na constatação de que, não somente as práticas cotidianas extrapolam os limites de um *lugar*, mas que o *espaço* se constitui de práticas externas a um *lugar*, porque é penetrado pelas características sócio-espaciais do contexto da cidade. Uma constatação que, como demonstrarei, reverbera no debate acerca das sociedades complexas, da antropologia *da* e *na* cidade e, por isso, ecoa também na reflexão sobre as singularidades do *espaço urbano* enquanto objeto de pesquisa.

---

<sup>18</sup> Retomo as especificidades da abordagem antropológica que fizeram parte de minhas reflexões no processo desta pesquisa, dialogando com as colocações de Wagner (2010) e Grossi (1992), entre outros, na última seção desta tese.

Nesse contexto, a tese foi desenvolvida em cinco capítulos, além desta Introdução.

No capítulo 2, ofereço uma primeira aproximação da rua Leganitos por meio das características sócio-espaciais do cenário urbano onde ela está inserida. Esse capítulo está dividido em duas seções: na seção 2.1 apresento o Distrito Centro da cidade de Madrid, e, na seção 2.2, o bairro Palacio.

No capítulo 3, aproximo-me da rua Leganitos por uma *caminhada narrativa*, por meio da qual descrevo o *lugar* da rua Leganitos, ao mesmo tempo que introduzo algumas informações sobre seu *espaço*. A descrição é realizada de modo a apresentar os elementos da materialidade desta rua quase que em sua completude, tendo por base os momentos em que percorri sozinha esse campo, como também, de momentos em que estive na companhia de meus interlocutores. O capítulo está dividido em três seções. Na seção 3.1, esclareço os aportes teórico-metodológicos sob os quais me embasei para construir aquilo que denominei de *caminhada narrativa*. As duas seções subsequentes, 3.2 e 3.3, correspondem à descrição da rua Leganitos por meio da divisão de dois trajetos pelos quais vou evidenciando elementos que sinalizam *permanências* e *mudanças* em relação à paisagem material e ao modo de vida dessa rua e de suas imediações.

No capítulo 4, exponho uma aproximação da rua Leganitos por meio das narrativas de meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid. Esse capítulo está dividido em duas seções. Na seção 4.1, apresento as transcrições de um conjunto de seis experiências dialógicas, as quais denomino de interlocuções-guia, pois o total de interlocutores que colaboraram para esta pesquisa ultrapassa esse número. Com base nessas interlocuções-guia e, conjuntamente a outras vozes contribuintes desta pesquisa, na seção 4.2 realizo uma identificação sobre os usuários da rua Leganitos e suas práticas nesse *espaço urbano*, que, em termos gerais, são categorizados como *vizinhança*, *outsiders* e *transentes*. E, a partir dessa categorização geral (que, como demonstrarei, apresenta nuances de significados), ofereço uma interpretação da rua Leganitos enquanto uma justaposição entre aquilo que denominei de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*.

No capítulo 5, apresento uma aproximação da Rua Leganitos pelas narrativas veiculadas pela mídia local da cidade de Madrid. Esse capítulo está dividido em duas seções. Na seção 5.1 apresento um conjunto de seis reportagens, das quais quatro abordam a rua, focando na questão da presença da comunidade imigrante chinesa e seus comércios onde “*la calle de los chinos*” é reforçada. Porém, na seção 5.2, em minha análise,

evidencio que há nuances na tipologia dessa abordagem, como também narrativas que abordam a rua por meio de processos que se originam no contexto da cidade, e que não se relacionam ao coletivo estrangeiro em questão.

No capítulo 6, resgato alguns elementos obtidos no conjunto das distintas formas de aproximação sob as quais investiguei a rua Leganitos, ou seja, por meio de suas características sócio-espaciais contextuais (externas e internas) e de narrativas dos interlocutores e da mídia local acerca dessa rua. Em outros termos, recupero questões por meio das quais articulei uma interpretação da rua Leganitos enquanto a justaposição de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*. A partir desses preceitos, dividi esse capítulo em três seções. Na seção 6.1, apresento uma reflexão conjunta entre a rua, a configuração das *sociedades complexas* e o *espaço urbano*. Na seção 6.2, a reflexão sobre a rua e o *espaço urbano* ecoam no debate sobre a antropologia *da* e *na* cidade, o que, por sua vez, reverbera na questão do objeto de pesquisa e do local da pesquisa. Por último, na seção 6.3, como forma de introduzir a seção 7, Considerações Finais, apresento, ainda que de forma sintética, algumas reflexões sobre as especificidades da abordagem antropológica que inspiraram minha conduta etnográfica e que fizeram parte de minhas preocupações na redação desta tese como um todo.



## 2 MARCO SÓCIO-ESPACIAL DA PESQUISA

Neste capítulo, descrevem-se algumas das características do Distrito Centro de Madrid e do bairro Palacio, o lugar de inserção da rua Leganitos.

Tanto o Distrito Centro como, especialmente, o bairro Palacio conformam o contexto urbano com maior número de elementos representativos da história da Espanha e de sua capital, Madrid.

Um lugar que resguarda a biografia de um país e de seu povo em sua paisagem urbana, onde se cultuam memórias e costumes ancestrais que sobrevivem através dos séculos. Em outras palavras, um lugar que se articula em torno de *permanências*.<sup>1</sup> Isso fica evidenciado, sobretudo, pela preservação de sua arquitetura, pela manutenção e culto de antigos hábitos culinários e, também, pelas incontáveis lembranças a pessoas públicas que adquiriram notoriedade por colaborarem para o desenvolvimento econômico, cultural e social da Espanha. As homenagens a essas personalidades estão espalhadas nesse lugar de diversas maneiras: por meio de placas e bustos de bronze, esculturas, monumentos, nomes de ruas, praças, jardins, museus, teatros etc.

Junto a esses elementos que ilustram a história do país, essa região do Distrito Centro possui uma composição social bastante heterogênea, configurando-se como um lugar que também se articula entorno de *mudanças*.<sup>2</sup>

Essa heterogeneidade se dá em função dos movimentos de mobilidade humana, como a imigração (externa e interna) e o turismo. No que se refere à imigração, o Distrito Centro concentra o maior contingente de população estrangeira da cidade, em comparação ao número de imigrantes residentes nos demais distritos de Madrid. Já no que tange ao turismo, o Distrito Centro é um dos destinos turísticos internacionais mais procurados. É nesse cenário que está situada a rua Leganitos.

---

<sup>1</sup> Utilizo-me do termo *permanências* para me referir a continuidades de hábitos, práticas sociais e características físicas da paisagem urbana em questão, ideia que será desenvolvida a partir do capítulo 4 desta tese, em que interpreto a rua Leganitos como *espaço de permanências*.

<sup>2</sup> Utilizo-me do termo *mudanças* para sinalizar variações e modificações de hábitos, práticas sociais e características físicas da paisagem urbana em questão, ideia que será desenvolvida a partir do capítulo 4 desta tese, em que interpreto a rua Leganitos como *espaço de mudanças*.

## 2.1 O DISTRITO CENTRO DE MADRID

As origens históricas do surgimento da capital da Espanha ocorreram no mesmo espaço geográfico onde hoje está circunscrito o Distrito Centro de Madrid, que sedia o bairro Palacio, onde se localiza a rua Leganitos. A data exata da fundação da cidade de Madrid é desconhecida;<sup>3</sup> porém, sabe-se que foi a partir do ano de 1561, com o estabelecimento da Corte da Espanha, que Madrid passou a ser um lugar de residência permanente. A nova condição como sede do Governo da Coroa da Espanha foi o fato mais transcendente da história de Madrid, o que acabou por impulsionar seu crescimento populacional e, por consequência, seu desenvolvimento urbanístico. Em seus arredores, começaram a surgir edifícios, igrejas e conventos, originando a então chamada Villa de Madrid, núcleo principal dos primeiros desenvolvimentos da cidade. O fato de a maior parte da história do governo da Espanha ter sido influenciada por um sistema monárquico se reflete na paisagem urbana do Distrito Centro, por seu estilo arquitetônico, suas praças e jardins, seus monumentos e suas seculares ruas, como a rua Leganitos, por exemplo.

Na atualidade, Madrid está dividida em 21 distritos municipais que, por seu turno, são compostos por bairros. O Distrito Centro é oficialmente dividido em seis bairros: Palacio, Embajadores, Cortes, Justicia, Universidad e Sol.<sup>4</sup> O bairro Sol, por sua vez, abriga a Puerta del Sol (Figuras 1 e 2), um dos locais mais famosos e movimentados de Madrid, onde se situa desde 1950 a referência do marco do quilômetro zero do sistema radial de todas as estradas espanholas.

---

<sup>3</sup> A primeira menção histórica a Madrid alude ao ano de 852 d.C., quando os mouros ergueram uma fortaleza próxima ao rio Manzanares. Mouros é a forma como são denominados os povos do Norte da África. Manzanares é um rio da região central da Espanha que corta a cidade de Madrid. Em torno da mencionada fortaleza, local onde hoje está situado o Palácio Real da Espanha, surgiu uma pequena comunidade que foi chamada primeiramente de Mayrit e, depois, de Magerit, nomenclaturas que originaram o nome de Madrid.

<sup>4</sup> No Anexo A, exponho um mapa dos distritos da cidade de Madrid, um mapa dos bairros do Distrito Centro de Madrid no Anexo B e um quadro do contexto territorial em que a rua Leganitos está inserida no Apêndice A.

Figura 1 - Puerta del Sol em 2013, Distrito Centro de Madrid



Fonte: Madrid... (2016, on-line).

Figura 2 - Puerta del Sol no início do século XX, Distrito Centro de Madrid



Fonte: Memória... (2011).

O conhecido marco zero da Puerta del Sol no Distrito Centro é o ponto máximo de referência espacial da cidade de Madrid, e exerce uma função primordial na organização e na classificação de todas as ruas, avenidas e autopistas da Espanha.<sup>5</sup> Esse lugar, que fica a mil metros da rua Leganitos, foi um dos antigos acessos à cidade de Madrid no século XV e atualmente abriga a sede do governo da Comunidade Autônoma de Madrid.<sup>6</sup> Também nesse espaço, entre outros ícones urbanos, existe um monumento conhecido como El Oso y el Madroño, representação que faz parte do escudo de Madrid desde 1544 (Figura 3).

Figura 3 - Monumento El Oso y el Madroño, Puerta del Sol, Distrito Centro de Madrid



Fonte: Vega (2012, on-line).

---

<sup>5</sup> Desde que a numeração das casas apareceu nas metrópoles europeias no século 18, cada cidade tem um critério específico de ordenar os algarismos nas suas edificações. No entanto, todas elas partem de um princípio comum: um lugar que serve de base para iniciar a contagem. A denominação Puerta del Sol, que parece conotar a um *portal*, na verdade é um grande espaço, semelhante ao de uma praça, como ilustra as Figuras 1 e 2.

<sup>6</sup> No ordenamento constitucional da Espanha, uma Comunidade Autônoma é uma entidade territorial dotada de autonomia legislativa e competência executiva que possui o poder de se administrar mediante representantes próprios. Para mais informações acerca das Comunidades Autônomas da Espanha, ver Apêndice B.

É comum observar filas de turistas que se aglomeram para tirar fotos junto ao Marco Zero de Madrid e do Monumento ao Urso. Isso porque ambos representam a cidade, tornando as fotos uma espécie de “atestado” de que o visitante esteve em Madrid.<sup>7</sup>

A poucos metros da Puerta del Sol fica a Plaza Mayor. Se a primeira é considerada o centro geográfico de Madrid e da Espanha, a segunda é considerada o centro social da cidade e do país. Construída em 1617, desde suas origens até os dias atuais é um dos mais populares cenários da vida pública dos madrilenhos. Tudo acontecia nesse lugar: touradas, execuções, cortejos, festejos reais, carnavais e julgamentos da Inquisição, que eram assistidos por multidões e, muitas vezes, pelo rei e/ou pela rainha. Assim como a Puerta del Sol, a Plaza Mayor continua sendo um dos epicentros do espaço urbano de Madrid.

Figura 4 - Plaza Mayor: vista aérea do Distrito Centro de Madrid



Fonte: Plaza... (2017).

---

<sup>7</sup> Também nesse espaço ocorre uma das práticas mais populares e tradicionais do calendário de festividades de cidade. Na noite de 31 de dezembro, uma multidão de pessoas se reúne na Puerta del Sol para a contagem decrescente da chegada do ano novo. Esse evento é transmitido ao vivo pelos canais de televisão locais para todo o território espanhol e costuma contar com a presença *in locu* do rei e da rainha da Espanha.

O Distrito Centro de Madrid pode ser considerado uma região depositária de tradições ainda cultuadas pela sociedade espanhola e que compartilha também características da conformação de outras grandes cidades contemporâneas, em que a heterogeneidade social parece ser a qualidade reinante.

A heterogeneidade de pessoas que moram em Madrid ou que por lá passam influencia muitas das características de sua vida e paisagem urbana. Apesar de ser um centro de tradições nacionais e históricas da Espanha, a diversidade humana que anima Madrid corrobora a configuração de um estilo de vida muito plural. Essa pluralidade se manifesta por meio de uma variedade de crenças, de costumes alimentares, de modos de se vestir, de falar etc. Mesmo que a experiência de vivenciar o Distrito Centro de Madrid possa ser traduzida como uma experiência de “respirar” as tradições e a história da Espanha, por outro lado, seu espaço urbano pode ser traduzido como um lugar de contrastes de costumes de outras partes do mundo. E uma das leituras que se pode fazer sobre a rua Leganitos vai ao encontro dessa mesma leitura sobre o Distrito Centro da cidade de Madrid: uma rua feita de contrastes em termos espaciais, sociais e temporais, onde diferentes costumes, hábitos, características arquitetônicas se justapõem entre si.<sup>8</sup>

Pode-se dizer que a heterogeneidade social do Distrito Centro está em consonância aos dados de imigração sobre a Espanha e sua Capital. Em termos nacionais, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística da Espanha (INE), estima-se que a Espanha possui um total de 46,4 milhões de habitantes e que, desse registro, aproximadamente 10% da população são de estrangeiros. Essa população pode ser facilmente observada no Distrito Centro de Madrid, como também no bairro Palacio, o maior em extensão desse Distrito e que possui 22.467 habitantes, sendo que 18.807 são espanhóis e 3.660 são estrangeiros (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2015).

Os imigrantes presentes no país em maior número são, respectivamente, marroquinos, equatorianos, romenos e britânicos (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2015). No entanto, uma das marcas identitárias da rua Leganitos são os imigrantes chineses. Ainda que eles estejam presentes em menor número, quando comparados aos de outras nacionalidades citadas anteriormente, a partir de 1990, passaram a ter um crescimento considerável no país: de 9.200 indivíduos em 1995 para 86 mil indivíduos em 2005, conforme sinaliza Nieto (2007), em um dos estudos mais completos sobre a imigração chinesa na Espanha.

---

<sup>8</sup> Como desenvolverei nos capítulos subsequentes, especialmente no capítulo 3.

Segundo a autora, a Espanha é o país que possui o maior crescimento de imigração chinesa em relação a outros países europeus.<sup>9</sup>

Em termos locais, segundo informações do INE (2015), mais de três milhões de pessoas vivem na cidade de Madrid, ou seja, quase metade do total da população da Comunidade Autónoma de Madrid. Ainda de acordo ao mesmo Instituto, somente 46,6% dos habitantes nasceram na cidade, o que aponta que o seu crescimento demográfico nas últimas quatro décadas está relacionado a uma extraordinária imigração. Essa realidade ficou latente até mesmo entre os meus interlocutores de pesquisa, dos quais apenas um era original da cidade Madrid.

Dessa forma, o Distrito Centro é efervescência, movimento de pessoas das mais diversas origens, e, também, trânsito frenético de automóveis, ônibus e metrô. Pessoas locais, moradores, trabalhadores das imediações. Estrangeiros, imigrantes chineses, marroquinos, poloneses, africanos, árabes, tailandeses, latinos etc. Turistas de todas as partes do mundo, mas principalmente europeus. Todos se movimentando, indo e vindo, de suas casas, de seus trabalhos, de seus hotéis, das estações do metrô, das lojas de todo tipo e tamanho, dos restaurantes, dos bares e assim por diante.

Visualmente ao caminhar pelo Distrito Centro de Madrid chama a atenção a beleza e o estado impecável de preservação do patrimônio arquitetônico do lugar. Outra característica que vai ao encontro das tradições nacionais presentes é o cuidado zeloso com a cultura material espanhola, não somente em termos arquitetônicos, mas em termos patrimoniais e das instalações dos espaços públicos de lazer (praças, parques, jardins etc.). Em termos patrimoniais, ao longo de sua história, a Espanha é conhecida pelo seu patrimônio cultural diversificado, tendo sido influenciado por muitas nações e povos. Depois da Itália, a Espanha é o país com maior número de Patrimônios da Humanidade da Unesco no mundo, com um total de quarenta. No cenário internacional das artes e da literatura, o país também se projeta de forma pujante.<sup>10</sup> Alguns dos

---

<sup>9</sup> Tive a oportunidade de ter a antropóloga Gladys Nieto como interlocutora de minha pesquisa. As informações obtidas sobre a imigração chinesa na Espanha e, principalmente, na cidade de Madrid, me ajudaram não somente para uma melhor compreensão da rua Leganitos, mas também para a composição do texto etnográfico e na análise de algumas narrativas sobre a rua.

<sup>10</sup> Algumas personalidades da Espanha têm sido altamente influentes no desenvolvimento de vários movimentos artísticos, por exemplo: nas artes plásticas, Diego Velázquez (1599-1660), Francisco Goya (1746-1828), Joan Miró (1893-1983), Juan Gris (1887-1927), Pablo Picasso (1881-1973) e Salvador Dalí

patrimônios da cultura material espanhola, de reconhecimento internacional, estão dispostos à visita nos principais museus da cidade de Madrid.<sup>11</sup>

Outra peculiaridade marcante da paisagem urbana do Distrito Centro é a grande quantidade de pessoas comendo e bebendo sentadas às mesas de restaurantes e bares dispostas nas calçadas e no interior dos estabelecimentos. Nesse lugar se come e se bebe o tempo todo e que demonstra uma intensa vivência do espaço público madrilenho por parte da população.

Em termos de representatividade gastronômica, o destaque fica por conta do consumo da carne de porco, em especial, do famoso *jamón ibérico*, presente por toda a Madrid, principalmente no Distrito Centro. Um dos presuntos mais caros do mundo, essa iguaria é considerada uma das mais populares, tendo projeção internacional, e pode ser encontrada em muitos estabelecimentos. O pernil do porco junto da perna do animal é exposto geralmente pendurado pela pata. Existem casas especializadas na venda dessa iguaria, são chamadas de Museo del Jamón (Figuras 5 e 6). O *jamón* também é representado em *souvenirs* turísticos: ímãs de geladeira e almofadas com tamanho e forma reais de um pernil de porco são exemplos dos objetos mais curiosos. Pode-se dizer que o *jamón ibérico* é um dos ícones urbanos da paisagem do Distrito Centro de Madrid.

---

(1904-1989); no cinema, Luis Buñel (1900-1983) e Pedro Almodóvar (1949); e, na literatura, o romancista e dramaturgo Miguel de Cervantes (1547-1616) e sua obra *Dom Quixote*, que é considerada um clássico fundador da literatura ocidental.

<sup>11</sup> Os museus mais destacados de Madrid são o Museu Thyssen-Bornemisza, o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía e o Museu do Prado. O primeiro é considerado por muitos críticos a mais importante coleção particular do mundo, pois contém obras-primas de Ticiano, Goya, Van Gogh e Picasso. O segundo tem seu destaque maior no fato de abrigar a tela *Guernica*, de Picasso, uma das obras mais emblemáticas desse artista e da arte ocidental do século XX. O terceiro é considerado uma das três maiores pinacotecas do mundo e abriga o maior acervo de arte espanhola, em especial obras de Velázquez e de Goya. O museu do Prado é uma das grandes joias da cidade, e um dos meios que mais projeta Madrid no âmbito internacional de Museus.

Figura 5 - O *jamón ibérico*, uma tradição gastronômica do Distrito Centro de Madrid (A).



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 - O *jamón ibérico*, uma tradição gastronômica do Distrito Centro de Madrid (B).



Fonte: Acervo da autora.

Se visualmente ao caminhar pelo Distrito Centro de Madrid alguns dos mais significativos marcadores dessa paisagem se traduzem pela heterogeneidade social, pelo cuidado da conservação estética de seus equipamentos e espaços públicos e, pelo dinamismo de seu setor gastronômico, sonoramente esse lugar também se traduz de forma bastante plural, pois se ouvem idiomas e músicas diversas o tempo todo. A mescla idiomática impressiona: inglês, francês, italiano, chinês e outras línguas faladas pelos passantes das ruas.<sup>12</sup> Ainda, é preciso ressaltar que, além do espanhol, idioma oficial e mais falado na Espanha, existem idiomas cooficiais, como o basco, o galego e o catalão.<sup>13</sup>

Junto desta miscigenação de idiomas, a sonoridade da região é complementada por algum tipo de musicalidade diferente a cada cinquenta metros (por assim dizer), oferecida por algum artista de rua solitário ou por artistas de rua que se apresentam em duplas ou grupos. São violinos, violas, acordeões, harpas, instrumentos também improvisados com objetos variados, apresentação de coros, capelas etc., que conformam as atividades de trabalho informal e de rua do Distrito Centro de Madrid.

Outros trabalhadores informais que fazem parte desse cenário urbano são os chamados *manteros*, imigrantes senegaleses que vendem de forma ambulante produtos falsificados e que, diferentemente dos artistas de rua, são impedidos pelas autoridades locais de trabalhar. Os *manteros*, em geral, vendem réplicas de bolsas femininas de marcas internacionais. São chamados de *manteros*, porque expõem suas mercadorias no chão, sobre uma *manta* de mais ou menos dois ou três metros quadrados. Quando chega a polícia para reprimir o comércio ilegal, a *manta*, que é bordeada por uma corda, por meio de um rápido movimento, é

---

<sup>12</sup> Fato curioso e paradoxal é que linguisticamente a Espanha influenciou outras regiões, principalmente durante a Era Moderna, quando se tornou um império mundial que deixou como legado mais de 400 milhões de falantes da língua espanhola espalhados pelo mundo.

<sup>13</sup> A diversidade linguística interna da Espanha é, na verdade, mais uma característica que reforça movimentos separatistas presentes no país. Os movimentos do nacionalismo basco (País Basco), do nacionalismo galego (Galícia) e do nacionalismo catalão (Catalunha) reclamam a independência da Espanha dos territórios onde são ativos e oscilam entre posturas autonomistas e/ou separatistas. Ainda que a Constituição de 1978 dividisse o território nacional em 17 Comunidades Autônomas levando em consideração características regionais históricas, culturais e econômicas comuns, as necessidades e as reivindicações de alguns grupos nacionais continuam a ressoar na Espanha.

transformada em um grande saco, no qual a mercadoria fica toda dentro.<sup>14</sup> Essa é a forma que os *manteros* têm de carregá-la rapidamente quando necessitam sair correndo.

Toda essa efervescência de pessoas e atividades diversas ocorre em um lugar repleto de tradições ancestrais.<sup>15</sup> Um modo de vida que se desenvolve sob um paradoxo no que diz respeito à economia nacional.

Em termos econômicos, a Espanha é a 12ª maior economia mundial. Sua capital, Madrid, é sede do terceiro maior mercado de valores da Europa, e a oitava cidade do mundo com maior presença de multinacionais. O país possui um elevado padrão de vida e se configura como o 9º PIB e o 23º melhor IDH do *ranking* mundial. Corroborando essa situação, entre outras atividades econômicas, o setor do Turismo, que durante as últimas quatro décadas cresceu e se tornou o segundo maior do mundo.<sup>16</sup> Apesar desses dados, o paradoxo ocorre porque a economia espanhola, que entre os anos de 1990 e 2007 foi considerada uma das mais dinâmicas da União Europeia, passa a sentir, a partir dos anos de 2008 e 2009, os efeitos do arrocho de crédito provocados pela recessão mundial.

Essa situação desde 2008 é conhecida como “a crise da Espanha” ou, simplesmente, como “a crise”, e foi referida com frequência em minha pesquisa.<sup>17</sup> Tanto nas narrativas de meus interlocutores de pesquisa, como

---

<sup>14</sup> Vale ressaltar que nunca presenciei repressão policial aos artistas de rua, somente aos *manteros*.

<sup>15</sup> Como apontei anteriormente, o fato de a Espanha viver sob um regime monárquico reflete-se na paisagem urbana do Distrito Centro. Também o catolicismo (outra tradição ancestral desse país) marca esse lugar pela presença de inúmeras igrejas católicas e conventos. Conforme dados do Instituto Nacional de Estadística (2015), o catolicismo é a religião predominante na Espanha. No que tange à afiliação religiosa, 68% dos espanhóis são católicos, 3,8% declaram-se como aderentes a outras religiões, como o islamismo, o protestantismo e o budismo e, aproximadamente 25% são ateus ou não religiosos. O islamismo é segunda religião na Espanha em número de fiéis. Estima-se que os muçulmanos já são 800 mil em todo o país.

<sup>16</sup> O clima, a história, a arquitetura e sua posição geográfica, juntamente com sua infraestrutura fazem do turismo um dos principais setores econômicos da Espanha.

<sup>17</sup> A Espanha sentiu fortemente o impacto da crise econômica mundial iniciada em 2008 (ocasionado pela crise econômica iniciada nos Estados Unidos, com o estouro da bolha imobiliária em Wall Street). Em março de 2010, o governo espanhol aprovou o Plano de Austeridade para 2011-2013, com uma redução de gastos estimada em 50 milhões de euros. Nesse mesmo ano, pela primeira vez na história da Espanha, a taxa de desemprego alcançou 20% em quase 13 anos, com

nas narrativas midiáticas sobre a rua Leganitos, em algumas ocasiões, o tema crise é associado à presença de imigrantes chineses que atuam como empreendedores na cidade de Madrid. Isso porque, recorrentemente, os chineses são apontados como os únicos imigrantes (comparados a outros estrangeiros ou aos próprios espanhóis) a não sofrerem com as mazelas da recessão econômica.<sup>19</sup>

## 2.2 O BAIRRO PALACIO

O bairro Palacio, onde se localiza a rua Leganitos, é assim denominado porque sedia a residência oficial dos reis da Espanha, o Palácio Real, uma das edificações mais emblemáticas de Madrid, por sua imponência arquitetônica e seu valor histórico e simbólico.<sup>20</sup>

---

um recorde de 4,6 milhões de pessoas sem trabalho. Apesar de o ano fiscal de 2014 ter sido de recuperação para a economia espanhola, ainda no ano de 2016 os espanhóis sofriam com o elevado índice de desemprego, principalmente entre os jovens.

<sup>19</sup> Porém, vale salientar que durante o meu trabalho de campo e, na experiência de viver como estrangeira latino-americana na cidade de Madrid, muitas vezes, o estranhamento com relação à recorrente afirmação de que a Espanha está passando por uma situação de crise econômica era inevitável. Um dos poucos processos que para mim talvez pudesse remeter a uma situação de crise econômica (sob um olhar latino-americano) seria a presença dos *manteros* no Distrito Centro de Madrid. Um olhar latino-americano permeado pela familiaridade, não somente com a pobreza, mas, sobretudo, com a miséria e com a falta do suporte do Estado a todas as necessidades sociais, como saúde, educação, moradia, mobilidade urbana etc.

<sup>20</sup> Como descrevi na seção anterior, após 1561 Madrid começou a se desenvolver até se tornar o centro de um império poderoso. Ruas estreitas com residências e igrejas medievais começaram a surgir por trás da velha fortaleza mourisca, que mais tarde seria substituída por um palácio gótico e, depois, pelo atual Palácio Real da Espanha, casa sede oficial dos Bourbons, como pode ser visualizado nas Figuras 7 e 8. O Palácio Real da Espanha possui uma extensão de 135 mil metros quadrados, configurando-se como o maior dos palácios da Europa Ocidental. É praticamente o dobro do tamanho de palácios como o de Buckingham e o de Versalles.

Figura 7 - Vista aérea do Palácio Real da Espanha, bairro Palacio



Fonte: Madrid, Spain (2017)

Figura 8 - Fachada principal do Palácio Real da Espanha, bairro Palacio



Fonte: Palacio... (2017).

As edificações do bairro Palacio possuem características semelhantes às edificações do entorno da Plaza Mayor, conforme pode ser observado na imagem aérea constante na Figura 4.

Palacio é um bairro com uma estrutura de ruas aparentemente confusa, ou seja, não se percebe facilmente uma estrutura urbanística definida. As moradias são todas localizadas em edifícios, grudados uns aos outros. Não há casas térreas. Os imóveis dessa zona são os mais cotados da cidade. As edificações térreas são exclusivamente palácios, teatros, igrejas ou conventos. Nesse bairro, assim como nos demais bairros do Distrito Centro de Madrid, é pouco comum explicar uma dada localização em termos de quadra, mas sim em termos de numeração dos

*portales* (como são conhecidas localmente as portas principais de acesso às edificações).<sup>21</sup> E a orientação dos mesmos é relacionada ao marco zero situado na Puerta del Sol.

Figura 9 - Marco Zero presente na Puerta del Sol no Distrito Centro de Madrid



Fonte: Acervo da autora.

Nota: No centro da figura, pode-se observar o mapa da Espanha, em que se destaca a origem das estradas radiais.

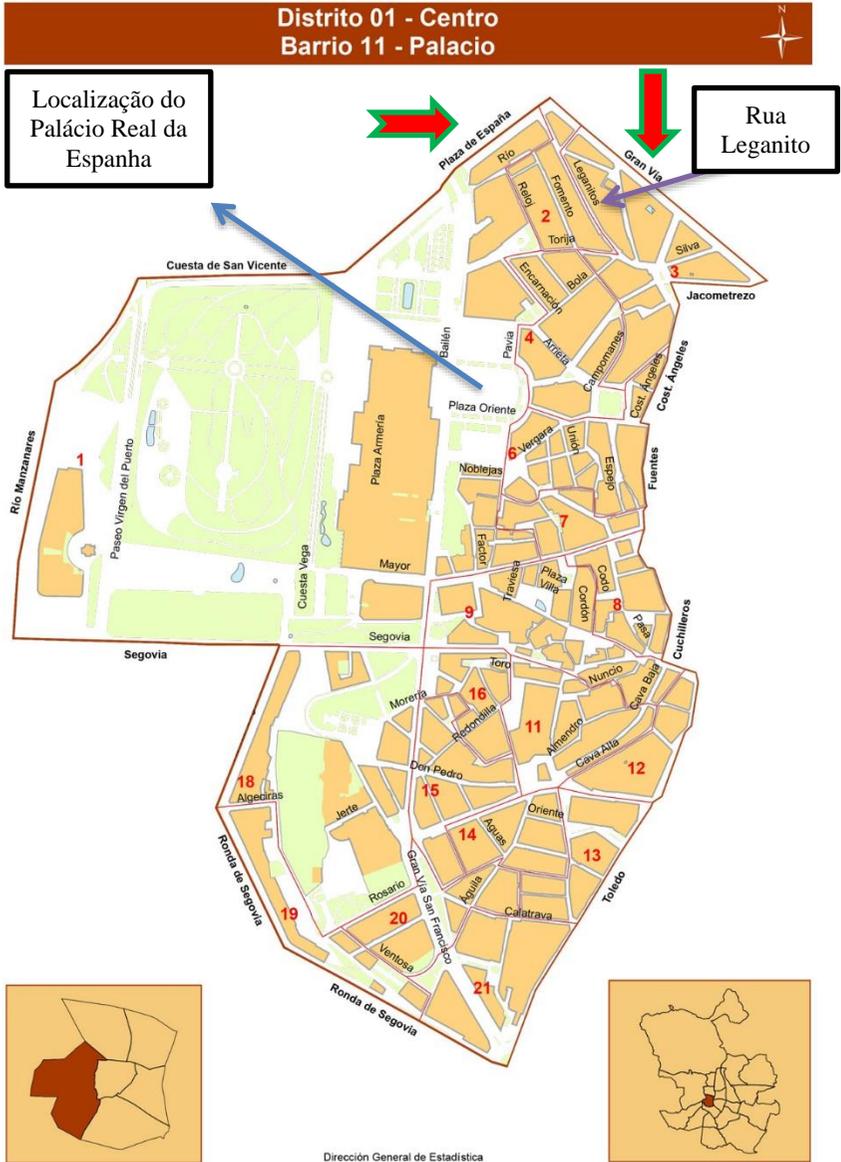
Os *portales* de número 1 (ou mais próximos ao número 1) são os endereços que estão situados mais próximos ao marco zero. O contrário também vale nesse sistema de organização espacial. As numerações mais afastadas do número 1 correspondem a uma posição geográfica mais afastada do marco zero. Todas as ruas de Madrid iniciam sua numeração com o número 1. A rua Leganitos, por exemplo, também possui a numeração de seus *portales* orientada de acordo com esse sistema de organização espacial, que rege toda a cidade de Madrid e toda a Espanha.

Em termos de práticas sociais e formas de apropriação do espaço urbano, a organização espacial da rua Leganitos relaciona-se com dois espaços públicos que a circundam: a avenida Gran Vía e a Plaza de España. Ambos marcam o limite norte do bairro Palacio, e são dois elementos territoriais que estão intimamente articulados com a rua Leganitos, conforme sinalizam as setas verde e vermelha na parte superior do mapa a seguir (Figura 10).

---

<sup>21</sup> Mesmo porque as edificações desta região nem sempre estão dispostas apenas em formato de um quadrado, mas, também, em formato triangular, como poderá ser observado em algumas partes da rua Leganitos, por meio das imagens apresentadas no capítulo 3.

Figura 10 – Mapa do bairro Palacio



Fonte: Barrios... (2017).

A Gran Vía é uma das artérias fundamentais que atravessa e articula o Distrito Centro de Madrid. É uma avenida que concentra um grande número de comércios, escritórios, entidades bancárias, cinemas, teatros, restaurantes e hotéis. Além de ser extremamente popular,<sup>22</sup> a Gran Vía é considerada a maior transformação urbanística de Madrid de todos os tempos. Sua construção foi projetada em 1862 e efetivada no ano de 1910.<sup>23</sup>

A rua Leganitos é anterior à construção da Gran Vía (Figura 11), sendo assim uma das ruas ancestrais do Distrito Centro, originada como consequência dos primeiros desenvolvimentos da Villa de Madrid a partir do ano de 1561. Porém, em uma leitura atual, é possível perceber o quanto o espaço da rua Leganitos está relacionado ao espaço da Gran Vía, o que ficará mais evidente a partir do capítulo 4 em que serão analisadas as narrativas dos interlocutores da pesquisa e da mídia local.

---

<sup>22</sup> Posso afirmar, a título de analogia, que, em termos de popularidade, a Gran Vía está para Madrid como a avenida Paulista está para São Paulo, ou como a Champs-Élysées está para Paris, por exemplo.

<sup>23</sup> Em décadas passadas, a Gran Vía se configurava como um local de luxo, o que nos dias atuais pode ser verificado por de seus edifícios ostentosos. Hoje, a Gran Vía abriga alguns dos mais belos edifícios da cidade, tendências arquitetônicas do século XX, a exemplo do famoso Edifício Metrópolis, também ícone urbano da cidade de Madrid, presente com frequência nos cartões postais (à esquerda da imagem exposta na Figura 11, o edifício que possui em seu topo uma cúpula que dá suporte a um arcanjo em bronze).

Figura 11 - Avenida Gran Vía nas imediações da rua Leganitos



Fonte: Traveling... (2013).

Junto à Gran Vía está a Plaza de España, outro dos principais espaços a ser relacionado às narrativas sobre a rua Leganitos. Juntos, esses espaços conformam as duas principais vias de acesso utilizadas pelos transeuntes do bairro Palacio para acessar à RL. A Plaza de España é um dos mais movimentados cruzamentos e pontos de encontro de Madrid e possui uma estação de metrô própria (homônima à praça) que colabora para a intensidade do tráfego de pedestres que circulam neste espaço.<sup>24</sup>

Contudo, em relação à rua Leganitos, a Plaza de España possui um valor maior em termos históricos e simbólicos do que sua vizinha, a Gran Vía.<sup>25</sup> Por causa de sua proximidade com o Palácio Real da Espanha, nos séculos XVIII e XIX, a Plaza de España era ocupada por quartéis do exército espanhol. As expansões urbanísticas posteriores da cidade transformaram o local em um espaço público de lazer e de trânsito. A Figura 12 apresenta uma montagem de fotos de diferentes momentos da Plaza de España.

---

<sup>24</sup> Ver imagem da Estação de Metrô da Plaza España no Apêndice C.

<sup>25</sup> Ver desenho completo da Gran Vía no Anexo C.

Figura 12 – Plaza de España: uma amostra de mudanças temporais em um bairro secular



Fonte: Puebla Terejina (2016).

Nota: As fotos, da direita para a esquerda, correspondem, respectivamente, aos anos de 1920, 1929, 1950 e 2014.

A Plaza de España adquiriu as feições atuais durante a ditadura de Franco (1939-1976), com a construção do Edificio España entre os anos de 1947 e 1953. Esse edifício foi inspirado nos arranha-céus norte-americanos e na época de sua construção foi considerado o mais alto do país.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> O Edificio España foi vendido recentemente para o empresário e magnata chinês Wang Jianli. Essa negociação causou certo desconforto em muitos madrilenhos, e espanhóis em geral, por causa do valor simbólico desse complexo, que, por muitos anos, foi ícone da prosperidade e da modernidade na Espanha. Reforça ainda o apreço por esse edifício o fato de ele estar situado em uma das praças mais queridas da cidade, significando também parte desse espaço público, ainda que ele não esteja situado exatamente na área de circunscrição da Plaza de España. O processo de compra do Edificio España por um empresário chinês é tema presente em algumas das narrativas que serão expostas e analisadas nos capítulos 4 e 5.

Além do Edifício España, outros dois elementos representativos da Plaza de España são a Torre de Madrid<sup>27</sup> e o monumento ao escritor espanhol Miguel de Cervantes (Figura 13).

Figura 13 – Plaza de España e seus principais elementos representativos



Fonte: Acervo da autora.

O Monumento a Miguel de Cervantes é representado por uma escultura do escritor talhada ao centro da imagem, na mesma estrutura de cor clara em que foi esculpido o obelisco em 1928. Abaixo de Cervantes, em verde, esculturas representam os personagens de sua obra mais conhecida: Dom Quixote e Sancho Pança. O livro *Dom Quixote*, cujo título e ortografia originais eram *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, teve sua primeira edição publicada em Madrid no ano de 1605. Sua influência sobre a língua espanhola tem sido tão grande que o espanhol é frequentemente chamado de *la lengua de Cervantes*.<sup>28</sup> Dessa

<sup>27</sup> A Torre de Madrid possui 33 andares e foi concluída em 1957. Por causa de sua altura, ela é referida localmente como *La Jirafa* (a girafa).

<sup>28</sup> No ano de 2002, o livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, foi escolhido por escritores de reconhecimento internacional como a melhor obra de ficção de todos os tempos pelo Clube do Livro Norueguês. O livro surgiu em um período de grande inovação e diversidade por parte dos escritores ficcionistas espanhóis. Parodiou os romances de cavalaria que gozaram de imensa popularidade no período e que, na época, já se encontravam em declínio. É composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605, e a segunda, em 1615. O protagonista da obra é Dom Quixote, um pequeno fidalgo castelhano que perdeu a razão por muita leitura de romances de cavalaria e pretende imitar seus

forma, na Plaza de España, se por um lado o Edifício España e a Torre de Madrid são ícones do desenvolvimento econômico e urbano local do século XX, por outro, os monumentos são expressões da simbologia nacional desde os séculos XVI e XVII (por causa da literatura).

A Figura 14 ilustra a visão que o pedestre tem da Gran Vía, do Edifício Vitalicio e da rua Leganitos, quando observados da Plaza de España.

Figura 14 - Gran Vía, Edifício Vitalicio e rua Leganitos, quando observados da Plaza de España



Fonte: Acervo da autora.

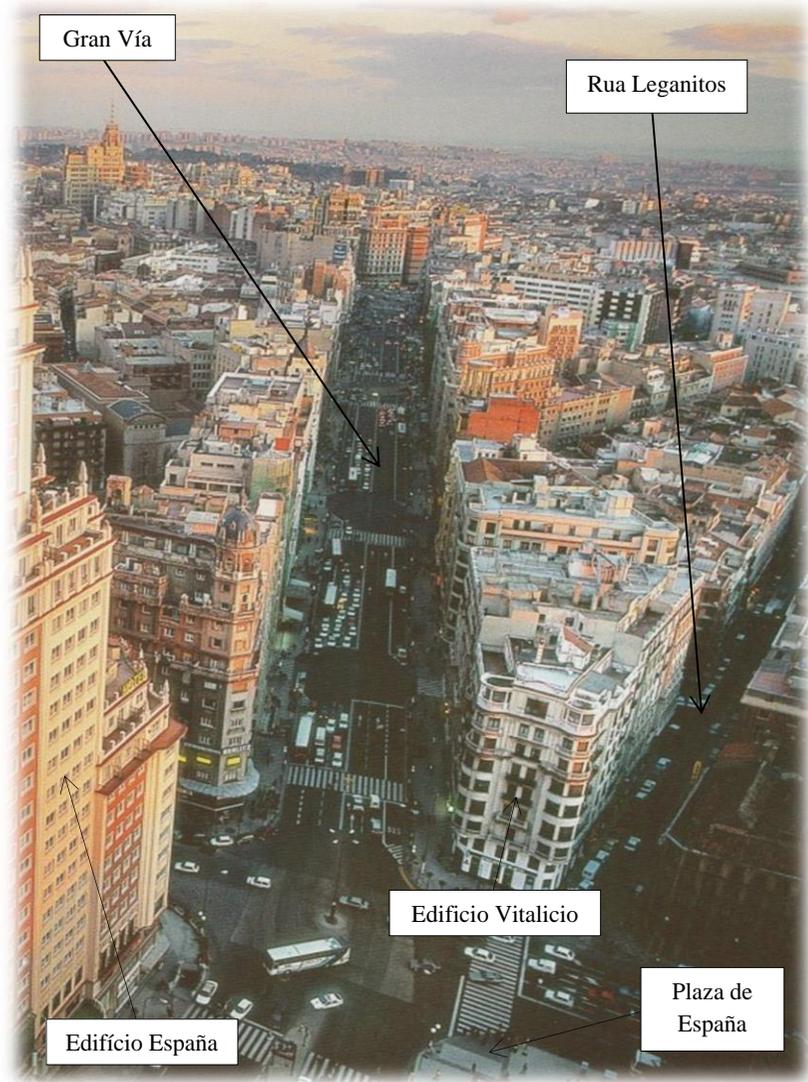
Agora que apresentei a Plaza de España, dou término a descrição sobre o contexto urbano em que a rua Leganitos está inserida. Convido o leitor para, no capítulo 3, conhecer o cenário da rua Leganitos, por meio de uma caminhada que dividirei em dois trajetos. A partir do capítulo 3 também me utilizarei da sigla “RL” para me referir a rua Leganitos.

---

heróis preferidos. O romance narra as suas aventuras em companhia de Sancho Pança, seu fiel amigo e companheiro, que tem uma visão mais realista. Trata-se de uma obra humorística e seu encanto está relacionado ao descompasso entre o idealismo do protagonista e a realidade na qual ele atua. Como mostrarei a partir do capítulo 4, um dos locais que identifico na rua Leganitos como *espaço de permanências* é o restaurante El Ingenio, cujo nome e decoração homenageiam esse ícone literário espanhol.

### 3 A RUA PARTIR DE UMA *CAMINHADA NARRATIVA*

Figura 15 – Gran Vía e rua Leganitos



Fonte: Francisco (2013, p. 73).

No capítulo anterior, ofereci uma primeira forma de aproximação da rua Leganitos (RL) por meio da descrição do contexto urbano no qual ela está inserida. Uma descrição sobre as particularidades demográficas e da malha urbanística do Distrito Centro e do bairro Palacio. Uma malha urbanística permeada de valor simbólico, e demograficamente marcada pela heterogeneidade, este elemento distintivo das *sociedades complexas*, conformadas pela coexistência de diferentes estilos de vida (VELHO, 1997).

Neste capítulo, adentro a rua Leganitos a partir de uma *caminhada narrativa*,<sup>1</sup> onde se verá que características análogas às do Distrito Centro e, notadamente, às do bairro Palacio, encontram-se presentes nessa rua, mas justapostas a características que lhe são exclusivas (ou particulares).<sup>2</sup>

Como no contexto de suas imediações, a rua Leganitos é apropriada e *praticada* (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011) por usuários demograficamente heterogêneos. Porém, diferentemente de seu contexto mais amplo, a particularidade dessa rua é a marcante presença de imigrantes chineses, com seus estabelecimentos comerciais. Dessa forma, a RL é conhecida na cidade de Madrid como *la calle de los chinos*. No entanto, seja por meio da presença dos comércios chineses ou não, visto que esses imigrantes não são o único exemplo da heterogeneidade de usuários dessa rua (ainda que indiscutivelmente o mais popular), o fato é que, na pluralidade das formas de apropriação da RL, é possível notar certas variações, *mudanças*, com relação a costumes e modos de vida locais, *permanências*, que sobrevivem por décadas e, até mesmo, por séculos. E, nesse contexto, a presença dos imigrantes chineses, junto de outros processos de mobilidade humana (o turismo e a presença de imigrantes das mais variadas partes do mundo), é mais um dos fatores que contribui para essas variações.

Assim, a partir de uma *caminhada narrativa*, começo a introduzir o leitor na RL enquanto *lugar*, descrevendo as características físicas, espaciais desse cenário, ou seja, a “materialidade da paisagem” (MAGNANI, 1996). Uma descrição necessária para que, nos capítulos

---

<sup>1</sup> Como explico a seguir, na seção 3.1, denomino como *caminhada narrativa* a forma como procedi metodologicamente para descrever o espaço da RL utilizando-me, conjuntamente, de duas técnicas de pesquisa: a *etnografia de rua* (ECKERT; ROCHA 2008, 2003) e o *caminhar junto* (JOLÉ, 2005).

<sup>2</sup> Ou, como demonstrarei a partir do capítulo 4, uma rua engendrada pela justaposição de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*.

subsequentes desta tese, eu possa apresentar a RL enquanto *espaço*.<sup>3</sup> Para a diferenciação entre *espaço* e *lugar*, apoio-me na definição de Certeau (2008, p. 202). para quem “o espaço é um lugar praticado”.<sup>4</sup> Quer dizer, o *espaço* se define por meio de práticas cotidianas realizadas pelas pessoas (usuários) que frequentam, habitam, trabalham, transitam em um determinado *lugar*.

Dito isso, a RL que se origina na Plaza Santo Domingo e termina na Plaza de España, é conhecida na cidade de Madrid tanto em função de suas origens históricas, cujas marcas ainda se fazem presentes em seu tecido urbano, como em função de suas características contemporâneas.

A história da RL remonta ao século XVI, quando em 1561 o Rei Felipe II implantou na região, que hoje é denominada de bairro Palacio, a nova sede da Corte da Espanha.<sup>5</sup> Desse modo, a RL faz parte da história e do cenário do primeiro desenvolvimento urbanístico, sendo berço da formação da cidade de Madrid.

De acordo com suas características contemporâneas, reitero que a peculiaridade mais recente que confere popularidade a RL é o fato de que nela se concentra um conglomerado de 16 comércios chineses (desse total, dois estavam fechados durante o meu trabalho de campo). Entre os variados comércios chineses dessa rua (restaurantes, lojas de informática etc.), mercados e salões de beleza são os que mais reforçam a narrativa *la calle de los chinos*. Uma narrativa construída e propagada, especialmente, pela mídia local da cidade de Madrid.<sup>6</sup> Junto a esse distintivo, assim como no Distrito Centro e no bairro Palacio, pela RL circulam e/ou permanecem

<sup>3</sup> Ainda que na descrição da RL enquanto *lugar* faz-se inevitável introduzi-la enquanto *espaço* (afirmação que aprofundarei no capítulo 6).

<sup>4</sup> Sempre que as palavras “espaço” e “lugar” aparecerem neste trabalho em itálico (vide *espaço* e *lugar*) é porque estão sendo utilizadas como categoria analítica e fazem referência ao conceito estipulado por Certeau. Do contrário, quando essas palavras não estiverem em itálico é porque estão sendo utilizadas no sentido ordinário da língua portuguesa, em que muitas vezes são tratadas como sinônimos.

<sup>5</sup> Como já apontei no capítulo 2, o estabelecimento da Corte da Espanha deu origem a Villa de Madrid. A denominação *Leganitos* provém da palavra árabe *alghanet*, que significa hortas, terreno onde se cultiva verduras e hortaliças, por causa da proximidade com a planície de plantações que abastecia a *Villa*, local onde hoje se situa a Plaza de España. Na seção 3.3, trago uma imagem que faz referência a RL dessa época.

<sup>6</sup> A RL também é referida como “*a mini-Chinatown de Madrid*”. Essas narrativas promovidas pela mídia local de Madrid serão apresentadas e discutidas no capítulo 5.

turistas e moradores imigrantes. Pessoas das mais variadas origens étnicas e territoriais, marcando esse *lugar* como *espaço* de intensa heterogeneidade social.<sup>7</sup>

Este capítulo está dividido em três seções. Na seção 3.1, apresento os aportes teórico-metodológicos que inspiram a minha descrição da paisagem urbana da RL, por meio do que chamo de uma *caminhada narrativa*. Essa caminhada corresponde a um itinerário que divido em dois trajetos. Nas seções 3.2 e 3.3, disserto sobre os dois trajetos que elaborei para percorrer e descrever este *lugar* e, inevitavelmente, introduzi-lo enquanto *espaço*.

### 3.1 DOS APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS QUE INSPIRARAM UMA CAMINHADA NARRATIVA

A experiência de caminhar constantemente pela RL se deu de duas formas: em um primeiro momento, na condição temporária de moradora da RL e, em um segundo momento, na condição de pesquisadora somente.<sup>8</sup>

O que denomino como *caminhada narrativa* trata de uma das orientações metodológicas que adotei durante o meu trabalho de campo e, a forma da qual me utilizo para descrever a RL neste capítulo. Mais especificamente, esta *caminhada narrativa* foi realizada com base nos preceitos de duas técnicas de pesquisa: a *etnografia de rua*, de Eckert e Rocha (2008, 2003), e o *caminhar junto*, de Jolé (2005). Na efetivação de ambas as técnicas de pesquisa, o espaço público de interesse de estudo

---

<sup>7</sup> Característica que não é exclusiva da RL, mas sim uma das principais qualidades que marcam o modo de vida das cidades contemporâneas, especialmente das chamadas capitais ou outros grandes centros urbanos. Conforme apontei no capítulo 1, estima-se que 10% dos moradores do Distrito Centro de Madrid sejam de imigrantes, não estando incluídos nessa estimativa os migrantes de outras partes da Espanha, uma vez que Madrid sempre foi, e continua sendo, o maior polo de atração de migração interna do país. Pela RL o trânsito dessa heterogeneidade social é conformado por imigrantes e por turistas. Especialmente os turistas que transitam pela RL são seduzidos pelos atrativos de consumo da Gran Vía e pela Plaza de España, que viabiliza a sua visitação porque possui uma estação de metrô própria. Aliás, a estação da Plaza de España é uma das principais estações de metrô da cidade de Madrid, perdendo em número de fluxos de usuários somente para a estação de metrô localizada na Puerta del Sol.

<sup>8</sup> Na condição de moradora, entre os meses de agosto e setembro de 2015; e, na condição de pesquisadora somente, no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016.

passa a ser investigado pela ação do caminhar, um caminhar atento e observador.

A *etnografia de rua* se desenvolve por meio da presença sistemática do etnógrafo no local que ele objetiva pesquisar. O pesquisador deve observar e refletir sobre os componentes que conformam a paisagem urbana, buscando as significações relacionadas ao seu modo de vida. A técnica da *etnografia de rua* como ferramenta de estudo da cidade pode constituir-se também como estratégia de interação com seus cidadãos, o que colabora para que o etnógrafo possa realizar uma descrição ainda mais densa do seu objeto de estudo.

O *caminhar junto* engloba muitos dos preceitos da *etnografia de rua*. Porém, a presença de um ou mais interlocutor de pesquisa junto do etnógrafo no espaço urbano que está sendo investigado, seja ele um bairro, uma praça, uma avenida ou uma rua, é uma condição *sine qua non*. Na técnica do *caminhar junto*, a aprendizagem sobre um lugar se desenvolve de forma coletiva, e isso não é uma opção, mas uma condição indispensável, pois o objetivo dessa técnica é o de produzir conhecimento baseado na forma como os entrevistados qualificam o ambiente a partir de suas percepções e de suas práticas.<sup>9</sup> Ambas as técnicas, tanto a da *etnografia de rua* como a do *caminhar junto*, valorizam o uso dos recursos audiovisuais como meio de registro e ferramenta de caracterização do objeto de estudo, o espaço público.<sup>10</sup>

Em minha *caminhada narrativa* pela RL, valho-me de um registro fotográfico conformado por fotos de minha autoria, de autoria de um de meus interlocutores de pesquisa e, também, de fotos pesquisadas na Internet.<sup>11</sup> Ademais do exercício da *etnografia de rua* (que compõe a

---

<sup>9</sup> Outras denominações como *o andar coletivo*, *o andar junto*, *a caminhada coletiva*, *o itinerário*, *o percurso comentado*, *a caminhada comentada* são mencionadas no texto de Jolé (2005) referentes à ação do *caminhar junto*, como forma de aprendizagem coletiva de um lugar e, como instrumento de observação de campo. No entanto, é na denominação de *itinerário* que me inspiro para subdividir este capítulo em duas seções, como demonstrarei a seguir.

<sup>10</sup> Esclareço que os preceitos das técnicas da *etnografia de rua*, de Eckert e Rocha (2008, 2003), e do *caminhar junto*, de Jolé (2015), estão aqui dispostos de forma bastante sumária, a título de demonstrar ao leitor quais de seus critérios elementares são utilizados por mim para compor o que denomino de uma *caminhada narrativa*. Contudo, ponto que ambas as técnicas de pesquisa fazem parte de contextos particulares e de longas trajetórias de pesquisa acadêmica que abarcam também outros critérios.

<sup>11</sup> As imagens que constam neste capítulo e demais partes da tese foram selecionadas com base nos preceitos de Attané e Langewiesche (2005) e

maior parte deste capítulo), tive a oportunidade de *caminhar junto* pela RL com dois de meus interlocutores de pesquisa: Seu Antônio e Doca.<sup>12</sup> Seu Antônio, frequentador da RL, tem idade aproximada de 70 anos. A forma de contato com esse interlocutor de pesquisa foi por meio de uma abordagem pessoal. Além do *caminhar junto*, tivemos contato em outras situações de pesquisa, fora do ambiente da RL. Os demais encontros se deram por meio de entrevista formal gravada e semiestruturada e, também, de conversas informais.<sup>13</sup> Doca, moradora do Distrito Centro de Madrid, tem idade aproximada de 40 anos. Assim como no caso do interlocutor anterior, a forma de contato se deu por meio de uma abordagem pessoal. Entretanto, com essa interlocutora tive uma relação muito mais frequente, porque ela foi minha colega de aula na Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde cursamos juntas a disciplina ministrada pela professora Dra. Adela Franzé Mudanó.<sup>14</sup> Desse convívio é que Doca tornou-se minha interlocutora de pesquisa e, também, minha amiga pessoal. Nossa amizade ultrapassou a relação pesquisador/sujeito de pesquisa e tal fato fez com que Doca me auxiliasse durante todo o período de meu trabalho de campo, de forma intermitente à participação dos demais interlocutores. Doca e eu *caminhamos juntas* pela RL diversas vezes, além das *caminhadas* que fizemos pelo bairro Palacio e demais bairros do Distrito Centro. Acredito que Doca foi minha principal fonte de informação sobre o modo de vida, os costumes e as particularidades

---

Bittencourt (1998). Attané e Langewiesche (2005) ressaltam que o uso de imagens pode contribuir significativamente para a antropologia, na documentação de aspectos visuais da cultura, cujas características transcendem a capacidade de representação da linguagem escrita. Também Bittencourt (1998) aponta que a ação de fotografar em situação de pesquisa pode ser útil, não somente como recurso ilustrativo, mas como apoio para a recomposição, análise e reflexão sobre o campo.

<sup>12</sup> Com exceção de apenas um de meus interlocutores (a professora Gladys), nomes próprios como Seu Antônio, Doca (e todos os demais) são codinomes utilizados para me referir aos participantes da pesquisa de modo anônimo.

<sup>13</sup> A participação de Seu Antônio como meu interlocutor de pesquisa é retomada no capítulo 4, por meio de uma entrevista realizada nos moldes tradicionais (com guia de perguntas semiestruturadas e gravada com seu consentimento).

<sup>14</sup> A antropóloga, Dra. Adela Franzé Mudanó, é professora do Departamento de Antropología Social da Universidad Complutense de Madrid (UCM) e dedica-se ao tema da imigração. Durante o segundo semestre de 2015, cursei a disciplina “Construcción discursiva de la homogeneidad y diversidad cultural”, ministrada por ela na pós-graduação em “Estudios Avanzados en Antropología Social y Cultural” da UCM.

desse *espaço urbano*. Na verdade, Doca foi imprescindível, não somente por sanar minhas dúvidas sobre o contexto nativo, como também por mediar contatos com outras pessoas que pudessem enriquecer minha pesquisa. Por essas razões, o codinome “Doca” não foi escolhido de modo aleatório, mas inspirado em um clássico da pesquisa social e da história das investigações na área da Antropologia Urbana: o livro *Sociedade de Esquina*, de William Foote White. Nele, o autor reconhece “Doc”, seu interlocutor de pesquisa, como indivíduo-chave na viabilidade de sua pesquisa.<sup>15</sup>

Ainda, para realizar minha *caminhada narrativa*, além das técnicas de pesquisa da *etnografia de rua* e do *caminhar junto*, amparo-me tomando como pano de fundo os aportes de José Guilherme C. Magnani no que tange ao exercício da etnografia urbana. Refiro-me as considerações do autor sobre a ação do caminhar como recurso de pesquisa no centro da cidade de São Paulo e do exercício de um olhar etnográfico “de perto e de dentro”, presentes respectivamente em Magnani (1996, 2002).

Magnani (1996) relata como a caminhada pode ser utilizada como instrumento de investigação. Num primeiro momento, o pesquisador deve estar atento às materialidades da paisagem buscando, sobretudo, as recorrências, os elementos de padronização da mesma. A demarcação precedente ao percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade são condições para se captar a diversidade, por exemplo, do cenário de uma rua.

Nesse sentido é que divido o itinerário da RL em dois trajetos, o que já se configura como um primeiro exercício de classificação das

---

<sup>15</sup> No estudo de White (2005) intitulado “Sociedade de Esquina (Street Corner Society): a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”, que trata sobre um bairro pobre de imigrantes italianos na cidade de Boston, realizado a partir de 1937 e publicado em 1943, a figura de Doc em seu trabalho de campo torna-se um elemento fundamental, inclusive nas reflexões metodológicas articuladas pelo autor em torno da relação pesquisador x pesquisados. Contudo, diferentemente de White (2005), em que Doc assume um papel protagonista em sua narrativa acerca de “Corneville” (nome fictício dado ao bairro onde se foca o estudo), em minha narrativa sobre a rua Leganitos, Doca aparecerá muito pontualmente. Ainda que muito do que aprendi em campo eu deva à sua colaboração, as informações que me foram dadas por Doca se fazem presentes nesta tese de modo pulverizado, junto a outras informações que possuam correlação. Também o foco de pesquisa de White era sobre um grupo social específico e bastante delimitado, e o foco de meu trabalho recai sobre um espaço urbano específico, a partir de sujeitos múltiplos que se relacionam com a RL de formas variadas.

informações que serão registradas. Realizei uma adaptação dessas considerações de acordo com as características e objetivos de minha pesquisa. Assim, o recurso da caminhada se coloca como uma primeira forma de caracterizar o *cenário* em estudo, para que, então, em um segundo momento, eu possa focalizar temas de interesses específicos a serem discutidos a partir do campo. Utilizo-me da palavra *cenário* no mesmo sentido de Magnani (1996), ou seja, não como um conjunto de elementos físicos isolados, nem como um palco cristalizado onde os atores desempenham seus papéis, mas como produto de práticas sociais presentes e passadas e em constante diálogo e movimento de transformações.<sup>16</sup>

Esse segundo momento de pesquisa refere-se à identificação e seleção de temas por meio dos quais é possível desenvolver uma reflexão teórica a partir de temas-chave de interesse do pesquisador. É aqui que Magnani (2002) aponta para a importância de uma etnografia “de perto e de dentro”. Quer dizer que as análises podem ser suscitadas a partir dos enfoques realizados pelos próprios atores sociais, e levando-os em consideração, dentro do seu contexto de utilização, e/ou significação, do espaço urbano em questão, nesse caso, o da RL.<sup>17</sup>

Para a *caminhada narrativa* que apresentarei a seguir, proponho um esquema destinado a dirigir e organizar a observação e descrição da RL: trajeto 1 e trajeto 2.<sup>18</sup> Para ordenar minha observação, optei por seguir a sequência numérica dos *portales* da RL, dividindo o itinerário em dois trajetos que, juntos, somam seiscentos metros de descrição sobre o cenário dessa rua.<sup>19</sup> O primeiro trajeto parte da Plaza de España em direção a Plaza Santo Domingo. O segundo, de direção contrária, parte da Plaza Santo Domingo em direção a Plaza de España. Guiar-me pela sequência

---

<sup>16</sup> Os temas de interesse específicos a serem discutidos a partir do campo constarão no capítulo 6. Pontuo também que me utilizo da expressão “paisagem” urbana com o mesmo sentido da expressão “cenário” urbano.

<sup>17</sup> Gostaria de sublinhar que, na prática, o pressuposto teórico de um olhar *de perto e de dentro* como defendido por Magnani (2002) se efetiva de fato em meu trabalho a partir da classificação, categorização e análise das narrativas nativas acerca da RL e no último capítulo da Tese. Porém, opto por deixar desde já registrado que minha *caminhada narrativa* foi pensada e redigida com vistas a trabalhar os demais capítulos com base neste pressuposto.

<sup>18</sup> Esta escolha é fruto da minha vivência inicial na rua enquanto moradora temporária e do sentido dado pelo meu interlocutor Seu Antônio durante nosso *caminhar junto*.

<sup>19</sup> Como apontei no Capítulo anterior, *portales* são as portas principais de acesso a uma edificação.

numérica dos *portales* não foi tarefa simples. Isso porque algumas numerações se fazem ausentes, enquanto outras são de difícil visualização.

Em função das especificações sobre a organização e orientação das vias de Madrid e de toda a Espanha (expostas no capítulo 2), esclareço que, oficialmente, de acordo com a posição da RL em referência ao marco zero situado na Puerta del Sol, a RL inicia na Plaza Santo Domingo e termina na Plaza de España. Se eu seguisse essa orientação oficial, o trajeto 1 teria de seguir essa ordem, ou seja, da Plaza Santo Domingo até a Plaza de España.

Porém, dois são os motivos que me fizeram inverter essa ordem oficial. O primeiro deles relaciona-se a minha experiência como moradora temporária da RL, em que costumava percorrer essa rua com maior frequência no sentido do trajeto 1. Ou seja, em direção a Plaza Santo Domingo, para acessar outras localidades do Distrito Centro, como, por exemplo, a Puerta del Sol e a parte superior da Gran Vía, ou para fazer as compras dos mantimentos básicos, como alimentação e produtos de higiene, nos comércios da própria RL. No entanto, o que acabou por reforçar a escolha do sentido desse trajeto como sendo o primeiro (partindo da Plaza de España até a Plaza Santo Domingo) foi quando meu interlocutor de pesquisa e companheiro de caminhada pela RL, Seu Antônio, marcou nosso encontro em frente a Plaza de España, para que percorrêssemos juntos a rua em sentido ascendente até a Plaza Santo Domingo.<sup>20</sup> Dessa forma, optei por classificar esse como o trajeto 1, ficando o trajeto 2 com partida na Plaza Santo Domingo, de acordo com a vivência de minhas formas de apropriação de espaço enquanto moradora e pesquisadora.

O trajeto 1, sinalizado na Figura 16, segue a numeração do 47 ao 1 e acompanha o sentido único no qual trafegam os automóveis. O trajeto 2, sinalizado na Figura 16, segue a numeração do 2 ao 46.

---

<sup>20</sup> Nossa caminhada partiu da Plaza de España por escolha de meu interlocutor de pesquisa. Porém, a experiência desse *caminhar junto* não se deu nos mesmos moldes da forma como organizei o itinerário, que apresento por meio de dois trajetos. Fizemos nosso percurso de observação da RL no sentido do trajeto 1 em zigue-zague. Cruzávamos a RL com muita frequência de um lado a outro, observando o cenário por várias perspectivas.

Figura 16 - Sentido dos dois trajetos que compõem a *caminhada narrativa* pela rua Leganitos



Fonte: Gran... (2017).

### 3.2 TRAJETO 1: ORIGEM PLAZA DE ESPAÑA, DESTINO PLAZA SANTO DOMINGO

Iniciando o percurso pelo lado direito da RL, no sentido Plaza de España/Plaza Santo Domingo, o primeiro edifício do trajeto é o Edifício Compostela n° 47, um dos mais altos da RL. Trata-se de um complexo que congrega uma série de escritórios de negócios. Sua entrada principal volta-se para a RL e sua lateral para a Plaza de España. Dele, entram e saem pessoas que, por suas vestimentas sóbrias e suas fases sisudas, parecem empresários(as) e/ou secretários(as). Sua arquitetura se difere da arquitetura do edifício da calçada oposta, o Edifício Vitalicio, o que já de

início conforma um dos tantos contrastes que encontraremos pela paisagem urbana da RL (Figura 17).

Figura 17 - Edifícios Vitalicio e Compostela: início do trajeto 1



Edifício  
Vitalicio

Edifício  
Compostela

Fonte: Acervo da autora.

Em seguida, passamos pelo primeiro (de um total de oito) comércio chinês do trajeto 1,<sup>21</sup> *la tienda de alimentación* Ming Zhu nº 45, um minimercado muito pequenininho e de mantimentos básicos, como bebidas frias, alimentos industrializados (salgadinhos e guloseimas) e alguns produtos de higiene (Figura 18). Ao contrário da maioria dos

<sup>21</sup> No total dos trezentos metros da RL, encontram-se 16 comércios chineses. No trajeto 1, há oito comércios, todos em situação ativa. No trajeto 2, também há oito comércios, porém, dois deles permaneceram fechados durante o meu trabalho de campo.

outros comércios chineses da rua Leganitos, este possui, predominantemente, produtos da Espanha e, em menor número, produtos da China. Mesmo assim, trata-se do primeiro comércio a sinalizar *mudanças* no lugar. Seu cartaz acima da porta indica em espanhol “*Alimentación Frutos Secos, Pan y Bebidas*”.<sup>22</sup>

Figura 18 – Minimercado de chineses, na rua Leganitos, nº45



Fonte: Acervo da autora.

---

<sup>22</sup> As chamadas *tiendas de alimentación* em Madrid correspondem mais ou menos ao que no Brasil chamamos de minimercados ou “quebra-galhos”. Comerciantes estrangeiros colocam junto a essa identificação (que é reconhecida localmente) um nome fantasia que muitas vezes faz referência a seu país de origem, como, no exemplo, Ming Zhu. A presença de grafites (como se vê na Figura 18) não é comum na maior parte da RL. Contudo, nesse trecho da rua e na calçada em frente a esse comércio, eles chamam a atenção, justamente pelo fato de não estarem presentes no restante do cenário da RL, configurando-se como um elemento dissonante.

Como pode ser observado na Figura 18, o cartaz com o nome Ming Zhu fica perpendicular à parede, como na maioria dos comércios que ficam na parte térrea dos edifícios da rua Leganitos. Pouquíssimos são os edifícios em que sua parte térrea não está ocupada por um comércio. Em sua maioria, todos abrigam inclusive mais de um negócio. Isso gera certa confusão em sua numeração, porque, em algumas situações, dois, três e até quatro comércios têm a mesma numeração. Na prática, o endereço comercial obedece a numeração do *portal*, ou seja, da entrada exclusiva ao acesso dos moradores do edifício.

Esse é o caso dos próximos dois recintos comerciais que correspondem à numeração 43 da RL, o restaurante O’Muiño e a *sidrería* A Lareira, lugares que sinalizam *permanências* dos costumes alimentares locais (Figura 19). Ambos contrastam, em termos de público frequentador, do vizinho Ming Zhu, pois, se neste as pessoas entram e saem rapidamente,<sup>23</sup> naqueles as pessoas costumam se deter por algumas horas. Na hora do almoço, no restaurante O’Muiño; e, no *happy hour*, ao entardecer e à noite, na *sidrería*, é possível notar a presença de redes de sociabilidade formadas por habitués do bairro.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Boa parte do público que frequenta o Ming Zhu é composto pelos usuários da entrada/saída do metrô da Plaza de España, posicionada aproximadamente a uns dez metros desse comércio (ver Apêndice C).

<sup>24</sup> Moradores e trabalhadores da RL e das imediações próximas.

Figura 19 – Restaurante e bar de comidas típicas espanholas, na rua Leganitos, nº43



Fonte: Acervo da autora.

A especialidade de O'Muiño é a comida galega (da região da Galícia), a carne de porco e as *tapas*.<sup>25</sup> Foi nesse local que meu interlocutor de pesquisa, Seu Antônio, recebeu o pedido oficial da mão de

<sup>25</sup> Na vitrine em frente ao O'Muiño havia sempre um ou mais leitões mortos e inteiros, já preparados para servir. Como descrevi no capítulo 2, a figura do animal é também exposta por todo o Distrito Centro de Madrid, em cartazes ou em bonecos que reproduzem a sua forma e semelhança de modo divertido. Pode-se dizer que na cidade há uma espécie de “culto” ao porco. O presunto extraído da carne desse animal é famoso em todo o mundo e motivo de orgulho dos espanhóis. Já as *tapas* espanholas se assemelham ao que no Brasil chamamos de petiscos. São pequenas porções de comida servidas como acompanhamento das bebidas e de forma gratuita. Existe certa concorrência entre os locais de bebidas no sentido de oferecer a melhor *tapa*, já que se trata de um acompanhamento quase que obrigatório em qualquer lugar que venda bebidas. Dessa forma, a qualidade das *tapas* influencia na escolha dos habitués de bares e restaurantes.

sua filha em casamento. Os pais do noivo convidaram Seu Antônio e sua família para um jantar no O’Muiño, porque, segundo meu interlocutor, os anfitriões sabiam que ele e sua família eram apreciadores da comida galega.<sup>26</sup>

A *sidrería* A Lareira é um bar pequeno e apertado, onde as pessoas ficam em pé ou sentadas nos poucos bancos altos que ficam em frente a uma longa bancada. A *Lareira* é especializada na venda de sidra, daí a denominação *sidrería*. A sidra é uma bebida alcoólica, leve, com gás, feita artesanalmente da maçã, muito apreciada pelos espanhóis. Nessa *sidrería*, as pessoas também tomam cerveja e vinho acompanhados das tradicionais *tapas*. Grande parte das pessoas se conhece, se cumprimenta, conversa entre si e com os atendentes.<sup>27</sup>

Entre a *sidrería* A Lareira nº 43 e o próximo estabelecimento, o Hotel Señorial nº 41, atravessa-se uma pequenina ruela chamada Calle Río, a única rua que corta a RL por esse lado do trajeto.<sup>29</sup> Cruzando-a, temos o primeiro hotel, do total de três que há na RL e que promovem o trânsito de turistas nacionais e estrangeiros na rua. Porém, o Señorial se difere dos outros dois hotéis da rua por ser uma empresa familiar. É um hotel simples e de preço acessível, sem muitos luxos, enquanto os demais pertencem a uma rede internacional de hotelaria (Figura 20).<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> *Pulpo* (polvo), *caldo gallego* (uma espécie de sopa), *mejillones* (camarões), *gambas* (lulas), frutos do mar etc.

<sup>27</sup> Como apontei no capítulo 2, a Galícia é uma das regiões de inclinação separatista da Espanha. É interessante como o idioma próprio dessa região se assemelha ao português por causa do país vizinho, Portugal. Os proprietários desses dois estabelecimentos são originários dessa região. Na *sidrería*, frequentemente eu observava que um dos habitués, um senhor de idade, morador da rua, entrava no estabelecimento com o seu cão de estimação. Era um cão pequeno, reconhecido pelos demais frequentadores; uma situação não usual em bares e restaurantes do Distrito Centro de Madrid. Os nomes fantasias do restaurante e do bar fazem alusão à região da Galícia, e, o porco e a sidra, respectivamente, são as especialidades de cada casa e tradições da culinária espanhola.

<sup>29</sup> A *calle* Río é o acesso por onde se chega mais rapidamente ao Palácio Real, em uma caminhada de 10 ou 15 minutos. Como se verá no capítulo 4, uma de minhas interlocutoras de pesquisa é ex-moradora dessa ruela e, por isso, escolhi o pseudônimo “Río” para identificá-la.

<sup>30</sup> O Hotel Señorial nº41 possui três estrelas e parece resistir ao tempo quando comparado com os dois outros hotéis da RL, de modernas instalações da cadeia hoteleira *EXE* e que se localizam na parte mais superior do trajeto 1.

Figura 20 – Hotel Señorial, na rua Leganitos, nº 41



Fonte: Acervo da autora.

Seguindo a caminhada, o edifício de nº 39 é daqueles prédios recorrentes na rua Leganitos: de estilo bem antigo, com sacadas de ferro e aberturas com altas e estreitas venezianas de madeira, mas que já passou por processos de restauração. Em seu andar térreo, durante o meu trabalho de campo, havia um processo de reforma porque ali iria se instalar, aparentemente, uma loja de móveis.

O nº 37 corresponde ao Edifício Seneca. Seu térreo é compartilhado entre o *portal* de moradores e o restaurante Orient Asiático, o segundo comércio chinês que aparece na descrição deste trajeto (Figura 21). Entre os restaurantes da rua, talvez este seja o que mais promove *mudanças* relacionadas aos costumes culinários locais.

Figura 21 - Restaurante Orient Asiático, na rua Leganitos, nº 37



Fonte: Acervo da autora.

Diferente dos outros restaurantes chineses e não chineses, não só da RL senão dos demais restaurantes do Distrito Centro de Madrid, o Orient Asiático está instalado em um espaço enorme e apresenta uma decoração completamente moderna, com mobiliário novo, muitas mesas e muitas luzes. Todos os atendentes, garçons e caixas, são chineses.<sup>31</sup> Ao centro do salão há um *buffet* comprido, com uma grande variedade de comida asiática (chinesa em sua maioria, mas também japonesa e tailandesa) por um preço fixo, no qual o próprio cliente se serve, podendo repetir quantas vezes desejar. Esse sistema de restaurante é bastante raro em Madrid, pois na maioria dos restaurantes da cidade predomina o sistema *à la carte*.

Almocei nesse restaurante acompanhada de minha interlocutora de pesquisa Doca. Na ocasião, entre outras características do local, nos causou estranhamento a presença de uma enorme televisão de tela plana com a programação da TV chinesa, em volume baixo, mas com legenda em chinês. Durante todo o nosso almoço foi transmitido um telejornal,

---

<sup>31</sup> Esta característica condiz com os demais comércios chineses da cidade, pois comércios chineses na grande maioria das vezes são atendidos por chineses.

obviamente, incompreensível para nós, mas do qual não conseguíamos tirar os olhos. A programação em chinês nos deixara estupefatas, tanto a mim quanto a Doca, que também é estrangeira, sul-americana, e moradora da cidade de Madrid há 16 anos. A sensação que eu tinha era de estar junto com Doca em um restaurante de um shopping no Brasil, pelo tamanho, pela iluminação e pela quantidade e variedade de comida oferecida (Figura 22).

Figura 22 – Folder do restaurante Orient Asiático, na rua Leganitos, nº 37

**GRAN BUFFET LIBRE**

**8,80 €**

Lunes a Viernes, al mediodía  
(NO FESTIVOS)

**Come todo lo que quieras**  
&  
**Bebida siempre llena\***

**También Take Away**

**Qué, hoy comemos con palillos**

Horario: C/ Leganitos 37,  
12:00 a 17:30h (Junto Plaza España)  
19:00 a 24:00h

**Tel: 91-5411710**

\* La promoción Bebida Siempre Llena solo incluye las refrescos de grifo. Pagan la primera y todas las demas son GRATIS.

Fonte: Documento recolhido durante o trabalho de campo e posteriormente digitalizado.

Nota: A seta azul indica a informação “Junto Plaza España”, o que reitera a importância da Plaza de España em termos de popularidade e referência territorial no bairro Palacio e nesta parte da RL.

Todos os diferenciais do Orient Asiático atraem um público específico: muitos jovens, asiáticos ou não, e trabalhadores dos arredores da RL. Pude identificar que muitos frequentadores eram trabalhadores das obras de reforma dos edifícios, lojas etc. Essa constatação foi possível por causa das vestes dessas pessoas, que usavam macacões ou roupas com identificação de alguma empresa de construção, e por se sentarem em grupos predominantemente de homens. A diversidade de características fenotípicas desses pequenos grupos denotava que se tratava de imigrantes, operários do ramo da construção civil na Espanha, setor que absorve

muito esse perfil de trabalhador. Um dos atrativos para o público consumidor deste restaurante chinês parece ser realmente a questão do baixo custo e da quantidade de comida.<sup>32</sup> Apresento, a seguir, um extrato de meu diário de campo, em que registrei algumas das impressões quando da observação deste lugar:

Ao se entrar por um corredor lateral de pé direito alto, luzes indiretas, plantas artificiais decorativas, ambiente climatizado e de acústica agradável, chega-se a um salão que dispõe de um *buffet* variado. Lá, havia muitas mesas e muitos funcionários. Todos chineses, sem exceção. A clientela é variada de chineses e não chineses, atraídos pelo preço baixo em relação à maioria dos restaurantes de Madrid: 9,90 euros o *buffet* livre. Tudo aqui é fora dos padrões dos demais restaurantes da cidade. Primeiro, o preço; segundo, o sistema de *self-service*; e, terceiro, de tipo livre. Come-se o quanto quiser. Esse sistema, que é muito familiar ao do Brasil, é quase que exclusivo aqui em Madrid (Diário de campo, 02 de outubro de 2015).

Ao lado do Orient Asiático, na numeração 35, temos a Ferretería Venecia (Figura 23), seguida do *portal* de moradores e de um salão de beleza de chineses. Além dos trabalhadores das obras nas imediações, frequentam a *ferretería* moradores do bairro e outros passantes que

---

<sup>32</sup> Refeições em restaurantes de Madrid são muito caras, ao menos no período em que lá estive, com um câmbio completamente desfavorável a portadores de reais que necessitam convertê-los para euros (5x1). Tanto para mim como para as pessoas locais (não estrangeiras), um almoço em um restaurante como este custava a metade do valor da grande maioria dos demais. O Distrito Centro de Madrid, por corresponder a uma de suas áreas mais antigas e com forte apelo histórico-turístico, vive em constantes reformas e reparos em seus prédios. Essa é uma característica marcante do lugar em que realizei o meu trabalho de campo. Como apontei no capítulo 2, Madrid é extremamente atenta e caprichosa no que se refere à conservação de sua arquitetura. O ramo da construção civil é um forte pedaço do mercado de trabalho que nunca para. E não é de se estranhar que restaurantes como este atraíam também pessoas que dependem muita força física por causa do tipo de trabalho que exercem e que, portanto, necessitem comer grandes quantidades de comida a baixo custo.

compram coisas pequenas, como uma torneira, uma cola, uma lâmpada, enfim, objetos de reparo residencial cotidiano.<sup>33</sup>

Figura 23 - Ferretería Venecia, na rua Leganitos, nº 35



Fonte: Acervo da autora.

Durante o período em que vivi na RL, percebi que o estabelecimento seguia o costume da *siesta*, ficando fechado entre 14 h e 17 h.<sup>34</sup> Por esse motivo e pelo fato de meus interlocutores de pesquisa se

---

<sup>33</sup> A denominação *ferreteria* pode ser traduzida para o português por “ferragem” ou “pequena casa de materiais de construção”. Essa *ferreteria* pertence a uma rede chamada Venecia, com filiais situadas em outros endereços de Madrid. Comércio como esse são de grande utilidade na região, pela característica das constantes reformas e restaurações.

<sup>34</sup> A *siesta* é um costume tradicional na Espanha ainda presente em alguns países latino-americanos de colonização espanhola, como o Uruguai e a Argentina. Trata-se do hábito de tirar um cochilo após o almoço por volta de duas e três horas. Nesse período, grande parte dos estabelecimentos comerciais de empresa familiar permanece fechada. Essa tradição se relaciona com outro costume local, o horário de almoço, que, em Madrid, costuma ser entre 15 e 16h. Contudo, o costume da *siesta* não é mais tão recorrente em Madrid por ser uma cidade grande e de características globais. O que é ainda muito comum em Madrid é que nos períodos de férias de verão e de inverno, as empresas de estrutura familiar fecham as portas e colocam um cartaz para que seja visualizado por seus clientes informando as datas do período em que estarão ausentes “*por motivo de vacaciones*”. Na RL, o único local que observei (durante meu trabalho de campo) que adota este sistema é a Pizzeria El Horno Azul, conforme pontuarei no trajeto 2, na seção 3.2.

referirem a esse comércio como comércio “*de toda la vida*”, identifico o mesmo como um local de *permanências* da RL.

Compartilha da numeração 35 a *peluquería* chinesa Tay Yang Feng, o terceiro comércio chinês desse trajeto (Figura 24).<sup>35</sup> Se a RL também é conhecida como “*la calle de los chinos*”, destaco que os salões de beleza chineses aqui instalados são os que atribuem maior popularidade à rua, seguidos dos mercados.

Figura 24 - *Peluquería* Tay Yang Feng, na rua Leganitos, nº 35



Fonte: Tay... (2017).

Na rua Leganitos, as *peluquerías chinas* abundam. A Tay Yang Feng atrai clientes, inclusive, de outras cidades próximas à Madrid. Tem uma ótima reputação por causa do resultado de seu *alisado japonês*, serviço que as mulheres espanholas, tanto de Madrid como de outras partes da Espanha, buscam, inserindo assim, notadamente, novos costumes relacionados ao trato pessoal. Em outras palavras, produzem *mudanças* nos hábitos locais.<sup>36</sup> Além de tratamento para cabelos, os salões em Madrid, de modo geral, oferecem serviços de massagem, tanto estética como fisioterapêutica. Na sequência, um extrato do meu diário de campo, em que registrei algumas impressões iniciais:

Com frequência vejo os cabeleireiros em frente à porta do salão (entre um atendimento e outro) fumando e mexendo no celular. Chama-me a atenção a pouca idade que eles representam ter. São rapazes chineses muito jovens, entre 20 e 25 anos

<sup>35</sup> Em espanhol, os salões de beleza são chamados de *peluquerías*, e os cabeleireiros, de *peluqueros*.

<sup>36</sup> Espécie de escova progressiva, um tipo de alisamento químico capilar.

no máximo (Diário de campo, 30 de agosto de 2015).

Ainda na numeração 35, entre a Ferretería Venecia e a *peluquería* chinesa Tay Yang Feng, há um detalhe interessante: trata-se de uma placa na parede sinalizando que na RL viveu Domenico Scarlatti, um compositor italiano radicado na Espanha (Figura 25).<sup>37</sup> A placa denota (além de uma homenagem de reconhecimento público) o hábito de preservar e valorizar a história da RL e a memória da música erudita da cidade de Madrid. Trata-se de um elemento do cenário da RL que pontua sinais de *permanências*, reverenciando pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da cultura erudita da cidade e do país.

Figura 25 - Homenagem de reconhecimento público à personalidade local, na rua Leganitos, nº 35



Fonte: Acervo da autora.

Na sequência, temos, respectivamente, um hotel e um supermercado chinês, o quarto comércio chinês deste trajeto. O Hotel EXE Suítes 33, diferentemente do anterior, pertence a uma rede de hotéis que está espalhada por toda Madrid.<sup>38</sup> É interessante perceber como esse

<sup>37</sup> Este é um dos exemplos do que aponte na introdução do capítulo 2, no que tange às recorrentes homenagens na paisagem urbana do Distrito Centro, há personalidades da cidade ou do país. Domenico Scarlatti pertencia ao gênero da ópera e seu estilo musical foi mundialmente reconhecido.

<sup>38</sup> A EXE Hotels é uma marca que agrupa 58 estabelecimentos de hospedagem e que foi lançada em 2005. Atualmente essa cadeia hoteleira está presente na maior parte dos países europeus e também nos Estados Unidos, México e Argentina.

hotel, em seu site, promove-se destacando as características arquitetônicas do edifício, ao mesmo tempo que exalta a tradição e a história de sua localização:

O Hotel Suites 33 ocupa um edifício clássico, tipicamente madrileno, que data da época de Isabel II e da Revolução de 1868, a chamada La Gloriosa, do general Prim. Tanto a fachada como o interior foram recentemente renovados para propor aos nossos clientes o melhor e mais moderno serviço (EXE..., 2017).<sup>39</sup>

O Hotel EXE Suítes 33 tem como vizinho um supermercado chinês que, diferentemente do anterior, oferece uma ampla e variada gama de produtos utilizados na culinária chinesa e asiática. O lugar é frequentado tanto por pessoas da comunidade chinesa de Madrid como por não chineses, apreciadores desse tipo de culinária. Aqui, quase tudo é importado da China, e o que chama a atenção no interior do local é que, do teto, pendem placas indicativas, em espanhol e chinês, sobre os produtos dispostos nas gôndolas. A Figura 26 mostra produtos de uma das gôndolas desse supermercado, que é o quarto comércio chinês deste trajeto.

---

Somente em Madrid há seis unidades hoteleiras, sendo que na RL se situam duas. Um detalhe curioso é que o número “33” (do endereço na RL) é incorporado ao nome fantasia do estabelecimento. Na verdade, posteriormente vim a perceber que esse é um hábito comum na forma de nomear outros estabelecimentos em Madrid, ou seja, junta-se ao nome fantasia da empresa a numeração do seu endereço.

<sup>39</sup> Como se verá no capítulo 4, ainda que os hotéis da RL colaborem para o trânsito de *outsiders*, é interessante perceber como o Hotel EXE Suítes 33 se promove em termos de *permanências*.

Figura 26 – Produtos importados da China no supermercado da rua Leganitos, nº 33



Fonte: Supermercado... (2015).

Apesar de esse supermercado oferecer uma variedade de ingredientes próprios da culinária chinesa, é o local ao lado que mais chama a atenção.<sup>40</sup> Trata-se de uma autoescola exclusivamente para chineses, com aulas ministradas por chineses e material didático todo em mandarim. O que ambos têm em comum é o fato de imprimirem na rua Leganitos *mudanças*, seja nos hábitos alimentares dos locais, seja pela atração de chineses que frequentam a autoescola.

A Autoescuela Venecia Classic (Figura 27), o quinto comércio chinês deste trajeto, possui oito unidades em Madrid, mas somente a unidade localizada na RL é direcionada exclusivamente à comunidade chinesa da cidade (Figura 28).

<sup>40</sup> Outro comércio chinês que também chama muito a atenção por causa de sua exclusividade é uma livraria, sobre a qual comentarei no trajeto 2.

Figura 27 – Fachada da Autoescuela Venecia Classic, na rua Leganitos, nº 31



Fonte: Autoescuela... (2017).

Figura 28 – Detalhe da fachada da autoescola para chineses, na rua Leganitos, nº31



Fonte: Acervo da autora.

Ao lado dessa autoescola, encontra-se o sexto comércio chinês deste trajeto: a Weiphone, nº 29. Trata-se de uma loja de assistência técnica de computadores e celulares e de venda de acessórios para ambos.<sup>41</sup> Na Figura 29, da esquerda para a direita, a Weiphone, o *portal* de moradores, a Autoescuela Venecia Classic, outro *portal* de moradores, e o supermercado chinês.

Figura 29 – Comércios e edifícios da rua Leganitos, nº 33, 31 e 29



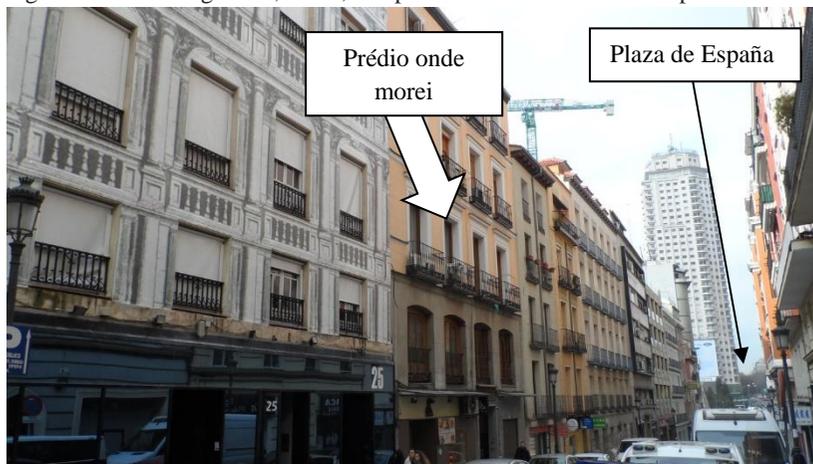
Fonte: Acervo da autora.

Chegamos agora a RL 27 (Figura 30), onde vivi durante meu primeiro mês na cidade de Madrid. O edifício possui características bastante típicas aos demais da região do Distrito Centro e do bairro Palacio: um pé direito alto e acesso aos andares somente por escadas. As escadas possuem degraus assimétricos e em madeira, que rangem quando se pisa neles. Devido a essas particularidades, a passagem por esse tipo de escada é um pouco perigosa, mas há um imponente corrimão de ferro para auxiliar. Eu morei aqui de fundos (porque na verdade a configuração original do apartamento foi dividida em duas partes), e a ventilação da morada dependia de um vão interno, onde havia varais que podiam ser acessados pelas janelas. Na experiência desse habitar foi possível realizar uma observação participante junto a *gente mayor* e *gente de paso* (esta última categoria na qual eu me incluía).<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Ainda nesse mesmo trajeto, mas mais adiante, outro comércio chinês dedica-se ao mesmo ramo de negócios.

<sup>42</sup> “*Gente mayor*” e “*gente de passo*” são categorias nativas que se referem aos tipos de usuários da RL que classifiqui respectivamente como *vizinhança* e

Figura 30 – Rua Leganitos, nº 27, a experiência de habitar em campo



Fonte: Acervo da autora.

O apartamento foi alugado pela internet, por meio do sistema Airbnb,<sup>43</sup> e tratado, posteriormente, direto com a proprietária. Após ter me mudado da RL para outro bairro, soube que o edifício de nº 27, onde eu vivi, é o exemplar arquitetônico mais antigo da rua.<sup>44</sup>

---

*outsiders*, conforme demonstrarei no capítulo 4. Tive, como vizinhos de porta, um senhor idoso que já não saía mais de casa por causa das escadas e que era atendido e acompanhado por senhoras cuidadoras, pessoas que se dedicam a acompanhar idosos, servi-los, ocupar-se de sua medicação, alimentação etc. Os inquilinos do apartamento com sacada para a RL (uma continuação do apartamento em que eu estava, mas com uma entrada independente) eram três rapazes americanos que estavam em Madrid a passeio.

<sup>43</sup> Airbnb é um serviço on-line mundial e comunitário para as pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações e meios de hospedagem. A proprietária herdou o imóvel da família. Ela morava em Salamanca, sua cidade natal. Esse é outro processo clássico com relação a *formas de habitar* na RL. Muitos dos apartamentos da rua são alugados pelos sucessores herdeiros das pessoas mais idosas que vêm a falecer. Poucos são os imóveis comprados e alugados por pessoas que não eram parentes dos originais proprietários. Isso porque é muito mais lucrativo restaurar e alugar imóveis nesta zona do que vendê-los. O Distrito Centro possui uma grande valorização imobiliária, e os aluguéis dessa região estão entre os mais caros de Madrid. Essas características farão parte dos temas desta tese que serão tratados no capítulo 4 em diante.

<sup>44</sup> Deparei-me com essa informação enquanto selecionava reportagens da mídia local sobre a RL. A reportagem fazia referência ao ano exato de construção do

No térreo do mesmo edifício, o *portal* de moradores divide espaço com um restaurante árabe, o Al Amán, especializado em comida típica marroquina (Figuras 31 e 32).

Figura 31 - *Portal* do edifício onde vivi e o restaurante árabe Al Amán, na rua Leganitos, nº 27



Fonte: Acervo da autora.

Figura 32 – Detalhe da propaganda do restaurante árabe, na rua Leganitos, nº 27



Fonte: Acervo da autora.

---

edifício em que vivi. Porém, infelizmente perdi essa fonte de consulta e não consegui mais recuperá-la.

Ao passar pela frente do Al Amán, algumas vezes eu escutava os proprietários do estabelecimento conversando em árabe; outras, eu parava brevemente em frente à porta, admirando a apresentação de dança do ventre que ocorria aos finais de semana. Acredito que a porta ficava aberta propositalmente para que o show atraísse a curiosidade dos passantes e potenciais clientes. O local era frequentado não só por pessoas da etnia árabe, mas também por locais, apreciadores da culinária típica ali servida, e por alguns turistas que se hospedavam na RL. A decoração do restaurante compunha o “clima” do lugar, com cores vibrantes, tapeçarias e muitas almofadas (Figura 33). Trata-se um local que introduz nesse cenário costumes diferentes dos locais.

Figura 33 – Interior do restaurante árabe Al Amán, na rua Leganitos, nº27



Fonte: Restaurante... (2017).

Na sequência do trajeto, os térreos dos próximos três edifícios, nº 25, 23 e 21, correspondem a casas noturnas ou de prostituição, identificadas, por seus letreiros, como *Pubs*, e, pelas narrativas analisadas na pesquisa, como *Casas de Alterne* (Figura 34).

No início do meu trabalho de campo, o térreo correspondente ao *portal 25* estava passando por um processo de reforma, fazendo com que a calçada ficasse ocupada por uma espécie de túnel, formado pelos andaimes que haviam sido instalados ali. Após a reforma, instalou-se nesse local uma casa noturna. Nesse espaço da calçada, entre os pilares dos andaimes, circulavam o pó da retirada de escombros, caixas de entulho e os pedreiros que entravam e saíam do local. A passagem era

difícil e apertada. No percurso para sair do edifício onde eu morava (em direção a Plaza Santo Domingo), após passar por esse túnel improvisado, era possível observar um homem e diferentes moças com roupas chamativas que permaneciam em frente à porta do local vizinho de número 23 (a segunda casa noturna deste trajeto). Essas evidências junto a informações sobre o local, obtidas em conversas informais durante o meu trabalho de campo, apontavam que se tratava de casas de prostituição.<sup>45</sup>

Figura 34 – Casas noturnas da rua Leganitos, nº 25, 23 e 21



Fonte: Acervo da autora.

---

<sup>45</sup> Como demonstrarei no capítulo 4, a pesquisa revelou que essas casas na RL são resquícios de uma antiga zona de prostituição que pertencia ao Distrito Centro. Tais atividades não ocorrem mais enquanto zona ou área de prostituição no centro da cidade. E o que restou foram essas casas, que podem ser traduzidas como *práticas* desse *espaço urbano*, historicamente sedimentadas e, portanto, *permanências* do modo de vida local.

Na continuação de nosso trajeto pela RL, vizinha às casas noturnas, temos a Delegacia de Polícia, nº 19 (Figura 35). Essa delegacia é a mais importante em número de atendimentos do Distrito Centro da cidade de Madrid e, por vezes, a RL também é identificada como “*la calle de la comisaría*”.<sup>46</sup>

Figura 35 – Delegacia de polícia e casas noturnas da rua Leganitos



Fonte: Acervo da autora.

<sup>46</sup> “A rua da delegacia”, em português. A Delegacia de Polícia é tema da narrativa da reportagem midiática de nº4 sobre a RL, apresentada no capítulo 5 desta tese. Assim como a presença dos comércios chineses incitam a narrativa “*la calle de los chinos*”, a presença da delegacia incita a narrativa “*la calle de la comisaría*”. Trata-se de diferentes formas de identificação da mesma rua.

Em pé, na calçada em frente à delegacia, na maior parte do tempo ficavam os policiais, vestidos com uniformes azuis (entre dois e quatro homens e às vezes, uma mulher) (Figura 36). Outros elementos da paisagem que sinalizam a territorialidade da delegacia nessa rua são os carros de polícia, também na cor azul, estacionados em ambos os lados da RL. Com frequência, observava uma quantidade significativa de turistas que abordavam os policiais naquela calçada. A perda do passaporte ou furtos ocorridos nas imediações eram os principais motivos que levavam turistas a procurar a delegacia da RL. Destaco que alguns de meus interlocutores de pesquisa identificavam a RL primeiramente como “*la calle de la comisaría*” e não como “*la calle de los chinos*”, conforme vincula uma das narrativas da mídia local, que será apresentada no capítulo 5.

Figura 36 – Delegacia de Polícia da rua Leganitos, nº 19



Fonte: Comisaría... (2017).

Deixando a delegacia, temos o edifício com a faixada mais extensa da RL e o único nela identificado com duas numerações. Esse edifício possui uma arquitetura moderna, que o distingue dos demais edifícios da rua. O nº 17 corresponde a um centro comercial que, segundo Seu Antônio, meu interlocutor de pesquisa, alugava salas para empresários (da região e de fora de Madrid) realizarem reuniões de negócios.<sup>47</sup> Ao lado (a

<sup>47</sup> Curiosamente nesse local havia uma vitrine com uma televisão que passava um vídeo-propaganda desse centro comercial. O vídeo, de modo semelhante à propaganda do Hotel EXE 33, dava destaque à relevância histórico-cultural e à efervescência comercial desse endereço e de suas imediações. Ou seja, mais uma vez a RL aparece promovida de forma vinculada à importância do contexto

continuação da mesma estrutura física) e identificado com a numeração 15, temos o Edifício Leganitos, exclusivamente residencial (Figura 37).

Figura 37 - Edifício Leganitos, na rua Leganitos, nº 15



Fonte: Acervo da autora.

Vizinho do edifício homônimo à RL encontra-se o terceiro e mais popular hotel da rua, o Hotel El Coloso, nº 13, também da rede internacional EXE Hotels, pela qual foi comprado. Foi em função desse estabelecimento que Seu Antônio se tornou interlocutor de minha pesquisa, pois ele e a esposa passaram a lua-de-mel, em 1973, nesse hotel (quando ainda não pertencia a rede EXE). Hoje, a hospedagem possui quatro estrelas e sua movimentação turística é intensa. Com frequência, eu observava grupos de estrangeiros de nacionalidades diversas saindo de lá e caminhando em direção a Plaza Santo Domingo, acompanhados de um guia turístico que os levava para conhecer os atrativos do Distrito Centro de Madrid. Trata-se de um exemplo de que em um mesmo local se justapõem *permanências* e *mudanças*. A foto a seguir (Figura 38) é de autoria de Seu Antônio, meu companheiro de caminhada pela RL.<sup>48</sup>

---

urbano no qual está inserida, em que os bens patrimoniais (no caso o arquitetônico) são usados como referências mercadológicas.

<sup>48</sup> Seu Antônio me cedeu esta e as demais imagens de sua autoria da RL para que eu as incluísse neste trabalho. Se o antigo hotel hoje pertence a uma rede internacional em que o que prevalece é a rede; como elemento singular, guarda camadas de história que revelam outras temporalidades da rua.

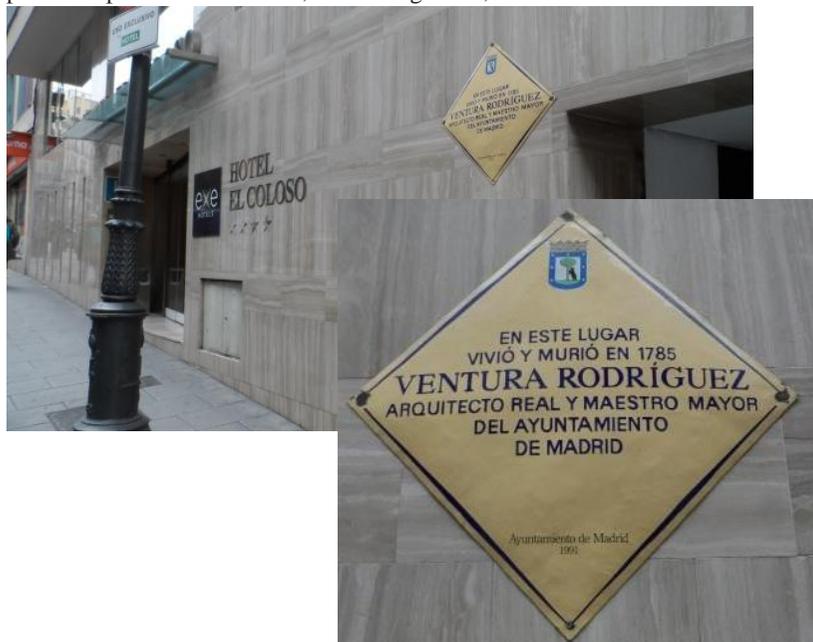
Figura 38 – O Hotel El Coloso, lugar sempre presente na memória de Seu Antônio



Fonte: Acervo pessoal de Seu Antônio.

Na fachada do hotel (assim como apontei na numeração 35), há mais uma referência de homenagem e reconhecimento de personalidade pública atrelada ao espaço dessa rua: uma placa sinalizando que na RL viveu Ventura Rodríguez, um importante arquiteto e professor (Figura 39). Ele estava vinculado aos serviços prestados aos monarcas da Espanha, e esse reconhecimento denota mais uma vez o hábito nativo de preservar e valorizar a história e a memória urbana da cidade. Em outras palavras, assim como a placa anterior também presente neste trajeto, trata-se da sinalização de uma *permanência*.

Figura 39 – Faixada do Hotel El Coloso com homenagem de reconhecimento público à personalidade local, na rua Leganitos, nº 13



Fonte: Acervo da autora.

Na sequência da caminhada, espera-se que encontremos o número 11 da RL, mas não é o que ocorre.<sup>49</sup> Estamos nos aproximando do final do trajeto 1 e, de acordo com esta descrição, parece que “*la calle de los chinos*”, como é divulgada pela mídia, não seja apenas dos chineses, já que, desde algumas páginas atrás, eles não são mais os protagonistas do cenário da rua. No entanto, eles voltam a aparecer a partir de agora, no supermercado Suma, nº 9, o sétimo comércio chinês deste trajeto pela RL.

O Suma é o maior mercado da RL em tamanho e quantidade de produtos.<sup>50</sup> Esse era o mercado do qual me tornei cliente assídua quando morava na RL e segui frequentando-o após me mudar da rua. Aqui compreendi um pouco sobre a dinâmica de trabalho destes comerciantes

<sup>49</sup> Desconheço o motivo pelo qual a numeração 11 da rua é inexistente. Questionei sobre essa ausência a algumas pessoas, que também desconheciam o motivo. Porém, acredito que certamente existe uma explicação.

<sup>50</sup> Possui mercadorias no andar térreo e no seu subsolo. Embaixo há grande oferta de produtos de bazar, em sua maioria artefatos de plástico.

em particular, especialmente sobre a forma de trabalho feminino. O atendimento no Suma é feito por mulheres, e elas trabalham despendendo muita força física. Quando chega a mercadoria trazida pelos fornecedores, elas auxiliam no transporte para dentro da loja. Nesse comércio, pude observar e aprender sobre a forma de comunicação na relação comerciante chinês e cliente não chinês. A dificuldade com o idioma espanhol é frequente por parte deste coletivo. Falam muito pouco a língua local e, das poucas palavras que falam, grande parte delas fica incompreensível por causa do sotaque estrangeiro muito carregado. No entanto, com o objetivo de vender, são improvisados artifícios de comunicação diariamente, como, por exemplo, mostrar para o cliente o valor total da compra pela tela da calculadora. Também, quando se pergunta por algum produto, na maioria das vezes as funcionárias entendem, mas, para evitar perda de tempo, levam o cliente até o local exato da gôndola onde o produto desejado se encontra (já que a explicação em espanhol de onde está o produto não vai adiantar de muito). Artifícios de comunicação também ocorrem por parte dos clientes. Valho-me do seguinte extrato do meu diário para ilustrar a que ponto esse processo pode chegar:

Hoje Marcelo foi ao Suma comprar prendedor de roupas. Ele me contou que a moça não entendia de forma alguma o que ele queria. Então, ele dobrou os antebraços e, com ambas as mãos, utilizando os dedos polegar e indicador, “pinçou” a parte da camiseta que cobre o ombro (de ambos os lados) e fez movimentos curtos e rápidos levantando e abaixando a camiseta. Enquanto eu imaginava essa cena (e chorava de tanto rir), ele me repetia “mas ela entendeu, mas ela entendeu” (Diário de campo, 22 de agosto de 2015).<sup>51</sup>

Anedotas sobre a convivência com os chineses à parte, as observações que realizei no Suma me levaram a inferir que esse local sinaliza *mudanças*, não somente na introdução de produtos estrangeiros e, por consequência, nos hábitos alimentares ou, por promover a circulação de pessoas do coletivo chinês que se apropriam da RL enquanto local de consumo. Mas, porque é incomum que somente mulheres estejam a frente do trabalho de um supermercado, e porque, nesse local, a necessidade de conversação entre chineses e não chineses faz com que ambas as partes

---

<sup>51</sup> Imitando com os dedos a função de um prendedor de roupas, Marcelo, este meu companheiro tão criativo, conseguiu voltar para casa com o que necessitávamos.

tenham que se utilizar de novos artifícios que acabam por gerar novas formas de comunicação.

A descrição deste itinerário segue pelo *portal* de nº 7, onde é possível visualizar uma boate: a Destino Madrid. Durante todo o meu trabalho de campo, este local esteve fechado. Acredito que ele não exista mais, e que tenha restado apenas sua identificação na fachada.

Os dois prédios subsequentes, de numeração 5 e 3, são esteticamente encantadores por causa da ínfima extensão de suas fachadas frontais. Ainda, ao observarmos as duas construções (que são grudadas uma a outra, como todos os edifícios da RL), a disparidade do pé direito entre elas proporciona uma visão curiosa. Isso porque os pés-direitos de ambos não coincidem em termos de altura, o que fica evidenciado pela disparidade da altura de suas sacadas. Parecem edifícios de “bonecas”. No térreo de ambos, comércios que já não estão mais em funcionamento, mas que seus cartazes ainda permanecem ali.<sup>52</sup> Na Figura 40, da direita para a esquerda, os edifícios nº 5, em amarelo, e nº 3, em cor-de-rosa.

---

<sup>52</sup> Vale ressaltar que muitas vezes as numerações dos edifícios da RL não se encontravam aparentes. Para diferenciar os edifícios, que, à primeira vista formam um bloco único, eu observava atentamente suas diferenças arquitetônicas a fim de entender onde terminava um e iniciava outro. Com o tempo aprendi a diferenciá-los pelas cores de suas paredes e pelos desenhos das grades das sacadas de ferro, que, aparentemente, são todas parecidas, mas, de fato, são todas diferentes.

Figura 40 – Edifícios de “bonecas”, na rua Leganitos, nº 5 e 3



Fonte: Acervo da autora.

Estamos nos aproximando agora da Plaza Santo Domingo e do último edifício deste trajeto. Junto do *portal* de nº 1, o último e oitavo comércio chinês deste trajeto ascendente: a loja Yoye (Figura 41). O estabelecimento oferece assistência técnica de computadores e telefones celulares (assim como o Weiphone, comércio chinês localizado no nº 29).<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Aqui e também na loja anterior de mesmo perfil, o atendimento é realizado por homens e não por mulheres; ou melhor, por rapazes, jovens, que, como nos outros lugares, também falavam somente chinês entre eles. Ouvir mandarim durante o tempo em que vivi na RL, como durante o restante do trabalho de campo, foi

Figura 41 – *Portal* de moradores (à esquerda) e Loja Yoye (à direita), na rua Leganitos nº 1



Fonte: Acervo da autora.

Foi em frente ao portal de nº 1 da RL que se deu uma das pausas mais longas de minha caminhada junto de meu interlocutor de pesquisa, Seu Antônio. A porta de acesso dos moradores desse edifício abriga, de forma conjunta, conforme me fez notar Seu Antônio, a fechadura antiga e a contemporânea. Explico: pode-se visualizar na porta de acesso de moradores um interfone e uma fechadura nada incomuns, junto do resquício de um buraco de fechadura enorme que corresponderia, evidentemente, a uma chave gigantesca (Figura 42). Em outras palavras, os detalhes para os quais Seu Antônio chamou a minha atenção detonam a presença simultânea das marcas de um modo de vida passado e atual, que evidenciam a justaposição de temporalidades no âmbito dos aspectos materiais do cenário urbano da RL. Assim como no caso do Hotel El Coloso, trata-se de um exemplo em que, em um mesmo local, se justapõem permanências e mudanças.

---

paulatinamente se tornando para mim algo familiar. Eu nunca tinha ouvido essa língua antes, e passei a escutá-la diariamente quando observava os comerciantes ou as pessoas de origem chinesa que circulavam constantemente pelas calçadas da RL. Contudo, apesar de ficar com o ouvido de algum modo acostumado a essa novidade, não é preciso dizer que jamais entendi uma só palavra ou expressão do que aquelas pessoas falavam entre elas.

Figuras 42 – Detalhes do *portal* de moradores da rua Leganitos, n° 1



Fonte: Acervo da autora.

A última imagem deste trajeto (Figura 43) também é de autoria e uma gentileza de Seu Antônio para o meu trabalho.

Figura 43 – Edifício n° 1, com uma parte localizada na rua Leganitos, e, outra, na Plaza Santo Domingo



Fonte: Acervo da autora.

Chegamos agora a Plaza Santo Domingo, que na verdade é uma via pública. Ela possui esse nome porque nesse espaço havia um convento dominicano que foi fundado por Santo Domingo de Guszmán no ano de 1218. Agora convido o leitor para fazer o trajeto descendente e conhecer o que há do outro lado da calçada da RL, em direção a Plaza de España.

### 3.3 TRAJETO 2: ORIGEM PLAZA SANTO DOMINGO, DESTINO PLAZA DE ESPAÑA

O itinerário segue pela numeração 2, com um pequeno mercadinho de mantimentos básicos e uma loja de suplementos alimentares direcionada a pessoas que praticam esportes. Entre os dois locais está o *portal* de acesso dos moradores.

Na Figura 44, da direita para a esquerda, entre as duas primeiras sacadas, há uma placa de cerâmica que registra “*Calle de Leganitos*”.

Figura 44 - Primeiro edifício do trajeto 2

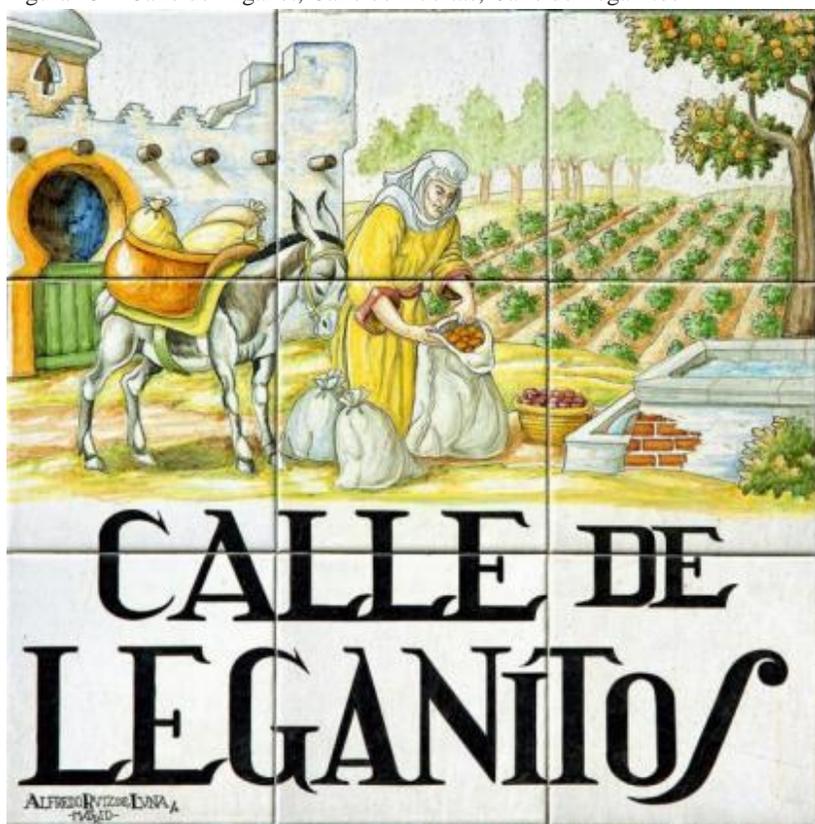


Fonte: Acervo pessoal de Seu Antônio.

Essas placas estão espalhadas por toda a RL e fazem referência às origens dessa rua, *permanências*, quando nesse espaço eram cultivadas verduras e hortaliças. Um espaço de hortas, que em árabe significa *alghanet*, palavra da qual deriva o nome Leganitos, onde era produzido o sustento alimentar dos moradores da então Villa de Madrid (por volta do ano de 1561).

Na Figura 45, apresento o desenho detalhadamente, o que caminhando pela RL infelizmente não é possível, por causa do seu tamanho real e da distância que fica da perspectiva do olhar dos pedestres. Trata-se de um agricultor com trajes e em um cenário que remete aos tempos medievais. A construção (ao lado esquerdo do homem e do animal) talvez seja uma referência à fortaleza onde hoje está situado o Palácio Real. E, como não poderia deixar de ser, representadas ao fundo as hortas de onde deriva o nome da rua, onde hoje se situa a Plaza de España, outro detalhe no cenário dessa rua que denota uma sobreposição de temporalidades.

Figura 45 – Calle de Alganet, Calle de Huertas, Calle de Leganitos



Fonte: Calle... (2017).

Na sequência de nossa caminhada, o edifício de nº 4, um dos poucos da RL totalmente remodelado com base nos estilos arquitetônicos dos demais edifícios antigos da rua.<sup>54</sup> Suas aberturas são similares as de outros edifícios: estreitas, com duas folhas, e sacadas com grades de ferro. Porém, as persianas em PVC<sup>55</sup> de cor marrom, que imitam madeira, denunciam que a construção é nova.

O edifício ao lado segue o mesmo estilo de remodelação, porém as aberturas de madeira foram substituídas por alumínio pintado de verde.

<sup>54</sup> Ou talvez um edifício novo construído nos mesmos moldes de outro antigo que tenha sido retirado.

<sup>55</sup> PVC é a sigla inglesa de *polyvinyl chloride*, um plástico também conhecido como vinil. É aplicado em setores da construção civil.

Seu térreo possui um comércio chinês, o nono da RL e o primeiro na descrição deste trajeto descendente. Ele está identificado como Parafarmacia Sheng Tang, nº6 (Figura 46). Em sua vitrine são expostos produtos de suplementação alimentar. Nunca constatei na vitrine a presença de medicamentos convencionais. Perguntei para um comerciante de outro estabelecimento da RL o que queria dizer “parafarmácia” e ele me disse que desconhecia o significado desse nome. Também me acrescentou mais duas informações: que nem ele ou as pessoas com as quais ele comentou sobre esse comércio entendem muito bem o que realmente é o foco de vendas do local e que, antes do mesmo se instalar ali, havia uma *peluquería china*, que fechou. Ou seja, trata-se de um local que sinaliza *mudanças*, e que, nem mesmo os usuários mais antigos da RL, conseguem identificar a proposta comercial desse local.

Figura 46 – Parafarmacia Sheng Tang, na rua Leganitos, nº 6



Fonte: Acervo pessoal de Seu Antônio.

A seguir, temos um edifício de fachada bem menos extensa quando comparado ao anterior (e ao subsequente que descreverei mais adiante), uma vez que seus vizinhos de ambos os lados são as maiores edificações deste trajeto. O *portal* de moradores de nº 8 divide seu espaço térreo com a Cafeteria Pripier. Trata-se de um pequeno café-bar cujas laterais de sua porta de acesso estão repletas de anúncios com fotos e valores das especialidades servidas na casa. Nesse local, servem-se petiscos, como salgados, doces e alguns “PFs” (pratos feitos), como chamamos no Brasil.

Sempre que eu passava por esse local e olhava para sua parte interna, tinha a impressão de ver as mesmas pessoas sentadas, bebendo e conversando, em bancos altos de frente para um balcão. O clima do lugar parecia íntimo, como se os poucos fregueses e os atendentes se conhecessem de longa data. Percebiam-se sinais de proximidade entre os sujeitos. Na Figura 47, gostaria de chamar a atenção para dois elementos constantes na paisagem da RL: a presença de luminárias de estilo tradicional ao longo de suas calçadas e das motocicletas estacionadas ao longo da via, em sua maioria, de propriedade dos trabalhadores da rua.<sup>56</sup>

Figura 47 - Cafetería Píper, rua Leganitos, nº 8



Fonte: Acervo pessoal de Seu Antônio.

Neste ponto da rua Leganitos, devo comentar que, procurando por informações na internet, encontrei em um *blog* de uma livraria especializada em livros sobre Madrid uma fotografia antiga da rua, tirada no mesmo sentido em que estou apresentando a descrição agora. Trata-se de uma linda foto em preto e branco datada de 1960 (Figura 48).<sup>57</sup>

<sup>56</sup> Em campo, pude perceber que muitos policiais chegavam para trabalhar na delegacia em suas motos particulares. Estacionavam-nas na RL e, durante o expediente, utilizavam as viaturas oficiais. Quando deixavam o trabalho, voltavam para pegar suas motos.

<sup>57</sup> O *blog* pertence a La Librería e oferece um canal de publicações intitulado “*La foto de la semana*”. Por meio desse canal, pessoas publicam fotos antigas da

Após ter encontrado essa imagem, imprimi uma cópia e fui a campo procurar pelo ângulo de onde ela havia sido tirada. Pude perceber que as mudanças na arquitetura do prédio desde então são evidentes. A Figura 48 mostra o edifício de nº 8, da Cafetería Priper, em 1960.

Figura 48 – Rua Leganitos no ano de 1960



Fonte: La Foto... (2012).

---

cidade de Madrid. Utilizei esta foto em preto e branco como artifício de interlocução em algumas entrevistas, conforme exemplificarei no capítulo 4. A imagem foi publicada em 2012 no referido blog por Manuel Urech.

Nota: O primeiro edifício à direita é o edifício de nº 8, da Cafetería Priper, sinalizado pelas placas “*peluqueria*” e “*telefunken*” respectivamente. Na sua frente, está um automóvel e dois homens caminhando em direções contrárias.

Um dos elementos que mais chamam a atenção da Figura 48, além dos modelos dos automóveis, é a presença da marca da linha do *tranvía* no chão da rua Leganitos. O *tranvía* era um meio de transporte público que funcionou na capital da Espanha durante quase cem anos (1887-1971).<sup>58</sup> Outra imagem que encontrei da rua Leganitos é de praticamente meio século anterior à imagem da Figura 49 e data de 1905.

Figura 49 – Rua Leganitos no início do século XX



Fonte: Foto... (2015).

---

<sup>58</sup> No capítulo 2 fiz referência a presença dos *tranvías* em uma imagem da Puerta del Sol. A partir dos anos 1990, em Madrid assim como em muitas cidades da Europa, houve uma retomada da utilização dos *tranvías*, com nova tecnologia como meio eficaz de mobilidade urbana. Contudo, em Madrid o trânsito desse meio de transporte se concentra nas periferias da cidade. Atualmente, funcionam como trens, que alcançam uma velocidade de 70 km/h e possuem capacidade para transportar aproximadamente 180 pessoas.

A Figura 50 nos proporciona uma versão da RL ainda mais distinta da atual, que na contemporaneidade possui seus edifícios restaurados ou substituídos por novos e uma série de comércios chineses. Também nos possibilita visualizar melhor o tráfego dos *transvías* e o fato de que todos os edifícios da direita (com exceção do primeiro) já não existem mais. Trata-se de *mudanças* na paisagem da RL que demarcam distintas temporalidades e que, nesse caso, podem ser identificadas pela análise de imagens de tempos passados.

Após o registro desses momentos passados, do modo de vida da rua nos idos de 1905 e 1960, retomo a nossa caminhada que condiz aos anos de 2015 e 2016 e suas características que, provavelmente, continuarão a mudar e a se transformar nos anos vindouros.<sup>59</sup>

A numeração 10 me parece uma das mais representativas da inserção dos comércios chineses no tecido urbano da RL e das justaposições de *permanências* e *mudanças* que compõem esse *lugar*. São quatro comércios (e uma associação) dispostos de forma intercalada no térreo de um mesmo edifício: comércio espanhol - comércio chinês - comércio espanhol - comércio chinês. A Figura 50 ilustra com veemência a chegada e permanência desse coletivo estrangeiro no contexto urbano de maior culto às tradições, história e memória de Madrid, no bairro Palacio, no Distrito Centro da capital da Espanha.

---

<sup>59</sup> Porque se a cultura é dinâmica, os aspectos da paisagem urbana, seu modo de vida, seus usuários e a forma como se apropriam dos espaços da cidade também são.

Figura 50 – Comércio espanhol e chinês compartilhando o espaço, mas marcando distintas territorialidades na paisagem urbana da rua Leganitos, nº 10



Chinês

Espanhol

Chinês

Espanhol

Fonte: Acervo da autora.

Na Figura 50, o primeiro local da direita para a esquerda, é um restaurante muito clássico da rua e também da cidade. Chama-se El Ingenio de Cervantes, ou simplesmente El Ingenio.<sup>60</sup> E, pelos motivos que explicitarei a seguir, trata-se de um exemplo modelo de local que sinaliza *permanências* na RL. O nome do estabelecimento faz referência ao famoso escritor espanhol Miguel de Cervantes, que possui um monumento em sua homenagem na Plaza de España.<sup>61</sup> Em funcionamento desde 1960, hoje o El Ingenio é administrado pelos filhos dos primeiros proprietários, que são admiradores do referido escritor e de sua obra.

A promoção do local é feita por meio da exaltação da tradição da culinária espanhola e da garantia de que El Ingenio sempre se dedicou a oferecer a seus comensais a comida típica da Espanha. Os pratos não são apenas tradicionais da culinária madrilenha, mas de diversas regiões do país. O desejo dos proprietários é o de serem identificados por servirem uma comida simples e familiar, a mesma que eles comem em suas casas.

<sup>60</sup> Segundo conversei com meu interlocutor de pesquisa, Seu Antônio, pude deduzir que a palavra “*ingenio*” pode ser traduzida para o português como “esperto”.

<sup>61</sup> A importância de Miguel de Cervantes para a Espanha e na esfera literária internacional consta no capítulo 2.

No cardápio, expressões como “a comida de sempre” ou a “comida de raiz” desejam se contrapor aos modismos culinários passageiros. Nesse local, a palavra de ordem parece ser não apenas homenagear a Cervantes, mas à cozinha tradicional e caseira nativa (Figura 51).

Figura 51 – El Ingenio, restaurante de comida tradicional espanhola, na rua Leganitos, nº 10



Fonte: Acervo da autora.

O curioso é que não somente o nome do estabelecimento homenageia Cervantes, mas sua decoração interior também. O El Ingenio dispõe de uma peculiar biblioteca para seus clientes, com edições do livro *Dom Quixote* em mais de quarenta idiomas e dialetos distintos (Figura 52). Muitos dos exemplares de *Dom Quixote* foram doados pelos clientes.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> O primeiro dono do El Ingenio colecionava, além de livros, objetos que fizessem referência a Cervantes, em sua maioria adquiridos em feiras e mercados de rua, como o *Rastro de Madrid*. Desenhos, figuras, retratos de Cervantes estão nas paredes, assim como dos personagens Dom Quixote e Sancho Pança.

Figura 52 – Decoração do restaurante El Ingenio, com livros e objetos que homenageiam o autor espanhol Miguel de Cervantes



Fonte: Restaurante El Ingenio (2015).

Ao lado desse restaurante que mais parece um manifesto da cultura tradicional espanhola, por causa de alguns de seus ícones literários e culinários, temos a I Sweet Tea Cakes, uma casa especializada em bebidas frias, iogurtes, milk-shakes e chás. Ou seja, onde se praticam hábitos alimentares completamente dissonantes da maioria praticada e cultuada no Distrito Centro. O local é muito pequeno e com poucos espaços para se sentar. São apenas duas bancadas com seis bancos altos. Nesse local, pude observar que o público é muito variado, mas a presença de turistas é constante, acredito que por causa da proximidade dos hotéis da rua. A proposta desse estabelecimento é oposta à do anterior (El Ingenio): produtos de tipo *fastfood*, sem o objetivo de oferecer uma comida típica ou tradicional de algum país ou região particular. Diferentemente dos demais comércios do mesmo coletivo imigrante, este não possui seu nome

fantasia escrito em chinês e/ou em espanhol, porém o cardápio do local está escrito nos dois idiomas, fato que me leva a inferir que o público-alvo do estabelecimento seja turistas, entre eles chineses e pessoas da comunidade chinesa de Madrid. A Figura 53 corresponde ao *folder*, frente e verso, da loja.

Figura 53 - I Sweet Tea Cakes, lancheria de tipo *fastfood*, na rua Leganitos, nº 10

**i Sweet 爱·思味**  
Creando tu propio

1º - elige base

**MILKTEA**  
奶茶  
TÉ CON LECHE

**ICE**  
果味冰沙  
FRUTAZO CON TU FRUTA PREFERIDA

**CREAM**  
奶露  
CREMOSO BATIDO DE FRUTA

**LIQUID**  
果味茶饮  
TÉ APURTADO

**YOGUR FRUTO**  
果味酸奶茶  
TÉ CON YOGUR

2º - escoge sabor

芒果 Mango  
荔枝 Strawberry  
草莓 Fresa  
清柠豆 Mango  
佛手柑 Melocón  
香蕉 Banana  
西瓜 Pie  
红石榴 Guayaba  
菠萝 Piña  
芒果 Mandarina  
柠檬 Limón  
葡萄 Uva  
蜜桃 Peach  
草莓 Fresa  
巧克力 Chocolate

果味奶茶 Té con leche  
果味冰沙 Top de base  
果露奶露 Café con tu tipo  
果味酸奶 Té con yogur  
果味冰沙 Té de leche  
果味冰沙 Cacao con naranja  
果味奶茶 Té de leche  
果味冰沙 Cacao de soja  
果味奶茶 Caramelo con leche  
果露 Té verde con leche

Pequena 2,5  
Media 3  
Grande 3,5

**Bobatee 奶茶**  
**Café 咖啡**  
**Colacao 高乐高**  
**Infusión 热饮**  
**Galleta 饼干**  
**Tarta... 蛋糕...**

**蛋糕需提前预定!**

Tel: 911 628 132 / 657 420 068  
微信: eva1012104581  
Calle Leganitos 10 (太阳风碟发话同条街)  
Metro: L3 (Plaza España)  
Horario: Lunes a Jueves 10:00-22:00  
Viernes a Domingo 10:00 - 23:00

Fonte: Documento recolhido durante o trabalho de campo e posteriormente digitalizado.

A continuação do trajeto, há um *portal* de acesso a moradores com uma placa que sinaliza a presença da sede de uma associação (Figura 54). Trata-se da Associação de Escritores e Artistas Espanhóis (AEAE), que objetiva divulgar e valorizar a literatura e a arte da Espanha para a

comunidade local e que, portanto, cultua aquilo que venho sinalizando como *permanências*.<sup>63</sup>

Figura 54 – Portal de moradores, na rua Leganitos, nº10



Fonte: Acervo da autora.

<sup>63</sup> As informações sobre esta Associação foram pesquisadas exclusivamente em seu site, disponível em: <<http://aeae.es>>. Isso porque, infelizmente, não consegui contatar nenhum de seus sócios ou administradores. Atualmente, a AEAE conta com mais de cem sócios, entre eles profissionais das letras e das artes que se reúnem neste endereço para realizar atividades, como recitais de poesias, apresentação de poetas, lançamentos e apresentação de livros etc.

Outra pausa de minha *caminhada junto* de Seu Antônio ocorreu nesse *portal*. Quando reparou na placa que sinalizava a AEAE, Seu Antônio ficou curioso por saber melhor do que se tratava. Porém, ele não ficou somente na curiosidade, mas lançou mão na maçaneta e entrou porta adentro. A naturalidade de meu companheiro de caminhada em sair do espaço público e cruzar a fronteira para dentro do espaço privado (sem falar com ninguém) me deixou surpresa. Utilizo um extrato de meu diário para ilustrar o sucedido:

Estávamos na calçada olhando uma placa localizada na parede ao lado da porta de entrada de um edifício, que indicava ser ali a sede de uma associação. O edifício, assim como outros da rua Leganitos, era bem antigo. De repente, Seu Antônio entra porta adentro. Me assustei. Por alguns segundos fiquei na calçada pensando se entrava ou não atrás dele. Resolvi entrar. A mesma porta que dava acesso à calçada dava acesso a um hall de entrada que, por sua vez, dava acesso a uma segunda porta.<sup>64</sup> O hall era um pouco escuro. À esquerda, havia uma escada velha de madeira que dava acesso aos andares de cima.<sup>65</sup> À direita, uma porta aberta, por onde entrava claridade. Seu Antônio passou por ela. Eu fui atrás dele e nos deparamos com um pátio interno em forma retangular.<sup>66</sup> As janelas do edifício davam para esse pátio interno e havia nele duas entradas com escadas que davam acesso aos apartamentos. O prédio era em formato de “U”. Pela experiência de haver visitado, em outras ocasiões, outros edifícios com o mesmo formato, deduzo que se trata de um tipo arquitetônico comum na Espanha. Acredito que o acesso aos apartamentos com janelas voltadas para a rua era por meio da escada de madeira que vimos logo na entrada do hall. Nos detivemos alguns minutos naquele pátio interno. Seu Antônio me chamava a atenção para o fato de que o edifício

---

<sup>64</sup> Como mostro na Figura 54.

<sup>65</sup> Como mostro na Figura 55.

<sup>66</sup> Por questões de segurança e também de pudor, não captei imagens do pátio interno a que me referi, já que estávamos ali como intrusos. O objetivo inicial era o de encontrar a AEAE, mas não nos animamos a subir as escadas. A ousadia de Seu Antônio não chegara a tanto.

não estava muito bem conservado e que isso provavelmente tinha uma razão. Ele me explicou que em Madrid há uma Lei antiga que faz com que muitos dos imóveis mais velhos não possam ter os valores de seus aluguéis atualizados. Os aluguéis ficam bastante acessíveis e os proprietários nada podem fazer. Assim, os inquilinos, principalmente, as pessoas mais velhas, não deixam os apartamentos pela vantagem do preço que pagam para morar na RL próximo a tudo. Deixam os imóveis quando vêm a falecer. Desse modo, os proprietários não investem na reforma desses edifícios, uma vez que o aluguel recebido não compensa o investimento (Diário de campo, 05 de janeiro de 2016).

Figura 55 – Porta interior no hall de entrada do Edifício da rua Leganitos, nº10, e escadaria de acesso aos andares e residências posicionadas de frente para a rua Leganitos



Fonte: Acervo da autora.

Durante os minutos que estivemos no interior do pátio interno daquele edifício (acessado pela esquerda da escada da Figura 55), Seu Antônio me deu uma verdadeira aula sobre formas de habitar, não só na RL, mas também no Distrito Centro de Madrid, já que a situação descrita por ele não é exclusiva daquele local. O prédio não estava em perfeitas condições, em comparação ao padrão de perfeição corriqueiro dos demais prédios da cidade. A tal Lei a que me referi no diário, por um lado, beneficia os inquilinos mais antigos e, por outro, contraria os interesses econômicos dos proprietários daqueles imóveis. O que me leva a inferir que, quando vemos um edifício de cunho residencial totalmente reformado no Distrito Centro da cidade de Madrid, é bem provável que os moradores que ali habitam não sejam “*gente de toda la vida*”, como se costuma dizer.<sup>67</sup>

Dando sequência a minha a descrição do trajeto 2, ao lado do *portal* de nº 10, há uma farmácia. Os clientes são atendidos pelos próprios donos do estabelecimento. Trata-se de uma farmácia *de barrio* em que muitos dos clientes são moradores da RL e de seus arredores.<sup>68</sup> Nesse local, pude observar que havia relações de proximidade entre os donos da farmácia e seus clientes, o que me fazia lembrar da relação de proximidade e afeto que minha família e eu tínhamos (e ainda temos) com os proprietários da farmácia do nosso bairro.<sup>69</sup> Em outras palavras, o estabelecimento sinalizava *permanências*. Perguntas dos atendentes sobre o estado de saúde de seus clientes e familiares eram frequentes. Em uma de minhas observações, um casal de aproximadamente 40 anos trouxe o filho para fazer um curativo no pé que estava machucado. A relação de proximidade, de confiança e de certa intimidade manifestava-se ali, na cumplicidade entre o menino e a pessoa que o atendia. Ficava claro que, para o menino e seus pais, era muito mais confortável e menos assustador receber os primeiros socorros da “tia” da farmácia do que de outro profissional desconhecido e/ou em um ambiente estranho, como o de uma clínica ou de um hospital, por exemplo.

Deixando essa farmácia *de barrio*, deparamo-nos com outro restaurante, o *Restaurante Chino*, décimo primeiro comércio chinês de

<sup>67</sup> *Gente de toda la vida* é uma categoria nativa que se refere a um dos tipos de usuários da RL, e que será trabalhada no capítulo 4 em diante.

<sup>68</sup> *De barrio* é uma categoria nativa que se refere aos tipos de comércios locais, familiares, de confiança e que será trabalhada no capítulo 4 em diante.

<sup>69</sup> Bairro Camobi, na cidade de Santa Maria, no interior do RS. Também como ocorria em meu bairro, esta farmácia serve como lugar de primeiro auxílio aos moradores quando em qualquer situação de contratação de saúde.

minha descrição da RL (Figura 56). Diferentemente do restaurante Orient Asiático (n° 37 do trajeto 1), esse estabelecimento é de menor tamanho e serve pelo sistema *à la carte*, o que acarreta na atração de um outro perfil de clientela. Nesse local, não se constata a presença nem de trabalhadores das obras locais, nem de estudantes, mas de um público mais restrito, de imigrantes chineses e de turistas hospedados em hotéis da RL.

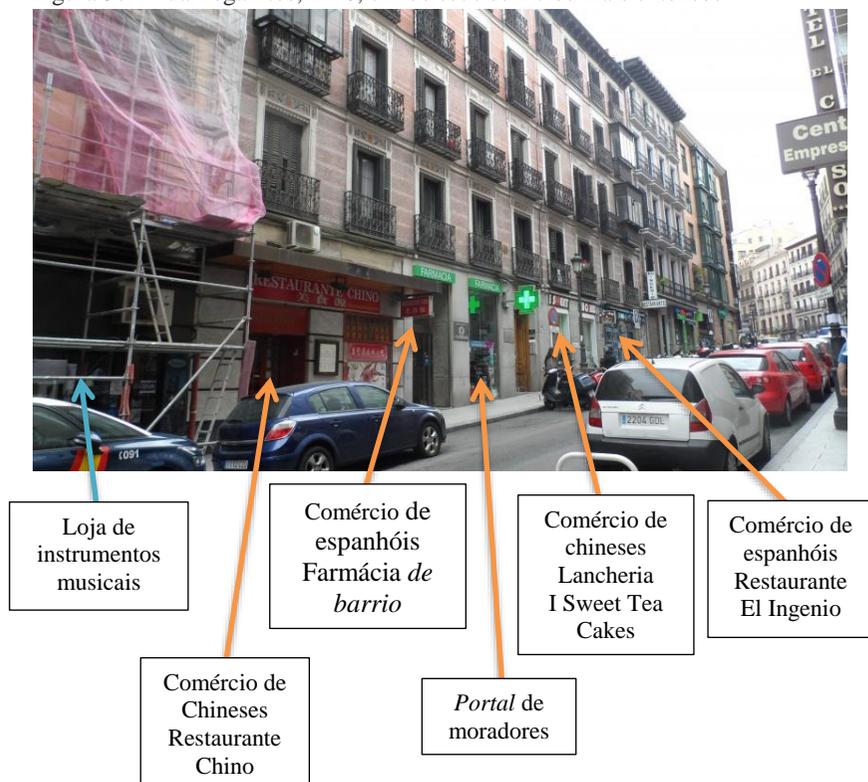
Figura 56 – *Restaurante Chino*, na rua Leganitos, n° 10



Fonte: Acervo da autora.

Termino aqui a descrição do longo edifício de n° 10. Antes de dar sequência ao nosso itinerário, apresento uma imagem do mesmo endereço, como o fiz na Figura 50, mas de um ângulo oposto.

Figura 57 - Rua Leganitos, nº10, um de seus edifícios mais extensos



Fonte: Acervo da autora.

No próximo edifício há uma loja de instrumentos musicais. Seus toldos pretos identificados como The Radical Music Company, nº 12 e uma vitrine, que exhibe um pôster (uma réplica em formato e em tamanho reais) de um dos componentes da banda *Kiss*, sinalizam que a loja é voltada não só para um público que gosta de música, mas, em especial, para os amantes do rock. Durante o período de meu trabalho de campo, o edifício estava passando por reformas, como pode ser observado no canto esquerdo da Figura 57.

Ao lado dessa loja roqueira, uma pizzaria, pequenina como a fachada térrea de seu edifício. O local não oferece mesas para receber seus clientes, pois funciona somente por sistema de *delivery*, e promove-se exaltando a qualidade artesanal de seus produtos e de suas massas elaboradas com farinhas italianas. Ainda que as pizzas sejam minha comida predileta, infelizmente não tive a oportunidade de prová-las. O

pequeno local chamava a atenção pela quantidade de pessoas que vinham buscar suas pizzas e pelas motos que as entregavam a domicílio. Com base nesse local, é possível inferir que não somente restaurantes ou bares de propriedade de imigrantes estrangeiros causam dissonâncias nos costumes locais cultuados pelos espanhóis. Porque essa pizzaria não se assemelha aos locais que sinalizam *permanências* na RL, como o restaurante El Ingenio ou a *sidrería A Lareira* ou o restaurante O’Muiño. Pois como em outras partes do mundo globalizado, o sistema de *delivery* vem sendo aderido em detrimento do hábito de ir até um local e desfrutar de uma comida que leva tempo em ser preparada, e que por vezes, é confeccionada de acordo ao gosto particular do freguês. Como também, em detrimento do hábito de sentar-se a mesa de um restaurante, que não é a da casa dos clientes, mas porque pela frequência a um local, passa a tornar-se “sua”, pelo costume de sentar-se sempre no mesmo lugar. São hábitos que vão se perdendo ou vão se tornando menos usuais, em função da introdução de novos costumes. Em outras palavras, são *permanências* que vão cedendo espaço a *mudanças* ou, que se justapõem entre si em um mesmo lugar. E que não estão atreladas exclusivamente a empreendedores estrangeiros porque também passam a ser adotadas e praticadas pelos nativos, tanto como proprietários ou clientes de estabelecimentos que vendem comida.

Para situar o leitor, destaco que, na calçada da frente já estamos diante novamente da delegacia de polícia, como indica o cartão da Pizzaria El Horno Azul (Figura 58).

Figura 58 – Pizzaria El Horno Azul, rua Leganitos, nº 14

Indica a delegacia e o metrô da Plaza de España



Fonte: Documento recolhido durante o trabalho de campo e posteriormente digitalizado.

Preciso pontuar que as referências utilizadas no cartão da pizzaria não são arbitrárias, mas se valem de dois pontos espaciais de relevante importância quando se fala sobre a RL. A delegacia, como já apontei anteriormente, suscita tamanha identificação com a RL a ponto de a mesma ser chamada de “*la calle de la comisaría*”. E, a Plaza de España, por sua popularidade em termos de espaço público da cidade de Madrid, também é com frequência articulada às narrativas sobre a RL.<sup>70</sup>

A pizzaria se manteve fechada durante o período em que vivi na RL e veio a reabrir no final do mês de setembro.<sup>71</sup> Assim como o já mencionado hábito da *siesta*, é comum que entre os meses de julho e agosto os comerciantes fechem seus estabelecimentos temporariamente e

<sup>70</sup> Nos capítulos subsequentes desta tese, apresentarei como a delegacia de polícia e a Plaza de España aparecem nas narrativas analisadas sobre a RL.

<sup>71</sup> Muitos comércios de Madrid fecham as portas no período de férias, como já apontei no relato do trajeto 1, em nota de rodapé, quando descrevo a Ferretería Venecia nº35.

deixem cartazes nas vitrines, esclarecendo que, em determinada data, estarão ausentes “*por motivo de vacaciones*”. O hábito é corriqueiro em empresas de pequeno porte e/ou de cunho familiar. Após o término das férias, os proprietários voltam a reabrir seus comércios. Um hábito completamente oposto, por exemplo, ao dos comerciantes chineses, que são identificados justamente pela dedicação incansável e contínua ao trabalho. Trata-se de *permanências* justapostas a *mudanças* no modo de trabalho no contexto da RL e no contexto exclusivo de um mesmo estabelecimento comercial. Já que a pizzaria trabalha com o sistema de *delivery*, mas ao mesmo tempo, pratica o costume local de fechar durante o período de férias. Essa pizzaria foi o único comércio da RL em que verifiquei a adoção desse sistema de fechamento durante as férias. No entanto, pude observar com bastante frequência esse costume em comércios das imediações e me detive inúmeras vezes para ler os pequenos avisos, muitas vezes manuscritos, colados nas portas dos comércios que fechavam por motivo de férias coletivas. Lamento apenas não ter realizado o registro fotográfico de nenhum deles.

Ao lado da pizzaria El Horno Azul n° 14 há um edifício tão extenso que, do outro lado da calçada, a mesma distância abarca parte da delegacia, todo o alcance dos edifícios 21 e 23 e parte do edifício 25 (as três casas noturnas da RL). Após ter passado inúmeras vezes em frente a esse local, tanto por essa calçada, como pela calçada oposta, percebi um detalhe esquisito: o edifício não possuía nenhuma porta de acesso ao seu interior, ou seja, em direção à RL, há somente aberturas de janelas. A entrada do edifício (sua parte frontal) está voltada para a *calle* Flor Baja, uma pequena travessa entre a RL e a Gran Vía. Isso porque, a esta altura do trajeto 2 as construções vão se delineando de forma triangular.<sup>72</sup>

O décimo segundo comércio chinês da RL é a Bin Peluquería n° 18, que expõe, nas duas laterais da porta de entrada, uma série de informações sobre os serviços realizados pelo salão. Cada um deles acompanhado de seu valor correspondente. É como uma espécie de *menu*, um catálogo de preços dos serviços, que fica acessível aos passantes da calçada.<sup>73</sup>

O comércio vizinho, cujo letreiro anuncia *Masajes y uñas* n° 20 apresenta, na parte superior da porta de entrada, imagens de mãos com

---

<sup>72</sup> Como pode ser observado na imagem aérea da Figura 15, a primeira imagem que apresento neste capítulo, o extenso edifício não está identificado com a numeração 16, mas está localizado entre a numeração 14 e a subsequente 18 (mais próximo à Plaza de España).

<sup>73</sup> Entre eles, cortes de cabelo, tratamentos capilares (como os famosos processos de alisamento), tingimento etc.

flores e pessoas recebendo massagens.<sup>74</sup> O local estava sempre muito movimentado. Os salões e os supermercados dos chineses são os dois tipos de comércio que reforçam a narrativa RL como “*la calle de los chinos*”, por serem os tipos de negócio mais recorrentes desse coletivo estrangeiro nessa rua.

Se os salões de beleza e os mercados dos chineses são os comércios mais frequentes da RL, e que reforçam *mudanças* nos costumes locais de cunho mais permanente, o estabelecimento a seguir, assim como a Autoescuela Venecia Classic (da calçada em frente) é dos mais incomuns, não somente nessa rua, mas na cidade de Madrid. Trata-se da Livraria Liang You n° 22, o décimo quarto comércio chinês da RL, uma livraria chinesa que vende jornais, revistas e livros em chinês (Figura 59).<sup>75</sup> Possui também uma parte de papelaria que oferece cadernos, agendas, calendários, material escolar, brinquedos didáticos, adesivos etc. Todos esses produtos são direcionados ao público infantil e adolescente, e absolutamente tudo está escrito em chinês. Tive a oportunidade de circular no interior da Liang You e observar seus detalhes em várias oportunidades. Valho-me de um extrato de meu diário para ilustrar ao leitor um pouco dessa experiência:

Fazer observação dentro da livraria chinesa me faz sentir uma sensação estranha. Tantos jornais e tantas revistas escritos em chinês... é muito estranho não entender absolutamente nada do que está escrito. As capas dos jornais da China apresentam imagens em suas manchetes e eu brinco de tentar adivinhar o que poderia estar sendo noticiado ali. Mas experimento a sensação constrangedora e desagradável que acho que deve ser a mesma que uma pessoa analfabeta deve sentir. Ainda mais quando percebo que os clientes de origem chinesa se detêm lendo uma capa e outra de revista ou jornal até fazer a escolha do que levar. Chama-me a atenção a frequência de clientes não chineses também. Meninas e meninos adolescentes compram produtos de papelaria. Observo a visita de

---

<sup>74</sup> Como esclareci anteriormente é comum em Madrid, de um modo geral, que os salões de beleza ofereçam serviços de massagens (não somente os salões chineses).

<sup>75</sup> O décimo quarto e, último, comércio chinês em atividade observado durante o período do meu trabalho de campo na rua Leganitos. Os dois últimos, como demonstrei a seguir, encontravam-se inativos.

casais (ocidentais) com crianças pequenas que compram coisas como material escolar ou pequenos brinquedos (Diário de campo, 15 de setembro de 2015).

Figura 59 – Livraria Liang You, na rua Leganitos, nº 22



Fonte: Acervo da autora.

Deixando essa livraria, o próximo comércio da rua é uma imobiliária. Seu nome é Mejocasa nº 24. O foco desse negócio é a venda e aluguel de imóveis da zona centro de Madrid, especialmente, no bairro Palacio (nas imediações da Plaza de España).

Chegamos agora ao restaurante PHO 26.<sup>76</sup> A especialidade da casa é a comida asiática, mas não se trata de comida da China, mas sim de um de seus países vizinhos, o Vietnã (Figura 60).

---

<sup>76</sup> Como já apontei anteriormente, o nome do estabelecimento é outro exemplo que incorpora ao nome fantasia o número de sua localização na rua. Durante o período de meu trabalho de campo, o local esteve sempre fechado.

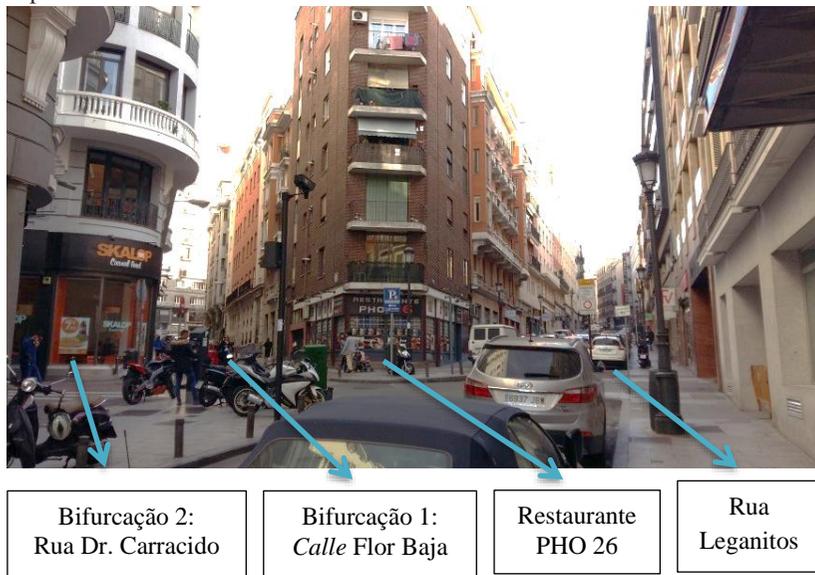
Figura 60 - Cardápio exposto na calçada do restaurante PHO 26



Fonte: Acervo da autora.

O PHO 26 está localizado em um ponto da RL de onde partem duas bifurcações. Na Figura 61, esse restaurante pode ser visto no térreo do edifício com ladrilhos marrons ao centro da imagem. À direita dele, a rua que corre entre a RL e a Gran Vía é a *calle* Flor Baja. A outra bifurcação corresponde à rua Dr. Carracido que liga a RL diretamente a Gran Vía.

Figura 61 – Das bifurcações que se originam na rua Leganitos próximo a Plaza de España



Fonte: Acervo da autora.

Cruzando a rua Dr. Carracido e seguindo pela RL nos deparamos com outro edifício imenso e em formato triangular. Suas dimensões são tão grandes que o mesmo prédio possui acesso por três vias: pela RL, pela rua Dr. Carracido e pela Gran Vía. Pela RL, esse gigante tem o n° 28 como registro de *portal*.

Em seu espaço térreo ficava presente o La Pasión Cervecería y Restaurante, que fechou durante meu trabalho de campo no mês dezembro de 2015 (Figura 62). Frequentei muito esse local, porque ele dispunha de mesas e cadeiras na calçada, o que era estratégico para eu poder observar a dinâmica dessa parte da RL tão próxima a Plaza de España.<sup>77</sup> No La Pasión, eu podia fixar-me em um ponto da rua por mais tempo e de forma confortável, em vez de ficar circulando o tempo todo. Também podia contar com o uso de um banheiro limpinho, outra grande vantagem que havia nesse local, tão apreciada por aqueles que fazem trabalho de campo no espaço público. Bem em frente ao La Pasión, do outro lado da rua, à

<sup>77</sup> A grande maioria dos restaurantes e bares do Distrito Centro de Madrid possui mesas na calçada. Porém, na RL, esse local era o único que dispunha de espaço para isso, uma vez que essa rua é muito estreita.

noite, eu observava toda a dinâmica daqueles locais que apresentei no início do trajeto 1: o restaurante O’Muiño, a *sidrería* A Lareira e o Hotel Señorial.<sup>78</sup>

Figura 62 - La Pasión Cervecería y Restaurante, na rua Leganitos, nº28



Fonte: Acervo da autora.

Após os meses de agosto, setembro e outubro, comecei utilizar o La Pasión como ponto fixo de observação pelo turno da manhã, porque, à noite, o frio começou a se intensificar. Estava se aproximando o inverno. Pela manhã tomei bons cafés nesse restaurante. Como chegava cedo, ficava observando os funcionários e engatando algumas conversas informais (quando era possível) enquanto eles arrumavam as mesas e as cadeiras na calçada ou enquanto faziam comentários sobre as notícias do jornal do dia ou arrumavam a casa para receber os primeiros clientes (que

---

<sup>78</sup> Foi em uma dessas observações noturnas que me dei por conta da dimensão que tinha aquele edifício, ao perceber que ao lado do restaurante saíam constantemente motoboys entregando lanches. No entanto, estes não pertenciam ao La Pasión; estavam identificados com a marca Burger King (uma rede internacional de *fastfoods*). Não entendia muito bem como aquilo se dava, porque eu via apenas os motoboys saindo com os lanches de dentro de uma porta, um lugar meio escuro, e arrumando-os nos bagageiros das motos. Não havia sinal da lancheria. Então um dia perguntei a um deles se havia uma lancheria ali dentro (sinalizando para a porta) e o rapaz me respondeu que não, que a lancheria estava na Gran Vía, e que aquela era apenas uma das saídas da mesma, que era exclusiva ao serviço de *telentrega*. Dessa forma, a RL era utilizada como meio de driblar o movimento mais intenso de pessoas e carros que havia na Gran Vía.

eram poucos, se comparados ao movimento da noite). Infelizmente esse local acabou fechando e nunca soube por qual motivo.<sup>79</sup> Desse modo, tive de trocar de lugar para tomar meu café da manhã e garantir um banheiro. Isso resultou no contato e na aproximação com outras pessoas em campo, situadas no sentido oposto, na outra ponta da RL, na Plaza Santo Domingo.

Saindo do La Pasión, ainda no térreo do edifício de nº 30, vemos uma sequência de três comércios desativados: dois chineses e um espanhol. Os locais estiveram fechados durante todo o trabalho de campo, mas os anúncios de suas fachadas não foram removidos. O primeiro deles foi a Peluquería Wanli, um salão de beleza que, pela proximidade dos demais (ainda na ativa), parece ter feito parte do agrupamento de comércios desse ramo. Na Figura 63, é possível notar que, abaixo do letreiro principal (em cor azul), ainda restam imagens de pessoas de traços fenóticos orientais exibindo diferentes estilos de cabelo.<sup>80</sup>

Figura 63 - Peluquería Wanli, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado



Fonte: Acervo da autora.

<sup>79</sup> Perguntei a alguns comerciantes vizinhos a motivo pelo qual o La Pasión havia fechado, mas as pessoas com quem conversei não souberam me informar. O episódio demonstra a dinamicidade que marca o espaço urbano em termos de *mudanças*.

<sup>80</sup> Durante o último mês em campo (janeiro de 2016), percebi que havia uma movimentação no antigo local da Peluquería Wanli. No entanto, não pude acompanhar se o lugar foi realmente ocupado por novos comerciantes.

Situação semelhante (de abandono) é a do vizinho ao lado, que, quando em funcionamento, se dedicava ao ramo alimentício. O nome do local era Nueva Asia, e os letreiros na parte superior do que supostamente foi uma porta de acesso e uma vitrine anunciam *alimentación, frutos secos* e *autoservicio* (Figura 64). Assim como na fachada da antiga Peluquería Wanli, os caracteres chineses (ou logogramas) na fachada do Nueva Asia furtam o olhar do observador. Sem dúvida, os referidos caracteres espalhados por essa rua conformam um dos elementos mais marcantes de sua paisagem, o que, por sua vez, acaba por recalcar a narrativa da RL como sendo “*la calle de los chinos*”.

Figura 64 - Nueva Asia, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado



Fonte: Acervo da autora.

Na sequência, encontramos o terceiro comércio desativado, o Gómez Sal (Figura 65). Também do ramo alimentício, o Gómez Sal foi um dos mercadinhos mais tradicionais da RL. Foi um mercado *de barrio*, anterior ao processo de instalação dos comércios chineses. Observando os dois últimos locais conjuntamente (o Nueva Asia e o Gómez Sal) penso em duas hipóteses. A primeira é a de que o comércio chinês se instalou aqui na oportunidade de fechamento do mercadinho espanhol, aproveitando-se da demanda do mesmo tipo de serviço. A segunda é a de que o mercadinho espanhol não suportou a concorrência do mercadinho chinês. Contudo, pelo visto, ambos não tiveram sorte, provavelmente por razões distintas. Aos resquícios das antigas fachadas aderiram-se outros anúncios em papel ou grafite, o que parece mais um *pot-pourri* de

informações sobrepostas acompanhadas de uma boa dose de sujeira, em grande parte, proveniente da poluição provocada pelo trânsito.

Figura 65 - Gómez Sal, na rua Leganitos, nº 30: comércio fechado



Fonte: Acervo da autora.

Para quem acessa a rua Leganitos vindo da Plaza de España, a visão de deterioração e o abandono desses comércios não causa, digamos assim, uma boa impressão. Principalmente aos espanhóis, moradores de Madrid.<sup>81</sup> Em minhas observações, isso ficou ainda mais claro quando compartilhei da companhia de Seu Antônio pela RL. Nosso ponto de encontro foi marcado na RL esquina com a Plaza de España.<sup>82</sup> Quando demos início a nossa caminhada, fizemos uma pausa em frente a esses comércios fechados. Apesar de Seu Antônio conhecer a RL e de transitar por ela com certa frequência, seu desgosto com relação ao mau estado de conservação da parte térrea do edifício de nº 30 era notável (Figura 66).

<sup>81</sup> Isso porque destoam da maioria das fachadas dos edifícios do Distrito Centro de Madrid, que parecem ser tão cuidadosamente zeladas.

<sup>82</sup> Ou seja, a poucos metros dos comércios ilustrados nas Figuras 69, 70 e 71.

Figura 66 – Sequência de comércios abandonados na rua Leganitos, nº 30



Fonte: Acervo da autora.

Segundo o depoimento de meu interlocutor, aquele cenário era inadmissível em uma zona tão valorizada da cidade.

A seguir, apresento um extrato de meu diário de campo, em que registrei o momento dessa pausa e dessa observação a dois:

Ficamos parados por alguns minutos em frente daqueles comércios abandonados no início da rua Leganitos. Estávamos ainda no início de nosso trajeto, ainda próximos da Plaza de España. Os comércios tinham aquela mesma aparência desde o tempo em que eu morava lá. Notei que, para Seu Antônio, a cena chamava muito mais à sua atenção do que à minha. Mas de acordo a seus comentários que reverberavam o seu desgosto com relação à sujeira do local, pude ir percebendo por que para ele aquilo era muito mais chocante do que para mim. É que locais fechados, grafitados e, muitas vezes, sujos não são um fator incomum na paisagem urbana dos centros de muitas cidades brasileiras. Porém, minha experiência de já estar vivendo e observando por algum tempo a cidade de Madrid fez com que eu pudesse me colocar no lugar de espanto de Seu Antônio. Comecei a rememorar minhas primeiras impressões daquela cidade, onde meu estranhamento maior, e também admiração, era com relação à forma impecável com que a

prefeitura (o Ayuntamiento de Madrid) mantém, conserva e restaura seu patrimônio arquitetônico. Quase tudo em Madrid é limpo, pintadinho e conservado, tanto as construções mais antigas como as mais atuais (Diário de campo, 05 de janeiro de 2015).

Gostaria de sublinhar que, para compreender a narrativa e o sentimento de Seu Antônio com relação ao que estávamos observando, eu tinha que conhecer minimamente a conformação espacial e o modo de vida da cidade de Madrid. Conhecimento que se adquire vivendo no lugar e vivendo o lugar, assim como as pessoas do lugar, os moradores, os nativos. Ou seja, em uma situação como esta, coloca-se a necessidade do conhecimento sobre o contexto urbano maior onde uma rua está inserida.<sup>83</sup>

Dando sequência a este trajeto e já nos aproximando de seu final, chegamos em frente ao edifício Vitalicio nº 32, e basta atravessarmos a rua para adentrarmos na Plaza de España. No térreo do Vitalicio encontra-se o restaurante Lupita Cuzco. A espacialidade da casa não é a tradicional comida espanhola, nem as comidas chinesa, marroquina e, muito menos, a vietnamita. Trata-se de um restaurante peruano. A decoração interna do local enfatiza elementos da identidade do Peru, como, por exemplo, uma enorme bandeira do país. É relevante ressaltar que o Lupita Cuzco possui duas entradas, e que ambas possuem apelos distintos: uma entrada voltada para a RL e outra para a Gran Vía.<sup>84</sup> Pela Gran Vía, na porta do Lupita Cuzco sempre há uma pessoa com o cardápio em mãos, abordando os transeuntes, tentando convencê-los a entrar. Na vitrine voltada para essa mesma avenida, as ofertas do restaurante estão escritas em espanhol e, também, em inglês. Isso porque a movimentação de turistas do mundo todo na Gran Vía é intensa. Diferentemente, na entrada do mesmo restaurante pela RL não há ninguém na porta fazendo propaganda do local, e pude observar que essa entrada era mais utilizada por habitués, sobretudo, imigrantes peruanos de Madrid que frequentam o restaurante, que é atendido por seus proprietários, também peruanos. Outra

---

<sup>83</sup> O capítulo 2 desta tese foi articulado de modo a oferecer ao leitor essas informações contextuais. Na reflexão sobre o fazer antropológico, bem como na discussão acerca da antropologia *na* e *da* cidade, a necessidade de informações contextuais acerca do objeto de pesquisa será um dos temas tratados no capítulo 6.

<sup>84</sup> Isto porque os últimos três edifícios desse trajeto, o nº 28, o nº 30 e o nº 32, formam um grande bloco em formato triangular, o que pode ser claramente visualizado na Figura 15.

curiosidade é que geralmente os frequentadores peruanos sentam-se às mesas que estão mais próximas à RL, que seria nos fundos do restaurante, considerando que a entrada principal ou mais importante seja pela Gran Vía. As mesas dispostas no interior do Lupita Cuzco mais próximas à Gran Vía costumam ser ocupadas por pessoas das mais variadas origens. Os fundos do restaurante, a parte voltada para a RL, parece ser uma parte mais íntima, mais restrita ou da preferência do público peruano, imigrantes ou turistas.

Encerra-se aqui minha *caminhada narrativa* acerca da rua Leganitos, uma narrativa escrita com base em minhas vivências pessoais desse lugar, como moradora e como etnógrafa. Nos capítulos seguintes, apresento outras narrativas acerca da RL (narrativas nativas). O capítulo 4 é composto por narrativas de moradores da cidade de Madrid, meus interlocutores de pesquisa. Aproximo-me dessas narrativas por meio de entrevistas formais, gravadas e não gravadas, e conversas informais. E o capítulo 5 é composto por narrativas sobre a RL, elaboradas pela mídia local de Madrid. Aproximo-me dessas narrativas por meio de uma análise documental sobre uma seleção de reportagens veiculadas na Internet.

## 4 A RUA NAS NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Nos capítulos 2 e 3, apresentei o contexto etnográfico de meu campo de pesquisa, a rua Leganitos e suas imediações urbanas na cidade de Madrid. Apoiando-me na ideia de que “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2008, p. 202), detive-me, nos capítulos anteriores, em caracterizar o campo, explicitando-o como *lugar* ao mesmo tempo que, de forma implícita, o introduzi como *espaço*, pois entendo que *lugar* e *espaço* são duas camadas interdependentes da cidade, e que a apreciação de uma exige o exame da outra, e vice-versa.

Neste capítulo, com base nas narrativas de meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid, avalio as vicissitudes de meu campo de pesquisa, tomando o *espaço urbano* como categoria analítica-chave. Junto do contraponto cunhado por Certeau (2008) entre *espaço* e *lugar*, apoio-me no pressuposto de Delgado (2008), para quem o *urbano* é um estilo de vida definido pela proliferação de práticas que extrapolam os limites territoriais da cidade.<sup>1</sup>

A conformação do *espaço urbano* tem sido considerada como ponto de reflexão fundamental para a compreensão das *sociedades complexas* moderno-contemporâneas e das cidades. Isso porque o *espaço urbano* é permeado por fronteiras simbólicas de diferenças culturais e marcos de pertencimento. Fronteiras contraditórias que separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas (ARANTES, 2000).<sup>2</sup>

Neste capítulo me detenho, de forma explícita, a oferecer uma interpretação da RL em termos de práticas cotidianas realizadas pelas pessoas (usuários) que frequentam, habitam, trabalham, transitam na RL, em termos de lugar praticado e estilo de vida, em termos de *espaço urbano*. Uma interpretação que me demandou abalizar outras duas categorias que denomino de *espaço de permanências* e *espaço de*

---

<sup>1</sup> Na mesma esteira de pensamento, para Leeds (1994 *apud* HOMOBONO, 2000, p. 22), o *urbano* não se circunscreve na cidade, é mais geral. A sociedade urbana vai além de seus tipos concretos de localidade. Envolve a circulação de pessoas, de informação, de dinheiro, de alimentos e de bens, mais além das fronteiras locais e nacionais.

<sup>2</sup> No trabalho deste autor, intitulado *A guerra dos lugares* (2000), o conceito de “fronteira” é uma constante, não para significar territórios de limitações rígidas, mas para sublinhar a ideia de fronteiras cruzadas, territórios complementares, zonas de contato entre moralidades antagônicas.

*mudanças*, e por meio das quais evidencio que o *espaço urbano* da rua Leganitos se conforma via uma justaposição desses espaços.

De um modo, o *espaço de permanências* se articula entorno de determinados tipos de usuários que *reforçam* costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano* onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam.

De outro modo, o *espaço de mudanças* se articula entorno de determinados tipos de usuários que *alteram* costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano* onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam.

A redação do capítulo é amparada em distintas situações e técnicas de pesquisa, como entrevistas semiestruturadas, gravadas e não gravadas, conversas informais registradas no diário de campo, observação participante e o *caminhar junto*.<sup>3</sup> As entrevistas foram pensadas individualmente, ainda que haja entre elas perguntas de cunho semelhante (ou, por vezes, idênticas). Isso porque me vali de informações obtidas em alguns encontros para alimentar e reelaborar entrevistas subsequentes.<sup>4</sup>

O desafio ao qual me propus foi o de deixar com que cada um de meus interlocutores me apontasse pistas por onde eu deveria construir uma interpretação acerca da rua Leganitos como *espaço urbano*. Uma interpretação fruto e passível de sentimentos, impressões, vivências e formas de uso plural, intimamente relacionada às características do contexto da cidade de Madrid, no qual a RL está inserida.<sup>5</sup>

Início a análise pela identificação dos usuários da RL, classificando-os em três grandes grupos: *vizinhança*, *outsiders* e *transeuntes*. A partir dessa identificação prossigo com as inferências sobre o *espaço urbano* dessa rua.

Em um primeiro momento, na seção 4.1, apresento um resumo de seis interlocuções expondo-as de modo individual. Essas seis interlocuções são chamadas de interlocuções-guia. São seis interlocuções que elegi como principais em função de seus conteúdos. Os contatos

---

<sup>3</sup> A utilização das técnicas de pesquisa citadas foi realizada com base em Baurer e Gaskell (2002), Beccker (1994), Cicourel (1980), Whyte (1980) e Jolé (2005).

<sup>4</sup> Os roteiros das questões em que as interlocuções com os sujeitos de pesquisa se deram via entrevista formal encontram-se no Apêndice E.

<sup>5</sup> Como neste momento do trabalho todas as informações contextuais necessárias constam nos capítulos 2 e 3, apenas serão inseridas algumas notas de rodapé junto das narrativas, a fim de esclarecer sentidos e expressões idiomáticas nativas. O mesmo valerá para a leitura e compreensão do capítulo 5.

foram obtidos, por vezes, por meio de um mediador e, por outras, por meio de uma abordagem pessoal.

Em um segundo momento, na seção 4.2, discorro acerca da classificação dos usuários (*vizinhança*, *outsiders* e *transeuntes*) e dos *espaços* que vão se justapondo de acordo com as práticas e as singularidades dos mesmos. Aqui, junto das informações pinçadas das seis interlocuções-guia, constam os aportes de outros três interlocutores da pesquisa,<sup>6</sup> que reforçam as informações já expostas, mas que contribuem com nuances pertinentes à análise da dimensão da RL enquanto *espaço* de justaposição de *permanências* e *mudanças* de modos de vida na cidade.

#### 4.1 APRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO DAS INTERLOCUÇÕES

Contribuíram para a viabilização dos encontros com meus interlocutores de pesquisa, tanto a experiência de habitar na rua Leganitos, como as relações estabelecidas durante minha frequência na Universidad Complutense de Madrid (UCM). A organização da apresentação das interlocuções tenta reproduzir o andamento do trabalho de campo em retrospectiva. Ou seja, aproxima-se da sequência com que fui contatando cada interlocutor, e é precedida por um quadro (Quadro 1), em que informo os dados sobre os sujeitos de pesquisa (identificados por pseudônimos, com exceção da interlocução de n° 3), a situação de pesquisa e a forma de contato com o interlocutor.

Quadro 1 – Interlocuções-guia da pesquisa

<b>Número de identificação_ Pseudônimo do interlocutor</b>	<b>Dados do interlocutor: idade aproximada, vínculo com a RL e procedência.</b>	<b>Situação de pesquisa</b>	<b>Forma de contato</b>
<b>1_Rio</b>	40 anos. Ex-moradora das imediações da rua Leganitos, com familiares residentes na mesma rua. Procedência original: norte da Espanha.	Entrevista gravada e semiestruturada; <i>caminhar junto</i> .	Mediada pela interlocutora Doca.

<sup>6</sup> Identificados pelos pseudônimos de UCM, UAM e UCM2, em função das universidades às quais se vinculam.

<b>2_Latina</b>	35 anos. Foi comerciante na rua Leganitos. Atualmente trabalha nas imediações da mesma rua. Procedência original: América Central.	Conversas informais; entrevista gravada e semiestruturada.	Abordagem pessoal.
<b>3_Gladys</b>	50 anos. Pesquisadora acadêmica sobre a comunidade imigrante chinesa na Espanha, vinculada à Universidad Autónoma de Madrid (UAM). Procedência original: América Latina.	Entrevista gravada e semiestruturada.	Mediada pela professora Adela F. Mudanó, minha tutora na Universidad Complutense de Madrid (UCM).
<b>4_Dona Fa</b>	65 anos. Comerciante da rua Leganitos. Procedência original: sul da Espanha.	Conversas informais; entrevista não gravada e semiestruturada.	Abordagem pessoal.
<b>5_Perez</b>	75 anos. Aposentado, morador das imediações da rua Leganitos. Procedência original: sul da Espanha.	Entrevista semiestruturada e gravada	Mediada pela interlocutora 4_Dona Fa.
<b>6_Seu Antônio</b>	70 anos. Frequentador da rua Leganitos, com memória familiar e afetiva de dois eventos ocorridos na rua e que marcaram sua biografia. Procedência original: cidade de Granada.	Conversas informais; entrevista gravada e semiestruturada; <i>caminhar junto</i> .	Abordagem pessoal.

#### 4.1.1 Rio, ex-moradora das imediações da rua Leganitos (interlocutora-guia 1)

Próximo das 19 horas, encontro-me com a minha interlocutora em uma lanchonete a poucos metros da rua Leganitos, na rua Dr. Carracido, uma pequena travessa que liga a RL à Gran Vía. A situação de contato foi previamente agendada por telefone, com algumas semanas de

antecedência. A entrevista formal, gravada e semiestruturada foi mediada por Doca. Ela e minha entrevistada se conheceram através dos filhos, que frequentam o mesmo colégio de ensino fundamental no Distrito Centro.

Minha interlocutora tem aproximadamente quarenta anos, é casada, foi moradora da primeira e única travessa à esquerda da RL, na calle Río no sentido do primeiro trajeto apresentado no capítulo 3, “A Rua a partir uma *caminhada narrativa*”. Rio viveu nesse endereço durante 16 anos, entre 1997 e 2013, e, sua mãe, de 88 anos, vive na RL até os dias de hoje.

Para Rio, nos últimos 17 anos a rua Leganitos mudou muito. Antigamente, segundo ela, “*era una calle muy de barrio, con personas mayores, con tiendas muy de barrio, tiendas clásicas de barrio antiguo de Madrid, pero que en muy poco tiempo ha cambiado mucho*”. Ela relata ter vivido em um edifício antigo, onde viu passar gerações das mesmas famílias; onde as pessoas idosas foram falecendo e as novas gerações das mesmas famílias passaram a habitar os mesmos apartamentos. Rio diz que agora a RL se caracteriza por moradores mais jovens, estudantes ou turistas que ficam por determinado período de tempo, pessoas às quais minha entrevistada se refere como “*gente de paso*”, ou seja, gente de passagem, pessoas em trânsito.

Foi em função das mudanças sentidas por Rio com relação à RL e suas imediações que ela resolveu ir embora de Palacio. O Distrito Centro tornou-se, segundo ela, “*algo agobiante*”<sup>7</sup> para uma família com criança pequena. O único lugar próximo para levar o filho para brincar era a Plaza de España, um local, segundo Rio, com muita circulação de pessoas, muito barulho e poluição do trânsito dos automóveis. Conforme minha entrevistada,

*Si querríamos salir con él para jugar, por ejemplo, la Plaza de España era horrible para jugar al fútbol. Para un niño chico es complicado vivir aquí. Por eso, preferimos ir a vivir en otro barrio, con espacios mucho más abiertos, pues para él era muy duro. Yo creo que esta no es una zona para vivir con niños. Es bueno porque tú estás en tu casa y luego tienes la Gran Vía, donde están las tiendas y todo lo demás. Pero... con un hijo es complicado.*

Anterior a essa entrevista, em uma conversa informal sobre a rua Leganitos ocorrida na UCM (e mediada por relações pessoais da mesma instituição), a situação relatada anteriormente por Rio apareceu de forma

---

<sup>7</sup> Pode ser traduzido como “sufocante”, “desconfortável”.

semelhante na fala de outro interlocutor de minha pesquisa. Trata-se de outra moradora das imediações da RL,<sup>8</sup> a qual chamarei de UCM, que me contou sua experiência de ter vivido no Distrito Centro e que, assim como Rio, optou por ir embora dessa localidade. O motivo da mudança era o mesmo: não havia espaços públicos seguros ou agradáveis aonde o filho pudesse brincar. Ela me relatou que próximo à sua residência havia uma linda praça que foi tomada por vendedores de drogas. A tal praça então foi cercada para uma obra de reabilitação. Essa obra durou muito tempo, e, quando chegou ao fim, devolveram à comunidade o que minha interlocutora se referiu como “*una plaza de cemento*”.<sup>9</sup> Segundo seu relato, não havia mais lugares para se sentar. Tornou-se um lugar de passagem. Encontravam-se lugares para se sentar somente nos novos cafés e restaurantes que se instalaram ao redor da praça logo após sua reabilitação. Minha interlocutora me disse que esse é um processo que ocorre em alguns pontos do Distrito Centro de Madrid. Uma mudança em função de políticas para o turismo, que transformou alguns bairros em bairros turísticos e que, em muitos casos, ocasionou a evasão dos moradores locais, ou dos moradores mais antigos. Também, segundo minha interlocutora, muitos “*comercios de barrio*” começaram a fechar em função de que as pessoas locais iam embora, dando lugar a outros tipos de comércio, direcionados a novos tipos de clientela.

Voltando às demais considerações de Rio sobre a RL, quando pergunto a ela como ocorreram as primeiras aparições de chineses e a instalação de seus comércios, Rio, assim como outros interlocutores de pesquisa, me relata que foi um processo muito lento e, a princípio, pouco perceptível. Lembra-se que no começo havia algumas *tiendas de alimentación*, mas que, mesmo vivendo tão próximo a RL e transitando por ela praticamente todos os dias, não sentiu que a vinda dos chineses estivesse acontecendo de forma tão rápida e progressiva. Isso porque, segundo ela,

[...] *es que también es gente muy tranquila, yo creo que no dan ningún problema. De hecho mi madre vive aquí y veo que es gente muy trabajadora, muy trabajadora (risos) y en muy poco tiempo*

---

<sup>8</sup> Imigrante latina de aproximadamente cinquenta anos, estabelecida na cidade de Madrid há mais de vinte anos, com cidadania reconhecida por descendência espanhola.

<sup>9</sup> Pode ser traduzido como “uma praça de cimento”.

*empezaron a abrir de todo. Ahora yo noto que hay pocos locales que no son chinos.*

Rio conta que, após a aparição dos mercadinhos chineses (*tiendas de alimentación*), vieram os cabeleireiros, os centros de estética e a livraria. Aos poucos ela foi rememorando a chegada desses comércios e a variedade que foram adquirindo no espaço da rua Leganitos. Apesar de não ter sido um processo que chamasse sua atenção, ela rememora um fato que a surpreendeu.

Minha entrevistada relata que, quando morava nas proximidades da RL, havia um restaurante cuja peculiaridade a intrigava. Tratava-se de um restaurante chinês, mas que, segundo ela, era somente para chineses. Quando peço que ela me detalhe a situação, ela me diz que os restaurantes chineses eram para pessoas ocidentais, “*normalmente*” foi a palavra que ela utilizou. Porém, nesse local, em especial, ela observara que só entravam pessoas chinesas e que não entravam pessoas de fora do coletivo estrangeiro em questão. Rio se surpreendia com a quantidade de clientela específica que frequentava o local, e conta que, apesar de ela e a família apreciarem a culinária chinesa, nunca entraram no tal restaurante, pois se sentiam de alguma forma constrangidos, como se o lugar não fosse para eles.

Na sequência de nossa entrevista, conversamos sobre as especificidades de alguns comércios da rua Leganitos, chineses e não chineses, de longa ou recente estabilidade. Rio acredita que os comércios chineses, sobretudo, se “*autoalimentan*”, ou seja, que são frequentados por pessoas da própria comunidade chinesa. No entanto, também testemunha que eles são frequentados cada vez mais por ocidentais, que procuram principalmente as casas de estética da RL.

Quando retomo com ela a questão das “*tiendas de barrio*”, pergunto mais especificamente a quais comércios ela se refere. Então ela cita o restaurante El Ingenio e a Ferretería Venecia como sendo os comércios mais antigos que ainda permanecem. Lembra que onde hoje há uma farmácia havia uma barbearia, “*una linda barbería muy clásica*”, diz ela, mas que hoje não existe mais.

Quanto à delegacia de polícia, Rio me diz que ela sempre esteve ali, “*de toda la vida*” (risos), e complementa:

*[...] la comisaría es muy importante para el Centro, hay mucho movimiento, pero esta calle no es peligrosa. Pero si te digo que la comisaría tiene mucho movimiento porque atiende a todas las*

*personas que son robadas ahí por el Sol<sup>10</sup> y cosa, y que creo que atienden a todo el mundo.*

Com respeito às casas noturnas da rua Leganitos ou, *casas de alterne*, Rio acredita que esses locais estejam naquele endereço a pelo menos uns dez anos. Ela lembra que subia todas as manhãs pela RL<sup>11</sup> e passava em frente a esses locais empurrando o carrinho do filho. Conta que se utilizava de uma garagem que havia em frente a uma dessas casas e que, quando estacionava seu automóvel, sempre via ali uma quantidade de moças. Nesse momento, espontaneamente, Rio destaca que não são casas de pessoas chinesas, mas de outro coletivo estrangeiro que ela identificava pelo idioma que escutava ao passar próximo das pessoas que estavam conversando na calçada. Minha entrevistada acredita que a presença das *casas de alterne* na RL tem a ver com a antiga zona de prostituição de Madrid, situada principalmente na rua Montero.<sup>12</sup>

Vale destacar que a informação de que as casas noturnas da RL possuem relação com outra zona de prostituição do mesmo Distrito (inativa nos tempos atuais) foi reiterada por outro de meus interlocutores. Trata-se de um senhor, original da cidade de Madrid, de aproximadamente 55 anos, pai de uma moça, estudante universitária frequentadora de um restaurante chinês da rua Leganitos.<sup>13</sup> Retomo outra questão dessa mesma interlocução mais adiante, na apresentação de meu encontro com Dona Fa.

Ao final de meu encontro com Rio, ao perguntar a ela sobre pontos positivos e/ou negativos da RL, vem à tona um conflito provocado nesse lugar, em função da implantação das Áreas de Prioridad Residencial (APRs) um projeto municipal que restringe a circulação de veículos em algumas zonas da cidade de Madrid.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> A expressão “*Sol*” sozinha se refere a Puerta del Sol. Informações sobre a Puerta del Sol, como elemento conformador do contexto desta pesquisa, constam no capítulo 2 desta tese.

<sup>11</sup> No mesmo sentido do trajeto 1 que descrevo no capítulo 3.

<sup>12</sup> Rua do Distrito Centro, localizada nas proximidades da Puerta del Sol.

<sup>13</sup> Ao contrário de todas as demais situações de pesquisa, esta ocorreu sem ter sido programada, e foi mediada espontaneamente, por meio de relações pessoais na Universidad Autónoma de Madrid (UAM).

<sup>14</sup> As Áreas de Prioridad Residencial (APRs) são espaços urbanos onde o trânsito de veículos é restringido aos não residentes, com o objetivo de preservar o uso sustentável das vias da cidade e de diminuir os níveis de contaminação acústica e atmosférica. O controle de acesso das APRs é realizado por câmeras de segurança que capturam a imagem das placas dos veículos. Veículos com acesso não autorizado são penalizados com multas de 90 euros. Atualmente existem quatro

Foi Rio, quando me relatou o que considerava como negativo, que me fez perceber uma questão da rua Leganitos que, até aquele momento de meu trabalho de campo, era ignorada por mim: o da restrição do tráfego de veículos a todos aqueles que não forem moradores. Do ponto de vista de Rio, o projeto de restrição de trânsito na RL lhe causou “*dolor de cabeza*”, já que ela não é moradora, mas necessita frequentemente circular pela RL, pois tem que visitar e atender a sua mãe idosa, que possui dificuldades de locomoção. Rio teve que cadastrar a placa de seu veículo na prefeitura, levando consigo a devida documentação que comprovasse o endereço de sua mãe e a situação particular envolvida. Para isso, teve que faltar duas manhãs ao trabalho. Em uma zona onde ainda vive um considerável número de pessoas idosas que necessitam de assistência, “*no es posible que corten el tráfico así*”, reclama minha entrevistada. Ainda, Rio menciona que o primeiro contato para dar início ao cadastramento da placa do veículo tem de ser realizado por parte do próprio morador, o que deixa minha entrevistada ainda mais contrariada, ao considerar um absurdo que sua mãe de 88 anos tenha que pessoalmente fazer a ligação telefônica e informar a série de dados exigidos. Quando perguntei como era feito o controle dos veículos, Rio, através do vidro da lanchonete onde estávamos, sinalizou em direção à esquina da RL: lá havia uma câmera de vigilância. Não consegui visualizá-la, pois já era noite e a lanchonete estava tão iluminada que dificultava ver pelo vidro o que estaria do lado de fora.

Então saímos da lanchonete e fomos *juntas caminando* até uma enorme câmera redonda, onde nos detemos a conversar por alguns minutos. Estamos na rua Leganitos, e Rio me leva até a placa que sinaliza a área de restrição de trânsito. De fato, como argumenta minha entrevistada, a placa não está muito visível, o que tem feito com que muitas pessoas sejam multadas, já que o aviso de restrição do tráfego na RL pouco se faz notar.

---

APRs em Madrid: APR de Letras, APR de Cortes, APR de Embajadores e a APR de Ópera, que inclui a rua Leganitos. As APRs são o tema da narrativa midiática Primeira Reportagem, apresentada no capítulo 5, intitulada “*La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial*”. Tomei conhecimento das APRs primeiramente por meio da entrevista com Rio e, depois, pela leitura dessa reportagem que foi publicada no último mês de meu trabalho de campo, em janeiro de 2016.

#### **4.1.2 Latina, ex-comerciante da rua Leganitos e atual comerciante das imediações (interlocutora-guia 2)**

Latina tem 36 anos, é imigrante latino-americana, comerciante de uma rua vizinha à rua Leganitos. Minha primeira forma de contato com ela foi na condição de sua cliente no período em que morei na RL. Por meio dessa condição, travávamos algumas conversas por meio das quais fui conhecendo um pouco de sua biografia e ela da minha. Latina vive há 13 anos em Madrid e aprendeu seu ofício com sua mãe, ainda na infância. Ela sabia que eu era estudante e que estava fazendo uma pesquisa sobre a rua Leganitos.

Apesar de simpatizar comigo, a princípio, ela relatou um pouco em aceitar meu convite para uma entrevista. Assim como em outras tentativas de conseguir colaboradores para o meu trabalho, ela me dizia duvidar de que pudesse me ajudar. As pessoas muitas vezes me diziam coisas do tipo “não sei se eu posso saber algo que seja interessante para sua pesquisa” ou, “não sei de que forma eu poderia ajudar ou ser útil”.

No entanto, Latina acabou cedendo e marcamos a entrevista em seu local de trabalho e na presença de uma amiga sua.

Como já descrevi, não era a primeira nem a segunda vez que conversávamos. Tínhamos certa empatia por sermos latino-americanas, ainda que ela não fosse brasileira. Seu primeiro local de trabalho, na cidade de Madrid, teve como endereço a rua Leganitos. No entanto, quando eu a conheci ela já estava instalada em seu novo local de trabalho. Latina mudou-se comercialmente da RL porque o aluguel anterior era muito caro. Apesar de o espaço comercial anterior ser maior, economicamente o novo endereço a compensava mais em termos de custos. A maior parte dos clientes de Latina da RL continuou com ela.

Latina me relata que os moradores da rua Leganitos e imediações são, em sua maioria, pessoas idosas e proprietárias de suas moradias. Segundo minha entrevistada, essas pessoas usufruem de uma excelente situação econômica, já que os imóveis nessa região são muito valorizados.

Assim como me explicara Rio, Latina descreve que as pessoas mais jovens que vivem na RL alugam apartamentos que são de propriedades das pessoas mais velhas e isso ocorre, segundo ela, em duas situações: a primeira, em menor proporção, quando elas (as pessoas mais velhas) se mudam e, a segunda e mais frequentemente, quando elas vêm a falecer, e os imóveis passam a ser alugados pelos seus herdeiros (familiares descendentes das pessoas mais velhas).

Latina reclama do alto valor dos imóveis comerciais e residenciais da RL e suas imediações. Surge então mais um ponto em comum entre

nós (além de ambas sermos latinas). Morei na RL na condição de inquilina e um dos motivos pelos quais me mudei para outro bairro foi exatamente o alto preço do aluguel do apartamento. O imóvel em que vivi já era de propriedade de herdeiros, com os quais tratei pessoalmente. Não eram pessoas originais de Madrid, mas da cidade de Salamanca.<sup>15</sup> Acabei me mudando para uma das regiões consideradas mais bem valorizadas da cidade, a região de Goya, próximo ao Parque do Retiro, um dos principais e mais cobiçados espaços públicos e de lazer de Madrid. E, no entanto, pagava um aluguel mais barato do que na rua Leganitos.

Ainda sobre as pessoas mais velhas, Latina me diz que *“los españoles están siempre quejándose de la vida”*. Então eu instigo: “é mesmo?” E ela me fala: *“Sí ¿Aún no lo notastes?”*. Nesse momento, a amiga que estava presente, aparentemente todo o tempo com a atenção em seu telefone celular, mas ouvindo nossa conversa, diz olhando para Latina: *“ella aún no lo notó”*, referindo-se a mim, e as duas riem. As queixas a que elas se referem por parte dos idosos dizem respeito à crise econômica da Espanha<sup>16</sup> e sobre a quantidade de imigrantes que se instalou em Madrid nos últimos anos: latinos e pessoas do leste europeu. Estes últimos, por vezes identificados como pessoas que cometem delitos, pequenos roubos, os chamados *“carteristas”*.<sup>17</sup> O discurso de ambas as moças sobre a questão dessas queixas revela certo desagrado sob a alegação de que *“ellos no saben lo que son problemas de verdad”*. Em outras palavras, a inconformidade de minhas interlocutoras se baseia na comparação entre os problemas econômicos e de violência urbana presentes nos países latino-americanos e na Espanha. Ou seja, na opinião delas, sendo os problemas econômicos e de violência urbana muito menores e menos intensos, quando comparados aos dos países latinos, os espanhóis queixam-se à toa.

Após essas considerações a respeito das pessoas mais velhas (espanhóis), Latina sinaliza outros dois grupos de clientes: os funcionários da delegacia e as moças das casas noturnas da rua Leganitos. De acordo com suas palavras, *“en realidad no puedo decir nada de malo con relación a ellos, pues como clientes, como clientes, ellos son muy buenos conmigo. Las chicas ya te digo, son educadas y simpáticas. Yo creo que cada uno debe de hacer de su vida lo que le parece”*. Tive a impressão de que Latina

<sup>15</sup> Situada mais ao norte da Espanha e ao norte também de Madrid.

<sup>16</sup> Informações sobre a Crise Econômica da Espanha, também referida somente como “Crise da Espanha”, constam no capítulo 2 como elemento conformador do contexto desta pesquisa.

<sup>17</sup> Ladrões de carteira, no Brasil também chamados de “batedores de carteira”.

quisesse demonstrar que se relaciona bem com todos os tipos de pessoas, independentemente de suas atividades, sempre que sejam como bons clientes, que são aqueles que pagam o que ela cobra e não são desrespeitosos com ela na questão do trato pessoal.

Quando pergunto a Latina sobre os chineses da rua *Leganitos* ela se restringe a dizer: *“los chinos te tengo que decir la verdad son gente muuuuuuy trabajadora he? Esa es la verdad y la verdad tiene que ser dicha. Y mira, nunca vi que tuvieran o producieran problemas con nadie”*. Quando pergunto a ela sobre que tipo de coisas as pessoas costumam falar sobre os chineses ela sai pela tangente e me diz: *“yo que sé, la gente dice cualquier estupidez”*. Na sequência, ela me conta que tem clientes chineses e me diz de qual comércio eles são proprietários. Afirma que tem muito boa relação com eles. Então pergunto a ela se não seria possível que ela fosse minha mediadora para que eu fizesse uma entrevista com essas pessoas. Aí ela me diz que acha difícil, porque eles são muito reservados e possuem dificuldade em falar espanhol. Eu insisto. Então ela me fala para eu tentar (sozinha) e o assunto se encerra. Em outras palavras, ela se nega a mediar um encontro entre mim e eles.

Na sequência da entrevista, minha entrevistada depõe aleatoriamente sobre outras características da RL, tocando então no tema da segurança urbana. Segundo Latina, a rua *Leganitos* é relativamente calma, *“entre comillas”*,<sup>18</sup> destaca ela, e prossegue: *“es relativamente tranquila por la presencia de la comisaría, incluso por los vecinos. Sin embargo y robos y problemas con borrachos que frecuentan la región y los turistas. También no hay que olvidarse de que esta es una zona de mucha movida.”*<sup>19</sup> *“Movida”* significa “balada”, “vida noturna”, e, para minha entrevistada, os turistas e bêbados que transitam pelas imediações, principalmente no período noturno, interferem no seu sossego e no da vizinhança. São pessoas indesejadas.

Passamos então a falar sobre a polêmica da restrição de trânsito da rua *Leganitos*, uma das zonas da aplicação das APRs de Madrid.<sup>20</sup> Na perspectiva de Latina, a medida é muito positiva. Ela me diz que muita gente passava por ali para cortar caminho, mas que não eram da zona, nem iam ao centro, e que estacionar era um problema, porque a RL é muito estreita. Para ela, a medida não tem só a ver com a quantidade de carros que passavam por ali, atrapalhando o trânsito, mas também por conta da

---

<sup>18</sup> *Entre comillas*, significa, entre aspas.

<sup>19</sup> *Movida*,

<sup>20</sup> Sobre as APRs ver nota de esclarecimento na apresentação da interlocução anterior com Rio.

segurança: *“como tú debes saber, nosotros<sup>21</sup> estamos en constante alerta por amenazas de ataques terroristas y esta zona como la zona de Callao y de Sol son las más peligrosas porque hay mucha gente. ¿Y dónde ellos<sup>22</sup> atacan? ¿Dónde hay mucha gente, no? Entonces yo creo que la restricción de tránsito de la calle Leganitos ayuda también a controlar un poco más quienes pasan por aquí”*.

Após o término de nossa entrevista, apesar de já nos conhecermos de outros encontros e de, portanto, ela saber que eu era brasileira, estudante e que estava em Madrid por um período de tempo determinado, Latina me diz algo que ouvi das pessoas por inúmeras vezes, tanto em trabalho de campo como no dia a dia em situações diversas. Ela me diz que nas primeiras vezes que conversamos jamais poderia pensar que eu era brasileira. Eu pergunto por que, e ela me responde: *“no sé... por tu apariencia, no sos parecida con otros brasileños”*.<sup>23</sup>

Em nossa despedida, Latina parece ter gostado da entrevista que ela, de alguma forma, a princípio, resistiu. Disse-me que podíamos em outro momento sair para tomar um café. Vi Latina por outras vezes após a entrevista. Ela passou a me perguntar como ia meu trabalho, e eu contava um pouco sobre o transcorrer da pesquisa. No entanto, infelizmente, o encontro para o café nunca se deu.

#### **4.1.3 Gladys, pesquisadora acadêmica da UAM sobre a imigração chinesa na Espanha (interlocutora-guia 3)**

Gladys é professora-pesquisadora no Centro de Estudos da Ásia Oriental da Universidad Autónoma de Madrid (UAM). Ela é antropóloga e possui um importante número de publicações que abordam de diferentes perspectivas a presença dos chineses na Espanha. Entre suas publicações

---

<sup>21</sup> Refere-se a quem vive em Madrid.

<sup>22</sup> Refere-se aos terroristas.

<sup>23</sup> Este comentário foi frequente em campo, o que denota que existe uma representação fenotípica com relação aos brasileiros, de algum modo estigmatizada, já que não leva em consideração ou desconhece a pluralidade étnica que compõe o povo brasileiro. Também uma representação fenotípica com relação à mulher brasileira, que, necessariamente, parece ter que manifestar algum apelo sexual, seja pelo seu comportamento, por suas características físicas ou pelo modo de se vestir. Sobre o tema da relação entre gênero e etnografia ver Onetti e Fleischer (2007).

mais significativas, está seu livro *La inmigración china en España. Una comunidad ligada a su nación* (2007).<sup>24</sup>

Nosso encontro foi mediado pela professora Adela F. Mudanó, da UCM. A sugestão de entrevistar a professora Gladys partiu da professora Adela durante uma de nossas reuniões em que conversávamos sobre meu trabalho de campo.

A entrevista formal gravada e semiestruturada se deu na sala de Gladys, na UAM e foi previamente agendada por e-mail. Minha preparação para essa entrevista foi um pouco diferente das outras.<sup>25</sup> Elaborei as questões para nossa interlocução em dois blocos. O primeiro bloco foi guiado por um interesse mais abrangente sobre as particularidades da trajetória de Gladys nesse campo de investigação, sobre algumas questões pontuais de seu livro e sobre as particularidades da imigração chinesa na Espanha. O segundo bloco foi elaborado com foco na imigração chinesa em Madrid e sobre as suas percepções acerca da rua Leganitos.

No início de sua pesquisa acerca dos imigrantes chineses, Gladys conta que a coletividade chinesa na Espanha ainda era pequena, quando comparada ao salto exponencial em termos numéricos de indivíduos chineses ocorrido a partir dos anos 2000. Em 1995, havia 9.200 chineses na Espanha e, em 2005, registravam-se 86.000 indivíduos. Em 2015 (ano desta pesquisa), segundo minha entrevistada, calculam-se aproximadamente 188.000 imigrantes da China radicados na Espanha.

Com respeito à imigração chinesa, Gladys explica que Madrid, Barcelona e Valência foram os primeiros centros a receber imigrantes da China por possuírem consulados daquele país. No entanto, os primeiros fluxos migratórios mais significativos ocorreram por volta dos anos 1970 em Madrid e Barcelona e, a partir disso, passou a haver uma expansão dessa população nas regiões de Catalunha, Valência, Andaluzia e Ilhas Canárias.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> A publicação é fruto de uma longa trajetória de pesquisa iniciada na segunda metade da década de 1990 e defendida como sua tese de doutorado.

<sup>25</sup> Até aquele momento eu não conhecia o trabalho da professora Gladys. Para a elaboração das perguntas, tive de ler muito (e em pouco tempo) sobre sua trajetória de pesquisa. Durante essas leituras, entendi que seu trabalho, especialmente o livro supracitado, é uma referência no tema imigração na Espanha. Ele costuma ser citado em inúmeros artigos espanhóis que tratam tanto da imigração, de modo geral, naquele país, como da imigração chinesa nos mais diversos lugares do mundo.

<sup>26</sup> As regiões citadas são Comunidades Autônomas da Espanha, conforme esclareço no capítulo 2.

Até os anos 2000 aproximadamente, Madrid superou Barcelona em número de imigrantes chineses. Contudo, tendo a Catalunha se tornado a região da Espanha preferida desses imigrantes para se viver, Barcelona hoje os tem em maior número, superando assim Madrid.

Em relação à rua Leganitos e à época em que os comerciantes chineses começaram a se instalar nesse endereço, minha entrevistada comenta: “*en Leganitos tengo la impresión de que un buen día pasé por ahí y los vi*” (risos). Gladys, assim como meus demais entrevistados, acredita que o processo da instalação desses comércios teve início há mais ou menos uns dez anos, ou seja, por volta do ano de 2005.

Ela se guia para fazer tal afirmação pela lembrança que possui de quando comprava na livraria chinesa da RL.<sup>27</sup> Em sua narrativa acerca da rua, o Edifício España (localizado nas imediações da RL e que foi comprado pelo empresário chinês Wang Jianlin) também é citado, assim como a presença esparsa de outros comércios chineses nos arredores desse mesmo edifício.<sup>28</sup>

No decorrer de nossa entrevista, Gladys se concentra na questão da proximidade e das relações entre a rua Leganitos e a Plaza de España, e fala dos comércios chineses presentes no subterrâneo da praça, em especial, de um supermercado que funciona no local desde os anos 1980.<sup>29</sup> A minha entrevistada relata que a Plaza de España tem sido sempre o lugar onde os imigrantes chineses radicados em Madrid se reúnem para festejar o Ano Novo no mês de fevereiro. E que também por outros motivos ela acredita que essa praça seja um espaço urbano simbólico e de referência para esses imigrantes. Gladys ratifica essa ideia, descrevendo uma leitura que fez em anos anteriores sobre as memórias de um jovem chinês que era de Valência e que, desde pequeno, foi socializado na Espanha. O rapaz rememora passagens de sua infância relacionadas a Plaza de España e a um pequeno restaurante que ali existia, em um momento em que os comércios chineses não eram tão presentes em Madrid como na atualidade. Desse relato, Galdys considera que, por mais de uma via, a

---

<sup>27</sup> A livraria chinesa é citada no capítulo 3, no qual apresento a RL desde uma *caminhada narrativa* por essa via.

<sup>28</sup> Informações sobre a Plaza de España constam no capítulo 2 como elemento conformador do contexto desta pesquisa que deve ser levado em consideração.

<sup>29</sup> Como descrito no capítulo 2, no subterrâneo da Plaza de España, situam-se duas saídas do Metrô Plaza de España, um estacionamento de automóveis e um pequeno conjunto de estabelecimentos comerciais, sendo de proprietários chineses um minimercado, um bazar, um pequeno restaurante e uma agência de viagens.

Plaza de España se confirma como um espaço urbano de referência simbólica para a comunidade chinesa de Madrid.

Em outro momento de nossa entrevista, compartilho com Gladys que, durante o meu trabalho de campo, me chamava a atenção que, em relação aos chineses, muito frequentemente, as pessoas me diziam duas coisas: “*Ellos son muy trabajadores*” e “*Ellos son gente que nunca causa ningún tipo de problema*”. Tais narrativas pareciam demonstrar uma distinção de um “eles” bastante positiva, de aceitação e de nenhum conflito. Pergunto a minha entrevistada como ela vê as relações entre madrilenhos e chineses, e se realmente a aceitação dos madrilenhos ocorria da forma como eu vinha percebendo de acordo aos relatos recolhidos em campo.

Gladys baliza que a narrativa acerca do trabalho ou, de quão trabalhadores são os chineses, relaciona-se a certo imaginário em torno desse coletivo estrangeiro e que esse imaginário existe desde os anos 1990. Porém, em outros âmbitos, existem outras narrativas, identificadas por ela por meio de uma observação realizada em Usera.<sup>30</sup> Uma delas, centrada na competitividade econômica por meio da exaltação da expansão comercial desses imigrantes no bairro. A outra, centrada na questão do exotismo, através da exaltação do bairro como lugar autenticamente chinês, o que, por sua vez, reforça aquele espaço em termos atrativo turístico.

Gostaria de destacar que, até o momento dessa entrevista, nos depoimentos de meus interlocutores, não havia identificado nenhuma opinião que expressasse desagrado em relação à presença dos comerciantes chineses. E esse fato me intrigava.

Porém, em interlocuções posteriores a esse encontro (como a que exponho a seguir, por meio do exemplo de minha interlocução com Dona Fa), começaram a surgir depoimentos que se assemelhavam ao que minha entrevistada Gladys havia comentado. Ou seja, depoimentos que

---

<sup>30</sup> Usera é conhecido como o “bairro dos chineses” por apresentar a maior concentração de moradores dessa coletividade de imigrantes em Madrid. Antes de meu encontro com Gladys, eu já havia estado algumas vezes em Usera para fazer observação, com o objetivo de tomá-la como parâmetro para melhor entender a dinâmica da rua Leganitos, que era bastante distinta. O bairro Usera e a RL tinham em comum o fato de serem lugares da cidade de Madrid populares por conta da presença constante dos imigrantes chineses. Usera é de fato aquilo que se costuma chamar de uma Chinatown. Enquanto a Rua Leganitos é composta por uma heterogeneidade de usuários bem mais diversa. Das vistas a Usera, exponho duas imagens de minha autoria, realizadas *in locu*, que constam no Apêndice F.

revelavam, ainda que de forma discreta, um processo de competição e sentimento de perda de espaço (por parte dos não chineses) para a etnia estrangeira em termos de concorrência comercial.

#### 4.1.4 Dona Fa, comerciante da rua Leganitos (interlocutora-guia 4)

Minha relação com Dona Fa teve início quando morei na rua Leganitos e me tornei sua cliente. Dona Fa tem aproximadamente 65 anos, trabalha na RL há cerca de dez anos.

Nosso contato foi semelhante ao que estabeleci com Latina, ou seja, por meio de uma abordagem pessoal, sem mediação de terceiros. Eu, na condição de cliente, e Dona Fa, na de comerciante. Durante esse período algumas conversas informais se deram em torno da rua Leganitos, do bairro Palacio e dos demais comércios da zona.

Após já ter estabelecido certo vínculo com essa senhora, convidei-a para uma entrevista que se deu no seu local de trabalho de forma intercalada à entrada e saída de clientes, o que para mim não era um incômodo, muito pelo contrário. Isso me viabilizava uma oportunidade de permanecer dentro do estabelecimento por mais tempo, já que eu estava aguardando para que prosseguíssemos nossa conversa. O corriqueiro entra e sai de pessoas me permitia observá-las, ver o que procuravam, como se expressavam, que tipos de relação estabeleciam com Dona Fa.

Diferente de outras entrevistas, optei por fazer uso de duas fotografias da RL como recurso para estimular a fala de minha entrevistada, pois conversas informais sobre o campo já haviam ocorrido.<sup>31</sup>

A primeira delas, em preto e branco, data dos anos 1960 (Figura 67). A outra, em colorido, é uma imagem mais contemporânea da rua Leganitos (Figura 68). Ambas foram publicadas no *site* da La Librería, uma livraria presente no Distrito Centro especializada na venda de livros sobre a cidade de Madrid. Ainda que mais de cinquenta anos as separem, o ângulo das imagens é o mesmo: o olhar a partir da RL está direcionado para a Plaza de España e focaliza a Torre de Madrid ao centro.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Utilizei-me do mesmo recurso na interlocução de n° 5, com Seu Antônio, e, para a abordagem de algumas pessoas que passavam pela rua Leganitos, transeuntes anônimos com os quais eu tentava estabelecer uma conversa.

<sup>32</sup> Primeiro revelei a foto em preto e branco e fui a campo para fazer uma imagem do mesmo ângulo. Encontrei o lugar exato. Contudo, não fiquei satisfeita com a qualidade da luz das imagens que consegui fazer. Por isso, optei por me utilizar

Figura 67 - Rua Leganitos anos 1960



Fonte: La Foto... (2012).

---

da foto contemporânea (Figura 68) realizada pelo fotógrafo madrileno Kike Díaz.

Figura 68 - Rua Leganitos anos 2000



Fonte: Kike Díaz

A foto em preto e branco faz parte de um interessante projeto chamado “*La foto de la semana*”, promovido pela La Librería em seu *site*. Trata-se de uma publicação semanal de fotos antigas do Distrito Centro de Madrid enviadas pelos leitores do *site* e clientes da livraria. Uma forma de preservar e reavivar a memória de como era a configuração dos espaços públicos de Madrid como ruas, avenidas, praças, parques, patrimônios arquitetônicos etc.

Sem dúvida, quando mostrava as duas imagens, a foto mais antiga era a que chamava mais atenção. E com Dona Fa não fora diferente. O sorriso e a pergunta de como eu havia conseguido aquela foto eram recorrentes sempre. Além do mais, para minha entrevistada, a fotografia dos anos 1960 a impressionava porque nela é possível visualizar o antigo edifício onde se situa seu atual comércio.

Ao olhar para as duas fotos, a primeira questão que ela comenta é sobre a linha do *travía* presente na imagem, mas ausente na RL nos dias atuais, já que a mesma foi pavimentada para se adequar aos transportes mais modernos.<sup>33</sup> Também, os carros antigos chamam a atenção de Dona Fa, assim como a pouca quantidade de veículos em comparação ao fluxo atual de automóveis que passam pela rua. Segundo Dona Fa, a quantidade de carros estacionados e dos que passam pela RL é um absurdo, porque uma rua tão estreita não comporta tal fluxo.

“*¡Que foto increíble!*”, dizia ela, e “*¡Que tiempos!*”. A nostalgia provocada pela foto traz para nossa conversa questões sobre temporalidades distintas: mudanças da RL, mudanças da cidade de Madrid e mudanças no mundo.

Quando o foco recaiu nas mudanças da rua Leganitos, o tema dos chineses veio à tona e de cheio. As declarações de Dona Fa revelaram que os chineses e seus comércios são algo que lhe causam certo desconforto. De acordo a minha interlocutora, todos os comércios da RL que fecham são, imediatamente, “*copados por los chinos*”. A palavra “*copado*” é utilizada no sentido de “tomado”. Ela relata que os chineses estão se introduzindo no centro da cidade e ficando com tudo. Refere-se a um comércio fechado próximo ao seu e menciona “*seguramente dentro de poco habrá un chino en su lugar*”.

---

<sup>33</sup> Em alguns lugares do Distrito Centro de Madrid ainda é possível ver resquícios das linhas antigas dos *transvías* no chão. Outro registro dos *transvías* podem ser visualizados no Capítulo 2 quando exponho uma fotografia antiga da Puerta del Sol (Figura 2) e, no capítulo 3 quando exponho uma fotografia antiga da RL (Figura 49).

Quando pergunto como é a relação dela com os chineses e se estes frequentam o seu comércio, ela relata que não há relação e sorri. Insisto: “como não há relação?”. Então ela explica que não há relação por causa do idioma, e que eles não se esforçam para falar espanhol, e que por isso ela entende muito pouco o que eles dizem. Então comento: “Eles não são muito de conversar então?” e ela responde: “*ellos hablan sí, pero entre ellos. En realidad, no creo que tengan mucho interés en hablar con nosotros. Ellos tienen sus negocios aquí, sus familias, sus relaciones y creo que eso es lo suficiente para ellos. Creo que están bien así.*”

Em outro momento, pergunto à Dona Fa se ela aprecia a culinária chinesa e se ela e a família frequentam algum dos restaurantes chineses da RL, e ela responde que não. Na verdade essa pergunta tinha o intuito de provocar minha interlocutora para que ela discorresse mais sobre o assunto, e eu previa que minha provocação tivesse esse tipo de resposta. Minha entrevistada alega que na verdade esses restaurantes não são muito bons e me recomenda, se eu quiser comer *bem* na rua Leganitos, ir ao El Ingenio,<sup>34</sup> que é um restaurante familiar, de muita tradição, não somente na RL, mas em Madrid. Segundo ela, a comida é tipicamente espanhola, muito boa e eu vou gostar muito. Nossa entrevista chegou ao fim quando percebi que o volume de clientes ficava cada vez maior e que eu poderia estar atrapalhando o seu trabalho.<sup>35</sup>

Um fato curioso no meu trabalho de campo foi o de que, muitas vezes, ao falar sobre a culinária tradicional espanhola ou sobre aquilo que os espanhóis consideram como *o bom comer*, meus interlocutores de pesquisa me revelassem informações que me faziam entender melhor os critérios que embasam relações e padrões sociais nativos que extrapolam a questão dos hábitos alimentares. Essas informações, sobretudo, me proporcionavam uma melhor compreensão acerca do modo de vida da rua Leganitos, seus usuários e suas práticas.

---

<sup>34</sup> O restaurante citado por minha entrevistada é apresentado no capítulo 3, inclusive com imagens, onde que descrevo a RL através uma caminhada narrativa, como também é lembrado por outros interlocutores.

<sup>35</sup> Não preparei uma sequência longa de perguntas para este encontro, apenas levei as duas fotos para ver o que as mesmas poderiam suscitar de informação para meu trabalho. Elaborei apenas duas questões que constam no Apêndice E. De acordo ao que Dona Fa ia me comentando é que eu improvisava outras questões. Algumas informações repetidas de outras interlocuções não foram explicitadas aqui. Como por exemplo, o fato de que também Dona Fa me confirma que o aparecimento dos comércios chineses da RL data de aproximadamente uns dez anos.

A opinião de Dona Fa com relação aos restaurantes chineses, e o contraponto que ela realiza entre eles e os de culinária típica espanhola, apareceu de forma análoga em outro momento, por meio de uma interlocução de cunho informal e não planejada.

Trata-se de uma conversa ocorrida durante um almoço no refeitório da Universidad Autónoma de Madrid (UAM) junto a um grupo de professores e pesquisadores dessa instituição. Um senhor de aproximadamente 55 anos, natural da cidade de Madrid, ao qual me referirei pelo pseudônimo de UAM, conversa com sua filha pelo celular. O diálogo era sobre onde ela iria almoçar. Ao desligar o telefone, ele se dirige a mim e às demais pessoas do grupo caçoando da moça, porque ela iria almoçar em um restaurante chinês na rua Leganitos. Os demais riem e tecem pequenos comentários do tipo “que pena que ela não veio almoçar conosco aqui”, sugerindo que o que nós estávamos comendo era bem melhor do que o que ela iria comer no restaurante chinês da RL.

Escuto atenta a todos os comentários e fico surpresa com a coincidência. Logo, dirijo-me a UAM e lhe digo: “Você não vai acreditar, estou fazendo um estudo sobre essa rua”. “Sobre a rua Leganitos?”, ele pergunta. “Sim”, respondo eu, e logo explico sobre o que trata a minha pesquisa. Sem perder a oportunidade, peço a UAM que me fale sobre suas impressões da RL e questiono o porquê da caçoada em relação ao fato de sua filha estar indo almoçar na referida rua. Ele me responde mais ou menos assim: “Veja bem... minha filha é jovem, estudante universitária. Ela vai comer na RL com os amiguinhos frequentemente num restaurante chinês que tem lá, porque está meio na moda entre os jovens esse tipo de comida, mais estilo *fast-food*. Eu não comeria isso nem louco, mas sabe como é... é comida muito barata, bem estilo dessa fase da vida da gente, quando somos estudantes e não temos muita grana para comer fora”. Quando UAM me descreve de que restaurante se tratava eu logo o identifiquei. Era o mesmo local em que eu havia realizado observação participante junto com minha interlocutora Doca, onde pudemos experimentar a comida, observar que tipo de público o frequentava, que preferências alimentares possuíam, bem como a interação entre chineses e não chineses etc.<sup>35</sup> UAM afirma que conhece a RL por transitar por ela e fala da importância da sua localização no Distrito Centro de Madrid. Mas, ao contrário da filha, UAM não tem um motivo específico para ir até lá, e utiliza a RL como forma de cortar caminho para outros pontos do Centro. Está ciente da quantidade abundante de comércios chineses na RL, ademais do restaurante em questão. Ele acrescenta que a rua

---

<sup>35</sup> Descrito no trajeto 1 do capítulo 3.

Leganitos é uma das mais “ancestrais” do Centro Histórico de Madrid e que, antigamente, a zona onde ela está inserida era conhecida por ser uma área de prostituição.<sup>36</sup>

#### **4.1.5 Perez, morador das imediações da rua Leganitos (interlocutor-guia 5)**

Perez, meu interlocutor de pesquisa tem aproximadamente 75 anos, é morador das imediações da RL, e nosso encontro foi mediado por Dona Fa. O encontro ocorreu dentro do estabelecimento comercial de nossa mediadora.

Nas palavras de Perez, a rua Leganitos “*ha ido de más a menos ventajas? Que está en el centro de Madrid, cerca de la Gran Vía. Pero, en cuanto comercios principales, estos se van moviendo hacia otras zonas. Y aquí va quedando mucho de chinos y restaurantes japoneses y orientales, es lo que te puedo decir sobre Leganitos hoy*”.

Pergunto a meu entrevistado o que ele acha dos comércios chineses da rua Leganitos e como foi a aceitação dos mesmos. De acordo com Perez,

*En principio ellos no eran muy aceptos. Realmente el comercio oriental ha tenido a su favor las crisis (económicas) que ocurrieron en España. Entonces ellos se introdujeron porque sus productos son muy baratos, pero muy baratos. Cuando un país está en crisis no le importa la calidad, especialmente para gente de economía baja. Predomina más la necesidad que la calidad. Y el precio. Entonces todos los comercios se llenaron de cosas chinas. Aquí en Madrid se ha establecido personas de todo el mundo. Pero, evidentemente, los chinos están aquí porque tienen productos muy baratos. Sus horarios no tienen límites, y también ellos han tenido suerte porque en Madrid hay la libertad horaria (comercial). Esto ya lleva algunos años. No siempre fue así. Y los chinos son gente que trabajan día y noche.*

---

<sup>36</sup> A referência de que a RL fazia parte da zona de prostituição do Distrito Centro já foi referida por Rio e é referida novamente na próxima interlocução que será apresentada na sequência desta.

Segundo o relato de Perez, os chineses fazem muita concorrência com a cultura espanhola, porque não lhes importa férias ou ter dia livre, nem restrição de horário.

Por outro lado, ele reconhece que os negócios chineses têm deixado na Espanha muito dinheiro, “*con lo cual España tampoco le viene mal.*” Nessa linha de pensamento, meu entrevistado cita que entre os imigrantes chineses não há apenas pequenos comerciantes, mas também empresários de grande poder aquisitivo que investem no país. Nesse momento, Perez menciona o caso da compra do Edifício España por parte do empresário magnata chinês Wang Jianlin. Também aponta que existe um turismo de consumo de elite procedente da China que tem contribuído para a geração de renda e emprego na economia espanhola.

A partir dessas colocações, meu entrevistado começa a mostrar outra versão sobre a presença dos chineses na Espanha e seu impacto na economia do país. Ou seja, existe um extrato da população que aprova tais comércios em função do baixo custo dos produtos e do horário mais amplo de atendimento ao público. E, junto a isso, a presença de turistas e empresários chineses (de maior poder aquisitivo do que os pequenos comerciantes chineses, como os da RL) torna-se vantajosa para a economia local. Ainda, nesse sentido, outro interlocutor de minha pesquisa, que identificarei como UCM2, me revelou durante uma conversa informal um dado importante: o de que muitos comerciantes espanhóis (proprietários de seus pontos comerciais), ao fecharem seus comércios “*de toda la vida*” e alugarem para comerciantes chineses, encontraram nesse processo uma nova fonte de renda após a aposentadoria. Quer dizer, nem em todos os casos, o fechamento de um comércio “*de barrio*” supõe na derrocada econômica do antigo proprietário.

Porém, a substituição de comércios locais por comércios chineses ainda é um motivo de receio por parte dos nativos como Dona Fa. E isso fica ainda mais compreensível quando Seu José narra o seguinte:

*Yo creo que de forma general los chinos no perjudican a España en sí, pero al pequeño comerciante sí. ¿Pues qué ocurre? Los comerciantes (nativos) autónomos, de porte mediano, o sea, de dos, tres trabajadores están muy resentidos con los comercios chinos y orientales. Ocurre que en España ya existen muchos extractos sociales, hay gente que posee muy bueno ingresos, otros que poseen ingresos medianos o bajos. Estas personas (nativos de menor poder adquisitivo) van*

*hasta los barrios más alejados (periféricos) para comprar las cosas diarias (de consumo diario), algo muy barato como recipientes plásticos o algo de cocina. Porque los chinos, ellos te aportan todo lo que necesites para una casa (artículos de bazar). Es un comercio plural. Y eso los favorece porque pasas ahí y hay de todo, y barato. Eso es cierto. En ese sentido los chinos están sí perjudicando a muchos comerciantes (nativos). No perjudican, por ejemplo, al Corte Inglés,<sup>37</sup> pero a los chicos sí.*

Após essas colocações, terminamos nossa entrevista conversando a respeito da cidade de Madrid. Para Perez, a Espanha em geral e, especialmente, Madrid, é uma cidade muito solidária. Segundo meu entrevistado, isso se dá porque Madrid não tem uma origem ou uma população autóctone. Madrid “*no tiene puertas*”, comenta, acrescentando que dois terços da população não são da cidade, mas de fora dela.

Perez define os madrilenhos como pessoas muito tolerantes e hospitaleiras, pois a cidade é conformada por muitos costumes distintos. Ele faz um contraponto entre o modo de ser de Madrid e de outras regiões da Espanha, como a Catalunha e o País Basco,<sup>38</sup> sinalizando-os como lugares de costumes muito mais conservadores (vide os movimentos separatistas de ambas as regiões e, também, as experiências que Madrid tem tido com o terrorismo).

Um comentário bastante curioso, que remete à questão dos distintos sentimentos de pertencimento, encerra o discurso Perez sobre as diferenças entre Madrid e outras regiões. Ele observa que as pessoas do País Basco sempre se autorreconhecem como *vascos*. Do mesmo modo, as pessoas da Catalunha se autorreconhecem como *catalanes*. Porém, as pessoas de Madrid não costumam se autorreconhecerem como *madrileños*, nem com a mesma frequência, nem com a mesma intensidade

---

<sup>37</sup> O Corte Inglés é uma cadeia de magazines gigantes, nativa da Espanha, que fora do país encontra-se somente em Portugal. É um dos pontos comerciais mais conhecidos em todo o país, senão o mais conhecido. Essa cadeia comercial oferece praticamente tudo para o consumo, desde vestuário, alimentação, moda infantil e adulta, móveis, livros, perfumaria, bazar, decoração, equipamentos eletrônicos, eletrodomésticos etc. São edifícios enormes, com vários andares, espalhados por toda a cidade de Madrid, com produtos de marca própria, El Corte Inglés, e multimarcas de vários países.

<sup>38</sup> Como apontado no capítulo 2, a Catalunha e o País Basco são Comunidades Autônomas da Espanha, cuja história passada e presente é marcada por movimentos separatistas. Para mais esclarecimentos, ver Apêndice B.

dos casos anteriores. Depois dessas colocações, meu entrevistado conclui: *“por eso te digo que Madrid no rechaza al turista o al inmigrante. España talvez. Pero Madrid no rechaza, es solidaria”*.

#### **4.1.6 Seu Antônio, frequentador da rua Leganitos (interlocutor-guia 6)**

Conheci Seu Antônio quando passei a alugar um apartamento de propriedade de sua família, após ter deixado o apartamento em que vivia na rua Leganitos. Foi através da relação locatário/inquilina que começamos a nos aproximar. Pouco a pouco, outros assuntos (que não os restritos ao apartamento) começaram a fazer parte dos momentos em que nos encontrávamos. Sentia que estávamos estabelecendo certo vínculo de empatia mútua, e foi quando comentei com ele sobre minha pesquisa na RL.

Para minha surpresa, ele me disse que conhecia a RL, pois passou sua lua-de-mel no Hotel El Coloso, por indicação de um amigo de Madrid.<sup>39</sup> Convidei-o para ser interlocutor de meu trabalho, e ele prontamente aceitou. Marcamos data e horário e o recebi no próprio apartamento que eu passara a alugar. Naquele dia, fizemos uma entrevista semiestruturada, gravada, aos moldes clássicos, da qual apresento agora alguns trechos mais significativos.<sup>40</sup>

Meu entrevistado tem aproximadamente 70 anos. É frequentador de alguns comércios da RL e tem dois eventos passados de sua vida atrelados a essa rua que ficaram marcados em sua memória para sempre.

O primeiro evento se refere à sua lua-de-mel, passada no Hotel El Coloso da rua Leganitos no ano de 1972. Ele e a esposa vieram da cidade de Granada para passar um final de semana comemorativo na cidade de Madrid. Pouco tempo depois, ambos migraram para Madrid, onde se

---

<sup>39</sup> Seu Antônio é natural da cidade de Granada, onde trabalhava como professor em um colégio primário. Por meio de amigos em comum de seu local de trabalho, conheceu um senhor que era taxista em Madrid que lhe deu, como presente de casamento, uma corrida de taxi do Aeroporto de Barajas (aeroporto de Madrid) até o Hotel El Coloso (situado na RL). O hotel também fora indicação do amigo taxista, pois, na época, era uma hospedagem de bastante prestígio do Distrito Centro de Madrid.

<sup>40</sup> Foi a partir dessa entrevista que surgiu a ideia de irmos juntos até a RL, conforme consta no capítulo 3.

estabeleceram até hoje.<sup>41</sup> Conforme as palavras de meu entrevistado, “*En Madrid, había un espíritu de progreso*”.

O segundo evento foi o jantar de pedido de noivado de sua filha. Os pais do noivo convidaram Seu Antônio e sua família para jantarem todos juntos no restaurante O’Muiño, na RL. Essa foi a oportunidade de as famílias do jovem casal se conhecerem. “*Fue una noche muy agradable*”, diz ele. Conforme Seu Antônio, a escolha para ir ao O’Muiño foi porque “*es un restaurante típicamente gallego y nosotros apreciamos mucho la comida gallega, en especial los pulpos y los mejillones*”.

Utilizando-me da mesma estratégia que me vali quando da interlocução com Dona Fa, mostro a Seu Antônio as duas fotografias da rua Leganitos (as imagens da RL dos anos 1960 e de 2000, Figuras 67 e 68) e pergunto a ele que aspectos das imagens chamam sua atenção. A partir disso, Seu Antônio me relata que a RL é uma das ruas mais antigas da cidade, e que Madrid, a princípio, era muito pequenininha. Ele conta que a cidade começou nos arredores do Palácio Real e que a sua origem é árabe, o que justifica o nome da rua como *Leganitos*, expressão que significa “horta” em árabe. Após meu interlocutor fazer essa introdução histórica sobre a rua Leganitos, ele prossegue da seguinte forma:

*Entonces esta calle es muy antigua, muy emblemática y ha tenido muchas transformaciones. A mí me sorprende mucho el contraste de cuando la conocí a 43 años más o menos, con lo que veo hoy. Cuando la conocí era una calle más limpia, más tranquila, más típicamente madrileña. Hoy veo lo contrario. Hoy veo que hay muchos comercios chinos y mucha cultural oriental sí? Incluso hay comercios que no me gustan por su aspecto y segundo comentan son negocios dádivosos, pero no sabemos al cierto. La suerte que tiene Leganitos es que ahí una comisaría, porque eso de alguna manera mantiene la calle un poco más tranquila. Porque antes ahí había una antigua zona de prostitución muy conocida en Madrid, que era en la calle Montero y en parte de la Gran Vía ecetera.*

Pergunto a Seu Antônio, utilizando-me da mesma expressão usada por ele, que outros “contrastes” ele percebe na RL. Ele me diz que os

---

<sup>41</sup> A ideia de mudar-se para Madrid estava atrelada a ambição de sair de uma cidade pequena para uma cidade maior, onde ambos poderiam ter melhores oportunidades de trabalho e, sua esposa, poderia dar continuidade aos estudos.

contrastes são entre os comércios bons e os ruins, assim como as fachadas dos edifícios, algumas preservadas e outras não. Ressalta a presença de dois hotéis bons de quatro estrelas e dois ou três restaurantes muito bons, tipicamente espanhóis, e exemplifica citando O’Muiño e a Sidrería. Segundo meu entrevistado, a parte sul da RL, a que fica mais próxima a Plaza de España, está mais “*señorial*” com melhores comércios,<sup>42</sup> e, à medida que a pessoa vai avançando, ou seja, subindo a RL em direção à Plaza Santo Domingo, ela vai se deteriorando. Conforme suas palavras, “*hay muchos portales que van cambiando de dueños, casi todos lo han comprado los chinos.*”

Segundo Seu Antônio, por um lado, a RL é muito emblemática porque desde suas origens foi uma via muito transitada e porque é uma das mais antigas da cidade. E essa antiguidade pode ser verificada pela observação de alguns edifícios muito antigos que ainda estão presentes neste endereço. Entre as características lembradas por Seu Antônio está a ausência de elevador nesses edifícios antigos.<sup>43</sup> Ainda, quando fala da RL enquanto lugar emblemático e sobre a sua antiguidade arquitetônica, meu entrevistado mais uma vez insiste na questão do contraste como uma característica peculiar dessa rua e relata que, ao lado de edifícios de duzentos anos, é possível visualizar também edifícios de quarenta ou cinquenta anos.

Mas, por outro lado, Seu Antônio reitera a ideia sobre a RL como um lugar em deterioração, pois os edifícios sujos e com muitos cartazes grudados nas paredes o desagradam. Outro elemento que o desagrada são as “*fruterías de mala calidad, que no son como las fruterías de verdad, porque las frutas no están expuestas de buena forma*”.<sup>44</sup>

Provoco Seu Antônio perguntando-lhe se quando ele passou a lua-de-mel no *Hotel El Coloso* no ano 1972 havia comércios chineses na rua Leganitos.<sup>45</sup> Como eu esperava, Seu Antônio me respondeu que não. Ele acredita que o aparecimento de tais comércios se deu entre anos de 1990 e 1995, porque à medida que a Espanha foi ascendendo economicamente,

<sup>42</sup> De acordo com Larousse (2011, p. 972), “*señorial*” quer dizer aquilo que provoca admiração por sua majestade ou nobreza.

<sup>43</sup> Como o edifício de número 27 onde eu vivi, sinalizado na Figura 30.

<sup>44</sup> Esclareço que o que ele chama como *fruterías* são os minimercados chineses, onde o setor de hortifrúti costuma sempre ficar disposto na entrada e, por isso, podem ser visualizados da calçada.

<sup>45</sup> Eu sabia que não porque, em outras interlocuções de pesquisa, as pessoas me relatavam que tais comércios se estabeleceram ali há mais ou menos 10 ou 12 anos. Mas fiz essa pergunta para incentivá-lo a falar mais sobre o assunto.

a vinda de gente de fora, de imigrantes, tornou o aumento da mão de obra uma questão necessária. Ele crê que a vinda dos *orientais* (expressão utilizada por ele) começou a ocorrer há mais ou menos vinte anos. E com relação à rua Leganitos, ele menciona: “*Yo conocí una calle más tranquila y más típicamente madrileña. Una calle que respiraba a Madrid, Madrid. Ya, ahora, ya no respira así. Ahora respira a Madrid de inmigración y a otro ambiente de población fuera de Madrid. Eso es lo que yo observo ahora.*”

Após essa colocação, começamos a conversar sobre a questão dos imigrantes em Madrid e na Espanha, assunto que finalizou nossa entrevista junto de uma aula que Seu Antônio me deu acerca das orientações e classificações geográficas de Madrid.<sup>46</sup> Partindo do exemplo das numerações da rua Leganitos, ele me dá uma longa explicação sobre o Marco Zero da Espanha, localizado na *Puerta del Sol*, e me demonstra, por um desenho rascunhado a próprio punho, o ponto da RL mais próximo e o mais afastado dessa importante referência espacial de seu país. Uma referência que, como apontei no capítulo 2, rege a localização de todas as vias da Espanha, e que está presente no modo de os usuários da cidade se localizarem.

#### 4.2 A RUA, OS USUÁRIOS E OS ESPAÇOS

Na seleção das seis interlocuções-guia apresentadas na seção anterior, a rua Leganitos é abordada de formas variadas, o que me levou as seguintes questões: Que tipos de usuários podem ser identificados por meio das narrativas dos interlocutores desta pesquisa? A partir da

---

<sup>46</sup> Ainda que esse não seja o foco desta pesquisa, as informações trazidas por Seu Antônio enriquecem e agregam conhecimento acerca do contexto social maior em que esta etnografia esteve inserida, o contexto demográfico da cidade, suas características e nuances. Como professor aposentado de colégio primário, Seu Antônio tem informações curiosas sobre a educação formal na Espanha e em Madrid. Mesmo aposentado, ele parece não perder o interesse sobre a realidade da educação de seu país. Meu entrevistado relata que costuma passar pela escola onde estudaram seus filhos (que hoje têm aproximadamente 30 e 35 anos) e que, por meio de um conhecido que trabalha na tal escola, soube que o refeitório escolar é frequentado por alunos de 28 nacionalidades distintas. Ele conta que, no colégio público que seus filhos frequentaram na infância e adolescência, hoje, 90% dos alunos são estrangeiros. Seu Antônio descreve que há equatorianos, peruanos, bolivianos, sul-americanos, mas, poucos chineses, e que esse processo se deve ao *boom* econômico vivido pela Espanha nos anos 1990, quando muitas pessoas de fora imigraram para Madrid.

identificação desses usuários, quais inferências sobre o *espaço urbano* da RL podem ser delineadas?

Por meio dessas questões, o critério adotado para o tratamento dos dados obtidos junto a meus interlocutores foi o de focalizar em dois elementos presentes em suas narrativas: usuários e suas práticas cotidianas. Isso porque, primeiramente, atento à forma como cada interlocutor identifica e define as pessoas que habitam, trabalham, frequentam ou transitam na RL e, também, à forma como cada interlocutor significa, se percebe e se relaciona com esse lugar. Desse modo, com base nas narrativas de meus interlocutores e de minhas observações pessoais em campo, configurei uma classificação dos usuários da RL por meio da qual se perfilam formas de apropriação desse *espaço* que animam esse *lugar*. O que me fornece, por sua vez, os subsídios necessários para interpretar a RL como *espaço urbano* em duas facetas, as quais denomino de *espaço de permanências* e *espaço de mudanças*.

O Quadro 2 apresenta a identificação dos usuários da rua Leganitos por meio de uma classificação que os divide em três grandes grupos, e por meio da qual estabeleço posteriormente, as inferências acerca da RL enquanto *espaço urbano*.

Quadro 2 – Classificação dos usuários da rua Leganitos

a) <i>VIZINHANÇA</i>	b) <i>OUTSIDERS</i>
<i>Moradores considerados antigos</i> “ <i>gente de toda la vida</i> ”; “ <i>gente del barrio</i> ”: proprietários dos imóveis, madrilhenhos ou espanhóis de outras partes da Espanha. Em sua maioria, idosos ou seus descendentes, que continuam a viver na RL porque herdaram imóveis. Pessoas que sinalizam permanência/familiaridade.	<i>Moradores considerados novos</i> “ <i>gente de passo</i> ”; “ <i>gente joven</i> ”: turistas estrangeiros e estudantes estrangeiros ou de outras partes da Espanha (pessoas jovens) que moram temporariamente na RL enquanto inquilinos. Pessoas que sinalizam mudanças/estranhamento.
<i>Trabalhadores considerados antigos</i> “ <i>gente de toda la vida</i> ”; “ <i>gente del barrio</i> ”: comerciantes (proprietários) e seus funcionários; funcionários domésticos dos moradores considerados antigos (em sua maioria, mulheres cuidadoras de pessoas idosas), madrilhenhos ou espanhóis de outras partes da Espanha. Dedicam-se por décadas a mesma atividade e/ou a atividades que perpetuam costumes de comportamento e de consumo, locais	<i>Trabalhadores considerados novos, imigrantes</i> : comerciantes (proprietários) e seus funcionários imigrantes estrangeiros, em sua maioria, chineses. Dedicam-se a atividades comerciais distintas das tradicionais, o que acarreta a introdução de novos costumes de comportamento, de consumo, especialmente, no âmbito alimentar. Pessoas que sinalizam mudanças/estranhamento.

ou nacionais, especialmente, as gastronômicas. Pessoas que sinalizam permanência/familiaridade.	
c) <i>TRANSEUNTES</i> (os passantes, que <b>não</b> são moradores novos ou antigos, nem trabalhadores novos ou antigos da RL): visitantes dos moradores antigos e novos, consumidores/frequentedores dos comércios locais antigos e novos, fornecedores de mercadoria desses comércios, empresários que se encontram para reuniões de negócios, moradores de outras partes da cidade e de origem diversas (espanhóis ou não) que se utilizam da rua como via de acesso às imediações, como a avenida Gran Vía ou a Plaza de España. Pessoas que, na maior parte das vezes, sinalizam trânsito/impessoalidade.	

Fonte: Elaboração própria.

Para identificar o primeiro grupo, utilizo-me do termo *vizinhança* no sentido dado por Robert Park (1864-1944), fundador da Escola de Chicago (CASTELLS, 2014), cuja influência se estende até os estudos urbanos contemporâneos (MONGE, 2007).<sup>47</sup> Para Park (1987), a *vizinhança* pressupõe um corpo de sentimentos e significados compartilhados por um grupo com relação a determinado lugar de uma cidade:

Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com sentimentos

---

<sup>47</sup> A antropologia urbana, como uma tradição internacional de reflexão, parte de três tradições centrais: a norte-americana, influenciada pela seminal ecologia urbana da Escola de Chicago; a britânica, vinculada aos processos de urbanização e descolonização na África e recolocada posteriormente sobre a própria metrópole; e uma etnologia urbana francesa preocupada tanto pela alteridade do migrante africano e ultramarino, como por suas culturas urbanas autóctones, a partir de paradigmas estruturalistas ou simbólicos (HOMOBONO, 2000). A primeira materialização de trabalho de campo na cidade, com base nas técnicas da etnografia, e o primeiro corpo teórico ajustado ao conhecimento da cidade e seus habitantes, surgiu nos Estados Unidos em um dos departamentos de Sociologia mais antigos, Chicago e a Universidade de Chicago. A chamada Escola de Chicago possui, sem dúvida, o indiscutível privilégio de ser considerada a fundadora dos estudos urbanos (MONGE, 2007). Entre os principais expoentes da Escola de Chicago, cito aqui Robert Park (1864-1944), Ernest Burgess (1886-1966), Roderic McKenzie (1885-1940), Louis Wirth (1897-1952), William Foote Whyte (1914-2001), Erving Goffman (1922-1982) e Howard S. Becker (1928- ). Segundo Velho (2002), Goffman e Becker são os maiores influentes da Escola de Chicago no contexto dos estudos urbanos no Brasil. Sobre a história das ideias que construíram a Antropologia Urbana enquanto disciplina, ver em Freitag (2009).

peculiares à sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Dentro dessa vizinhança a continuidade dos processos históricos é de alguma forma mantida. O passado se impõe ao presente, e a vida de qualquer localidade se movimenta com um certo momento próprio, mais ou menos independente do círculo da vida e interesses mais amplos a seu redor (PARK, 1987, p. 30).

Para identificar o segundo grupo, utilizo-me do termo *outsiders* no sentido dado por Elias e Scotson (1999), que quer dizer pessoas que são identificadas pelos nativos de um lugar como novas ou “de fora” e que não compartilham das mesmas convenções locais. Esses autores contrapõem à noção de *outsiders* a noção de *estabelecidos*, que significa pessoas “do lugar”, moradores antigos, com relações mais solidificadas entre si e com o lugar.

Conforme o Quadro 2, a definição de *vizinhança* se assemelha muito à *estabelecidos*. Porém, opto por identificar o primeiro grupo de usuários como *vizinhança* e não como *estabelecidos*, visto que, quando disserto a respeito do terceiro grupo, o dos usuários identificados como *transeuntes*, existe, por vezes, uma elasticidade de sentido destes com relação aos outros dois tipos e, também, ao *espaço* da RL. Em outras palavras, de acordo as características de meu campo, quis evitar a dualidade tão demarcada, implícita na noção de Elias e Scotson (1999), quando *estabelecidos* acompanha *outsiders* enquanto contrários. Ainda que *vizinhança* e *outsiders* se diferenciem entre si, prefiro trabalhar com a ideia de justaposição de tipos de usuários em um mesmo espaço a trabalhar com a ideia de dicotomia ou de uma diferenciação diametral entre eles.

Ao utilizar a noção de *outsiders* para caracterizar os usuários da RL, vale lembrar que Gilberto Velho, na mesma linha de pensamento de Howard Becker,<sup>48</sup> utiliza a categoria de *outsiders*; porém, observo que há uma nuance de sentido com relação à definição de Elias e Scotson (1999),

---

<sup>48</sup> Como pontuei no rodapé anterior, Howard S. Becker (1928- ), um dos mais importantes expoentes da Escola de Chicago, cuja relevância teórica contribuiu para o desenvolvimento dos estudos antropológicos urbanos no Brasil.

porque, diferentemente desses autores, a ideia de *outsiders* se aproxima do significado de *desviantes* ou *marginalizados*.<sup>49</sup>

Na sequência, valho-me do mosaico de informações pinçadas e obtidas junto de meus interlocutores de pesquisa. Diferentemente da seção anterior, em que apresento as interlocuções principais (interlocuções-guia) uma a uma, passo a me apropriar das informações condensando-as, junto da colaboração de outras vozes. Trata-se de outras interlocuções (UCM, UAM e UCM2) que também aportaram ideias que, por vezes, divergem, e, por outras, convergem das que tomo como principais. Meu objetivo é o de realizar um diálogo conjunto entre as informações coletadas em campo. Uma espécie de conversa coletiva entre meus interlocutores e eu sobre a rua Leganitos. Uma conversa coletiva que nunca aconteceu, porque cada encontro se deu de modo individual, mas que irá me permitir embasar e explicar aquilo que percebo e denomino como *espaço de permanências* e *espaço de mudanças*.

#### **4.2.1 Vizinhança: Espaço de Permanências**

Em termos gerais, a *vizinhança* da rua Leganitos, de acordo a meus interlocutores de pesquisa e as minhas observações em campo, se relaciona com pessoas com as seguintes características: originais da cidade de Madrid ou de outras partes da Espanha, e espanhóis cuja biografia própria e/ou familiar se confunde com parte da biografia da RL.

A *vizinhança* traduz-se por pessoas de mais idade, idosos, por seus descendentes, e por pessoas intimamente relacionadas a elas, como por exemplo, os cuidadores das pessoas idosas. Minha interlocutora Latina foi a que mais se deteve na descrição dessas pessoas, definindo-as como gente que usufrui de uma boa situação econômica, porque, em sua maioria, são proprietários dos imóveis onde residem. São apartamentos que se encontram em uma das zonas de maior valorização imobiliária atualmente da cidade de Madrid. Latina também define este estrato da *vizinhança* como pessoas queixosas, porque reclamam constantemente da crise na Espanha<sup>50</sup> e da quantidade de estrangeiros que nos últimos anos imigraram para o país.

Alguns comerciantes da rua também fazem parte da *vizinhança*, cuja preferência e assiduidade dos moradores a alguns comércios geram

---

<sup>49</sup> O que não configura o caso do que verifico por meio das narrativas analisadas e de minhas observações pessoais em campo como *outsiders* na rua Leganitos.

<sup>50</sup> Informações sobre esse processo constam no capítulo 2.

relações sociais de confiança e afetividade. São gerações das mesmas famílias que ali vivem ou trabalham, reconhecidas localmente como “*gente de toda la vida*” e “*gente del barrio*”.

Utilizo-me dos casos de Latina e Dona Fa para ilustrar comerciantes da rua considerados da *vizinhança*. Ainda que Latina seja imigrante estrangeira e ex-comerciante da RL, ela mudou-se para uma rua próxima, mas segue *em parte* aderida à *vizinhança*, porque a maioria de seus clientes da RL segue com ela.<sup>51</sup> No caso de Dona Fa, comerciante da RL há mais de dez anos, em seu estabelecimento havia a frequência de clientes anônimos como em qualquer outro comércio aberto ao público. Porém, pude observar relações de proximidade entre ela e muitos de seus clientes por mais de uma vez. Dona Fa chamava os clientes da *vizinhança* pelo nome, principalmente as pessoas idosas acompanhadas de suas cuidadoras. Ela demonstrava certa familiaridade com a *vizinhança*, o que era percebido quando perguntava por outras pessoas, provavelmente familiares de seus clientes ou moradores da RL e imediações.

Pessoas da *vizinhança* constituem entre elas uma familiaridade na RL, porque ali residem por décadas. O mesmo ocorre entre alguns comerciantes que, por vários anos, dedicam-se a mesma atividade na rua.

A *vizinhança*, moradores e trabalhadores antigos, tende a perpetuar costumes locais ou nacionais, e as chamadas “*tiendas de barrio*” ou locais “*de toda la vida*” corroboram esse processo.

Exemplo notório na RL e presente em mais de uma narrativa analisada nesta pesquisa é o restaurante El Ingenio de Cervantes. Um restaurante que, além de homenagear o maior ícone literário espanhol de todos os tempos, Miguel de Cervantes, dedica-se a cozinha de comida típica espanhola e tem como proprietários (espanhóis) a segunda geração da mesma família.

Outros exemplos de locais narrados como “*de toda la vida*” e que são considerados parte da *vizinhança* são a delegacia de polícia e as chamadas *casas de alterne*.<sup>52</sup>

A delegacia é narrada muitas vezes como a responsável pela segurança e tranquilidade da rua, e é um dos lugares mais populares nesse espaço, porque é a mais importante delegacia de todo o Distrito Centro da cidade de Madrid. Por vezes, as pessoas se referem à RL como “*la calle*”

<sup>51</sup> Contudo, Latina é um caso que circula entre mais de uma categoria enquanto usuária do espaço da rua Leganitos, e, por esse motivo, volto a dissertar sobre a posição dela em campo no capítulo 6, quando do debate acerca das *sociedades complexas* com base em Goldman (1999) e Velho (2011, 2003, 1997).

<sup>52</sup> Como são chamados localmente os *pubs* e as casas noturnas da RL.

*de la comisaría*” (“a rua da delegacia”, em português),<sup>53</sup> que, junto da narrativa “*la calle de los chinos*”, compõe as duas formas alternativas, populares e nativas de se fazer referência à rua Leganitos.

Por outro lado, as *casas de alterne* são um pouco mais recentes e possuem uma alta rotatividade de donos, gerentes e profissionais que ali trabalham. Algumas dessas pessoas não são espanholas, mas sim imigrantes estrangeiros. Apesar disso, fazem parte da *vizinhança*, porque, de acordo com as narrativas de Rio, UAM e Seu Antônio, entre outros, a RL fazia parte da antiga e muito conhecida zona de prostituição do Distrito Centro de Madrid. Hoje, diferentemente do passado, esse tipo de atividade já não abrange mais um conjunto inteiro de várias ruas, a ponto de ser identificado como uma zona ou área. Restaram alguns pontos mais esparsos desses tipos de casas, resquícios desse tipo de atividade, sendo a RL um desses pontos. Dessa forma, por constituir um resquício de práticas do passado, enraizadas na história desse lugar e suas imediações, as *casas de alterne* são locais reconhecidos como parte da *vizinhança*.<sup>54</sup>

Em suma, por meio dos exemplos apresentados, o que desejo argumentar é que usuários de tipo *vizinhança*, “*gente de toda la vida*” e “*gente del barrio*” (incluindo em determinados casos os *transeuntes* que temporariamente se incluam nessas categorias) imprimem na rua Leganitos aquilo que denomino de *espaço de permanências*. Em outras palavras, o *espaço de permanências* se articula entorno de usuários de tipo *vizinhança* que reforçam costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano* onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam.

Por sua vez, como a RL é um lugar de contrastes, o *espaço de permanências* além de se diferenciar, se justapõe a outro tipo de *espaço*: ao *espaço de mudanças*. Um processo que se articula de várias formas, e que é o tema da próxima seção, junto da descrição dos usuários de tipo *outsider*.

---

<sup>53</sup> A delegacia encontra-se descrita no capítulo 3 e também é o tema principal da reportagem n° 4, uma das narrativas midiáticas apresentadas no capítulo 5.

<sup>54</sup> A expressão “práticas” é utilizada neste trabalho de acordo com Certeau (2008), que a entende como “definidoras do *espaço*”. As *práticas* se contrapõem às *estratégias*, que compõem o *lugar* e que implicam uma indicação de ordem e de estabilidade.

#### 4.2.2 *Outsiders: Espaço de Mudanças*

Na narrativa de Seu Antônio, ele expõe que, quando passou a lua-de-mel no *Hotel El Coloso* da RL a 43 anos atrás, lembra-se de uma rua que descreve como tranquila e típica de Madrid. Hoje, ele percebe a inserção exacerbada da cultura oriental. Percebe também uma mescla de comércios bons lado a lado com comércios ruins, como edifícios bem conservados junto a outros em ruína. Ou seja, para Seu Antônio, uma rua que ele define como muito antiga e muito emblemática por causa de sua história ligada às origens da cidade e do Palácio Real se encontra, ao mesmo tempo, em pleno processo de transformação. Trata-se de um *espaço de permanências* justaposto a um *espaço de mudanças* em um mesmo lugar.

Pode-se dizer que na rua Leganitos, os chineses e seus comércios são os representantes mais notórios entre os usuários identificados como *outsiders*.<sup>55</sup> E não somente por se tratar de um grupo de trabalhadores imigrantes que se dedica a atividades comerciais distintas das tradicionais, colaborando para a introdução de novos costumes, mas também porque, na pequena extensão da RL, a quantidade de fachadas comerciais escritas com hieróglifos chineses, intercalada às fachadas dos comércios espanhóis e seus clássicos edifícios residenciais, causa um forte contraste na paisagem urbana da mesma rua e em suas imediações. O contraste é tão chamativo a ponto de a RL ser conhecida localmente como “*la calle de los chinos*”, como já referi outras vezes, ainda que, no mesmo *espaço*, existam, em maior número, comércios gerenciados e atendidos por espanhóis, e, em menor número, comércios de outros coletivos estrangeiros.<sup>56</sup>

Como demonstrarei no próximo capítulo, em sua maioria, as narrativas midiáticas sobre a RL reforçam a presença do coletivo chinês

---

<sup>55</sup> Moradores considerados novos, “*gente de passo*”, “*gente joven*”: turistas estrangeiros e estudantes estrangeiros ou de outras partes da Espanha (pessoas jovens) que moram temporariamente na RL como inquilinos. Pessoas que sinalizam mudanças/estranhamento. *Trabalhadores considerados novos, imigrantes*: comerciantes (proprietários) e seus funcionários imigrantes estrangeiros, em sua maioria, chineses. Dedicam-se a atividades comerciais distintas das tradicionais o que acarreta a introdução de novos costumes de comportamento, de consumo, especialmente no âmbito alimentar. Pessoas que sinalizam mudanças/estranhamento.

<sup>56</sup> Como o restaurante árabe *Al Amán*, RL, n°27, o restaurante peruano *Lupita Cusco*, RL, n°32 e o extinto restaurante vietnamita *PHO 26*, RL, n° 26 descritos no capítulo 3.

como *outsiders*, sobretudo em função da concorrência econômica que estes ocasionam tanto na esfera da cidade de Madrid, como do país em termos gerais.

Porém, um dado importante obtido por meio do trabalho de campo é que, do ponto de vista dos interlocutores da pesquisa, os chineses e seus comércios são usuários identificados como *outsiders* mais em função de suas disparidades em relação às convenções locais do que em função da concorrência econômica ocasionada por eles. Salvo é claro, no caso da narrativa de minha interlocutora Dona Fa, que é comerciante da RL e tem presenciado pessoas conhecidas fecharem seus comércios por causa da crise, ao mesmo tempo que esses locais são alugados ou comprados por chineses, que instalam comércios novos.<sup>57</sup>

Interlocutores como Perez e UCM2, ao falar da presença dos comerciantes chineses na rua Leganitos e em Madrid, apontam outras facetas desse mesmo processo, até mesmo de cunho positivo, como a venda de produtos mais baratos e o surgimento de oportunidades de renda extra para os espanhóis aposentados, que complementam a sua receita por meio do aluguel ou venda de seus pontos comerciais aos chineses. Com base nessas opiniões (que se diferem, por exemplo, da dos pequenos comerciantes espanhóis ou dos meios de comunicação locais), a pesquisa evidencia que, ao menos da perspectiva de meus interlocutores, os comerciantes chineses são identificados como *outsiders* mais por causa das *mudanças* de velhos hábitos que eles causam do que por causa da concorrência econômica. Ou, pelo menos, é possível inferir que as opiniões se dividem de forma bastante equilibrada quanto a esse processo. A preocupação maior de meus interlocutores é o que leva a minha identificação como *outsiders* é com relação à inserção de novos estilos de vida em detrimento de costumes historicamente cultuados. Exemplos disso é o tempo de trabalho (horário comercial estendido até a meia-noite ou uma hora da manhã), uma questão que toca nas diferenças gerais entre o estilo de vida dos madrilinhos e dos chineses. Os madrilinhos valorizam

---

<sup>57</sup> Por isso, Dona Fa, na condição de comerciante local, identifica os chineses como *outsiders*, sobretudo em função da concorrência comercial. Ela ainda reforça sua narrativa a respeito dos comerciantes chineses, descrevendo-os como pessoas fechadas a relações de fora de seu coletivo que não sejam estritamente comerciais e enfatiza o idioma como uma barreira de comunicação. Isso pode ser referido como um exemplo de fricção, segundo Oliveira (1964), em que a concorrência econômica e a diferença idiomática se apresentam como fronteira (social), elementos que delimitam o pertencimento a um grupo ou a uma comunidade (SEYFERTH, 2011).

seus momentos de lazer e descanso, tanto quanto os de trabalho.<sup>58</sup> É como se o trabalho fizesse sentido sempre e quando possa proporcionar momentos de desfrutar a vida, o que se relaciona intimamente ao comer e beber em fartura e com qualidade nos inúmeros restaurantes e bares que a cidade oferece. Já para os comerciantes chineses, de acordo a narrativas analisadas nesta pesquisa, parece que os momentos de lazer e descanso não se configuram como prioridade, mas como um hábito secundário ou irrelevante.<sup>59</sup>

A maioria de meus interlocutores de pesquisa não demonstra exatamente um desgosto em relação à presença dos comerciantes chineses, pelo fato de serem estrangeiros. Muito pelo contrário, por vezes, eles nem os incluem em suas narrativas sobre a RL, e, quando perguntados, restringem-se em responder que os chineses são pessoas tranquilas, muito trabalhadoras e que não se envolvem em problemas ou brigas na região. E não me parece que isso seja tão somente uma forma padronizada de resposta com relação a esses comerciantes nessa rua, uma forma de opinar sem se comprometer. Contudo, parece-me que, em função do decorrer dos últimos dez anos (tempo de instalação dos comércios chineses na RL demonstrado pela pesquisa), com a experiência de terem trabalhado na rua Leganitos, ainda que sejam claras as suas dificuldades de comunicação, os chineses vão pouco a pouco se integrando e se inserindo de algum modo como parte da *vizinhança* ou da conformação de uma nova *vizinhança* nesse *espaço urbano* do Distrito Centro da cidade de Madrid. E mesmo que eu não tenha me aprofundado nesse ponto, faço questão de destacá-lo. Ainda que não se trate exatamente de uma constatação, mas de uma intuição em função da observação participante realizada nessa rua, o que inclui a observação mais profunda da forma de expressão de meus interlocutores, que ultrapassa a gravação ou anotação de suas afirmações.

---

<sup>58</sup> Como apontei no capítulo 3, pelo hábito da *siesta*, praticado pelos trabalhadores da Ferreteria Venecia (trajeto 1 da *caminhada narrativa*) e pela interrupção temporária do atendimento ao público durante o período de férias, como praticado pelos trabalhadores da pizzaria El Horno Azul (trajeto 2 da *caminhada narrativa*).

<sup>59</sup> Como já apontei em outros momentos, comer e beber com qualidade refere-se, habitualmente, ao consumo de iguarias típicas das variadas regiões da Espanha, ou seja, ao consumo da culinária nacional e tradicional. A inserção de restaurantes de imigrantes (chineses, árabes, latino-americanos) e de redes transnacionais, como os *fastfoods*, somada aos mercadinhos chineses, de produtos da culinária específica asiática, ocasiona uma mudança nos hábitos alimentares locais.

Para finalizar as colocações que me levam a ponderar os chineses enquanto *outsiders* da rua Leganitos, pontuo que seus comércios são frequentados por chineses e não chineses, o que incide em duas implicações.

A primeira é que, ao serem frequentados por pessoas da comunidade imigrante chinesa da cidade Madrid, esses comércios incentivam o trânsito dos chamados *outsiders* e/ou *transeuntes outsiders* (categoria que tratarei na sequência de minhas considerações a respeito dos tipos de usuários da RL). Dessa forma, esses comércios tornam-se um atrativo para pessoas que não se enquadram no tipo de usuário identificado como *vizinhança*, ou seja, incentivam a heterogeneidade social na RL por meio do trânsito de *outsiders*. Isso ocorre não somente em relação aos mercadinhos, mas também em relação à livraria e à autoescola da RL.

A segunda é que, ao serem frequentados também por não chineses, notadamente esses comércios incentivam a introdução de novos hábitos e costumes diferentes dos tradicionais, não somente na questão alimentar, se pensarmos que os salões de beleza chineses são cada vez mais frequentados por madrilenhos e espanhóis de outras regiões do país que estão de passagem pela capital.

Entre os demais usuários identificados como *outsiders* estão os turistas e jovens estudantes, tanto estrangeiros, como de outras partes da Espanha, que inserem na rua novos costumes que se contrapõem aos da *vizinhança*.

Novamente, pelo exemplo dos hábitos alimentares, turistas e jovens estudantes são menos resistentes a frequentar restaurantes e bares que não sejam considerados típicos. Muitas vezes, essas pessoas não têm o conhecimento do que seja uma bebida ou comida típica, como por exemplo, a que costuma ser servida no restaurante O'Muiño e na *sidrería* A Lareira. Na maioria das vezes, eles querem simplesmente se alimentar de forma rápida e mais econômica possível.

Ademais de reforçarem novas tendências nos costumes culinários locais, turistas e jovens estudantes introduzem novos hábitos de vestuário e, por vezes, novas expressões idiomáticas que vão sendo disseminadas e incorporadas ao idioma local. Assim, jovens e turistas de lugares diversos falando diversas línguas e gírias convivem na rua Leganitos, por exemplo, junto a Associação de Escritores Espanhóis, que se empenha em cultivar as tradições literárias da Espanha e o idioma oficial do país.

Pode-se inferir que, por mais de uma via, as distintas práticas e formas de apropriação do *espaço* da RL cunhadas pelos *outsiders* se diferem das práticas e formas de apropriação do *espaço* da RL cunhadas

pela *vizinhança*, e, sobretudo, se justapõem, uma vez que ambas e convivem e dividem o mesmo *lugar*.<sup>60</sup>

Jovens e turistas identificados como *outsiders*, não somente circulam pela RL como também se estabelecem como moradores temporários e como hóspedes. Ainda que suas estadas não sejam de caráter tão perene quanto o da *vizinhança*, cujos moradores de um apartamento costumam morar em um endereço por gerações de uma mesma família, essas formas temporárias de estabelecimento formam parte das características da RL e de sua análise enquanto *espaço urbano*.

Na leitura que realizo da RL por meio das formas de apropriação do *espaço* praticadas pelos *outsiders* e pela *vizinhança*, percebo movimentos que abalizo como *trânsitos*. Defino os *trânsitos* como movimentos que são provocados pela adesão de *outsiders* a um lugar que, do ponto de vista da *vizinhança*, lhe pertence. A *vizinhança* sente que lhe pertence em função do tempo em que habitam nos imóveis dessa rua, e porque ela faz parte do território oficial cidadão e/ou nacional de onde são originais, ou seja, porque são nativos, neste caso, espanhóis. Os *trânsitos* ocorrem pela *introdução* de *outsiders* em um *espaço*, o que, por sua vez, pode promover a *evasão* da *vizinhança*.

Na etnografia da RL, o caso dos chineses é um dos exemplos já mencionado de *trânsitos* por introdução de *outsiders*, ou seja, quando um substantivo grupo de imigrantes ou quando pequenos grupos de imigrantes isolados estabelecem seus negócios no lugar da *vizinhança*. Outro exemplo refere-se aos jovens estudantes e turistas, “*gente de passo*”, “*gente joven*”, que alugam apartamentos na RL e vivem ali de modo temporário, dividindo, compartilhando o mesmo espaço dos edifícios residenciais junto de pessoas da *vizinhança*, “*gente de toda la vida*”, “*gente del barrio*”. Também colaboram para os *trânsitos* por *introdução* de *outsiders* os três hotéis presentes na RL, que, por abrigarem turistas, incentivam a circulação de “*gente de passo*” na rua e suas imediações.

Ainda, os *trânsitos* por introdução de *outsiders* incrementam, por sua vez, modificações na infraestrutura da cidade que também tem de se

---

<sup>60</sup> Lembrando que os processos de mobilidade humana, como o turismo e a imigração, podem revelar, na análise dos *espaços urbanos*, graus distintos de conflitos identitários em relação aos sujeitos envolvidos (SIMONICCA, 2007), e/ou diferentes modos de sociabilidade proporcionados pelas interações entre pessoas e, com o *espaço*, a partir de determinados conteúdos de interesse (SIMMEL, 2006). Como destaca Augé (2010), esses processos de mobilidade humana vêm sendo cada vez mais intensificados pelo sistema de globalização.

ajustar ao crescimento e a diversidade demográfica. O problema da poluição, por exemplo, causada pelo intenso tráfego de veículos na cidade de Madrid,<sup>61</sup> relaciona-se também com o crescimento demográfico local, dividindo opiniões por parte dos moradores locais. Junto disso, a poluição atmosférica, o excesso de ruído e o intenso fluxo de pessoas modificam o *modo de vida* urbano considerado como satisfatório e/ou desejável para usuários identificados como *vizinhança*, quer seja, “*gente de toda la vida*”, quer seja “*gente del barrio*”.

As novas características locais produzem uma consequência significativa: uma espécie de êxodo interno (dentro da mesma cidade) de pessoas que saem do Distrito Centro para viver em outros Distritos. É esse processo que chamo de *trânsitos por evasão da vizinhança*.

Os *trânsitos por evasão da vizinhança*, que reforçam o *espaço de mudanças*, se dão quando as características do *espaço urbano* onde “*gente de toda la vida*” vive passam a ser incompatíveis com os modos de vida desses moradores. Essa situação veio à tona em minha pesquisa, tanto como um processo que ocorre na RL como em suas imediações, outras partes do Distrito Centro além dos limites do bairro Palacio.

Refiro-me a minhas interlocutoras de pesquisa Rio e UCM, cujos *trânsitos* por introdução de *outsiders* incidiram em modificações de suas *trajetórias individuais* com o objetivo de salvaguardar seus *projetos* de vida.<sup>62</sup> Para Velho (2003), as *trajetórias individuais* e as *biografias* são ancoradas a tradições particulares que passam a ser afetadas por sistemas de valores diferenciados e heterogêneos por meio do intenso processo de interação social, o que configura a principal característica das *sociedades complexas* moderno-contemporâneas. E a dinâmica dessas relações repercute de formas distintas na existência de indivíduos particulares. Nesse contexto é que o *projeto* (conduta organizada para atingir finalidades) é formulado, levando em consideração as opções ancoradas às avaliações e definições da realidade e a dimensão subjetiva do indivíduo.

Rio e UCM possuem um *projeto* em comum no que diz respeito ao modo de vida de suas famílias. Ambas priorizam a qualidade do dia a dia

---

<sup>61</sup> Referido nas narrativas de meus interlocutores de pesquisa (e em uma das narrativas midiáticas que será apresentada no próximo capítulo) e no projeto municipal das APR's.

<sup>62</sup> Neste trabalho, *trajetória* e *projeto* são utilizados conforme Velho (2003), que articula essas categorias analíticas como pilares que animam seu debate acerca das *sociedades complexas* junto às noções de *campo de possibilidades*, *negociação* e *metamorfose*.

de seus filhos pequenos e a relacionam às possibilidades de lazer do *espaço urbano* onde habitam. Para elas, um espaço urbano de qualidade para seus filhos deve oferecer espaços ao ar livre, como praças, jardins e ruas, seguros e agradáveis, onde as crianças possam brincar com tranquilidade, conforto e segurança. O conforto se refere aos equipamentos, à arborização, à ausência de barulho e de poluição excessivas. Já a segurança pode entrar em cheque com a presença e circulação exacerbada de pessoas estranhas na vizinhança, ou seja, com a presença e circulação exacerbada de usuários identificados como *outsiders*, que causam transformações que vão de encontro ao *espaço de permanências*.

A fim de resguardar seus *projetos de vida*, Rio e UCM alteraram suas *trajetórias* mudando-se de endereço, em busca de uma vida urbana que consideram satisfatória, já que a qualidade do cotidiano esperada não é compatível com as características do *espaço de mudanças*.

Particularmente, na narrativa de UCM, o *espaço* passa a ser condicionado pelo processo urbano conhecido como *gentrificação*, e se faz cada vez mais presente nas cidades contemporâneas, especialmente as ditas “históricas” ou “turísticas” (SMITH, 2007). A *gentrificação* se manifesta na reabilitação dos centros urbanos, no contexto do fenômeno da globalização, e se apresenta como um processo de *homogeneização*, imposição de costumes e estilos de vida pasteurizados (CASTELLS, 2012).

Isso fica evidente quando UCM declara que a praça onde costumava levar o filho para brincar tornou-se uma “praça de cimento”.<sup>63</sup> O que aconteceu? Primeiro, a inserção dos vendedores de drogas, e, depois de um longo período de tempo, deixando a *vizinhança* sem o usufruto daquele espaço de lazer, a reabilitação da praça por parte da prefeitura e a instalação de poucos cafés evidentemente direcionados para os turistas.<sup>64</sup> Cafés que se tornaram os únicos lugares para se sentar ao ar livre naquela praça e que vieram a substituir os bancos de usufruto

---

<sup>63</sup> Depoimento anexado à apresentação da primeira interlocução-guia, junto à descrição da entrevista com Rio.

<sup>64</sup> Simonicca (2007) alerta para a dimensão do encontro entre comunidade anfitriã e visitantes promovido pelo turismo, o qual se constitui em um importante foco de análise para a antropologia. O movimento de turistas indica a mobilidade de pessoas que não estão a trabalho em contextos diferentes dos de suas origens. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas.

público. Conforme minha interlocutora, somente poderia se sentar na praça quem consumisse alguma coisa.<sup>65</sup>

Por meio desses exemplos, desejo enfatizar que, o que antes era um *espaço de permanências*, porque era praticado pela *vizinhança*, transformou-se em lugar de passagem e, notadamente de consumo. A modificação dos bairros em “bairros turísticos” acabou por causar a evasão de moradores antigos, “*gente de toda la vida*” e “*gente de barrio*”, e dos “comércios de bairro”, que não se adequaram ao novo perfil de usuários, tendo de fechar as portas. São *trânsitos* por introdução de *outsiders* e por evasão da *vizinhança*.

Em suma, por meio dos exemplos apresentados, o que desejo argumentar é que usuários de tipo *outsider* “*gente de paso*”, “*gente joven*”, imigrantes e turistas (incluindo, em determinados casos, os *transeuntes* que temporariamente se insiram nessas categorias) imprimem na rua Leganitos aquilo que denomino *espaço de mudanças*. Trata-se de processos de transformação, seja por práticas que introduzem novos hábitos e costumes que se contrapõem aos da *vizinhança*, seja pelo incentivo da circulação de outros *outsiders* que reforçam outras formas de apropriação do *espaço*, seja pelos movimentos apontados como *trânsitos*, seja por processos de *gentrificação*.

Em outras palavras, o *espaço de mudanças* se articula entorno de usuários de tipo *outsiders* que alteram costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano* onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam.

Como venho argumentando, a RL é conformada na justaposição de *espaços* plurais, *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*. E essa justaposição é promovida não somente por usuários de tipo *vizinhança* e de tipo *outsider*, mas, também, por usuários que categorizo como *transeuntes*. Pensar na posição dos *transeuntes* nessa rua é pensar, ao mesmo tempo, quão mais complexa pode ser ainda a interpretação de um *lugar* enquanto justaposição entre *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*. Isso porque, como destacado por Velho (2003), o individualismo moderno metropolitano não exclui a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias, mas permite e sustenta maiores possibilidades de trânsito e circulação entre dimensões e esferas simbólicas. Esse é o tema da próxima seção, junto da descrição dos usuários de tipo *transeuntes*.

---

<sup>65</sup> “Redefinindo o significado social de um lugar especificamente histórico para um segmento do mercado.” (ZUKIN, 2000, p. 87 *apud* CASTELLS, 2012).

### 4.2.3 *Transeuntes: Espaço de Permanências e/ou Espaço de Mudanças*

Como expus no Quadro 1, junto do grupo da *vizinhança* e dos *outsiders*, os *transeuntes*, pessoas que sinalizam trânsito/impessoalidade, configuram o terceiro grupo de usuários que identifiquei na rua Leganitos.<sup>66</sup>

Os *transeuntes*, diferentemente dos outros dois grupos, guardam uma característica singular. Nem sempre esse grupo se circunscreve unicamente na descrição de “pessoas que sinalizam trânsito/impessoalidade”, como no caso da *vizinhança*, que pode ser recorrentemente descrita como “pessoas que sinalizam permanências/familiaridade” ou, dos *outsiders*, que pode ser recorrentemente descrito como “pessoas que sinalizam mudanças/estranhamento”. Isso porque os *transeuntes*, por vezes, desfrutam da condição de *outsiders* ou de *vizinhança* de modo descontínuo, ou seja, circulam por mais de uma identificação de usuários, o que torna ainda mais complexa a análise da RL enquanto *espaço urbano*.

Em função da particular relação que estabelecem com outros usuários e da forma como se apropriam do espaço da RL, os *transeuntes* podem fazer, de algum modo, parte da *vizinhança* para alguns e parte dos *outsiders* para outros. Ao mesmo tempo que não pertencem “oficialmente” a nenhum desses dois grupos, os *transeuntes* podem imprimir na RL características de ora um *espaço de mudanças*, ora um *espaço de permanências*.

Tomo como exemplo a minha interlocutora Rio, que não faz parte nem do grupo de moradores e comerciantes antigos (*vizinhança*), nem do grupo de novos (*outsiders*). Contudo, ao morar por vários anos em uma travessa da RL e, atualmente seguir frequentando a rua para visitar e cuidar de sua mãe, há um grupo de moradores “*gente de toda la vida*”, “*gente mayor*”, “*comerciantes del barrio*” que a conhece e que possui familiaridade com ela. Rio é um exemplo de *transeunte* reconhecida social e localmente como uma usuária que pertence a esse *espaço urbano*, tanto pelos moradores do prédio de sua mãe e de outros prédios, como por

---

<sup>66</sup> Transeuntes (os passantes que **não** são moradores novos ou antigos, nem trabalhadores novos ou antigos da RL): visitantes dos moradores antigos e novos, consumidores/frequentadores dos comércios locais antigos e novos, fornecedores de mercadoria desses comércios, empresários que se encontram para reuniões de negócios, moradores de outras partes da cidade e de origens diversas (espanhóis ou não) que se utilizam da rua como via de acesso às imediações, como a avenida Gran Vía ou a Plaza de España. Pessoas que, na maior parte das vezes, sinalizam trânsito/impessoalidade.

alguns comerciantes da rua, entre outras pessoas das imediações onde ela morou por mais de dez anos. Dessa forma, Rio é um exemplo de *transeunte* que desfruta de forma descontínua da condição de *vizinhança*.

Outro exemplo de *transeunte* que desfruta de forma descontínua da condição de *vizinhança* é meu interlocutor Seu Antônio. Ele tampouco pertence a nenhum grupo de moradores e comerciantes antigos (*vizinhança*) ou novos (*outsiders*). Porém, ao ser frequentador assíduo de um dos restaurantes clássicos da RL, “*de toda la vida*”, Seu Antônio é familiar nesse local, e velho conhecido de seus proprietários, funcionários e demais frequentadores. Desse modo, não há como negligenciar que Seu Antônio, assim como Rio são reconhecidos junto de certos grupos da RL como “*gente del barrio*”, ainda que não façam exatamente parte da *vizinhança*. E o mesmo poderia se dizer com relação a meu interlocutor de pesquisa Perez, morador das imediações da rua Leganitos, cujo contato foi mediado por Dona Fa. Dessa forma, esses *transeuntes* desfrutam da condição temporária de *vizinhança*, que, por seu turno, imprimem na RL um *espacio de permanências*.

Junto ao grupo os *transeuntes* que desfrutam da condição de *vizinhança*, identifico também os *transeuntes* que desfrutam da condição de *outsiders*. Trata-se dos turistas estrangeiros que se hospedam nos hotéis da RL ou apenas passeiam por essa rua e suas imediações (e não dos *outsiders* turistas que moram na RL), e de imigrantes que residem na cidade de Madrid (e não dos *outsiders* imigrantes que trabalham na RL).

No primeiro caso, o dos *transeuntes* que desfrutam da condição de *vizinhança*, é preciso pontuar algumas questões sobre a complexa posição de turista. Geralmente,<sup>67</sup> um turista é sempre um *outsider*, e, portanto, imprime no lugar onde se encontra um *espacio de mudanças*. Contudo, reitero que na rua Leganitos há turistas que usufruem da condição de morador enquanto inquilinos nos edifícios residenciais da Rua, mesmo que temporariamente, por algumas semanas ou alguns meses. Junto a isso, há turistas que passam pela RL exclusivamente a passeio, enquadrando-se assim, notadamente, na categoria de *transeuntes*, que se diferenciam da de moradores. Por exemplo: quando Latina se refere ao desconforto causado por turistas que passam à noite pela RL e por suas ruas vizinhas, provocando algazarra, fazendo barulho, produzindo lixo no espaço público, ela se refere aos turistas *transeuntes* e não aos turistas moradores (*outsiders*). E isso eu posso afirmar por ter vivido nessa rua e, de certa

---

<sup>67</sup> A palavra “geralmente” justifica-se em função dos detalhes do campo, os quais esclareço na sequência do texto, quando me refiro aos turistas moradores.

forma, ter usufruído da condição de turista morador. Ainda que minha permanência na cidade de Madrid tenha sido de seis meses, o que já não me caracteriza exatamente como turista, dado o propósito que me levou à Espanha, que foi o de fazer pesquisa e realizar um intercâmbio acadêmico, algumas pessoas locais certamente me categorizavam como tal. Porém, pude observar que, mesmo sendo estrangeiro em um lugar, o *outsider* na condição de morador temporário tende a se comportar de forma semelhante ao de morador permanente. Isso porque tende a respeitar e se adequar àquele ambiente de seu endereço provisório, pois, ainda que fugaz, esse é o seu endereço, a sua morada, o lugar onde ele terá que encarar os mesmos vizinhos dia após dia e frequentar os mesmos comércios, entre outras situações. De modo geral, esse comportamento de *turista morador* temporário pode ser assim definido, ainda que, é claro, possam existir exceções. Em suma, o turista “não morador” é um exemplo de *transeunte* do tipo *outsider*, e não um *outsider* apenas.<sup>68</sup>

No segundo caso, o dos *transeuntes outsiders* representados pelos imigrantes de várias nacionalidades que residem na cidade de Madrid, mas que não residem e tampouco trabalham na RL, há características que se assemelham ao caso anterior, o dos turistas. Geralmente,<sup>69</sup> um imigrante é sempre um *outsider* que imprime ao lugar onde se encontra um *espaço de mudanças*. Na RL, comerciantes chineses são o exemplo mais pujante de imigrantes identificados como *outsiders* nesse *espaço*. Porém, as pessoas da comunidade chinesa radicada em Madrid que frequentam a rua, sejam como consumidores dos comércios de seus compatriotas, sejam como fornecedores de mercadorias ou, simplesmente, como visitantes por laços de amizade ou consanguinidade com pessoas que trabalham neste lugar, são *transeuntes* de tipo *outsider*.

Ainda que a presença desse coletivo seja uma forte característica da rua, é preciso pontuar que também os restaurantes árabe e peruano propulsionam a atração de *transeuntes outsiders*, pois grande parte de sua clientela é composta por imigrantes árabes ou peruanos moradores de outras partes da cidade de Madrid. Trata-se de pessoas que residem em Madrid e que frequentam esses locais, talvez para aliviar a saudade de suas comidas típicas e/ou para fomentar os costumes de origem, exaltados

---

<sup>68</sup> Aquele considerado morador “novo”, conforme explico no Quadro 1.

<sup>69</sup> Idem a nota de rodapé anterior. A palavra “geralmente” justifica-se em função das particularidades do campo, às quais voltarei a me referir retomando o caso de Latina no capítulo 6, na reflexão acerca da configuração das *sociedades complexas*.

nos restaurantes por meio da música típica, da decoração do ambiente, entre outras lembranças.

Além desses exemplos, há muito trânsito de latino-americanos e de pessoas das mais diversas partes da Europa, passíveis de serem identificadas pelo idioma. São *transeuntes* de tipo *outsider*, são passantes que transitam pela RL diariamente e que fazem parte do fluxo, da vida que anima a cidade, mas que, na maioria das vezes, são identificados pela sua condição de imigrantes estrangeiros. No que tange a meus interlocutores de pesquisa, Gladys e Doca são exemplos dessa classificação. Ambas são moradoras de Madrid e imigrantes latino-americanas. Não são moradoras ou trabalhadoras da RL, são *transeuntes* de tipo *outsider*, que transitam por essa via por diferentes conteúdos de interesses.

Para finalizar a apresentação desse terceiro grupo de usuários da rua Leganitos, entre aqueles que se enquadram como exemplo de *transeunte*, posso citar apenas meu interlocutor de pesquisa UAM. De acordo com a sua narrativa e a forma como ele se apropria desse *espaço*, UAM não desfruta nem da condição temporária de *vizinhança*, nem da condição de *outsider*. UAM, não só é espanhol, como é madrileno. Conhece a RL, mas não a frequenta. Ele apenas utiliza a rua como meio de acesso para as demais localidades do Distrito Centro, ou seja, como usuário se utiliza da RL para cortar caminho, mas nela nunca se detém.

Neste capítulo, apresentei meus interlocutores de pesquisa e suas narrativas, por meio das quais pude identificar os tipos de usuários da rua Leganitos e realizar inferências acerca de seu *espaço urbano*, que se conforma através de uma justaposição de *permanências* e *mudanças*.

No capítulo a seguir, apresento a seleção de um conjunto de reportagens, narrativas da mídia local, sobre a rua Leganitos, por meio do qual dou continuidade à sua interpretação enquanto *espaço urbano* a partir de outras vozes. Isso me proporcionará enriquecer as reflexões que desejo ensejar no capítulo 6 acerca do debate sobre as *sociedades complexas* e da antropologia *da e na cidade*.



## 5 A RUA NAS NARRATIVAS DA MÍDIA

Neste capítulo, realizo a apresentação e a classificação das narrativas da mídia<sup>1</sup> local sobre a rua Leganitos, por meio de linhas de representação identificadas em uma análise documental realizada sobre seis reportagens.

Num primeiro momento, apresento, no Quadro 3, uma seleção de reportagens. Cada uma dessas reportagens é identificada por um número, seu título, fonte e ano de sua publicação.<sup>2</sup>

Num segundo momento, dou início à classificação das narrativas das reportagens apresentadas. O objetivo que guiou minha procura por notícias que vinculassem a RL aos comércios chineses visava à compreensão dos elementos que embasavam a narrativa que se refere à RL como “*la calle de los chinos*”. Uma narrativa que me intrigava em função das características desta rua e de suas imediações, conforme descrevi nos dois primeiros capítulos.

No decorrer do processo de análise documental das reportagens da mídia local fui me deparando com nuances de significado dentro dessa mesma referência (“*la calle de los chinos*”), assim como, com narrativas que vinculavam a RL a outras questões que não se relacionavam aos comércios chineses. A partir dessa observação, categorizei primeiramente as narrativas midiáticas em dois grupos, Conjunto 1 e Conjunto 2. Desses dois eixos temáticos, passo a evidenciar outros desdobramentos de sentido.

### 5.1 APRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO DE REPORTAGENS

No Quadro 3 organizo a exposição das reportagens da mais antiga até a mais recente, iniciando pela publicação do ano de 2012 até a publicação do ano de 2016. Na sequência, exponho cada uma das reportagens em um cabeçalho de informações, seguidas de um resumo temático. No cabeçalho de informações constam título, subtítulo (quando for o caso), data da publicação, fonte, nome e informações da mídia

---

<sup>1</sup> Esclareço que o termo “mídia” nesta pesquisa é empregado no sentido de “meio de comunicação social”.

<sup>2</sup> Gostaria de pontuar que a compreensão da narrativa de cada reportagem demanda conhecimento do contexto urbano na qual a RL está inserida, e que essas informações contextuais constam no capítulo 2 e nos anexos.

responsável por veicular a reportagem.<sup>3</sup> O objetivo da exposição dos resumos temáticos é o de introduzir o leitor, de forma sintética, aos enfoques produzidos sobre a rua Leganitos pela mídia local.

Quadro 3 – Narrativas Midiáticas

<b>Identificação da Reportagem</b>	<b>(*)Título/(**)Subtítulo/Fonte</b>	<b>Data mês/ano</b>
<b>1</b>	* <i>La ratonera de Carmena: 9.700 multas en 30 días por pasar por esta calle</i> ** La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial. Fonte: Publicado em <i>El Español</i> (DELGADO, 2016, on-line).	01/2016
<b>2</b>	* <i>La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”.</i> Fonte: Publicado em <i>Vozpópuli</i> (MOLPECERES, 2015, on-line).	08/2015
<b>3</b>	* <i>Supermercado Chino en Leganitos</i> Fonte: Publicado em <i>TeleMadrid</i> (SANTOS, 2015, on-line).	06/2015
<b>4</b>	* <i>Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos</i> **Es la que más carga de trabajo y de denuncias soporta del país. Un espejo «tercermundista» para los que acuden a ella Fonte: Publicado em <i>ABC</i> (ÁLVAREZ; HIDALGO, 2014, on-line).	07/2014
<b>5</b>	* <i>¿La comunidad china compra España?</i> ** El dragón se hace fuerte en sectores clave, como las telecomunicaciones, el ladrillo o el turismo. Fonte: Publicado em <i>ABC</i> (PASTRANA, 2014, on-line).	03/2014

<sup>3</sup> O item “informações desta mídia”, que precederá o resumo temático de cada reportagem, foi incorporado à versão final do trabalho como parte das sugestões dos componentes da Banca de Qualificação desta tese, ocorrida em julho de 2016, que julgou pertinente a exposição da posição ideológica de cada meio de comunicação aqui utilizado. Dessa forma, o Apêndice D também faz parte do cumprimento dessa exigência.

6	<p><i>*La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros.</i></p> <p><i>**El «Chinatown» madrileño cuenta con una autoescuela, una librería e incluso un club de alterne.</i></p> <p>Fonte: Publicado em ABC (PASTRANA, 2012, on-line).</p>	03/2012
---	---	---------

Fonte: Elaboração própria.

**REPORTAGEM 1: *La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial***

Subtítulo: *La ratonera de Carmena: 9.700 multas en 30 días por pasar por esta calle*

Data: 29/01/2016

Fonte: Delgado (2016, on-line).

Mídia: *El Español*

Informações desta mídia:<sup>4</sup> *El Español* é um jornal on-line que foi fundado em outubro de 2015. De acordo a Comscore,<sup>5</sup> este jornal se configura como o segundo meio nativo de informação digital na *Espanha*. Em termos de acesso, possui mais de 7,7 milhões de leitores. Trata-se de um meio de comunicação de centro-direita com uma postura parcialmente crítica ao Partido Popular (PP).<sup>6</sup>

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como protótipo da falha do projeto da Prefeitura da cidade de Madrid (liderada pela prefeita Manuela Carmena) de implantação das Áreas de Prioridade Residencial (APRs). As APRs são espaços urbanos onde o trânsito de veículos é restringido aos não residentes, com o objetivo de preservar o uso sustentável das vias da cidade e de diminuir os níveis de

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/El\\_Espa%C3%B1ol\\_\(peri%C3%B3dico\\_digital\);\\_https://es.wikipedia.org/wiki/Pedro\\_J.\\_Ram%C3%ADrez](https://es.wikipedia.org/wiki/El_Espa%C3%B1ol_(peri%C3%B3dico_digital);_https://es.wikipedia.org/wiki/Pedro_J._Ram%C3%ADrez)>, <<http://www.periodistadigital.com/periodismo/internet/2015/06/16/pedrojota-ramirez-daniel-basterio-jordi-colome-vicente-ferrer-molina-el-espanol-nohacefaltapapel.shtml>> e <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ComScore>>.

<sup>5</sup> A Comscore é uma empresa norte-americana de análise da internet que fornece informações sobre grandes empresas, agências de publicidade e mídias para todo o mundo.

<sup>6</sup> Informações sobre os Partidos Políticos da Espanha, ver Apêndice D.

contaminação acústica e atmosférica. O controle de acesso às APRs é realizado por câmeras de segurança que capturam a imagem das placas dos veículos. Veículos com acesso não autorizado são penalizados com multas de 90 euros. Atualmente existem quatro APRs em Madrid — *APR de Letras*, *APR de Cortes*, *APR de Embajadores* e a *APR de Ópera* —, que incluem a rua Leganitos. Segundo essa narrativa, o projeto das APRs nessa rua é comprovadamente precário visto as inúmeras denúncias de seus usuários com relação a multas excessivas por causa do inadequado posicionamento das placas de sinalização. Essa situação faz com que a rua Leganitos se configure como uma “ratoeira” ou armadilha da Prefeitura. Por isso o subtítulo da reportagem se refere à RL como “*La ratonera de Carmena*”.

## **REPORTAGEM 2: *La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”***

Data: 16/08/2015

Fonte: Molpeceres (2015, on-line).

Mídia: *Vozpópuli*

Informações desta mídia:<sup>7</sup> *Vozpópuli* é um jornal on-line de ideologia política liberal, especializado em notícias econômicas, financeiras e de atualidades políticas. Foi fundado em outubro de 2011 pelo jornalista e escritor Jesús Cacho Cortés, que, antes, trabalhou nos veículos midiáticos da ABC, que veicula as três últimas reportagens da seleção apresentada e analisada em minha pesquisa.

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como um exemplo da expansão econômica da comunidade chinesa em Madrid e pontua que nem mesmo a crise na Espanha impede esses imigrantes de empreenderem na Capital.<sup>8</sup> Ressalta o poder de empreendedorismo desses imigrantes, trazendo dados sobre os diferentes tipos de negócios geridos por eles desde os anos 1980 até os anos 2000. Aponta que em Madrid vivem 51.833 cidadãos chineses, os quais constituem o terceiro grupo imigrante a contribuir com a Previdência

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis em:  
 <<https://es.wikipedia.org/wiki/Vozp%C3%B3puli>>  
 e  
 <[https://es.wikipedia.org/wiki/Jes%C3%BAs\\_Cacho](https://es.wikipedia.org/wiki/Jes%C3%BAs_Cacho)>.

<sup>8</sup> A reportagem ainda explica que, quando os Bancos da Espanha fecharam suas linhas de crédito para novos investimentos, empreendedores da comunidade chinesa buscaram apoio econômico entre seus familiares e compatriotas. Informações sobre a crise na Espanha foram expostas no capítulo 2.

Social da Espanha. Descreve que os primeiros comércios chineses foram os restaurantes de tipo mais tradicional em comparação com os de tipo “wok” (restaurantes asiáticos de *buffet* livre), implantados na cidade a partir dos anos 2000. Junto dos “wok” a comunidade chinesa investiu nos bazares de tipo “*todo a cien*”, lojas de venda de bazar de baixo custo análogas às lojas chamadas de “1,99” no Brasil. A rua Leganitos é um dos destaques da reportagem em função de sua localização central em Madrid e de sua proximidade com a Gran Vía. Junto do advento da rua Leganitos, o argumento da expansão dos comércios chineses na Capital é reforçado pelo exemplo da instalação da cadeia de roupas *Mulaya*,<sup>9</sup> uma forte concorrente da cadeia nacional espanhola de roupas *Zara*.<sup>10</sup> Daí o sentido da expressão “*Zara asiático*” presente no título da reportagem.

### **REPORTAGEM 3: Supermercado Chino em Leganitos**

Data: 18/06/2015

Fonte: Santos (2015, on-line).

Mídia: *Telemadrid.es*

Informações desta mídia:<sup>11</sup> *Telemadrid.es* é a edição aberta na internet da *Telemadrid*, cadeia autônoma e pública de televisão da Comunidade de Madrid, o que significa que é financiada pelo Governo regional de Madrid. Foi fundada em 1989 pelo governo do Partido Socialista Obrero Español (PSOE). Quando Esperanza Aguirre foi presidenta da Comunidade Autônoma de Madrid (2003-2012), muitas pessoas a acusaram de fazer de *Telemadrid* uma boca de urna de seu partido político, o Partido Popular (PP). Atualmente, desde 2015 (período em que eu ainda estava em trabalho de campo), a presidenta da Comunidade de Madrid é Cristina Cifuentes Cuencas, também do PP.<sup>12</sup> Durante o período em que vivi em Madrid, escutava pessoas criticando que o *Telemadrid* servia aos interesses ideológicos do partido da situação.

---

<sup>9</sup> Grandes magazines que vendem roupas que seguem as tendências da moda internacional a baixo custo.

<sup>10</sup> Cadeia de lojas de roupas e acessórios espanhola, conhecida internacionalmente e presente em diversos países inclusive no Brasil.

<sup>11</sup> Grande parte dessas informações está disponível em: <<http://www.telemadrid.es/corporativo/historia>>, <[https://es.wikipedia.org/wiki/Joaqu%C3%ADn\\_Leguina](https://es.wikipedia.org/wiki/Joaqu%C3%ADn_Leguina)>, <[https://en.wikipedia.org/wiki/Esperanza\\_Aguirre](https://en.wikipedia.org/wiki/Esperanza_Aguirre)> e

<[https://es.wikipedia.org/wiki/Cristina\\_Cifuentes](https://es.wikipedia.org/wiki/Cristina_Cifuentes)>.

<sup>12</sup> Informações sobre os partidos políticos da Espanha, ver Apêndice D.

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como um lugar de passeio e de consumo e está direcionada a um público específico de admiradores da cozinha asiática. A reportagem trata das singularidades de um mercado chinês da rua Leganitos, ressaltando que o referido comércio possui uma grande variedade de ingredientes culinários importados. Faz uma descrição detalhada sobre os produtos vendidos nesse local e define que a sensação de passear pela rua Leganitos é a de como ser transportado para a China.

#### **REPORTAGEM 4: *Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos***

Subtítulo: *Es la que más carga de trabajo y de denuncias soporta del país. Un espejo “tercermundista” para los que acuden a ella.*

Data: 08/07/2014

Fonte: Álvarez E Hidalgo (2014, on-line).

Mídia: ABC

Informações desta mídia:<sup>13</sup> O ABC é um jornal fundado em 1903 por um jornalista de Sevilha de ideais monárquicos que militou no partido liberal conservador de sua época. Nos dias atuais, trata-se de um jornal diário de distribuição nacional, de linha conservadora, monárquica e católica, dedicado ao gênero de informações gerais. O ABC é uma das marcas do *Vocento* (grupo de comunicação multimídia de informação geral da Espanha formado por mais de cem empresas). Sua linha ideológica compactua politicamente com a defesa da unidade da Espanha e, economicamente, com a liberdade de mercado. Diz-se sobre o ABC que é uma mídia de direita e pró PP (Partido Popular). De acordo com a Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación (AIMC),<sup>14</sup> estima-se que o ABC possua seiscentos mil leitores entre edições impressas e digitais.

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como endereço ou lugar que abriga a delegacia de polícia mais importante

---

<sup>13</sup> Informações disponíveis em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/ABC\\_\(peri%C3%B3dico\)](https://es.wikipedia.org/wiki/ABC_(peri%C3%B3dico)),[https://es.wikipedia.org/wiki/Asociaci%C3%B3n\\_para\\_a\\_Investigaci%C3%B3n\\_de\\_Medios\\_de\\_Comunicaci3n](https://es.wikipedia.org/wiki/Asociaci%C3%B3n_para_a_Investigaci%C3%B3n_de_Medios_de_Comunicaci3n),[https://eEstudio\\_general\\_de\\_medios](https://eEstudio_general_de_medios) e [https://es.wikipedia.org/wiki/Torcuato\\_Luca\\_de\\_Tena\\_y\\_%C3%81lvarez\\_Osorio](https://es.wikipedia.org/wiki/Torcuato_Luca_de_Tena_y_%C3%81lvarez_Osorio)>.

<sup>14</sup> Associação espanhola responsável pela elaboração do estudo dos meios de comunicação do país.

de Madrid, e a que possui maior carga de trabalho e número de denúncias de toda a Espanha. A reportagem trata dos problemas com a infraestrutura do local e descreve, com riqueza de detalhes, suas péssimas condições de trabalho que, por consequência, refletem em um atendimento precário de seus usuários. Utiliza da expressão “*tercermundista*” (relativa a terceiro mundo) para traduzir as mazelas desse local. Até mesmo a estreiteza da rua é mencionada como um problema que acarreta a falta de espaço para o estacionamento de carros oficiais e o tráfego inseguro de detentos.

### **REPORTAGEM 5: *¿La comunidad china compra España?***

Subtítulo: *El dragón se hace fuerte en sectores clave, como las telecomunicaciones, el ladrillo o el turismo.*

Data: 22/03/2014

Fonte: Pastrana (2014, on-line).

Mídia: ABC

Informações desta mídia: idem reportagem anterior de número 4.

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como elemento que ratifica o processo de expansão econômica da comunidade chinesa em Madrid e em âmbito nacional. Trata da compra do Edifício España por um empresário chinês, edifício situado na Plaza de España, a poucos metros da rua Leganitos. Ressalta a importância emblemática e da localização desse edifício para o contexto nativo, em termos de centralidade territorial na capital do país. A pergunta que intitula a reportagem, e que pode ser traduzida para o português como “A comunidade chinesa compra a Espanha?”, conota certo alarme com relação ao movimento de expansão comercial e econômica da China nesse país. Não somente em relação à compra do Edifício España, mas também em relação à aquisição de uma significativa porcentagem de imóveis com a finalidade de moradia. No decorrer da reportagem constam vários apontamentos sobre as características do coletivo imigrante em questão. Os chineses são reconhecidos pela sua capacidade empreendedora, pelo seu esforço ilimitado com relação ao trabalho e sua ambição em prosperar. Junto a isso, a reportagem pontua que raramente os chineses pedem empréstimos aos bancos locais, porque, por meio de um sistema de comum acordo entre seus compatriotas, se ajudam mutuamente através de empréstimos financeiros.

**REPORTAGEM 6: *La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros***

Subtítulo: *El “Chinatown” madrileño cuenta con una autoescuela, una librería e incluso un club de alterne.*

Data: 24/03/2012

Fonte: Pastrana (2012, on-line).

Mídia: ABC

Informações desta mídia: idem reportagens anteriores de números 4 e 5.

Resumo temático: A narrativa desta reportagem apresenta a rua Leganitos como um lugar que possui 18 comércios chineses e que tem como público-alvo indivíduos do mesmo coletivo imigrante. A reportagem comenta a diversidade dos comércios chineses da rua Leganitos exibindo alguns questionamentos polêmicos e, por vezes, comentários de tom pejorativo com relação ao coletivo estrangeiro em questão. Alude ao fato da existência de algumas atividades incógnitas desses imigrantes na rua, bem como de que os mesmos se utilizam da incompreensão de seu idioma a favor de seus próprios interesses. Definem os chineses da rua Leganitos como pessoas discretas que aos poucos vão ganhando espaço, “como uma colônia de formigas”.<sup>15</sup>

Concluída a apresentação da seleção das narrativas midiáticas sobre a rua Leganitos, por meio da qual é possível notar certa diversidade de enfoques, na próxima seção apresento a classificação dessas narrativas, por meio de linhas de representação que convergem ou divergem da “*calle de los chinos*” identificadas a partir desta seleção de reportagens.

## 5.2 CLASSIFICAÇÃO DAS NARRATIVAS MIDIÁTICAS

Na classificação preliminar das seis reportagens, utilizo-me do seguinte critério: divido o total de reportagens em dois conjuntos para distinguir as narrativas que associam, ou não, a rua Leganitos à presença do coletivo imigrante chinês.

No Quadro 4, sintetizo a forma como classifico primeiramente o conjunto total das informações contidas nas reportagens.

---

<sup>15</sup> A expressão “como uma colônia de formigas” é a tradução do que consta na reportagem original e parece ser utilizada (assim como na reportagem anterior) com o objetivo de chamar a atenção ao processo de expansão econômica do coletivo chinês em uma das zonas mais centrais e valorizadas de Madrid.

Quadro 4 - Classificação preliminar das narrativas midiáticas

CONJUNTO 1	CONJUNTO 2
Narrativas que <u>associa</u> m a RL ao coletivo imigrante chinês	Narrativas que <u>não associa</u> m a RL ao coletivo imigrante chinês
Reportagem 2 - <i>La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”</i> .	Reportagem 1 - <i>La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial.</i>
Reportagem 3 - <i>Supermercado Chino em Leganitos.</i>	Reportagem 4 - <i>Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos.</i>
Reportagem 5 - <i>¿La comunidad china compra España?</i>	
Reportagem 6 - <i>La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros.</i>	

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 4, é possível verificar que, na maior parte das reportagens, a mídia local *associa* a RL à presença do coletivo chinês em suas narrativas. O que demonstra uma tendência a veicular esta rua como “*la calle de los chinos*”. Contudo, em menor proporção, a mídia local também vincula a RL a questões que não se associam ao coletivo imigrante chinês, mas a acontecimentos ou processos aleatórios do cotidiano.

### 5.2.1 Narrativas midiáticas que associam a rua Leganitos ao coletivo imigrante chinês (Conjunto 1)

Com relação as quatro narrativas do Conjunto 1, identifiquei duas formas de associar a RL à presença do coletivo chinês, as quais denomino de associação direta e associação semidireta. Isso porque, mesmo que as narrativas tenham em comum o fato de associarem a RL aos chineses, observo que essa associação apresenta nuances de significado que podem, por seu turno, ser discutidas por separado. O Quadro 5 sintetiza essa observação.

Quadro 5 - Narrativas que associam a RL ao coletivo imigrante chinês de forma direta e semidireta

Conjunto 1 - Narrativas que <u>associam</u> a RL ao coletivo imigrante chinês	
a) Associação Direta	b) Associação Semidireta
Reportagem 3 - <i>Supermercado Chino em Leganitos.</i>	Reportagem 2 - <i>La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”.</i>
Reportagem 6 - <i>La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros.</i>	Reportagem 5 - <i>¿La comunidad china compra España?</i>

Fonte: Elaboração própria.

### 5.2.1.1 Associação Direta

Com respeito às narrativas das reportagens 3 e 6, é possível notar que existe uma associação *direta* entre a RL e o coletivo imigrante chinês, porque abordam a RL a partir dos chineses e seus comércios presentes nessa rua. Ou seja, aqui a convergência com a representação “*la calle de los chinos*” é configurada a partir de uma leitura realizada de dentro desse espaço e de elementos que lhe são próprios, os comércios chineses da rua Leganitos propriamente.

O foco narrativo das reportagens 3 e 6 toma o coletivo chinês como marca da identidade da RL.

A narrativa da reportagem 3, intitulada *Supermercado Chino em Leganitos*, destaca um dado supermercado chinês e lança a RL como local de passeio, de consumo, e/ou de curiosidade para aqueles que apreciam ou desejam conhecer melhor a cultura gastronômica da China. Trecho que destaco da reportagem: “*Pasear por la calle Leganitos de Madrid [...] la tele transportación te sitúa en China*”. Em outras palavras, a narrativa afirma que passear por essa rua é experimentar a sensação de ser transportado para a China, mesmo estando na capital da Espanha.

De modo similar, a narrativa da reportagem 6, intitulada *La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros*, destaca quatro comércios específicos (a livraria, a autoescola, um locutório e uma casa noturna) e apresenta a RL como um lugar onde os comércios chineses predominam. Junto a isso, a narrativa alude à existência de atividades incógnitas desses imigrantes na RL, bem como de que eles se utilizam da incompreensão de seu idioma a favor de seus próprios interesses. Trecho que destaco da reportagem: “*Parece que en la calle Leganitos terminan mandando otras normas*”. Quer dizer, nessa narrativa, o coletivo chinês marca a identidade dessa rua a ponto de que o

modo de vida desse lugar seja orientado por normas e costumes estranhos às normas e costumes tradicionais e praticadas pelos nativos.

### 5.2.1.2 Associação *Semidireta*

De outro modo, com respeito às narrativas das reportagens 2 e 5, é possível notar que existe uma associação *semidireta* entre a RL e o coletivo migrante chinês, porque abordam a rua a partir e como protótipo de um processo maior que sucede em Madrid e também na Espanha: o da imigração chinesa nesse país. Aqui, a convergência com a representação “*la calle de los chinos*” é configurada a partir de uma leitura realizada de fora desse lugar e de elementos que *não* lhe são exclusivos, mas que são consequência de um processo mais abrangente e que, ao mesmo tempo, o ratifica.

O foco narrativo das reportagens 2 e 5 traz como exemplo a rua Leganitos, mostrando como a comunidade migrante chinesa está ganhando espaço na cidade e quais são as suas estratégias para atingir esse objetivo. Em outras palavras, a RL torna-se um protótipo de um processo que apresenta diferentes vertentes.

A narrativa da reportagem 2, intitulada *La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”*, destaca a expansão comercial dos chineses na capital espanhola. A RL aparece como um exemplo, entre outros, dessa expansão e suas consequências na economia local. Trecho que destaco da reportagem: “*En pleno centro de Madrid, en la calle Leganitos — junto a la Gran Vía —, se encuentra uno de los puntos en la que los emprendedores chinos han decidido implantarse*”. Quer dizer, nessa narrativa, a rua Leganitos é um protótipo de um processo mais amplo, porque, entre os locais de expansão comercial dos chineses em Madrid, a Rua que está localizada numa das zonas mais centrais da cidade, nas imediações de uma de suas principais avenidas, e abriga um conglomerado substantivo desses comércios estrangeiros.

De modo similar, a narrativa da reportagem 5, intitulada *¿La comunidad china compra España?*, destaca a compra do Edifício España, um dos patrimônios arquitetônicos mais populares e simbólicos da cidade de Madrid, por um magnata chinês. A RL aparece como um exemplo de que, nas proximidades do Edifício España, também se comprova a expansão e a capacidade empreendedora do coletivo chinês em um dos pontos mais centrais da capital da Espanha. Trecho que destaco da reportagem: “*A escasos metros, cruzando la Plaza de España, se encuentra la calle Leganitos, el «China Town» madrileño, con 18*

*comercios chinos en apenas 300 metros. Peluquerías, librerías e incluso una autoescuela solo para chinos*". Quer dizer, nessa narrativa a rua Leganitos mais uma vez é narrada enquanto protótipo em comparação a outros processos, nesse caso, o da venda do Edifício España.

Feitas as observações sobre o primeiro eixo temático que associa a rua Leganitos a comunidade imigrante chinesa, a exposição que se segue trata do segundo eixo temático, das narrativas que não fazem essa associação.

### 5.2.2 Narrativas midiáticas que não associam a rua Leganitos ao coletivo imigrante chinês (Conjunto 2)

Diferentemente das narrativas anteriores, o eixo temático que compreende as reportagens 1 e 4 não vincula a rua Leganitos aos chineses, mas a eventos variados que lá ocorrem. Eventos do cotidiano de um lugar também compõem, de modo não menos importante, as particularidades de um *espacio urbano*, incidindo, portanto, em suas formas de representação. O Quadro 6 retoma as reportagens do Conjunto 2, que adotam esse tipo de narrativa.

Quadro 6 - Narrativas que não associam a RL ao coletivo imigrante chinês

Conjunto 2 - Narrativas que <u>não</u> associam a RL ao coletivo imigrante chinês
Reportagem 1- <i>La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial.</i>
Reportagem 4 - <i>Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos.</i>

Fonte: Elaboração própria.

A reportagem 1, intitulada *La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial*, destaca os problemas que o projeto de restrição de trânsito tem causado na zona de Ópera (que abarca a rua Leganitos). Nessa narrativa, a RL aparece como cenário de um evento que marca negativamente o cotidiano daqueles que necessitam transitar por essa via, por causa do número abusivo de multas que a inadequada sinalização local tem produzido a seus usuários. A rua Leganitos pertence à APR de Ópera, podendo ser trafegada apenas por seus moradores, comerciantes, motoristas, que utilizem estacionamentos privados, taxistas ou proprietários de veículos elétricos.<sup>16</sup> Trecho que destaco da reportagem:

<sup>16</sup> Veículos elétricos não se enquadram nas zonas de APRs, porque não emitem gases poluentes ao meio ambiente. Nesse projeto relacionado à mobilidade urbana

“*Leganitos 24 es el punto con mayor número de multas de las APRs de Madrid*”. Quer dizer, nessa narrativa, a rua Leganitos não aparece vinculada ao coletivo chinês, mas a uma questão pontual que diz respeito à mobilidade urbana local.

A reportagem 4, intitulada *Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos*, destaca os problemas pelos quais a delegacia de polícia da RL vem passando em relação à carência de investimentos na sua infraestrutura. Nessa narrativa, assim como no exemplo anterior, a RL aparece como cenário de um acontecimento que marca negativamente o dia a dia dos usuários que necessitam dos serviços prestados pela polícia local. Trecho que destaco da reportagem: “*Vergonzoso, tercermundista, impresentable, e inseguro. Esos son los calificativos que les merece a los sindicatos de la Polición Nacional el estado de la comisaría más grande de Europa: la del **Distrito Centro**, enclavada en el número 19 de la calle de Leganitos*”. Quer dizer, nessa narrativa, a rua Leganitos não aparece vinculada ao coletivo chinês, mas a uma questão pontual que diz respeito à segurança urbana.

Dito isso, finalizo a classificação e análise das narrativas midiáticas acerca da rua Leganitos. Narrativas que, de um modo geral, associam essa rua ao coletivo chinês por causa dos comércios ali instalados. De forma direta, quando por meio de elementos internos a seu *espacio*. De forma semidireta, quando toma a RL enquanto protótipo de um processo externo (em origem) que se consolida no contexto mais abrangente da cidade de Madrid e da Espanha: o fenômeno da imigração chinesa que passa a constituir o *espacio* da RL. E, de forma menos frequente, a mídia vincula a RL a processos aleatórios, não associados à presença dos comércios chineses, mas a processos que se originam no contexto da cidade e que passam a constituir o espaço da rua Leganitos.

Essas observações serão recuperadas no próximo capítulo, por reverberarem na reflexão acerca da conformação do *espacio urbano* por meio da etnografia da rua Leganitos, como também, na reflexão acerca das *sociedades complexas* e de uma antropologia *da e na* cidade de forma conjunta.

---

do local, a poluição atmosférica se tornou um dos principais alvos de combate, justamente por ser o mais grave problema urbano da cidade de Madrid.



## 6 QUANDO O CAMPO É A CIDADE, O ESPAÇO EXTRAPOLA O LUGAR

Neste capítulo, recupero algumas questões da pesquisa como um todo, que julgo serem frutíferas para animar (ou reanimar) a reflexão teórica acerca de dois temas constituintes do âmbito da Antropologia Urbana enquanto disciplina: refiro-me ao tema das *sociedades complexas* e da antropologia *da e na* cidade. Em outros termos, parafraseando Magnani (1996), trata-se de reflexões inerentes à situação de “quando o campo é a cidade”. Meu objetivo é demonstrar que esses dois temas se fundem na questão do *espaço urbano* como objeto de pesquisa e também esclarecer por que a reflexão sobre as *sociedades complexas* ecoa no debate acerca da antropologia *da e na* cidade, especialmente quando o pesquisador ambiciona oferecer uma interpretação de um dado *lugar* em termos de *espaço urbano*, como no caso desta tese. Uma investigação de cunho antropológico e etnográfico debruçada sobre uma rua, um *lugar*, que persegui por meio de técnicas de pesquisa diversas a fim de oferecer uma apreciação da mesma enquanto *espaço urbano*. Um *espaço urbano* constituído pela justaposição de *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*.

Para efetivar a interpretação que ofereço nesta tese, com base na unidade espacial e analítica de uma rua, entre muitas unidades espaciais que compõem a cidade, constatei, na etnografia da rua Leganitos, o quanto se faz imprescindível a consideração de um elemento: o contexto (o entorno) em que esse *espaço* está inserido. Ou, mais precisamente, as características e os processos que estabelecem esse contexto, conforme apresentei no capítulo 2. Isso porque grande parte das características particulares de um *lugar* está intimamente relacionada às características de seu entorno e é reflexo de processos externos, ou, de cunho mais abrangente da cidade onde se localiza.<sup>1</sup>

No caso da rua Leganitos, a Plaza de España, a avenida Gran Vía, o bairro Palacio e demais bairros do Distrito Centro podem ser considerados como seu contexto próximo, assim como as demais partes

---

<sup>1</sup> A cidade, a partir de suas diversificadas configurações espaço-temporais, congrega modos de vida que são estabelecidos, criados e recriados em seu interior a partir do significativo aumento da mobilidade espacial humana, provocados em função da globalização, da revolução nos transportes e dos meios comunicacionais (HALL, 2004). Nesse sentido, as cidades (na composição de seus *espaços*) podem ser consideradas como lugares estratégicos para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade (HANNERZ, 1999).

da cidade de Madrid, e mesmo a Espanha, podem ser consideradas como seu contexto menos próximo. No entanto, reitero que todos compõem, em menor ou maior medida, um contexto uno (ainda que plural) que influencia e se inter-relaciona com as características e os processos que definem essa rua.

Em resumo, o estudo de uma rua demanda o desafio de conhecer o ambiente no qual ela está inserida, ainda que minimamente (as características das imediações próximas, da cidade e do país), porque ela é também constituída por esse contexto em termos dos processos diversos que o conformam.

Uma rua, assim como um bairro ou uma praça dificilmente serão “ilhas” dentro da cidade onde se situam, porque em maior ou menor proporção, como parte da composição de uma cidade, sempre se constituirão como continuidades de um tecido urbano mais abrangente ou como continuidades de características e processos presentes também em outros locais da cidade. Dessa forma, seria a cidade um todo homogêneo em características e processos? Não, não seria e não é, pois, como descreve Velho (2011, p. 163), no estudo do universo urbano, há de se considerar que “a cidade é produto e produtora de heterogeneidade”.

A especificidade da rua Leganitos pode ser pensada nos termos dos contrastes de sua paisagem urbana, conforme apresentei no capítulo 3: edificações antigas ao lado de edificações contemporâneas; comércios “*de barrio*” ao lado de comércios “*chinos*”; em função do processo migratório de chineses que ocorre por toda a Espanha; “*gente de toda la vida*” convivendo com “*gente de paso*”; restaurantes e bares de comida típica espanhola, ao lado de restaurantes ou bares de comidas típicas de outros países, e assim por diante. Trata-se da combinação entre heterogeneidades socioculturais e diferenciações sociais marcantes, mas em constante interação, trata-se das *sociedades complexas* (VELHO, 2003).

Gostaria de pontuar que a referência às *sociedades complexas* é utilizada nesta tese de acordo as colocações de Velho (2003) e também de Goldman (1999). Para que não reste nenhuma dúvida de que o sentido da utilização do termo *sociedades complexas* não pressupõe a existência de (ou um contraponto com) “sociedades simples”, embaso-me no seguinte apontamento de Goldman (1999):

[...] é claro que não existem sociedades simples, e basta meditar um pouco sobre qualquer cultura para que sua complexidade específica venha à luz. Complexidade *específica*, uma vez que por “sociedade” ou “cultura” devemos entender apenas

o arranjo particular de processos e forças que podem estar presentes em muitas partes, ou até mesmo em todas; arranjo cujos limites são dados exclusivamente pela posição do observador e pelas necessidades da pesquisa. O termo “sociedades complexas” deve, portanto, ter o mesmo destino do de “sociedades primitivas”, entendido sempre entre aspas, como se diz, e remetendo simplesmente para o contexto em relação ao qual o observador deve buscar um certo afastamento (GOLDMAN, 1999, p. 103).

Feitos esses esclarecimentos, na seção 6.1, recupero alguns elementos da etnografia da rua Leganitos para animar a reflexão sobre as *sociedades complexas* e suas relações com o *espaço urbano*. Para tanto, retomo como mote de reflexão o caso de minha interlocutora Latina e a tipologia de usuário que classifiquei como *transeuntes*.<sup>2</sup> Na seção 6.2, de forma análoga, recupero elementos para animar o debate acerca da antropologia *na e da cidade* a partir da perspectiva do *espaço urbano* enquanto objeto de pesquisa. E, por último, na seção 6.3, apresento alguns pressupostos que tratam das especificidades da abordagem antropológica que fizeram parte de minhas preocupações na construção desta tese.

## 6.1 RUA, SOCIEDADES COMPLEXAS E O ESPAÇO URBANO

Por meio do primeiro conjunto narrativo, o dos interlocutores da pesquisa,<sup>3</sup> foi possível observar que a conformação das *sociedades complexas* vem à tona quando da classificação de seus usuários e da forma como estes se apropriam da RL, seja reforçando *espaços de permanências*, seja promovendo *espaços de mudanças*.

Dentro da tipologia de usuários configurada pela etnografia da RL apresentei o grupo dos *transeuntes*, pessoas que sinalizam trânsito/impressoalidade.<sup>4</sup> Esse grupo possui a particularidade de que, em *algumas* situações, e de modo descontínuo, pode desfrutar da condição de *outsiders* ou de *vizinhança*, circulando por mais de uma identificação. Essa particularidade ocorre em função das relações que estabelecem com outros usuários e da forma como se apropriam do *espaço* da RL.

---

<sup>2</sup> Presentes na seção 3.2.3 *Transeuntes: Espaço de Permanências e/ou Espaço de Mudanças*.

<sup>3</sup> Presente no Capítulo 3.

<sup>4</sup> Como meu interlocutor UAM, um usuário protótipo de tipo *transeunte*, apenas.

Meus interlocutores Rio e Seu Antônio são usuários de tipo *transeunte* que desfrutam de forma descontínua da condição de *vizinhança*, em função dos laços de sociabilidade estabelecidos na RL e construídos nesse *espaço* via conteúdos de interesses específicos.<sup>5</sup> No que tange a *transeuntes* de tipo *outsider*, pode-se considerar que minha interlocutora Doca é um exemplo pertinente dessa classificação, por ser imigrante latino-americana, moradora de Madrid, e percorrer a RL esporadicamente incentivada por diferentes conteúdos de interesses.<sup>6</sup> Valho-me desses exemplos como contraponto a fim de adentrar na análise de minha interlocutora Latina, pois sua condição como usuária da RL pode ser pensada enquanto protótipo das chamadas *sociedades complexas*, uma coexistência de diferentes estilos de vida, tendo em vista uma pluralidade de tradições, cujas bases podem ser ocupacional, étnica, religiosa etc. (VELHO, 1997).

Latina foi classificada como usuária de tipo *vizinhança*. Porém, a *vizinhança* é composta por moradores e trabalhadores da RL considerados antigos e, preferencialmente, espanhóis, que reforçam *espaços de permanências*. Isso porque, geralmente, um imigrante é sempre um *outsider*, que imprime no *lugar* onde se encontra um *espaço de mudanças*.

Então, por que Latina foi passível de ser identificada como parte da *vizinhança*? Pelos laços que ela estabeleceu com a *vizinhança* quando manteve seu estabelecimento comercial nessa Rua. Diferentemente dos *transeuntes* Rio e Seu Antonio, que desfrutam da condição relativa/passageira de *vizinhança*, e, diferentemente da *transeunte* Doca, que desfruta da condição relativa/passageira de *outsider*, Latina não necessita estar fisicamente presente nesse *espaço* para desfrutar desta ou daquela classificação. Ela pertence à *vizinhança*, porque está inclusa na *teia de significados* (GEERTZ, 2008) do que é, ou do que pode ser considerado uma *vizinhança*, ainda que ela seja imigrante estrangeira e não tenha a RL como seu endereço comercial ou residencial.

Pode-se pensar que o caso de Latina se assemelha bastante ao de Rio, a partir da perspectiva de que Rio viveu durante muitos anos em uma travessa da RL e também estabeleceu laços com a *vizinhança* que perduram até os dias de hoje. Contudo, nesta análise em que proponho reanimar o debate acerca das *sociedades complexas* em conjunto com a

---

<sup>5</sup> Rio para cuidar da mãe que reside na RL e Seu Antonio para desfrutar da companhia de seu círculo de amizades que frequentam dois dos restaurantes da RL com certa assiduidade.

<sup>6</sup> Doca se utiliza da RL como acesso ao metrô da Plaza de España e outras áreas nas imediações do Distrito Centro.

conformação do *espaço urbano*, entre ambas existe uma diferença cabal, e que não tem a ver com o fato de uma ser imigrante e a outra ser espanhola.

Enquanto Rio vai ao encontro da *vizinhança* da RL, enquanto Rio tem que se introduzir nesse *lugar* quando visita sua mãe, para Latina, é a *vizinhança* da RL que vai ao seu encontro, ultrapassando a delimitação espacial desse *lugar* ao mesmo tempo que o elastiza<sup>7</sup> como *espaço*. Isso porque, ao mudar seu comércio para uma rua próxima, a maioria de seus clientes da RL segue procurando seus serviços, isto é, segue reconhecendo-a como “*gente del barrio*”.

Essa constatação, no caso desta tese, foi verificada com base na delimitação de uma rua enquanto unidade urbana. Entretanto, de modo análogo, tomando como unidade analítica de reflexão na cidade um bairro em vez de uma rua, considerações semelhantes são apontadas por Lefebvre e Certeau, Giard, e Mayol. Segundo Lefebvre (1978), o bairro é uma forma de organização concreta do espaço e do tempo na cidade,<sup>8</sup> uma forma mais conjectural do que estrutural, que está relacionada a uma sociabilidade espontânea, por meio de relações imediatas diretas, interpessoais, que se desenvolvem mediante modelos não institucionais. Na mesma esteira de pensamento, para Certeau, Giard e Mayol (2011), o bairro é o espaço de uma relação com outro ser social, é sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social, é lugar de “[...] uma passagem pelo outro, intocável porque distante, e, no entanto passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho” (CERTEAU; GIARD; MAYOL 2011, p. 43).<sup>9</sup> Ainda, de acordo com esses mesmos autores, o bairro enquanto unidade de análise permite realizar a apreensão de uma porção do espaço público em geral, que se traduz, muitas vezes, como um espaço anônimo ou pertencente a todos, mas onde se insinua um espaço privado, particularizado pelo fato do seu uso quase cotidiano.

---

<sup>7</sup> Utilizo-me do termo “elastiza” para enfatizar como as delimitações de um lugar são transbordadas pela composição de um espaço em função das relações sociais que através dele se articulam e, a partir dele, extrapolam as delimitações de unidades urbanas físicas (praças, bairros, ruas etc.).

<sup>8</sup> Para Lefebvre (1978), a *cidade* é um espaço-tempo, e não somente uma projeção de uma estrutura social ou de uma sociedade global em um mero espaço.

<sup>9</sup> Dosse (2013) esclarece que no momento em que Certeau refletia sobre a cidade, Lefebvre (que teve um papel precursor na reflexão sobre o urbanismo) foi sua maior referência. Contudo, “mencionada uma vez somente em nota e a respeito da vida cotidiana” (DOSSE, 2013, p. 89).

Assim, para esses autores sociabilidades espontâneas, relações interpessoais e entre usuários e um espaço físico definem um bairro e, conforme a etnografia da RL, os mesmos predicados podem definir uma rua. Ou seja, assim como o bairro, a rua é também uma noção baseada em um *espaço* de relações.

Isso ficou evidente na pesquisa muitas vezes, quando meus interlocutores se referiam à RL como “bairro”, suplantando as delimitações oficiais da Rua, ou seja, os pouco mais de trezentos metros de via circunscritos entre a Plaza Santo Domingo e a Plaza de España. Acredito que, no contexto da reflexão que proponho nesta tese sobre o *espaço urbano*, a substituição, por parte das pessoas, da palavra “rua” pela palavra “bairro” não é de nenhuma forma aleatória, mas sim um recurso para poder expressar que, para elas, o significado do *espaço* da rua excede o seu *lugar*.<sup>10</sup>

Em outras palavras, essas constatações destacam a complexidade do arranjo urbano, trazendo à luz formas de viver *a* e *na* cidade, embasadas em significações e modos de apropriação do *espaço* por parte dos usuários, que reitero, fazem transbordar os limites do *lugar*.

Gostaria de acrescentar que não somente alguns usuários elastizam o significado do *espaço* da RL (de dentro para fora), e cumprem o papel de animar a reflexão acerca das *sociedades complexas*, mas também alguns processos e alguns significados presentes na materialidade do cenário urbano cumprem um papel análogo, ainda que no sentido contrário, de fora da rua para seu interior. Refiro-me a processos que permeiam o contexto da cidade, que se originam no contexto maior dela e que, mesmo externos à RL (em origem), são constituintes de seu *espaço*, como, por exemplo, os retratados nas narrativas midiáticas. Junto desses processos, considero também os significados presentes na materialidade do contexto urbano das imediações da RL e que, mesmo externos a essa rua, são constituintes de seu *espaço*.

Por meio das narrativas midiáticas,<sup>11</sup> a elastização do *espaço* da RL pode ser verificada quando da identificação dos processos pelos quais essa rua é referida, seja através de acontecimentos aleatórios do cotidiano, seja

---

<sup>10</sup> Assim como, por seu turno, seja muito provável que o significado de um bairro extrapole (ou até mesmo reduza) as delimitações territoriais oficiais tais como inscritas no mapa da cidade.

<sup>11</sup> Que compõem o segundo conjunto narrativo apresentado nesta tese, presente no capítulo 5.

através da imigração chinesa.<sup>12</sup> A noção de *espaco* da RL passa a dialogar e, a se engendrar, com processos também presentes no contexto maior da cidade, alargando os limites desse *lugar*.<sup>13</sup> A seguir, cito dois exemplos que ilustram esse pressuposto com relação aos processos.

De acordo às reportagens que não associam a RL ao coletivo chinês, retomo, como primeiro exemplo, a reportagem 1, que trata das APRs<sup>14</sup> e está intitulada como *La calle Leganitos, en Ópera, es el punto donde más sanciones ha puesto el Ayuntamiento en las Áreas de Prioridad Residencial*. As APRs fazem parte de um projeto municipal que determina cinco zonas da cidade de Madrid, onde o trânsito de veículos é restringido aos não residentes. Um projeto que objetiva diminuir os níveis de contaminação acústica e atmosférica por meio de controle de acesso às APRs, que é realizado por câmeras de segurança. Trata-se de um processo originado fora do *espaco* da RL, porque foi elaborado pela administração de Madrid e possui relação com um problema urbano que assola toda a cidade (a poluição), mas que atinge diretamente o cotidiano dos usuários dessa rua. Em outras palavras, trata-se de um processo externo (em origem) ao *espaco* da RL; no entanto, porque ecoa diretamente em seu dia a dia, passa a constituí-lo.

Com relação às reportagens que associam a RL ao coletivo chinês, retomo como segundo exemplo, a reportagem 5, que trata da compra do Edifício España, situado na Plaza de España, por um empresário chinês e está intitulada como *¿La comunidad china compra España?* Trata-se de um processo originado fora do *espaco* da RL, porque a imigração chinesa ocorre por toda a Espanha, e o coletivo chinês também está presente em outros sítios da cidade de Madrid.<sup>15</sup> No entanto, especialmente nessa rua,

---

<sup>12</sup> Lembrando que classifiquei as narrativas das reportagens midiáticas, num primeiro momento, em dois conjuntos, o que associava a RL ao coletivo chinês e o que não a associava. Na sequência, as narrativas que associavam a RL ao coletivo chinês foram classificadas de acordo a forma com que se referiam ao mesmo, ou seja, por meio de uma associação direta e semidireta.

<sup>13</sup> Que inicia na Plaza Santo Domingo e termina na Plaza de España.

<sup>14</sup> Conforme explicado na apresentação da interlocução com Rio no capítulo 4.

<sup>15</sup> Nesse âmbito, o estudo de Tébar (2013), pesquisador da UCM, explora as particularidades dos padrões espaciais da diáspora chinesa no mundo, mas especialmente na Espanha e em sua capital. O trabalho deste autor apresenta dois interessantes mapas que podem ser conferidos no Anexo D. Um dos mapas corresponde à população de origem chinesa residente na Europa, o outro, na Espanha. Em relação à presença de chineses na Espanha, Nieto (2007) sinaliza que o início da diáspora dos primeiros grupos de chineses nesse país na condição de mão de obra ocorreu em princípios do século XX. Durante o período da

o fenômeno da imigração chinesa fica evidente pela presença de um significativo conglomerado de comércios variados, a ponto de a RL também ser identificada como “*la calle de los chinos*”. Em outras palavras, trata-se de um processo externo (em origem) ao *espaço* da RL; no entanto, porque ecoa diretamente em seu dia a dia, passa a constituí-lo.

Por meio dessa reportagem é possível adentrar em outro fator que junto e em interação com o das *sociedades complexas* e os referidos processos incrementam a reflexão sobre a elastização do significado da RL em termos de *espaço*: o fator dos significados presentes na materialidade do contexto urbano das imediações da rua.

Na reportagem midiática de número 5, a questão da imigração chinesa na Espanha é tratada a partir da perspectiva do avanço econômico do coletivo estrangeiro chinês na capital do país. A RL é apresentada como um protótipo desse fenômeno. Contudo, para dar maior destaque ao tema em pauta, a narrativa da mídia prioriza a exaltação da venda do Edifício España para um empresário do referido coletivo estrangeiro, devido à importância simbólica presente na materialidade desse edifício, um dos ícones do contexto urbano da cidade de Madrid. Em mais de uma oportunidade, na pesquisa sobre a RL, o valor simbólico desse edifício vinha à tona. Meus interlocutores se referiam a essa venda deixando transparecer em seus relatos um sentimento de pesar em relação a essa negociação. Para entender esse pesar, foi preciso perseguir um encadeamento de significados que somente uma etnografia urbana que leve em consideração informações contextuais das imediações da unidade analítica escolhida na cidade para pesquisa pode alcançar.

No caso desta tese, a unidade analítica escolhida na cidade para pesquisa foi uma única rua, que, quando pensada em termos de *espaço*, traz à tona, além de sua configuração em termos de *lugar*, uma série de questões. Questões que, quando são de cunho interno, a extrapolam, e que, quando são de cunho externo, a penetram, passando a constituí-la. O Edifício España é uma materialidade carregada de significados pelos seguintes motivos: primeiro, porque se constitui como um ícone urbano da prosperidade e da modernidade na Espanha; e segundo, por fazer parte

---

ditadura franquista houve a predominância de um fluxo migratório irregular. Esse fluxo migratório veio a se consolidar somente nos anos 1980, entre outros motivos, devido à saturação de espaços em outros países europeus. Outro estudo que apresenta informações importantes com relação aos chineses na Espanha é o trabalho realizado por Beltrán (2010), que situa o caso da imigração chinesa como parte de uma análise realizada sobre o conjunto das comunidades asiáticas na Espanha, na perspectiva da mobilidade transnacional.

da Plaza de España, uma das praças mais queridas da cidade, um importante ponto para a mobilidade urbana de Madrid por causa do metrô, e um de seus *espacios públicos*<sup>16</sup> mais movimentados e visitados por turistas.

Acredito que em relação à RL, a Plaza de España seja o mais apropriado exemplo de materialidade carregada de significado que, mesmo externa a essa Rua, é pelos motivos já descritos, constituintes de seu *espacio*. Ou seja, porque, em termos de conotações simbólicas, ela é um importante marco de referência para muitos moradores de Madrid,<sup>17</sup> e, tanto as narrativas analisadas como as situações diversas desta pesquisa ratificam essa ideia.<sup>18</sup>

Em síntese, o que desejei evidenciar nesta seção é que as chamadas *sociedades complexas* passam a ser incrementadas, em complexidade, pelas suas próprias práticas no *espacio urbano* do qual se apropriam, incidindo, por sua vez, naquilo que venho argumentando como elastizações do *espacio*.<sup>19</sup> Entre essas práticas, por meio do exemplo de

---

<sup>16</sup> Identifico que a Plaza de España é um *espacio público*, apoiando-me no sentido atribuído por Leite (2002) a esse termo. Segundo esse autor, embora o *espacio público* se constitua, na maioria das vezes, no *espacio urbano*, ele vem a se concretizar, de fato, como espaço público quando os sujeitos, por meios de suas ações, atribuem sentidos a esse espaço, e/ou, igualmente, quando as espacialidades urbanas incidem na construção de sentidos para as ações dos sujeitos.

<sup>17</sup> Mesmo que nesta tese não fora possível estabelecer interlocuções de pesquisa junto aos comerciantes chineses da RL, informações levantadas sobre esse coletivo estrangeiro por meio de entrevistas e leitura de alguns artigos revelam que a Plaza de España também é uma referência urbana relevante para os chineses na cidade de Madrid. É no espaço dessa Praça que a comunidade chinesa de Madrid realiza a comemoração oficial do Ano Novo chinês, que se dá no mês de fevereiro, como sinalizado pela interlocutora Gladys em nossa entrevista. Também, de forma menos recorrente, a mesma praça tem sido utilizada como palco de manifestações de cunhos diversos por essa mesma comunidade de imigrantes.

<sup>18</sup> A título de uma última ilustração sobre esse fato, faz-se interessante lembrar que, quando marquei meu encontro com Seu Antônio para percorrermos a RL, ele sugeriu que nos encontrássemos na Plaza de España e que nosso trajeto iniciasse a partir dela. Um exemplo de como a significação do espaço da RL se articula a essa praça para os moradores da cidade de Madrid.

<sup>19</sup> Ou, como nos termos de Agier (2011), a complexidade das relações das sociedades modernas contemporâneas se traduz pela heterogeneidade das formas de sentir, pensar e agir dos indivíduos. O modo de vida nas cidades é marcado pela convivência dessas diferenças. As diferenças não impedem os indivíduos de

Latina, sinalizei como determinados tipos de usuários que circulam entre mais de uma classificação dilatam o sentido de um dado *espaço*. De modo semelhante, processos de origem externa a um dado *lugar*, assim como significados presentes na materialidade urbana das imediações de um dado *lugar*, penetram de diferentes modos em um dado *espaço* passando a constituí-lo.<sup>20</sup>

## 6.2 RUA, ANTROPOLOGIA NA E DA CIDADE E O ESPAÇO URBANO

Conforme expus na Introdução desta tese, em síntese, pode-se dizer que o debate sobre uma antropologia *da* e *na* cidade incide no posicionamento do etnógrafo urbano quanto à natureza de sua pesquisa, ou seja, se a pesquisa focaliza processos sociais situados *na* cidade (antropologia *na* cidade, a cidade como contexto) ou, se a pesquisa focaliza a cidade propriamente (antropologia *da* cidade, a cidade como objeto).

Dou início a esta seção expondo algumas ideias de autores que se debruçaram sobre o debate acerca da antropologia *da* e *na* cidade para poder defender minha posição perante o mesmo.<sup>21</sup>

Oliven (1980) aponta que uma das tendências mais fortes das teorias que analisaram a cidade como fenômeno social foi a de considerá-la uma variável independente. Para o autor, esse enfoque confunde a cidade com a causa de vários processos sociais, enquanto ela é muito mais

---

se relacionarem, mas, contrariamente, proporcionam modos de interação cada vez mais diversos sempre em função de algum nível de compartilhamento de símbolos/interesses, ou, por meio de posições antagônicas que desencadeiam relações conflitantes.

<sup>20</sup> O que em termos de definição poderia ser denominado de *espaço complexo*: um *lugar praticado* por pessoas de origens e costumes heterogêneos, que, guiadas por distintos conteúdos de interesses, elastizam a constituição do *espaço urbano* do qual se apropriam, em função dos laços de sociabilidade que nele se articulam, e de processos e significados oriundos do contexto da cidade e que nele se introduzem. Deixo apenas em nota a noção de *espaço complexo* como forma de uma primeira sinalização sobre uma definição desenvolvida a partir desta tese, mas que será de fato aprofundada em artigos futuros como fruto desta pesquisa.

<sup>21</sup> O debate acerca da antropologia *na* e *da* cidade possui uma importância seminal, sobretudo, em termos epistemológicos. São inúmeras as referências que tratam sobre ele, e meu objetivo nesta tese não é recapitular todas as opiniões, mas articulá-las ao mote de minha pesquisa, que é a configuração do *espaço urbano*.

a consequência deles e/ou o lugar onde eles ocorrem. Em outra publicação, Oliven (2002) ressalta que o estudo das cidades representa, também, o estudo das *sociedades complexas*, e sinaliza que a cidade se coloca como *contexto* no qual se desenvolvem vários processos e fenômenos sociais. Conforme suas palavras,

Em relação à ideia de uma Antropologia Urbana, isto nos remete a uma situação semelhante à de uma Sociologia Urbana, criticada por carecer de objeto próprio, já que o urbano seria tudo o que ocorre no interior das cidades. Nesse sentido seria mais correto falar de Antropologia *na* cidade do que *da* cidade, já que a preocupação seria “estudar situações que ocorrem em cidades sem que tenhamos, forçosamente, de explicá-las pelo fato de estarem ocorrendo naquele quadro especial. Estamos fazendo ciência social na cidade e não da cidade” (OLIVEN, 2002, p. 13).

Em consonância ao colocado por Oliven (2002, 1980), Durham (1986) explica que, se os estudos primórdios da antropologia no Brasil se focalizaram em uma vasta produção de conhecimento sobre populações indígenas e comunidades rurais, desde o começo, trata-se menos de uma antropologia *da* cidade do que *na* cidade. A autora ainda realiza um interessante paralelo entre o debate em questão, e a diferenciação entre lugar e objeto de estudo:

[...] não se desenvolveu no Brasil uma Antropologia Urbana propriamente, nos moldes em que foi iniciada pela Escola de Chicago, uma tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo. Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia. A cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto (DURHAM, 1986, p. 19).

Valendo-me desse comparativo realizado por Durham (1986), entre o debate acerca da antropologia *da* e *na* cidade e a diferenciação entre *local*<sup>22</sup> e *objeto* de estudo, dialogo sobre essa ideia junto de outros

---

<sup>22</sup> Os autores utilizam a palavra “lugar”, mas, como essa palavra é utilizada nesta tese para contrapor o *espaço*, aos moldes de Certeau, tomo a liberdade de substituí-la pela palavra “local” e escrevê-la em itálico, por entender que é nesse sentido que os autores a estão empregando. Exceto nas citações diretas.

dois autores, por entender que a discussão entre “*na* ou *da*” cidade, em boa medida, se articula a essa outra discussão de maior dimensão, que ultrapassa o segmento mais ou menos delimitado da antropologia urbana: a do objeto de pesquisa antropológico.

O objeto de pesquisa antropológico é um dos temas de reflexão sempre presentes nesta ciência, a Antropologia, uma reflexão, aliás, que nunca se esgota, pois se configura como um dos motores do desenvolvimento do seu pensamento.

De modo semelhante a Durham (1986), para Goldman (1999), o objeto de uma investigação não pode confundir-se com o seu *local* ou o seu período, porque o objeto se configura sempre como processo. Para esse autor, períodos e *locais* oferecem um meio, “casos privilegiados” para o esclarecimento de determinados processos.

Também, segundo Sáez (2013), um *local* não é um objeto de pesquisa:

[...] o objeto é um elemento da ciência, que também está aí, no mundo real, e não fora dele. [...]. Um tema não é um objeto, é a residência circunstancial de um objeto. Habitualmente, quando nos perguntam quê estamos pesquisando, respondemos identificando nosso tema, não nosso objeto. Com certeza, os nativos não são objetos, são sujeitos a cujas custas criamos objetos (SÁEZ, 2013, p. 117).

Em síntese, segundo Oliven (2002, 1980) e Durham (1986), porque os estudos urbanos tratam de processos que têm como *local* a cidade, torna-se pertinente falar de uma antropologia *na* cidade, ao invés de uma antropologia *da* cidade. Por seu turno, segundo Goldman (1999) e Sáez (2013), o objeto de uma pesquisa não deve ser entendido como o *local* onde ela ocorre.

Concordo em parte com as colocações do conjunto desses autores, mas também discordo em parte se pensarmos essas colocações no âmbito de pesquisas que tenham como objeto o *espaço urbano*, como no caso desta tese.

Concordo que o estudo das cidades seja também o estudo das *sociedades complexas*, que a cidade não pode ser considerada uma variável independente, e que ela é o contexto onde se desenvolvem os fenômenos sociais.<sup>23</sup> Porém, quando se propõe a reflexão acerca do *espaço urbano*, discordo da afirmação de que, para falarmos em termos

---

<sup>23</sup> Ver Oliven (2002, 1980).

de uma antropologia *da* cidade, temos que “forçosamente” explicar as situações que nela ocorrem.<sup>24</sup>

No sentido de uma reflexão acerca do *espaço urbano*, eu substituiria a expressão “forçosamente” por “inevitavelmente” ou “naturalmente”. Para o estudo de um *espaço urbano*, impreterivelmente, temos que delimitar um *lugar*, um recorte analítico, por meio do qual desenvolvemos a análise. Contudo, como demonstrei por meio desta tese e, especialmente, na seção anterior, o *espaço* extrapola os limites do *lugar* (ou do *local*) em termos de práticas, processos e materialidades simbólicas. E essas práticas, processos e materialidades não são particulares ou exclusivas do recorte do estudo, mas pertencem e constituem, por sua vez, a cidade mesma. Acredito que isso ocorra notadamente no sentido da perspectiva teórica que adotei, a de Certeau, na qual o *lugar* está embutido no *espaço*, não sendo possível, na análise, dissociá-los, porque em grande medida, *lugar* e *espaço* são interdependentes. Esse é o primeiro motivo pelo qual não acredito que a questão de uma antropologia *na* e *da* cidade constitua uma polaridade, senão uma complementaridade indissociável. Ao menos quando o objeto de pesquisa for o *espaço urbano*, ao fazermos antropologia *na* cidade estamos, também, fazendo antropologia *da* cidade.

Nesse sentido, não me parece que a cidade é antes o *local* da investigação, do que seu objeto,<sup>25</sup> mas que a cidade é ao mesmo tempo o *local* e o objeto da investigação. Do mesmo modo, reitero, no âmbito da reflexão sobre o *espaço*, e concordo que o objeto de uma investigação não pode confundir-se com o seu *local* ou o seu período (GOLDMAN, 1999). No entanto, penso que o objeto (sempre e quando o foco da análise for o *espaço urbano*), além de se constituir do *local*, também o extrapola. Como também é bem verdade que “os nativos não são objetos, são sujeitos a cujas custas criamos objetos” (SÁEZ, 2013, p. 117).<sup>26</sup> Contudo, também

---

<sup>24</sup> Ver Oliven (2002).

<sup>25</sup> Ver Durham (1986).

<sup>26</sup> Gostaria de enfatizar que o *Manual de métodos, técnicas e teses*, do professor doutor Oscar Calavia Sáez, do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, foi de grande valia em muitas fases do meu processo de doutoramento. Tomei conhecimento desse manual durante o período em que cursei a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia II” ministrada pela professora Antonella Tassinari no primeiro semestre do ano de 2014. Desde então, as consultas a esse manual foram frequentes e fizeram parte de minhas leituras como preparação da Defesa de Projeto de Tese, da Defesa de Qualificação de Tese e, neste momento, da Defesa

é verdade que os nativos vivem em algum *local* e as características desse *local*, constituídas também pelas suas ações, significações e modos de vida, incidirão nos tipos de inferências que poderemos extrair desse objeto.<sup>27</sup> Esse é o segundo motivo pelo qual acredito que a questão de uma antropologia *na* e *da* cidade constituiu-se em uma complementaridade indissociável. Ao menos, reitero, quando o objeto de pesquisa for o *espaço urbano*, ao fazermos antropologia *na* cidade estamos, também, fazendo antropologia *da* cidade.

Em menor ou maior grau, sempre que estamos produzindo uma antropologia *na* cidade, estamos, ao mesmo tempo, inevitavelmente, produzindo conhecimento *da* cidade e, portanto, produzindo de alguma forma uma antropologia *da* cidade também. Como sustenta Becker (2008), cada local de pesquisa é um caso de uma categoria geral, e, por isso, o conhecimento sobre ele fornece conhecimento sobre um fenômeno generalizado. Para esse autor, todas as coisas *relacionadas à localização geográfica*, ou contidas, ou dependentes dela afetam, necessariamente, o que estamos estudando.

Ainda que seja bastante óbvio, vale ressaltar que estamos produzindo conhecimento com respeito a uma *parte* de determinada cidade. No entanto, as cidades não são compostas por suas partes? Dada a dimensão, a heterogeneidade e a complexidade que caracterizam a cidade contemporânea é inviável que um antropólogo consiga etnografar uma cidade “inteira” e derivar dessa empreitada teorias que deem conta de explicar a mesma em sua totalidade.

Desde o início da redação desta tese, que teve como campo de pesquisa a RL, fui enfatizando ao leitor a importância das informações contextuais para uma análise que tinha como objetivo interpretar uma rua em termos de *espaço urbano*. Para entender a RL era necessário entender a cidade de Madrid, e, por vezes, até mesmo algumas características mais gerais da Espanha. De outro modo, a interpretação da RL enquanto justaposição entre *espaços de permanências* e *espaços de mudanças* seria inexequível. Também, a importância e a interdependência do objeto em

---

Final de Tese. Trata-se de uma leitura extremamente rica, voltada de todo o modo para as especificidades da pesquisa antropológica. Em função da densidade de sua reflexão, bem como do grande conjunto de informações abordadas, esse manual, por meio do qual ainda tenho muito o que aprender, certamente continuará fazendo parte de minhas consultas nas futuras análises de novos temas de investigação.

<sup>27</sup> Reitero mais uma vez que, ao menos, sempre e quando o objeto de investigação seja o *espaço*.

relação ao contexto ficaram clarividentes através de muitas passagens etnográficas. Para entender o que era a *vizinhança* foi preciso entender o que eram os *outsiders*, que, no caso dos chineses, fazem parte de um processo que perpassa toda a cidade de Madrid. No caso dos turistas, era preciso saber que Madrid é uma das capitais mais visitadas da Europa e que o Distrito Centro da Cidade, por sua vez, é o mais visitado em função das características já elencadas. Para entender porque a Plaza de Espanha também compõe o *espaço* da RL, foi preciso entender a sua importância para toda a cidade. Para entender porque meus interlocutores de pesquisa enfatizavam os restaurantes de comida típica da RL, foi preciso entender a importância que o ato de comer possui para os madrilenhos. E assim por diante.

O estudo de uma rua naturalmente produz e, inevitavelmente, depende do conhecimento sobre a cidade onde ela está situada. A pesquisa sobre o *espaço urbano* se dá *na* cidade. A antropologia se dá *na* cidade. É fato. No entanto, mesmo sem querer ser pretencioso, o etnógrafo urbano naturalmente produz antropologia *da* cidade também. Se as sociedades e os *espaços* são complexos é porque objeto e contexto, nesse caso, se fundem. Os elementos que compõem a cidade ou, pertencem em maior grau a ela, são fundamentais para entender uma unidade analítica dentro da mesma, seja essa unidade uma praça, um bairro ou uma rua, porque o *espaço* transcende o *lugar* onde se realiza a pesquisa.<sup>28</sup>

Em suma, acredito que não é possível produzir conhecimento sobre fenômenos ou processos separadamente dos contextos onde ocorrem. Por isso, entendo que a antropologia ao mesmo tempo que produz conhecimento a partir da cidade, ou seja, “*na*”, está produzindo de alguma forma conhecimento sobre ela, ou seja, “*da*”.

Antes de apresentar as considerações finais desta tese, gostaria de sinalizar brevemente, por meio da próxima e última seção, algumas

---

<sup>28</sup> Preciso pontuar que, em situações de pesquisa onde o *espaço urbano* não seja o objeto de análise, o debate entre uma antropologia *da* e *na* cidade possui brechas que podem tornar complexa em muitos aspectos essa reflexão. Sobretudo ao se considerar junto desse debate as ponderações acerca do objeto e do contexto na pesquisa antropológica. Um tema fascinante e ao mesmo tempo bastante denso, por ser epistemológico, cujo objetivo nesta tese não foi o de aprofundá-lo, mas o de convidá-lo ao diálogo, ainda que de forma breve. Isso tudo com o intuito de incentivar outros colegas a desenvolvê-lo em suas pesquisas futuras, e, até mesmo, de criticar e apontar as prováveis falhas das afirmações expostas nesta seção, pois entendo que o conhecimento deve ser coletivo e colaborativo.

reflexões sobre a abordagem antropológica que inspiraram minha conduta etnográfica nesta pesquisa.

### 6.3 ADENDO: SOBRE A ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA QUE INSPIROU ESTA TESE

Entre outros elementos, a especificidade da abordagem antropológica relaciona-se à experiência pessoal do pesquisador no campo, à presença do antropólogo no ambiente de seus interlocutores e à interação com eles como elementos prioritários. Essa primazia do trabalho de campo nos estudos antropológicos marca uma ruptura com relação ao paradigma evolucionista do contexto do colonialismo.<sup>29</sup> Assim, o trabalho de campo permitiu o nascimento da moderna antropologia, colocando-se como instrumento embrionário para a transformação da antropologia social em disciplina (DAMATTA, 1981).

Nesse âmbito, entendo que o trabalho de campo tem de lidar constantemente com as seguintes questões: Que postura devemos assumir ao realizarmos interpretações, traduções, observações? O fazer etnográfico necessariamente implica transformação do antropólogo? Qual a importância do fator da subjetividade do pesquisador? Ao menos, essas questões fizeram parte de minhas preocupações, não somente durante o “estar lá”, mas, sobretudo, no “estar aqui”.<sup>30</sup>

Geertz (2009) propõe que o antropólogo deve procurar ver o mundo do ponto de vista dos nativos. Isso compreende que o antropólogo não pode se desfazer de sua bagagem cultural, mas pode realizar interpretações das culturas alheias por meio da habilidade de analisar seus modos de expressão, seus sistemas simbólicos. Segundo o autor, o fundamental é investigar como são as diferentes formas de viver dos nativos e os veículos por meio dos quais essas formas se manifestam.

Enquanto Geertz aponta alguns limites e possibilidades na compreensão do *outro*, focando-se na observação do exótico,<sup>31</sup> Velho

---

<sup>29</sup> Onde os analistas se valiam dos relatos de viajantes e missionários, realizando o que foi chamado de “antropologia de gabinete”.

<sup>30</sup> “Estar lá” e “estar aqui” são expressões utilizadas por Geertz (1998) para se referir, respectivamente, ao momento do trabalho de campo e ao momento da redação da pesquisa.

<sup>31</sup> Ao mesmo tempo que objetiva desconstruir aquilo que ele chama de “o mito do pesquisador de campo semicamaleão” (GEERTZ, 2009, p. 85), como premissa fundamental para uma experiência etnográfica bem sucedida.

(1997), no contexto dos estudos sobre a cidade, abaliza os desafios da observação do familiar.

Para Velho (1997), o processo de descoberta e análise do familiar pode envolver dificuldades diferentes em relação ao exótico. Entretanto, a noção do que é familiar e do que é exótico, em nossa sociedade, possui um caráter relativo. Em ambos os contextos, sempre realizamos classificações e rotulações de acordo com os princípios pelos quais somos socializados. A familiaridade que compartilhamos com as situações sociais do nosso cotidiano não necessariamente nos facilita conhecer a visão de mundo e as regras que estão por trás das interações sociais dos sujeitos. Ou seja, o familiar não é necessariamente o conhecido. Contudo, a familiaridade também representa uma forma de apreensão da realidade, e o processo de conhecimento da vida social sempre implica algum grau de subjetividade (VELHO 1997).

Se para Velho (1997), a realidade, seja ela familiar ou exótica, sempre é filtrada pelo ponto de vista do observador, para Grossi (1992) é justamente a partir da experiência subjetiva do pesquisador que o trabalho de campo deve ser discutido.

Segundo Grossi (1992), se a antropologia pode ser pensada a partir da especificidade da relação entre pesquisador (enquanto ser humano) que realiza investigações por meio da interação com outros seres humanos, a subjetividade do pesquisador deve constituir uma das centralidades de reflexão da nossa disciplina. Isso porque, a partir do encontro com o outro, cada escolha e desenvolvimento de pesquisa refletem a forma individual e subjetiva do pesquisador.

Tais colocações ratificam o fato de que, muitas vezes, o mesmo objeto e o mesmo campo de pesquisa, quando retratado por diferentes pesquisadores, podem sofrer análises e/ou resultar em constatações muito distintas. Podemos pensar também, que ao retornarmos a um mesmo campo de estudos, pela segunda ou terceira vez, as questões de pesquisa e as análises poderão ser diferentes. Não só porque a natureza das relações sociais do nosso campo de estudos pode sofrer mudanças (e geralmente sofrem), mas porque, ao longo do tempo, nós, pesquisadores, também nos transformamos e sofreremos mudanças que interferem no nosso modo de percepção do mesmo campo ou objeto de estudo. E isso é um exemplo muito claro do “peso” ou, do lugar, que a subjetividade ocupa em nossas produções etnográficas.

Também, na esteira da reflexão sobre a abordagem antropológica, enquanto Velho (1997) destaca que o pesquisador sempre filtra a cultura do nativo por meio de sua subjetividade, e Grossi (1992) destaca que esta

não deve ser ocultada, mas que suas implicações têm que ser reconhecidas, notamos que a subjetividade nos leva a reconhecer que as pesquisas são permeadas por uma *objetividade relativa* (WAGNER, 2010).

Na obra *A Invenção da Cultura* (2010), Roy Wagner aponta que o pesquisador não somente filtra a cultura do nativo, mas ele a “inventa”. Expressão que esse autor utiliza para enfatizar que uma *objetividade absoluta* exigiria que o antropólogo não tivesse nenhum viés e, portanto, nenhuma cultura. O antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras e para estudar a cultura em geral. Quando investiga seu objeto de estudo, também investiga a si mesmo, o que implica dizer que há uma *objetividade relativa* (WAGNER, 2010). Ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo, o antropólogo produz uma analogia ou, um grupo de analogias, um processo que esse autor define como um ato de “invenção”.<sup>32</sup>

Para Wagner (2010), assim como para outros autores que refletem a Antropologia enquanto ciência, a transformação do universo do próprio pesquisador por meio do campo é encarada como uma condição fundamental na *práxis* antropológica.

Na perspectiva de Fravet-Saada (2005), o envolvimento por parte do pesquisador com seus interlocutores e suas práticas é denominado de “afeto”, no sentido de “ser afetado”, deixar-se afetar pelo campo de pesquisa. Conforme a autora, ser afetado reabilita a sensibilidade do pesquisador em campo, facilita sua interação com os interlocutores e abre um tipo de comunicação específica com os nativos, involuntária e desprovida de intencionalidade, que pode ou não ser verbal (FRAVET-SAADA, 2005). Em síntese, Fravet-Saada assume a condição de ser “afetado” pelo campo como um dispositivo metodológico,<sup>33</sup> que significa conceder estatuto epistemológico a situações de comunicação pelas quais

---

<sup>32</sup> Nesse sentido, retomo mais uma vez a afirmação de Sáez (2013, p. 117 grifo nosso): “os nativos não são objetos, são sujeitos a cujas custas *criamos* objetos”. Gostaria de salientar que uma das ideias centrais do pensamento de Wagner (2010) é a de que o antropólogo não pode simplesmente “aprender” uma nova cultura e situá-la ao lado daquela que ele já conhece, mas deve antes “assumi-la” de modo a experimentar uma transformação de seu próprio universo. Por isso, também, é que Wagner considera “virar nativo”, por um lado, uma tentativa inviável, pois exigiria que o pesquisador se despisse da sua cultura e, por outro, um infortúnio, já que a relevância está no processo de transformação.

<sup>33</sup> Que não é nem observação participante, empatia ou uma tentativa de se identificar com o ponto de vista do nativo (FRAVET-SAADA, 2005).

o pesquisador pode se modificar e vislumbrar novas possibilidades de análises.

Em meu trabalho de campo, no “estar lá”, por meio do qual elaborei esta tese, fui *afetada* por inúmeras vezes pela generosidade de meus interlocutores de pesquisa; quando Rio, mesmo ao receber um telefonema de urgência, deu continuidade a nossa entrevista; quando Latina, mesmo com certa insegurança, aceitou colaborar com meu trabalho, pela empatia causada em função de eu também ser latino-americana; quando Doca, incansavelmente percorreu comigo a rua Leganitos e suas imediações no Distrito Centro, brindando-me com informações de toda ordem; quando Seu Antônio se apresentou em nosso encontro marcado na Plaza de España, portando uma máquina fotográfica “para tirar fotos e me ajudar”, entre muitos outros exemplos.

Acredito que o fazer etnográfico implica sim uma transformação do antropólogo. Não uma transformação em termos de “virar nativo”, como criticam Wagner e Geertz, mas, certamente implica uma transformação no sentido de que se trata de uma experiência humana que remete a desafios, a questionamentos (não somente teóricos, mas pessoais), a desapegos, a estabelecimentos de amizades, a enfrentamento de medos, e assim por diante. É, sobretudo, no enfrentamento das adversidades que o campo nos impõe e nos “nãos” que temos que contornar, que essa transformação ocorre e que nos damos conta de que não podemos “virar nativos”, porque eles não nos reconhecem como tal. Somos pesquisadores. Se a comoção com a generosidade de meus interlocutores contribuiu para minha transformação como pesquisadora e como pessoa, as dificuldades encontradas pelo caminho foram igualmente importantes. Em uma tentativa de estabelecer diálogo com um senhor idoso morador da RL, quando expliquei a ele o objetivo de minha pesquisa, ele me disse “procure na Internet”. Em outra situação, quando eu estava tentando estabelecer uma conversa informal sobre a RL com um comerciante local, um homem que estava junto dele me disse que eu não parecia ser brasileira, porque eu estava “com muita roupa”. Certamente não são apenas as alegrias e as situações de empatia que nos fazem crescer nessa empreitada referida como *o fazer antropológico*. É evidente que, nesse processo, nossa subjetividade, que por sua vez dialoga com a subjetividade dos nativos, reverbera na redação que fazemos sobre a experiência etnográfica.

“Quando se investiga um objeto de estudo, também se investiga a si mesmo” (WAGNER, 2010). Esse pressuposto ficou muito claro para mim quando descobri a minha classificação em campo: eu era “*gente de*

*passo*”, “*gente joven*”, estrangeira, estudante, moradora temporária da RL. De acordo com a minha própria classificação, uma usuária de tipo *outsider*.

Nesta tese, produzi um conjunto de analogias, como retrata Wagner, ou categorias como também são chamadas, por meio das quais persisti no objetivo de realizar a interpretação de uma rua em termos de *espaço urbano*.

Desse modo, *vizinhança*, *outsiders*, *transeuntes*, *transeuntes de tipo vizinhança*, *transeuntes de tipo outsider*, *espaços de permanências*, *espaços de mudanças*, *trânsitos*; *trânsitos por introdução de outsiders*, e *trânsitos por evasão da vizinhança* compõem o conjunto de analogias criadas como recurso de tradução e de aproximação com uma realidade. Analogias que fizeram parte desse meu processo de *invenção*, que não pretendeu ser perfeito, pela consciência da *objetividade relativa* e das infinitas outras possibilidades de interpretação que a RL pode suscitar, seja por outras pesquisas guiadas por distintos objetivos e/ou perspectivas teóricas, seja por mim mesma, junto de outros interlocutores de pesquisa que não esses aqui apresentados. Assim, dou término à redação do último capítulo desta tese, com a certeza de que realizei a *invenção* que foi possível, dentro dos limites do conhecimento e das adversidades da vida com as quais, indistintamente, todos nós temos que lidar. E, também, com a certeza de que essa *invenção* foi realizada com todo meu empenho e com a paixão que tenho por aquilo que chamamos de Antropologia.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese foi elaborada a partir de uma etnografia realizada na rua Leganitos. Uma rua situada do Distrito Centro da cidade de Madrid, berço de costumes nacionais, e de referências simbólicas e materiais da história da Espanha. Ao mesmo tempo, em função de processos contemporâneos, essa rua é conhecida também como “*la calle de los chinos*”, uma conotação veiculada principalmente pela mídia local de Madrid.

Diante de aparentes contradições empíricas e teóricas, suscitadas por esse campo de investigação em particular, o objetivo geral de minha pesquisa foi direcionado a oferecer uma interpretação sobre a rua Leganitos enquanto *espacio urbano*. Uma interpretação que me permitisse articular uma compreensão sobre essa rua a partir de uma perspectiva *de perto e de dentro*. Não como forma de negar ou desconstruir a narrativa *la calle de los chinos*, mas de trazer à luz outras narrativas condizentes com outros usuários e outras significações que poderiam ficar obscurecidas por essa narrativa.

Para tanto, apoiei-me nos pressupostos teóricos de que o *espacio* é constituído pelas práticas de um *lugar* e que o bairro, enquanto unidade analítica que compõe a cidade, pode ser refletido como *espacio de relaciones*. Utilizei-me desses pressupostos como ideias-base para o estudo da rua Leganitos. Uma rua que, enquanto *lugar*, está circunscrita entre a Plaza Santo Domingo e a Plaza de España, mas, enquanto *espacio urbano*, elastiza essa circunscrição.

Para chegar a essa consideração, aproximei-me da rua Leganitos de diversas formas e por meio de técnicas de pesquisa variadas, incluindo, nesse âmbito, a observação participante enquanto moradora temporária da rua. A redação desta tese foi planejada de modo a expor essas formas de aproximação em uma crescente de informações sobre o campo. Como é sabido e recorrente, as descrições, a realização de fotografias, as entrevistas, as conversas informais etc. não ocorrem de forma compartimentada, como se fizessem parte de uma linha de produção fabril aos moldes do fordismo. Porém, a redação de um trabalho acadêmico deve traduzir o processo de pesquisa por meio de certa linearidade em relação à apresentação das ideias.

Com base nisso, a primeira forma de aproximação com a rua Leganitos foi por meio de seu contexto próximo e seu contexto, digamos assim, mais distante. Com relação ao seu contexto próximo, o bairro Palacio e o Distrito Centro, a rua está cercada de uma materialidade carregada de significado e praticamente toda voltada para reverenciar os

acontecimentos históricos, os feitos arquitetônicos e/ou artísticos, os costumes e as tradições da cidade e do país. Uma materialidade simbólica externa à rua Leganitos, que também a significa enquanto *espaço urbano*. Com relação a seu contexto mais distante, a cidade de Madrid e, por que não, a Espanha, a rua está cercada de processos de diversos cunhos, como o problema da poluição por causa do grande tráfego de automóveis, agravado pelo clima da cidade, extremamente seco; como o advento do turismo mundial que tem a cidade de Madrid como uma das capitais mais procuradas por visitantes estrangeiros; e como o fenômeno da imigração chinesa, em que estudos demonstram que a Espanha se coloca como destino preferencial desse coletivo em relação aos demais países da Europa. Ou seja, há uma diversidade de processos externos (em origem) à rua Leganitos, que também a significam enquanto *espaço urbano*.

A segunda forma de aproximação com a rua Leganitos foi por meio de uma *caminhada narrativa*, na qual me detive em descrever detalhadamente as características físicas desse cenário, dividindo o percurso em dois trajetos. Em alguns momentos dessa *caminhada narrativa*, contei com a companhia de dois de meus interlocutores de pesquisa. Ainda que esses momentos tenham me propiciado a experiência de ver o campo *sobre os ombros dos nativos*, muito mais enriquecedor foi pensar o campo junto deles. Essa descrição se deteve em apresentar a rua Leganitos como *lugar*, também a contemplado como *espaço* à medida que fui chamando a atenção do leitor para alguns elementos da rua que sinalizavam a presença de *permanências* e *mudanças*. Elementos referentes às características visíveis da materialidade desse cenário urbano, mas também aos costumes e comportamentos locais.

A terceira forma de aproximação com a rua Leganitos foi por meio das narrativas de meus interlocutores de pesquisa, moradores da cidade de Madrid. Junto deles, pude identificar o perfil dos usuários dessa rua e as formas como dela se apropriam. Dessa identificação de usuários, derivei três categorizações principais: *vizinhança*, *outsiders* e *transeuntes*. Com relação ao grupo da *vizinhança* e ao grupo dos *outsiders*, foi possível evidenciar que o primeiro imprime na rua Leganitos aquilo que denominei como *espaço de permanências*, e que o segundo imprime na rua aquilo que denominei como *espaço de mudanças*. O *espaço de permanências* se articula entorno de usuários de tipo *vizinhança*, que *reforçam* costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano* onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam. Já o *espaço de mudanças* se articula entorno de usuários de tipo *outsiders*, que *alteram* costumes enraizados, compartilhados e reconhecidos como genuínos, local ou nacionalmente, no *espaço urbano*

onde habitam, trabalham, frequentam ou transitam. Esta categorização dicotômica, *vizinhança versus outsiders*, foi útil como primeiro recurso analítico, porque me permitiu esboçar uma interpretação da rua enquanto *espaço urbano*. Uma interpretação por meio da inferência de que a rua Leganitos pode ser traduzida sob a analogia de uma justaposição entre *espaços de permanências* e *espaços de mudanças*. Porém, gostaria de destacar que as dicotomias são necessárias e úteis quando utilizadas *a posteriori* como ferramenta por meio da qual é possível identificar as nuances de significado. Do contrário, as dicotomias podem sufocar a análise, fazendo com que o pesquisador compartimente a realidade em estudo, em categorias rígidas que ele mesmo *inventou*. Nesse sentido, esclareço que a polarização analítica entre *vizinhança* e *outsiders* me serviu de embasamento para analisar a complexa situação dos usuários de tipo *transeuntes*. Como demonstrei nesta tese, *transeuntes* nem sempre se enquadram na definição de pessoas que sinalizam trânsito/impeçoalidade, porque, por vezes, circulam de modo descontínuo por mais de uma identificação enquanto usuários: ora como *transeuntes* de tipo *vizinhança*, ora como *transeuntes* de tipo *outsider*. Isso intensifica em complexidade a interpretação da rua Leganitos enquanto *espaço urbano*, quando se leva em consideração as nuances de sentido e a pluralidade de processos que fazem parte de sua composição. Dentro dessa esfera de nuances viabilizada por uma primeira análise dicotômica (em termos classificatórios), foi possível perceber pelas narrativas de meus interlocutores um processo urbano o qual chamei de *trânsitos*, ou seja, movimentos provocados pela adesão de *outsiders* a um lugar que, do ponto de vista da *vizinhança*, lhe pertence, e que podem, ao mesmo tempo, promover a *evasão* dessa mesma *vizinhança*. Uma *vizinhança* que se desloca do lugar onde viveu por muitos anos para outras partes da cidade por descontentamento causado pela dissolução das antigas relações sociais, dos antigos espaços públicos de sociabilidade, devido aos processos de *gentrificação* e à transformação dos lugares para a adequação ao turismo de massa. Em outros termos, devido à substituição de *espaços de permanências* por *espaços de mudanças*.

A quarta forma de aproximação com a rua Leganitos foi por meio das narrativas da mídia local veiculadas sobre essa rua, mais precisamente pela triagem de um conjunto de reportagens pesquisadas na internet. Essa pesquisa inicialmente visava à compreensão dos elementos que embasavam referências à rua Leganitos enquanto “*la calle de los chinos*”, veiculada assim também pela programação da televisão local. O conjunto total de reportagens apresentadas foi categorizado em dois grupos. Isso

porque mesmo que a maior parte das narrativas midiáticas associe essa rua à presença do coletivo imigrante chinês e seus comércios, a busca exaustiva por reportagens desse cunho revelou que dentro dessa relação existem nuances de sentido. Em contrapartida, existem, em menor número, outras narrativas veiculadas sobre a rua Leganitos que não a relacionam ao referido coletivo estrangeiro. Com respeito ao primeiro grupo de reportagens, a pesquisa demonstrou que a narrativa sobre “*la calle de los chinos*” ocorre de dois modos: de *forma direta*, a partir de uma leitura realizada de dentro desse *espaço* e a partir de elementos que lhe são próprios (os chineses e seus comércios); e de *forma semidireta*, a partir de uma leitura realizada de fora desse *espaço*, desde o advento da imigração chinesa na esfera da cidade de Madrid e, também, na Espanha, onde a rua Leganitos figura enquanto protótipo de um processo maior, ratificando-o. Com respeito ao segundo grupo de reportagens, a análise demonstrou que, de modo semelhante à associação realizada de *forma semidireta*, a rua Leganitos é narrada enquanto protótipo de problemas urbanos, elementos que não são exclusivos a ela, porque ecoam e/ou se relacionam ao contexto maior da cidade de Madrid.

Do exame das narrativas midiáticas locais, das narrativas dos interlocutores de pesquisa, dos elementos da paisagem socioespacial da rua Leganitos, observados e descritos por meio de uma *caminhada narrativa*, e das características de seu contexto urbano de inserção, foi possível inferir o quão complexa pode ser a interpretação de uma rua em termos de *espaço urbano*. Um *espaço* significado por narrativas plurais que podem versar sobre uma rua em termos de *mudanças*, em termos de *permanências*, em termos de um coletivo estrangeiro em particular e em termos de processos que se articulam no contexto da cidade, mas ecoam diretamente nesse mesmo *espaço*, passando, também, a constituí-lo.

Com base nessas considerações, abalizei que *quando o campo é a cidade*, o *espaço* extrapola o *lugar*. Uma reflexão que, por seu turno, reverbera na questão das *sociedades complexas* e no debate sobre uma antropologia *na e da cidade*. Entre outros motivos, as chamadas sociedades urbanas são complexas, porque são compostas por grupos heterogêneos: em termos biográficos, étnicos, de crenças, de costumes, de comportamentos, de interesses, de atividades etc. Complexas enquanto usuários dos *espaços urbanos*, como foi explicitado nesta tese. Esse conjunto de heterogeneidades não se encerra em um único recorte analítico da cidade, mesmo que dependamos de um recorte para realizarmos nossas pesquisas, por meio de nossa *invenção* e de nossa *subjetividade*, que se entrelaça à *subjetividade* de nossos interlocutores. Isso se dá especialmente quando tomamos o *espaço urbano* enquanto

objeto de investigação, quando inevitavelmente as características do campo de estudo influenciam e são influenciadas pelas formas de apropriação e significação do local onde as pessoas vivem, trabalham, frequentam e/ou transitam. Nesse sentido, ao fazermos antropologia *na* cidade, de algum modo, estamos, também, fazendo antropologia *da* cidade, ou sobre uma de suas partes que a compõem.



## REFERÊNCIAS

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. (Antropologia Hoje).

ÁLVAREZ, M. J; HIDALGO, C. Leganitos, 19: la comisaría más grande de Europa se cae a pedazos. In: *ABC*, Madrid, 8 julio 2014. Disponível em: <<http://www.abc.es/madrid/20140708/abcp-leganitos-centrola-comisaria-grande-20140707.html>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

ARANTES, A. A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Unicamp, 2000.

ATTANÉ, A.; LANGEWIESCHE, K. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 133-151, 2005.

AUGÉ, M. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: Edufal; Unesp, 2010.

AUTOESCUELA Venecia Clásic. Disponível em: <<http://aeveneciaclassic.es>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BARRIOS de Madrid: turismo, ocio, cultura, arquitectura, gastronomía, mapas y fotografía de los barrios y distritos de la ciudad de Madrid. Disponível em: <<http://barriosdemadrid.net/wp-content/uploads/2014/10/barrio-palacio-distrito-centro-madrid.jpg>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STRIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

BAURER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BECKER, H. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Tudo deve estar em algum lugar: segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELTRÁN, J. Comunidades asiáticas en España: movilidad transnacional en un territorio de frontera. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, n. 92, p. 15-37, 2010. Disponível em: <[https://www.cidob.org/es/articulos/revista\\_cidob\\_d\\_afers\\_internacional](https://www.cidob.org/es/articulos/revista_cidob_d_afers_internacional)>

s/92/comunidades\_asiaticas\_en\_espana\_movilidad\_transnacional\_en\_un\_territorio\_de\_frontera>. Acesso em: 12 set. 2015.

BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. M. (Org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 197-212.

CALLE Leganitos (Madrid). Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Calle\\_de\\_Leganitos\\_\(Madrid\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Calle_de_Leganitos_(Madrid).jpg)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

CASTELLS, A. N. G. Reabilitações urbanas na cidade contemporânea: entre as formas de fazer a cidade e as formas de fazer na cidade. In: CASTELLS, A. N. G.; NARDI, L. (Org.). *Patrimônio cultural e cidade contemporânea*. Florianópolis: UFSC, 2012. v. 1. p. 19-31.

CASTELLS, M. *A questão urbana*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. (Coleção Pensamento Crítico, v. 48).

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

COHEN, A. *Urban ethnicity*. Londres: Tavistock, 1974.

COMISARÍA Centro. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Comisaria+de+la+calle+Leganitos>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

DELGADO, A. *La ratonera de Carmena*: 9.700 multas en 30 días por pasar por esta calle. In: El Español, Madrid, 26 enero 2016. Disponível em: <[https://www.elespanol.com/espana/20160128/97990526\\_0.html](https://www.elespanol.com/espana/20160128/97990526_0.html)>. Acesso em: 17 dez. 2017.

DELGADO, M. Heterópolis: la experiencia de la complejidad. In: DELGADO, M. *El animal público*. Barcelona: Anagrama, 2008. p. 23-58.

DOSSE, F. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96, jul.-dez. 2013.

DURHAM, E. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. C. L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 1986. p. 17-39.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana. In: *Revista Iluminuras*, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Etnografia: saberes e práticas. PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ESPAÑA: Comunidades autónomas. In: *Fotolia*. Disponível em: <<https://br.fotolia.com/id/18642827>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

EXE Suites 33. Disponível em: <<https://www.exehotels.com/exe-suites-33.html>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FERRARO, E. H.; PECIAR, P. L. R. *Migração e turismo latino-americano em Florianópolis: projetos e trajetórias de vida na conformação das sociedades complexas*. 2014. Artigo elaborado para a disciplina Sociedades Complexas: uma homenagem a Gilberto Velho, ministrada pela professora Miriam Pillar Grossi, do PPGAS/UFSC. Não publicado.

FOTO de la semana: la calle Leganitos. In: *La Librería*, 11 Sept. 2015. Disponível em: <<http://www.edicioneslalibreria.es/foto-de-la-semana-la-calle-leganitos>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

FREITAG, B. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papiрус. 2006.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

\_\_\_\_\_. O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, mar. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52621>>. Acesso em: 27 dez. 2001.

\_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

GOLDMAN, M. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

GRAN Vía, Madrid. Disponível em:  
<<https://www.google.com.br/search?q=Gran+Vía+madrid&source>>.  
Acesso em: 05 dez. 2017.

GROSSI, M. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In:  
GROSSI, M. (Org.) *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis:  
PPGAS/UFSC, 1992. p. 7-18.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro:  
DP&A, 2004.

HANNERZ, U. Os limites de nosso auto-retrato. *Antropologia urbana e globalização. Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 149-155, 1999.

HOMOBONO, J. I. M. *Antropología urbana: itinerarios teóricos, tradicionales nacionales y ámbitos temáticos en la exploración de lo urbano*. Zainak: Universidad del País Vasco, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. *Cifras de población e censos demográficos*: Madrid. 2015. Disponível em:  
<[http://www.ine.es/inebaseDYN/cp30321/cp\\_inicio.htm](http://www.ine.es/inebaseDYN/cp30321/cp_inicio.htm)>. Acesso em:  
05 dez. 2017.

JOLÉ, M. Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. *Caderno CRH*, Salvador, v.18, n. 45, p. 423-429, 2005.

LA FOTO de la semana: calle de Leganitos (1960). In: *La Librería*, 20 Feb. 2012. Disponível em: <<http://www.edicioneslalibreria.es/la-foto-de-la-semana-calle-de-leganitos-1960>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

LANGDON, E. J. Dilemas da pesquisa qualitativa frente à legislação sobre ética: o relatório do encontro “Ética em Pesquisa Qualitativa em Saúde”. In : CARDOSO, V. Z. (Org.). *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis, SC: UFSC, 2008. p. 127-135.

LAROUSSE Diccionario Total de la Lengua Española. 3. ed. Barcelona: Larousse Editorial, 2011.

LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*: antología preparada por Mario Gaviria. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEITE, I. Questões éticas na entrada e saída de campo. In: CARDOSO, V. Z. (Org.). *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis, SC: UFSC, 2008. p. 33-43.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 14 fev. 2013.

LUCAS, J. Edifícios de la Gran Vía. In: *La Calle de Mi Vida*. Madrid, 20 nov. 2014. Disponível em: <<http://javiergranvia.blogspot.com.br/2015/04/los-edificios-de-la-gran-via.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MADRID, Spain. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?biw=1680&bih=944&tbm=isch&sa=1&ei=u\\_F1WqKjC8qIwgTK973IBA&q=vista+aerea+palacio+real+madrid&oq=vista+aerea+pALACIO+rEAL&gs\\_l=psy-ab.1.0.0i19k1.42215.59378.0.61897.90.39.2.5.5.0.165.3638.3j28.32.0...0...1c.1.64.psy-ab.63.23.1995.0.0j0i67k1j0i30k1j0i8i30k1j0i8i30i19k1.92.E1XgercfonI#imgcr=2mHF6fMAaWaE7M](https://www.google.com.br/search?biw=1680&bih=944&tbm=isch&sa=1&ei=u_F1WqKjC8qIwgTK973IBA&q=vista+aerea+palacio+real+madrid&oq=vista+aerea+pALACIO+rEAL&gs_l=psy-ab.1.0.0i19k1.42215.59378.0.61897.90.39.2.5.5.0.165.3638.3j28.32.0...0...1c.1.64.psy-ab.63.23.1995.0.0j0i67k1j0i30k1j0i8i30k1j0i8i30i19k1.92.E1XgercfonI#imgcr=2mHF6fMAaWaE7M)>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MADRID: PLAZA DE LA PUERTA DEL SOL. In: *Frutricando pelo mundo*, 19 set. 2016. Disponível em: <<http://www.futricandopelomundo.com.br/2016/09/madrid-plaza-de-la-puerta-del-sol.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

\_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Fapesp, 1996

MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MALUF, S. Do organismo á cultura: onde estão os sujeitos? In: CARDOSO, V. Z. (Org.). *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis, SC: UFSC, 2008. p. 137-147.

MEMORIA visual de Madrid. 2. ed. Madrid: Rústica, 2011. (Colección Izquierdo- Mariblanca).

MOLPECERES, D. La expansión de los chinos en Madrid: del todo a cien al “Zara asiático”. In: Vozpópuli, Madrid, 18 ago. 2015. Disponível em: <<http://vozpópuli.com/actualidad/66797-la-expansion-de-los-chinos-en-madrid-del-todo-a-cien-al-zara-asiatico>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

MONGE, J. La ciudad desdibujada. Aproximaciones antropológicas para el estudio de la ciudad. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. 62, n. 1, p. 15-31, enero-junio, 2007.

MORA DIEZ, D. Madrid. In: *All World Guides*, Jan. 2013. Disponível em: <[http://www.allworldguides.com/madrid\\_travel\\_guide.htm#.WnpcYLYnHIU](http://www.allworldguides.com/madrid_travel_guide.htm#.WnpcYLYnHIU)>. Acesso em: 15 dez. 2017.

NIETO, G. *La inmigración china en España: una comunidad ligada a su nación*. Universidad Autónoma de Madrid: Libros de la Catarata, 2007.

OLIVEIRA, R. C. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

OLIVEIRA, R. C. *Os diários e suas margens*. Brasília, DF: UnB, 2002.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. In: MACIEL, M. E. et al. (Org.). *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: ABA/EdUFF, 2004. p. 33-44.

OLIVEN, R. *A antropologia de grupos urbanos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

\_\_\_\_\_. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, G. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 23-36.

ONETTI, A. L.; FLEISCHER, S. R. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Edunisc, 2007.

PALACIO Real de Madrid. In: Sitios Turisticos. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=palacio+real+de+madrid&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjH9s\\_Uo4rZAhWGf5AKHQaBDDoQ\\_AUICigB&biw=1680&bih=944#imgc=abbOkNZt3a-t5M](https://www.google.com.br/search?q=palacio+real+de+madrid&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjH9s_Uo4rZAhWGf5AKHQaBDDoQ_AUICigB&biw=1680&bih=944#imgc=abbOkNZt3a-t5M)>. Acesso em: 05 dez. 2017.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In; VELHO, O. *O fenômeno urbano*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 26-67.

PASTRANA, E. ¿La comunidad china compra España? In: *ABC*, Madrid, 22 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.abc.es/economia/20140322/abci-comunidad-china-compra-espana-201403211831.html>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. La calle Leganitos acumula 18 comercios «sólo para chinos» en apenas 300 metros. In: *ABC*, Madrid, 24 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.abc.es/20120324/local-madrid/abci-silenciosos-201203232108.html>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

PECIAR, P. L. R. *A importância da educação ambiental na promoção do turismo sustentável e na formação acadêmica dos turismólogos*. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, 2006. Disponível em: <<https://portal.ufsm.br/biblioteca/pesquisa/registro.html;jsessionid=c86cd3de968811adaaff76a21a15?idRegistro=307427>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Turismo cultural: um olhar sobre as manifestações de atratividades encontradas nas feiras populares do Brique da Redenção em Porto Alegre- RS, Brasil, e a feira da Praça Matriz em Montevidéu no Uruguai. In: BARRETO, M. (Org.). *Turismo, cultura e sociedade*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Universidade e o Mundo do Trabalho no contexto neoliberal: refletindo acerca da formação em Ciências Sociais e do profissional Sociólogo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://portal.ufsm.br/biblioteca/pesquisa/registro.html;jsessionid=c86cd3de968811adaaff76a21a15?idRegistro=349654>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *A cultura e a identidade étnica dos indianos presentes na narrativa televisiva da novela Caminho das Índias*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em <<https://portal.ufsm.br/biblioteca/pesquisa/registro.html;jsessionid=fb50>>

ba95775649d70eb1a07bba2f?idRegistro=366976>. Acesso em: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Lugares praticados: quando o espaço urbano ganha feições de espaço público. *Cadernos NAUI*, v. 3, n.4, p. 30-38, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://nauui.ufsc.br/files/2014/11/Lugares-Praticados-quando-o-espaco-A7o-urbano-ganha-fei%C3%A7%C3%B5es-de-espaco-A7o-p%C3%BAblico.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PLAZA MAYOR DE MADRID. In: *Dicas de Barcelona*. Disponível em: <<https://www.dicasbarcelona.com.br/2015/09/plaza-mayor-em-madri.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

PUEBLA TEREJINA, J. Los 6 barrios del distrito Centro de Madrid. Pongamos que Hablo de Madrid. *Revista Alternativa Digital Madrileña*, Madrid, Ago. 17, 2014. Disponível em: <<http://www.pongamosquehablodemadrid.com/2014/08/17/los-6-barrios-del-distrito-centro-de-madrid/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Los vecinos de Madrid deciden la remodelación de la Plaza de España. Pongamos que Hablo de Madrid. *Revista Alternativa Digital Madrileña*, Madrid, Mar. 29, 2016. Disponível em: <<http://www.pongamosquehablodemadrid.com/2016/03/29/los-vecinos-de-madrid-deciden-la-remodelacion-de-la-plaza-de-espana>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

RAMOS, A. R. A difícil questão do consentimento informado. In: MACIEL, M. E. *et al.* (Org.). *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: ABA/EdUFF, 2004. p. 91-96.

RESTAURANTE Al Amán. Disponível em: <<https://www.restaurantes.com/restaurante-al-aman>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

RESTAURANTE EL INGENIO. *Breve semblanza del restaurante “El Ingenio”*. 2015. Disponível em: <<http://www.restauranteingenio.com>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SÁEZ, O. C. *Esse obscuro objeto de pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Ilha de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d53-osaez.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SANTOS, A. Supermercado Chino en Leganitos. In: *TeleMadrid*, Madrid, 18 feb. 2015. Disponível em:

<<http://www.telemadrid.es/blogs/post/supermercado-chino-en-leganitos>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMONICCA, A. Conflicto(s) e interpretación: problemas de la antropología del turismo em las sociedades complejas. In: LAGUNAS, D. (Coord.). *Antropología y turismo: claves culturales y disciplinares*. México: Plaza y Valdés, 2007. p. 27-46.

SMITH, N. *A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global*. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Ed.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 59-88.

SUPERMERCADO chino en Leganitos. In: TeleMadrid, 18 junio 2015. Disponível em: <<http://www.telemadrid.es/blogs/post/supermercado-chino-en-leganitos>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

TAY Yang Feng. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/search?q=pelequero%20C3%ADa+tay+yang+eng&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=5Z0XkPIN\\_mv0KM%253A%252CUCsUk3HIQ5tj6M%252C\\_&usg=\\_\\_SZ4tC6lTu8odp3npa02e6F1JrhU%3D&sa=X&ved=0ahUKEwi21Y3lx4rZAhVSlpAKHfkqDEgQ9QEIUzAE#imgsrc=b\\_Ft-lcDWF0MVM](https://www.google.com.br/search?q=pelequero%20C3%ADa+tay+yang+eng&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=5Z0XkPIN_mv0KM%253A%252CUCsUk3HIQ5tj6M%252C_&usg=__SZ4tC6lTu8odp3npa02e6F1JrhU%3D&sa=X&ved=0ahUKEwi21Y3lx4rZAhVSlpAKHfkqDEgQ9QEIUzAE#imgsrc=b_Ft-lcDWF0MVM)>. Acesso em: 05 dez. 2017.

TÉBAR ARJONA, J. Patronos espaciales de la diáspora china en el mundo, España y Madrid. *Historia Actual Online*, n. 30, p. 89-103, 2013. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4197271.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

TRAVELING on a Dime in the Kingdom of Spain. In: *Maiden Voyage: Travel for 20 Somethings*. May 7, 2013. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/search?q=Gran+V%20C3%ADa+madrid&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjW\\_JT1p4rZAhXFnJAKHSMQA\\_wQsAQIPg&biw=1680&bih=944#imgdii=wVq5stqfYXbCAM:&imgsrc=zQnzBcEtLhHQMM](https://www.google.com.br/search?q=Gran+V%20C3%ADa+madrid&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjW_JT1p4rZAhXFnJAKHSMQA_wQsAQIPg&biw=1680&bih=944#imgdii=wVq5stqfYXbCAM:&imgsrc=zQnzBcEtLhHQMM)>. Acesso em: 05 dez. 2017.

VEGA, J. L. El Oso y el Madroño. In: *Ojo Digital*. 2012. Disponível em: <<http://www.ojodigital.com/foro/urbanas-arquitectura-interiores-y-escultura/423349-el-oso-y-el-madrono.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

VELHO, G. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n. 1, p. 161-185, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v17n1/v17n1a07.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014

\_\_\_\_\_. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 38, p. 9-17, maio 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292002000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

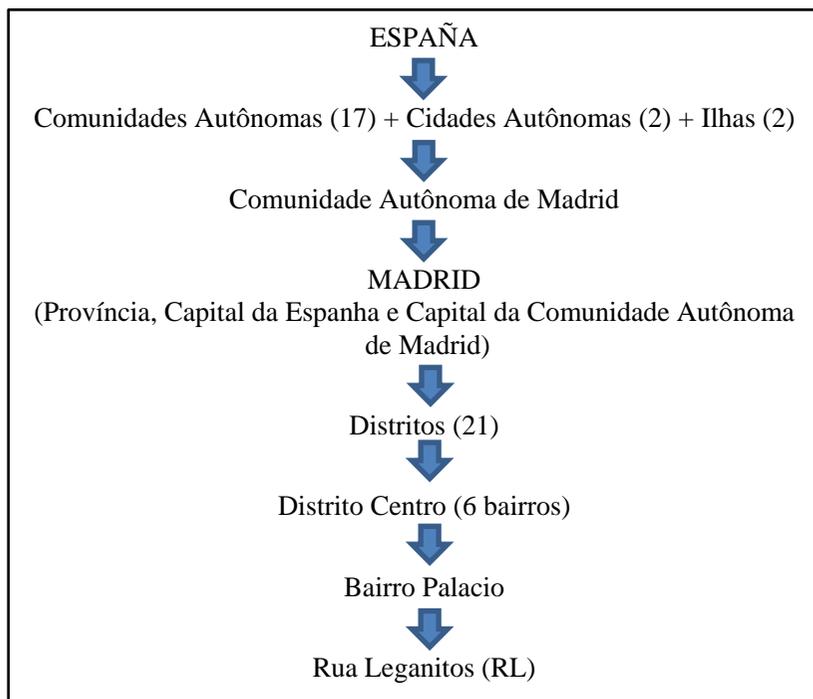
WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WHYTE, W. F. *Sociedade de Esquina = Street Corner Society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A - PANORAMA GERAL DA ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL ONDE A RUA LEGANITOS ESTÁ INSERIDA



Fonte: Elaboração própria.

## APÊNDICE B – AS COMUNIDADES AUTÔNOMAS DA ESPANHA

A Constituição espanhola de 1978 (em vigor) estabeleceu o direito à autonomia de suas regiões e nacionalidades. Segundo o artigo 143: “[...] *as províncias limítrofes com características históricas, culturais e económicas comuns, os territórios insulares e províncias com entidade regional histórica poderão usufruir de direito de autogoverno e constituir-se em Comunidades Autônomas*”.

A Espanha organiza-se em 17 Comunidades Autônomas, duas Cidades Autônomas (Ceuta e Melilla) e duas Ilhas (Baleares e Canarias). Uma das 17 Comunidades Autônomas da Espanha é a Comunidade Autônoma de Madrid (organizada em 179 municípios), que se situa ao centro da Espanha e é composta por uma única Província (homônima a sua Capital).

Figura 69 - Mapa das Comunidades Autônomas da Espanha



Fonte: España... (2017).

## APÊNDICE C – ESTAÇÃO DE METRÔ PLAZA DE ESPAÑA



Fonte: Acervo da autora.

## APÊNDICE D - SOBRE OS PARTIDOS POLÍTICOS DA ESPANHA

O *Partido Popular* (PP) é um partido político conservador espanhol e de direita inspirado nos valores do humanismo cristão e conta com mais de 850 mil afiliados. É um dos partidos majoritários da Espanha. Possui a maioria dos representantes no Congresso de Deputados e no Senado e governa cinco Comunidades Autônomas da Espanha, além das cidades autônomas de Celta e Melilla.

O *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE) foi fundado no ano de 1879 por Pablo Iglesias Posse (líder do movimento socialista espanhol). Seu espectro político é de centro-esquerda e sua ideologia é a social-democrata progressista. Atualmente o cargo da presidência desse partido encontra-se temporariamente vago e está sendo liderado por uma comissão gestora provisória.

O *Partido PODEMOS* foi fundado em janeiro de 2014 e tem como líder Pablo Iglesias Turrión. Seu espectro político é de esquerda e sua ideologia é a social-democracia e o populismo de esquerda.

O *Partido Ciudadanos* (C's) foi fundado no ano de 2006, possui sede em Barcelona e tem como líder Albert Rivera. Ideologicamente é um partido de linha liberal e opõe-se à independência da Catalunha.

*Ahora Madrid* é um partido político espanhol de esquerda, fundado recentemente pela união de outras coligações partidárias no ano de 2015 com o objetivo de ganhar as eleições para o governo do *Ayuntamiento* de Madrid.

## APÊNDICE E - GUIAS DAS ENTREVISTAS

### Guia para o Interlocutor 1: Rio

1. O que você pode me dizer com respeito à rua Leganitos?
2. De que forma você conheceu a rua Leganitos?
3. Você tem o hábito de frequentar a rua Leganitos? Por quê/como?
4. Como e/ou quando você e/ou a vizinhança perceberam as primeiras instalações dos comércios chineses na rua Leganitos?
5. O que você acha da presença dos comércios chineses na rua Leganitos?
6. Quais pontos positivos e/ou negativos você poderia me destacar sobre a rua Leganitos?

### Guia para o Interlocutor 2: Latina

1. O que você pode me dizer com respeito à rua Leganitos?
2. De que forma você conheceu a rua Leganitos?
3. Como são os moradores da rua Leganitos?
4. Você gosta de viver e trabalhar nas imediações da rua Leganitos? Por quê?
5. O que você acha da presença dos comércios chineses na rua Leganitos?
6. O que você pensa sobre a aplicação do projeto relativo às APRs na rua Leganitos?

### Guia para o Interlocutor 3: Professora Gladys

#### PRIMEIRO BLOCO

1. De acordo a minha pesquisa sobre seu currículo e conforme as referências da Professora Adela Fransé Mudanó ao seu trabalho, a quem agradeço por ter mediado nosso encontro, a senhora possui uma longa e rica trajetória como pesquisadora do tema da imigração chinesa na Espanha. Eu gostaria de saber como surgiu seu interesse em estudar esse tema e como a senhora o elabora enquanto objeto de pesquisa desde a antropologia social.

2. Em seu livro *“La inmigración china en España. Una comunidad ligada a su nación”*, publicado no ano de 2007, a senhora coloca que, a partir de 1990, foi registrado um crescimento considerável do fluxo migratório de chineses para a Espanha. Segundo alguns dos inúmeros dados que a senhora apresenta nessa publicação, consta que de 9.200 indivíduos chineses chegados em 1995 na Espanha, nesse mesmo país, em 2005 registraram-se 86.000 indivíduos. Esses dados mostram que a Espanha

possui o maior crescimento desse fluxo migratório em particular, quando comparada aos demais países da Europa. Esses números continuaram a crescer nos últimos dez anos?

2.1 A que se deve a continuidade do aumento desse processo na Espanha?

## SEGUNDO BLOCO

3. Como a senhora caracteriza o processo de imigração chinesa em Madrid particularmente? Quando teve início esse processo e que contornos esse fluxo possui hoje em dia? Segue crescendo?

4. É possível notar na cidade de Madrid uma quantidade de comércios de imigrantes chineses. Eles ganham visibilidade por causa de seus letreiros, em sua maioria, escritos em logogramas chineses, como também, pelo fato desses comércios serem atendidos por pessoas desse coletivo estrangeiro e, pelos produtos ofertados, importados da China. Se não me equivoco, o exemplo mais emblemático disso se localiza no bairro de Usera. Essa impressão é verdadeira? Ou existe algum outro lugar na cidade de Madrid onde esse processo ocorra em maior intensidade?

5. A partir de minha área de estudos, a Antropologia Urbana, estou realizando uma etnografia sobre a rua Leganitos. Entre algumas interlocuções já realizadas durante meu trabalho de campo, com frequência, com relação aos chineses, as pessoas me dizem basicamente duas coisas: “Eles são muito trabalhadores” e “Eles não causam nenhum tipo de problema”. Penso que aqui temos uma distinção de um “eles” que soa ser bastante positiva, de aceitação e de nenhum tipo de conflito. Isso é realmente assim? Quero dizer, como a senhora vê a relação entre madrilenhos e a comunidade chinesa? Os madrilenhos realmente os veem de forma tão positiva como parecem ser as narrativas com as quais venho me deparando? Ou existe alguma esfera de conflitos ou preconceitos que não está sendo narrada abertamente?

Guia para o Interlocutor 4: Dona Fa

1. Olhando para estas duas imagens da rua Leganitos, qual mais chama a atenção da senhora?

2. Como se dá a sua relação e a relação de sua família com os comerciantes chineses da rua Leganitos? Eles frequentam o seu estabelecimento?

Guia para o Interlocutor 5 : Seu José

1. O que você pode me dizer com respeito aos pontos positivos e/ou negativos da rua Leganitos nos dias de hoje?
2. O que o senhor acha da presença dos comércios chineses na rua Leganitos? E como foi a aceitação dos mesmos?

#### Guia para o Interlocutor 6: Seu Antônio

1. Conte-me como foi a sua experiência de lua-de-mel na rua Leganitos no ano de 1972.
2. Olhando para estas duas imagens da rua Leganitos, qual mais chama a atenção do senhor?
3. Em seu ponto de vista, quais as características da rua Leganitos ?
4. Quando o senhor passou a lua-de-mel na rua Leganitos, havia comércios chineses?

## APÊNDICE F – FOTOS REALIZADAS NO BAIRRO DE USERA, MADRID

As imagens a seguir foram realizadas em Usera e são de minha autoria. Realizei observação nesse bairro com o objetivo de analisar em que aspectos ele se diferenciava ou se assimilava, em meu campo de pesquisa, à Rua Leganitos. Quando desci na estação de metrô de Usera, o primeiro fato que me chamou a atenção foram esses anúncios presentes na parte interna da estação.



Fonte: Acervo da autora.



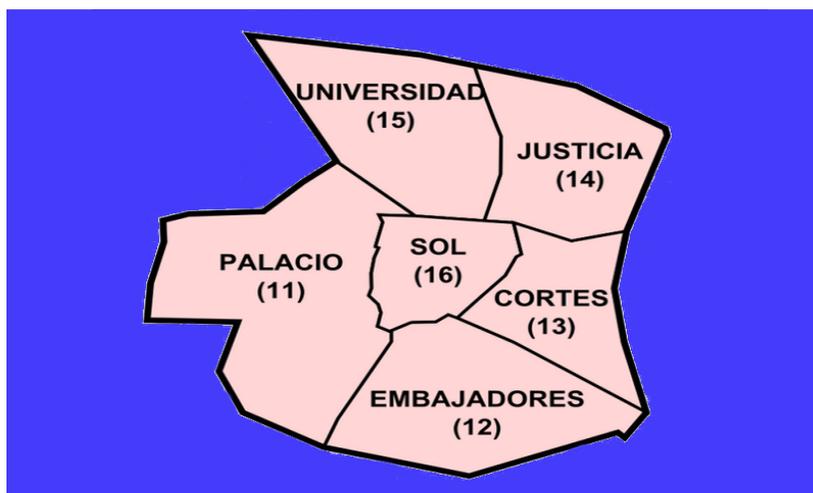
**ANEXO**

## ANEXO A - MAPA DOS DISTRITOS DA CIDADE DE MADRID



Fonte: Mora Diez (2013, on-line).

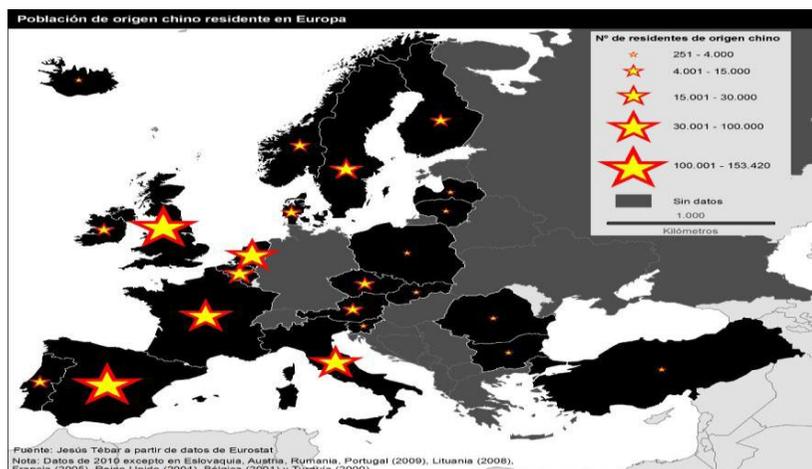
## ANEXO B - MAPA DOS BAIRROS DO DISTRITO CENTRO DE MADRID



Fonte: Puebla Terejina (2014, on-line).

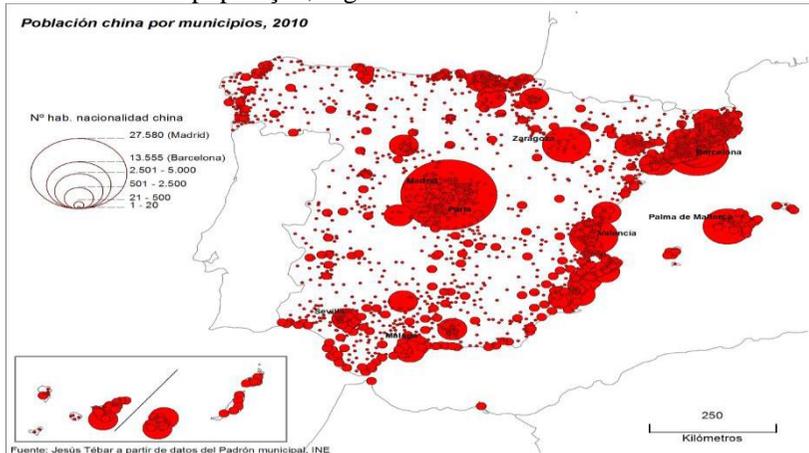


## ANEXO D - POPULAÇÃO DE ORIGEM CHINESA RESIDENTE NA EUROPA E NA ESPANHA



Fonte: Tébar (2013, p. 97).

O mapa a seguir ilustra a população de origem chinesa residente na Espanha e evidencia que a cidade de Madrid consta no primeiro lugar em residentes dessa população, seguida da cidade de Barcelona.



Fonte: Tébar (2013, p. 97).